



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Paulo José Mueller

**Telejornalismo local e os aspectos históricos da inovação no telejornal Bom  
Dia Santa Catarina**

Florianópolis  
2021

Paulo José Mueller

**Telejornalismo local e os aspectos históricos da inovação no telejornal Bom Dia Santa Catarina**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, na Linha de Pesquisa 2 - Tecnologia, Linguagem e Inovação, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, no 2º semestre de 2021.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cárilda Emerim

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

Mueller, Paulo José

Telejornalismo local e os aspectos históricos da inovação  
no telejornal Bom Dia Santa Catarina / Paulo José Mueller  
; orientadora, Cárilda Emerim, 2021.  
291 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Telejornalismo local. 3. História  
pública, Semiótica discursiva. 4. Inovação. 5. Bom Dia Santa  
Catarina. I. Emerim, Cárilda . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.  
III. Título.

## **Telejornalismo local e os aspectos históricos da inovação no telejornal Bom Dia Santa Catarina**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cárilda Emerim  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Romeiro Paulino  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Michele Negrini  
Universidade Federal de Pelotas

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Romeiro Paulino  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cárilda Emerim  
Orientadora

Florianópolis, 2021.

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Gertrudes, e ao meu pai, Waldemar (In Memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser fortaleza e deixar a calma chegar até a minha vida nos momentos de turbulência.

Agradeço a minha mãe, Gertrudes Loubavsky Mueller, por amparar o meu caminho e acreditar nos meus sonhos. Ao meu pai, Waldemar Mueller (In Memoriam), a minha eterna gratidão pela confiança e pelo incentivo enquanto estivemos juntos neste plano. Vocês, que não tiveram a oportunidade de sequer concluir o ensino fundamental, sempre foram apoiadores incondicionais para que os filhos pudessem ter as chances que a vida não lhes proporcionou. Aqui, registro com orgulho, que se hoje sou jornalista, é porque tive a oportunidade que os meus pais não tiveram. A minha graduação só foi possível graças a uma política pública de ampliação do acesso ao ensino superior promovida por meio do Prouni (Programa Universidade para Todos) e, que infelizmente, vem perdendo força. A graduação me permitiu chegar até o mestrado em uma universidade pública e de qualidade. Viva a universidade pública! Viva a UFSC!

Obrigado a NSC TV, nas figuras da chefe de reportagem, Lígia Gastaldi, da editora-chefe do Bom Dia Santa Catarina, Carolina de Assis, dos arquivistas Claudia Capela e Daybes Gomes. Nas citações destes profissionais, estendo a minha gratidão a todos os apresentadores, repórteres, repórteres cinematográficos, editores, operadores de áudio, diretores de imagem, técnicos, auxiliares, pessoal dos serviços gerais, enfim, a todos os colegas de profissão com quem eu tive a honra de trabalhar e fazer parte de um pequeno capítulo da história do Bom Dia Santa Catarina que se encaminha, em 2022, para o aniversário de 40 anos no ar. Gratidão!

Sendy Maganin Lima, Viviane Oliveira, Janine Alves, Patricia Schmitz, Rafaela Arns. Obrigado por entenderem todos os momentos ausentes em nossa amizade e por apoiarem incondicionalmente esta trajetória.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina pela dedicação e resistência na luta pelo ensino público e de qualidade. Gratidão às professoras doutoras, Rita de Cássia Romeiro Paulino, Cristiane Finger Costa, Valci Zuculoto e, Michele Negrini, por terem gentilmente aceitado em integrar a banca examinadora deste trabalho.

Um muito obrigado mais que especial a professora e orientadora, Cárilda Emerim. Essa mulher é guerreira! Ela me inspira, empurra, incentiva, pega na mão, sacode e socorre. Obrigado por manter-se persistente e nunca desistir desse pesquisador que chegou inexperiente, mas sedento por respostas das angústias e aflições que rodeiam esse louco, fantástico e apaixonante mundo do telejornalismo. Gratidão, sempre seguindo na missão!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo os elementos de inovação empregados no telejornalismo local a partir do estudo de caso do programa Bom dia Santa Catarina, objeto empírico da pesquisa, um dos mais antigos e ininterruptos telejornais no ar, desde os anos 80, no estado catarinense. O objetivo geral foi buscar um percurso histórico para investigar a existência de elementos inovadores e mapeá-los, para compreender os aspectos e as funções da inovação no telejornalismo local. Para dar conta desta perspectiva foi necessário articular uma proposta metodológica híbrida permeando entre a semiótica discursiva, o estudo de caso e a História Pública. Pela falta de arquivos públicos de imagem de acesso livre dos programas telejornalísticos no Brasil recorreu-se à História Pública como apoio teórico e também como técnica de pesquisa do período histórico do programa. Diante do corpus encontrado optou-se também por empreender pela semiótica discursiva com vistas a aprofundar o entendimento sobre os elementos (inovadores ou não) que constituíam tanto no âmbito do conteúdo quanto da expressão. Por fim, foram percorridas etapas do estudo de caso ao selecionar o programa Bom Dia Santa Catarina, da empresa NSC TV, afiliada da TV Globo no estado catarinense. Entre os resultados do trabalho estão a contribuição para o restabelecimento da história recente do telejornalismo local catarinense e do próprio programa estudado, a compreensão de que as inovações tecnológicas contribuíram para potencializar as formas narrativas na produção e do conteúdo noticioso. Este trabalho, ainda, verificou e evidenciou, que qualquer mudança aplicada no telejornal ao longo do tempo, independentemente da amplitude e alcance, consolidou-se como uma inovação, fomentando novas capacidades e potencialidades nos aspectos produtivos e de transmissão da notícia.

**Palavras-chave:** Telejornalismo local; História pública; Semiótica discursiva; Inovação; Bom dia Santa Catarina.

## ABSTRACT

This research has as its object of study the elements of innovation used in local telejournalism from the case study of the Bom dia Santa Catarina program, empirical object of the research, one of the oldest and most uninterrupted news programs on the air, since the 80s, in the state from Santa Catarina. The general objective was to seek a historical route to investigate the existence of innovative elements and map them, to understand the aspects and functions of innovation in local television journalism. To account for this perspective, it was necessary to articulate a hybrid methodological proposal permeating between discursive semiotics, the case study and Public History. Due to the lack of open access public image archives of television news programs in Brazil, Public History was used as theoretical support and also as a research technique for the historical period of the program. In view of the corpus found, it was also decided to undertake discursive semiotics with a view to deepening the understanding of the elements (innovative or not) that constituted both in the scope of content and expression. Finally, steps of the case study were covered when selecting the program Bom Dia Santa Catarina, from the company NSC TV, an affiliate of TV Globo in the state of Santa Catarina. Among the results of the work are the contribution to the reestablishment of the recent history of local television journalism in Santa Catarina and of the studied program itself, the understanding that technological innovations contributed to potentiate the narrative forms in the production and news content. This work also verified and evidenced that any change applied to the news over time, regardless of the breadth and reach, was consolidated as an innovation, fostering new capabilities and potential in the productive aspects and transmission of the news.

**Keywords:** Local television journalism; Public history, Discursive semiotics; Bom dia Santa Catarina.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Frame depoimento Vânio Vossle – 35 anos BDSC.....	104
<b>Figura 2:</b> Frame depoimento Vânio Vossle – 35 anos BDSC.....	105
<b>Figura 3:</b> Frames cobertura eleições 1982.....	106
<b>Figura 4:</b> Frames cobertura enchente 1982/1983.....	107
<b>Figura 5:</b> Frames depoimento Márcia Carvalho – 35 anos BDSC.....	111
<b>Figura 6:</b> Frames Márcia Carvalho na apresentação do BDSC.....	112
<b>Figura 7:</b> Frames da redação da RBS TV na década de 1990.....	113
<b>Figura 8:</b> Frames cobertura visita Papa João Paulo II à Florianópolis.....	113
<b>Figura 9:</b> Frames Márcia Carvalho na apresentação do BDSC.....	114
<b>Figura 10:</b> Frames da repórter Vera Maria.....	115
<b>Figura 11:</b> Frames depoimento Áureo Moraes – 35 anos BDSC.....	120
<b>Figura 12:</b> Frames reportagens Áureo Moraes.....	121
<b>Figura 13:</b> Frames imagens arquivo ALESC.....	121
<b>Figura 14:</b> Frames bastidores operacionais RBS TV fim década 1980.....	122
<b>Figura 15:</b> Frames Áureo Moraes e imagens de arquivo.....	125
<b>Figura 16:</b> Frames depoimento Delmar Goularte – 35 anos BDSC.....	126
<b>Figura 17:</b> Frames apresentação Delmar Goularte/Milton Spada e arquivos.....	128
<b>Figura 18:</b> Frames enchente Florianópolis 1995.....	129
<b>Figura 19:</b> Frame depoimento Delmar e Milton – 35 anos BDSC.....	129
<b>Figura 20:</b> Frames depoimento Milton Spada – 35 anos BDSC.....	133
<b>Figura 21:</b> Frames link de ao Vivo Milton Spada.....	124
<b>Figura 22:</b> Frames cobertura visita Papa João Paulo II à Florianópolis.....	135
<b>Figura 23:</b> Frames depoimento Mario Motta – 35 anos BDSC.....	139
<b>Figura 24:</b> Frames repórteres Mario Motta, Aureo Moraes e Milton Spada 1989.....	140
<b>Figura 25:</b> Frames apresentador Mário Motta 1989.....	141
<b>Figura 26:</b> Frames depoimento Mario Motta – 35 anos BDSC.....	141
<b>Figura 27:</b> Frames apresentação Márcia Carvalho e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990.....	143
<b>Figura 28:</b> Frames apresentação Márcia Carvalho e Márcia Dutra e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990.....	144
<b>Figura 29:</b> Frames apresentação Márcia Carvalho e Márcia Dutra e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990.....	145
<b>Figura 30:</b> Figura 30: Frames depoimento Alexandre Oliveira – 35 anos BDSC.....	148
<b>Figura 31:</b> Frames apresentação Alexandre Oliveira, Laine Valgas 2001.....	149
<b>Figura 32:</b> Frames Furacão Catarina 2004.....	149
<b>Figura 33:</b> Frames repórter Alexandre Oliveira década de 2000.....	150
<b>Figura 34:</b> Frames apresentação Laine Valgas e Alexandre Oliveira 2001.....	151
<b>Figura 35:</b> Frames depoimento Márcia Dutra – 35 anos BDSC.....	156
<b>Figura 36:</b> Frames bastidores apresentação Márcia Dutra 1999.....	137
<b>Figura 37:</b> Frames cobertura acidente aéreo com ex-secretário de segurança de SC Luiz Carlos Schimidt de Carvalho em 1999.....	158
<b>Figura 38:</b> Frames bastidores da RBS TV 1999.....	159
<b>Figura 39:</b> Frames depoimento Laine Valgas – 35 anos BDSC.....	165
<b>Figura 40:</b> Frames apresentação Laine Valgas 2000.....	164
<b>Figura 41:</b> Frames cobertura incêndio Mercado Público Florianópolis 2005.....	165
<b>Figura 42:</b> Frames especial dia das crianças década 2000.....	166
<b>Figura 43:</b> Frames apresentação Laine Valgas 2004.....	171

<b>Figura 44:</b> Frames encerramento BDSC 2004.....	171
<b>Figura 45:</b> Frames vinheta oferecimento BDSC 2005.....	176
<b>Figura 46:</b> Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005.....	177
<b>Figura 47:</b> Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005.....	179
<b>Figura 48:</b> Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005.....	179
<b>Figura 49:</b> Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005.....	180
<b>Figura 50:</b> Frames cabeça Pedro Paulo Moreira e Fabiano Nascimento 2010.....	185
<b>Figura 51:</b> Frames link de ao vivo repórter Rafael Bellicanta 2010.....	186
<b>Figura 52:</b> Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010.....	195
<b>Figura 53:</b> Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010.....	197
<b>Figura 54:</b> Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010.....	199
<b>Figura 55:</b> Frames cabeça série de reportagens Boa Ideia 2011.....	203
<b>Figura 56:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	204
<b>Figura 57:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	205
<b>Figura 58:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	206
<b>Figura 59:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	207
<b>Figura 60:</b> Frames passagem repórter Francis Silvy série Boa Ideia 2011.....	208
<b>Figura 61:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	208
<b>Figura 62:</b> Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011.....	210
<b>Figura 63:</b> Frames cabeça e previsão do tempo 2011.....	214
<b>Figura 64:</b> Frames previsão do tempo 2011.....	215
<b>Figura 65:</b> Frames previsão do tempo 2011.....	216
<b>Figura 66:</b> Frames encerramento previsão do tempo 2011.....	217
<b>Figura 67:</b> Frames encerramento BDSC 2014.....	220
<b>Figura 68:</b> Frames imagens encerramento BDSC 2014.....	221
<b>Figura 69:</b> Frames encerramento BDSC 2014.....	221
<b>Figura 70:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	228
<b>Figura 71:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	228
<b>Figura 72:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	230
<b>Figura 73:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	230
<b>Figura 74:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	231
<b>Figura 75:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	231
<b>Figura 76:</b> Frames abertura/manchete BDSC 2015.....	232
<b>Figura 77:</b> Frames encerramento BDSC 2015.....	233
<b>Figura 78:</b> Frames vinheta abertura BDSC 2017.....	242
<b>Figura 79:</b> Frames abertura BDSC 2017.....	243
<b>Figura 80:</b> Frames abertura BDSC 2017.....	244
<b>Figura 81:</b> Frames nota BDSC 2017.....	245
<b>Figura 82:</b> Espelho BDSC 01/03/2018 – Página 1.....	250
<b>Figura 83:</b> Frames Link de ao vivo BDSC 2018.....	251
<b>Figura 84:</b> Frames Link de ao vivo BDSC 2018.....	251
<b>Figura 85:</b> Frames Link de ao vivo BDSC 2018.....	252
<b>Figura 86:</b> Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018.....	257
<b>Figura 87:</b> Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018.....	258
<b>Figura 88:</b> Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018.....	259
<b>Figura 89:</b> Evolução do cenário do BDSC.....	265
<b>Figura 90:</b> Estúdio Panorâmico em São José e Evolução do Cenário do BDSC.....	265
<b>Figura 91:</b> Evolução da bancada do BDSC.....	268
<b>Figura 92:</b> Evolução na apresentação do BDSC.....	269
<b>Figura 93:</b> Visualidade.....	270

<b>Figura 94:</b> A força das imagens locais.....	272
<b>Figura 95:</b> Evolução do formato das imagens.....	273
<b>Figura 96:</b> Enquadramento.....	273
<b>Figura 97:</b> Planos, movimento de câmera e grua telescópada.....	274
<b>Figura 98:</b> Evolução do grafismo e da arte visual do BDSC.....	275
<b>Figura 99:</b> Rotina produtiva.....	276
<b>Figura 100:</b> Impacto das coberturas especiais e regionais .....	277

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Apresentadores.....	91
--------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. IMAGEM, TELEVISÃO, TELEJORNALISMO E INOVAÇÃO</b> .....	25
1.1 O estatuto da imagem na sociedade contemporânea: breves registros.....	25
1.2 As imagens televisivas: a realidade em tempo real.....	32
1.3 Notícia e jornalismo: presença e ausência.....	33
1.4 O telejornalismo no processo de construção social da realidade.....	42
1.5 Telejornalismo local: reflexões e discussões.....	52
1.6 Inovar ontem, hoje e sempre.....	57
1.7 Caminhos inovadores no telejornalismo.....	64
1.8 Breves apontamentos sobre a memória da televisão e do telejornalismo catarinense.....	67
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	70
2.1 Etapas do processo metodológico.....	72
2.1.1 Etapa 1 – Revisão de literatura e seleção das categorias de análise.....	72
2.1.2 Etapa 2 – Aspectos históricos.....	77
2.1.3 Etapa 3 – Pesquisa documental e entrevistas.....	83
2.1.4 Etapa 4 – Descrição e decupagem dos materiais audiovisuais coletados.....	86
2.1.5 Etapa 5 – Análise e interpretação dos dados.....	91
<b>3. ANÁLISE: O LOCAL E SEUS EXPERIMENTOS</b> .....	92
3.1 A emissora RBS TV/NSC TV.....	95
3.2 O telejornal Bom Dia Santa Catarina (BDSC).....	96
3.3 Análise do programa Bom Dia Santa Catarina.....	100
3.4 Transformações no Bom Dia Santa Catarina.....	263
3.4.1 Linha do tempo: inovações e funções.....	264
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	278
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	287

## INTRODUÇÃO

Jornalismo de televisão parece ser uma expressão clara, de fácil compreensão. Porém, tanto jornalismo quanto televisão são mais do que simples palavras, são conceitos fundantes de duas grandes áreas de produção de conhecimento, que envolvem comunicação, linguagem, tecnologia e muita inovação. A complexidade aumenta se constataremos que essas palavras são a essência do telejornalismo e, por conseguinte, bases fundamentais de estudo e análise para esta pesquisa.

O jornalismo, portanto, produz informação, e o telejornalismo tornou-se um produto da televisão. Tudo o que acontece no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro onde alguém mora está ali no telejornal. O telejornalismo é o olho do cidadão e um braço fiscalizador das ações empregadas dentro do estado democrático de direito. Nos últimos tempos no combate à pandemia do novo coronavírus que entrou com força em 2020 e atravessou 2021 com uma parcela negacionista da população que insistiu em desacreditar na letalidade do vírus, o telejornalismo reiterou ainda mais esse espaço de importância para a sociedade não só na prestação de serviços essenciais, mas como referência em notícias, informações claras e no enfrentamento das fake news.

O telejornalismo abriu um novo caminho na propagação e no alcance da informação independentemente do nível cultural ou de leitura do receptor. Isso porque, ao contrário de um jornal impresso, não é preciso saber ler para compreender a notícia falada e traduzida por meio de imagens. Quem vê a notícia na televisão pode se identificar com o repórter e o apresentador, figuras que aparecem efetivamente no vídeo, e entender que do outro lado da tela existe um trabalho árduo feito por seres humanos.

Silverstone (1996) descreve a televisão como um espaço familiar e de tranquilidade no cotidiano ao passo que para Vizeu e Correia (2007), com base nos Estudos Culturais Britânicos de Silverstone (2008), o telejornalismo é um lugar de referência dividindo com outras organizações a inquietação da sociedade pelo conhecimento de mundo (Vizeu; Correia, 2007). É um elemento imprescindível na construção social da realidade onde o jornalismo é um campo de conhecimento com a capacidade de transitar por várias áreas e entregar a sociedade em forma de noticiário, fragmentos do que de fato acontece de real no mundo.

Nessa perspectiva o telejornalismo tem a preocupação de contribuir para o entendimento do que é fato e real ao cumprir uma função pedagógica concretizada em três eixos: saber, linguagem e processos didáticos, assim como apontam Cerqueira e Vizeu (2019). Nesta última dimensão estão às produções de reportagens que ambientalizam, contextualizam, complementam, pausam, continuam, explicam, descrevem e argumentam com informação. Diante desse processo social o telejornalismo está atrelado às questões tecnológicas modernizando-se e adequando-se em termos tecnológicos, equipamentos que refletem nas narrativas e nos formatos dos telejornais. Esse lugar de referência ocupado pelo jornalismo na sociedade contemporânea é atribuído também ao telejornalismo local pela proximidade com o cidadão, podendo ser qualificado como um fio sensível para velar os fatos (Cerqueira; Vizeu, 2019). Em tese o telejornal local ou regional tem um vínculo social de respostas imediatas e de autorreferência uma vez que catalisa os problemas sociais assumindo a função de mediador entre o cidadão e o poder público. É uma relação de confiança para resolver casos que ao curso natural demoram mais tempo e, nestas situações, o repórter local é como um “tiro certo para atingir autoridades inertes e omissas” à realidade (CERQUEIRA, VIZEU, 2019, p. 42).

Essa proximidade do telejornalismo local com o público e, conseqüentemente, da construção de um elo de confiança dependem da identificação do telespectador com o trabalho dos jornalistas naquele determinado espaço físico e social (Coutinho; Emerim, 2019). Nesse aspecto, é necessário um esforço conjunto dos profissionais envolvidos na operacionalização e produção do telejornal para abarcar a identidade cultural, social e de pertencimento de uma comunidade. São esses aspectos que encurtam a distância entre o público e o telejornalismo com maior facilidade de promover esse enlace em nível local em relação a uma programação nacional. Coutinho e Emerim reafirmam a legitimidade do telejornalismo como um lugar de referência, exemplificando o compartilhamento de imagens e sons registrados em cenários que acabam reconhecidos pelo cidadão e, na mesma proporção, reduz as incertezas ou dúvidas daquilo que os olhos enxergam na televisão. A relação de confiança e de referência estabelecida entre o cidadão e o telejornalismo não é inédita, mas não foi estabelecida do dia para a noite.

Desde o surgimento da televisão brasileira na década de 1950 e da exibição do primeiro telejornal do país nessa mesma época, o telejornalismo nunca parou de ser reinventado em todos os níveis – nacional local ou regional. Em Santa Catarina as

transformações do jornalismo são perceptíveis seja no meio televisivo, impresso, radiofônico e até mesmo nas publicações digitais. Inevitavelmente as mudanças são incorporadas pela atual realidade econômica brasileira, porém permeiam por novas ferramentas tecnológicas disponíveis para a produção, geração, disseminação e consumo de conteúdo noticioso. Não se trata de substituir o velho pelo novo, ou descartar o antigo com base na revolução tecnológica, mas de transformar os processos da produção de conteúdo (Jenkins, 2010).

No caso do jornalismo de televisão cujo formato mais tradicional é o noticiário (Aronchi de Souza, 2004) com reportagens apresentadas essencialmente ao vivo por um ou mais âncoras, as transformações também são motivadas pela audiência. É uma espécie de termômetro capaz de exercer efeito de “pressão” nos programas televisivos (Bourdieu, 1997). Em todo o mundo os noticiários de horário fixo como os chamados *eveningnews* (boletins do começo da noite) concentram as maiores audiências (Lage, 2004). A linguagem coloquial e popular está cada vez mais presente no telejornalismo da TV aberta como forma de se aproximar do público e melhorar os índices de audiência. É uma questão estratégica de sobrevivência de mercado presente também em telejornais exibidos em qualquer horário da grade de programação das emissoras, inclusive no telejornalismo local de Santa Catarina.

Alguns telejornais aproximam do *hard news* as pautas mais leves do dia a dia e incorporam elementos do entretenimento antes predominantemente em programas classificados como não jornalísticos. Duarte (2004) tem uma visão peculiar em relação ao distanciamento de produtos informativos e de entretenimento.

[...] dizer de um programa que ele é informativo ou de entretenimento é praticamente nada informar sobre ele. Afinal, que programa não traz informações? Que programa não tem como meta o entretenimento? [...] No que, exatamente, entreter-se se opõe então a informar-se? Nenhum subgênero dito informativo escapa à espetacularização, do magazine ao debate, passando pelos telejornais ou documentários, sejam eles transmissões diretas em tempo real ou não. (DUARTE, 2004, p. 66)

O fato é que essa mistura de entretenimento e jornalismo continuará sendo passível de discussões na academia e no ambiente profissional. Em outro viés está a (re)aproximação com o telespectador com a produção colaborativa impulsionada pela integração de novas tecnologias como ferramentas midiáticas de produção telejornalística. Em 2018, ano de eleição presidencial, o Jornal Nacional da TV Globo, o principal e o de maior audiência no Brasil, experimentou essa possibilidade com o

projeto “O Brasil que eu quero”. O intuito era estimular o telespectador a enviar vídeos pela internet com recados e pedidos para os candidatos que disputaram o pleito eleitoral daquele ano. A iniciativa recebeu mais de 50 mil vídeos<sup>1</sup> enviados por moradores de 99,5% dos 5570 municípios brasileiros. A participação do telespectador – onde a televisão é uma “fonte única de informações para uma parcela muito importante da população” (BOURDIEU, 1997, p. 23) - é uma forma de criar um ambiente onde o receptor possa se sentir parte e representado naquilo que ele assiste no telejornal. É um mecanismo de inovação difundido a partir da internet com a propagação das redes sociais e praticamente inevitável no tangível da visibilidade e convergência midiática.

Diante da pulverização de opções de fontes de informação, as grandes redes de comunicação acabaram por se render à importância da mídia Internet, de características tão diferentes quanto estranhas à lógica de produção comunicacional no ambiente analógico. (CABRAL E FILHO, 2006, p.64).

Antes de seguir nesta discussão sobre o telejornalismo, a televisão e o jornalismo local, é necessário apresentar o conceito de telejornalismo assumido por esta dissertação, compreendido como uma cadeia de informações geradas com imagens e sons por diferentes telas, suportes e plataformas (Coutinho, 2016; Emerim; Cavenaghi e Finger, 2015, 2017). Em estudos realizados desde 2014 em conjunto com outros pesquisadores, Emerim chegou a uma definição conceitual de telejornalismo, sendo este

o jornalismo que é produzido e distribuído para telas e por diferentes telas, incluindo televisão, computador, smartphone, celular, tablets ou os demais dispositivos, suportes e plataformas (móveis ou não) que se utilizem de uma tela de visão ou uma tela refletiva para exibir, distribuir e compartilhar dados que são regidos pelos preceitos do Jornalismo como um modo específico de produção de conteúdo e de conhecimento. (EMERIM, 2019, p. 14)

Considerando também que a informação audiovisual se faz compreender a partir dos elementos da experiência de realidade de cada sociedade e do conjunto dos códigos postos em circulação, ou seja, a linguagem universal que os une e significa. Portanto, o telejornalismo em qualquer plataforma de distribuição ou telas de apresentação se apresenta como elemento de cultura com denotações e conotações atravessadas pelos contextos e pelas situações de cada tempo.

O estudo realizado amadureceu a perspectiva do **problema de pesquisa** a que esta dissertação se propôs a enfrentar que é o de compreender os elementos, as situações

---

<sup>1</sup> Dados divulgados pela emissora no site do projeto disponível em <https://g1.globo.com/o-brasil-que-eu-quer/> <Acesso em 26/07/2020>

e os contextos da inovação na produção do telejornalismo local de Santa Catarina e se as características inovadoras potencializam ou não a compreensão da notícia. Na sequência, teve-se como **objetivo geral** investigar os elementos constitutivos em produções telejornalísticas do jornalismo local de Santa Catarina com vistas a verificar sistematizar a existência de inovações que possam configurar a estrutura da notícia. Entendendo por estrutura um conjunto de códigos comuns que caracterizam a notícia jornalística em televisão e, por aspectos constitutivos, os elementos que formam esses códigos e que permitem a sua constituição, mapeamento e interpretação. Na mesma direção, os **objetivos específicos** foram a) apresentar cronologicamente o percurso da inovação no telejornal local Bom Dia Santa Catarina; b) Identificar as inovações tecnológicas (ou não) para sistematizar a aplicação efetiva destes elementos em prol de uma maior compreensão e distribuição da notícia; c) Prospectar uma (ou mais) tendência (s) para o futuro da produção de conteúdo no telejornalismo catarinense. Para tanto, escolheu-se como **objeto empírico** o telejornal local Bom Dia Santa Catarina produzido pela empresa Nossa Santa Catarina (NSC/TV), afiliada catarinense da TV Globo no estado.

Como forma de responder às questões dispostas anteriormente, pretendia-se inicialmente adotar como objetos empíricos os telejornais Bom Dia Santa Catarina e o SC no AR da NDTV afiliada TV Record em Santa Catarina. As duas emissoras têm métodos difusos de arquivamento dos telejornais. Contudo, em novembro de 2012, um incêndio destruiu parte do arquivo da RIC TV, atual NDTV, inviabilizando a recuperação dos materiais para critérios de comparação. O SC No Ar é o único telejornal local matutino concorrente ao Bom Dia Santa Catarina. Diante da dificuldade de acesso aos registros em arquivo do SC NO AR, optou-se por manter apenas o Bom Dia Santa Catarina, mesmo que com algumas restrições aos arquivos completos. Por exemplo, para a definição do **corpus** estabeleceu-se o recorte de tempo entre 1982, ano de lançamento do programa, e 2018, tentando dar conta do início desta pesquisa, ano de início do mestrado<sup>2</sup>. Essa escolha se deve não só ao fato de que não existe um acervo

---

<sup>2</sup> É importante explicitar que o corpus deste trabalho começou a ser sistematizado no início desta pesquisa em 2018 e o prazo de encerramento do estudo era 2020. O fechamento do corpus em 2018 ocorreu pela primeira sistematização feita em 2019 e a segunda em 2020, já em período de pandemia. Portanto, foi decidido manter o recorte até 2018 para evitar que situações muito diferenciais como a paulatina implantação do sistema de conversão do analógico para o digital que ocorreu ao longo de 2019 e as próprias condições adversas surgidas com a pandemia interferissem na análise histórica pretendida. Ambas as situações (conversão e pandemia) pelas suas especificidades e complexidades já demandariam cada uma, uma pesquisa específica. Sendo assim, não se tratou neste estudo nem dos processos de transformação do analógico para o digital e nem do período da pandemia.

completo e disponível dos programas na própria emissora de origem assim como os que se consegue o acesso, ou pela empresa ou pelos canais ou perfis na web como *Youtube*, não se constituem dos programas na íntegra, sendo muitas vezes fragmentos deslocados das suas datas de emissão. Em outro aspecto a dificuldade de realizar cópias dos poucos vídeos que integram o acervo da emissora, obrigando a análise ser empreendida no próprio setor de arquivo, pois a emissora não autorizou a cópia dos materiais para análise externa.

Cabe ressaltar que a questão dos arquivos dos registros audiovisuais produzidos pelas emissoras brasileiras não são de acesso público e em verdade em poucas existem, pois conforme se apurou nas entrevistas realizadas por este trabalho aliado a experiência profissional do autor, que atua em telejornalismo há pelo menos 11 anos, não existe uma política das empresas, e muito menos de governo, que dê conta dos arquivos das produções audiovisuais, nem uma obrigação de que cada emissora mantenha um setor de arquivo em condições de receber e manter o que é produzido pela empresa. Algumas emissoras como a TV Globo, Record TV, TV Cultura/TVE tem tradição em manter setores com arquivos selecionados das suas produções, mas não todos os materiais emitidos. Mesmo essas, os acessos não são livres e públicos sendo muito difícil obter os materiais audiovisuais mesmo com cartas de solicitação e até mesmo com predisposição para pagar pelos materiais.

Aliás, exatamente por essa situação existe um mercado de empresas que se dedicam a capturar as produções diárias das emissoras para vender a quem se interessar, cobrando valores altos por minuto de gravação. Diante do exposto, reitera-se a dificuldade de se pesquisar do ponto de vista histórico a televisão e o telejornalismo no Brasil, salientando ainda que se nas grandes emissoras e nas suas sedes centrais os arquivos são escassos e indisponíveis, no âmbito local a situação é mais difícil e complexa. Ao longo do tempo e como resultado desta pesquisa verificou-se que esta restrição se dá por alguns fatores: 1) A decisão de arquivar ou não os materiais fica a cargo dos editores chefes dos telejornais locais, tanto nos arquivos internos quanto os que serão disponibilizados via internet, ressaltando que quando arquivam são trechos/fragmentos por eles selecionados, raramente programas na íntegra; 2) Por uma questão de economia porque durante muito tempo o suporte eram fitas como Umatic, Hi8 e até Super VHS, sendo os materiais apagados como passar do tempo, pois reutilizavam as fitas, gravando por cima do que estava no material, impedindo o arquivo dos materiais originais. Portanto, mesmo não sendo uma luta nova, é preciso manter a busca por

políticas públicas de arquivos das emissoras brasileiras e que estes sejam de acesso livre sobre os conteúdos produzidos pela televisão brasileira. Na mesma direção, é necessário propor uma legislação federal específica com reflexos nos estados e municípios que possa permitir que os arquivos existentes mantidos pelas empresas atuais - mesmo que incompletos - possam ser abertos ao público, oportunizando o acesso livre à pesquisa e ao conhecimento sobre essa história.

É claro que não se desconsidera aqui o cenário atual do sistema digital de televisão, as inúmeras possibilidades de acessar os conteúdos que ficam disponíveis em plataformas de vídeo *on demand* e cujo processo está ligado a uma lógica de mercado, de compra e venda, de acesso via assinatura, ou seja, o uso de um serviço que deveria ser gratuito e livre, como mercadoria, com vistas a mais uma forma de lucro. Como ressalta Finger (2014), a disponibilidade de conteúdos/materiais a partir dos arquivos, *do material armazenado*, não faz parte do fluxo televisual, está ligado a uma *demand* *de exibição* sobre um conteúdo que já foi apresentado na grade da televisão, aberta ou por assinatura, e que, então, pode ser revisto, na hora que se quer, *de acordo com a vontade do receptor*, mediante claro, ao pagamento pelo conteúdo ou pelo direito de acesso (p. 219). Mesmo considerando e concordando com tais observações, se quer deixar claro que a questão aqui trazida refere-se à outra dimensão, a proposta é para que a sociedade possa ter acesso livre aos arquivos das emissoras, tendo em vista que a teledifusão no Brasil é uma concessão pública, explorada comercialmente pelas emissoras, mas os seus arquivos fazem parte da história da sociedade e, portanto, deveriam estar com acesso livre, irrestrito e gratuito.

Essas dificuldades obrigaram a entrelaçar propostas teórico-metodológicas para poder dar conta da investigação. A pesquisa articula a semiótica discursiva e o estudo de caso com as técnicas da história pública. Para tanto, definimos esta articulação como uma metodologia híbrida a qual será explicada com mais detalhamento no capítulo 2 desta dissertação.

Só o fato de dedicar-se a um âmbito local, melhor dizendo, do telejornalismo desenvolvido para o local, já se **justifica** a presente pesquisa tendo em vista que a revisão de literatura evidenciou poucos desdobramentos neste aspecto. Mas há outros que precisam ser aqui explicitados. Um deles diz respeito à relevância do meio televisão para os brasileiros e, conseqüentemente, para o telespectador local. Na década de 1950 quando chegou ao país, o tubo de imagem revolucionou o mercado da comunicação nacional, permanecendo até hoje como o meio mais popular e de acesso livre,

principalmente, pelo sistema de televisão aberta. Muito embora se preconize a morte dos mídias antigos quando do surgimento de um outro, como aconteceu com livro, rádio, cinema e televisão. Premissa que se repetiu com os mesmos rumores quando da difusão da rede mundial de computadores que, três décadas depois, se popularizou com um espaço de possibilidades de produção, circulação e consumo de conteúdos de diferentes origens, não apenas do jornalismo ou das fontes oficiais. Para os mais pessimistas era o fim da televisão ainda mais com a explosão das redes sociais que começaram a ganhar forma em 2006, redes estas que davam o poder a qualquer pessoa, de posse de um celular, capturar, editar e reproduzir/compartilhar imagens do mundo para o mundo.

O interesse pelo jornalismo e pela televisão é antigo na minha vida. Desde o sétimo ano do ensino médio, as experiências com o jornal da escola já haviam me definido. Mas, logo que concluí o Ensino Médio, ingressei na faculdade de Sistemas de Informação, única opção disponível ligada a minha vocação na cidade de Jaraguá do Sul (SC) e com a qual me identifiquei, um pouco motivado pela afinidade com a tecnologia. Por estas mudanças de vida, acabei trancando a faculdade no último ano e mudando para Balneário Camboriú (SC), para trabalhar em uma clínica médica como assistente de Recursos Humanos. Dois anos depois junto a Universidade do Vale do Itajaí (Univali) em Itajaí (SC) fui contemplado com uma Bolsa de Estudos e então chegou o momento de fazer o que sempre quis: entrei no Curso de Jornalismo. O Jornalismo sempre foi a minha primeira opção. No segundo semestre de 2009 recebi uma proposta para trabalhar como estagiário na TV Litoral Panorama, uma emissora educativa localizada em Balneário Camboriú (SC). Lá fui da pauta para a reportagem e logo para a apresentação na bancada do telejornal. Estudando e trabalhando. Em 2012, outra chance se abre, recebi um convite para atuar como repórter na sucursal da antiga RIC TV afiliada a TV Record na minha cidade, Jaraguá do Sul, onde fiquei por três anos. Em 2015, a sede em Florianópolis me chamou para atuar na capital e ali fiquei até 2019 como repórter e apresentador. Depois, troquei de empresa, recebi um convite da NSC TV começando outro ciclo em maio de 2019 onde fiquei até julho de 2021. Estou de volta a afiliada da Record TV, a NDTV, atuando como repórter especial.

A experiência de mais de uma década com o telejornalismo me mostrou que muitas das transformações tecnológicas estavam sendo aplicadas na rotina produtiva da notícia e despertou em mim uma curiosidade de refletir sobre estas mudanças, de entender melhor de que forma essa evolução estava impactando no fazer telejornalismo

dentro das redações. A afinidade com o ambiente tecnológico e a aplicabilidade da tecnologia no dia a dia motivou alguns questionamentos sobre a funcionalidade das inovações no telejornalismo, como elas estavam sendo usadas, e me questionava se de fato algumas delas iriam mesmo facilitar a compreensão da notícia pelo telespectador. Por diversas vezes percebi que os processos ditos “inovadores” pelas empresas de comunicação, em verdade, não modificam a essência, nem para nós profissionais nem para o produto final que era entregue ao público. Muitos eram (e são até hoje) meros artifícios de plasticidade e de “embalagem visual” da notícia.

Mas o interesse em voltar a estudar sempre me motivou. Quando mudei para a capital, queria muito aprofundar os conhecimentos em telejornalismo, sempre gostei de estar mais próximo das pessoas e de entender o que é possível para melhorar a notícia. A inquietação em entender, de fato, o papel da tecnologia e das inovações no fazer telejornalismo, nas minhas práticas diárias foram ficando mais evidentes. Trabalhar e estudar não é fácil, mas o mundo nesse processo de transformação, exigia um olhar diferente, uma postura diferente. De novo, me arrisquei a estudar mantendo o trabalho concomitante.

Entrei no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - nível Mestrado - da Universidade Federal de Santa Catarina em 2018, sob a orientação do professor Antônio Brasil. Depois de um ano montando o projeto e buscando referências, o professor Brasil se aposentou e, então, passei a ser orientado pela professora Cárilda, que me acolheu quando já devia estar na qualificação da pesquisa. Mas, o projeto, a ideia e toda a pesquisa tomaram outro rumo. Comecei tudo de novo e aqui estou, quase três anos depois, fechando uma etapa difícil, com uma pandemia mundial no meio, com horários adequados para dar conta dos estudos e do trabalho muito mais exigido por conta da cobertura das pautas relacionadas à Covid-19 e, mais ainda, sobrevivendo a ataques - as vezes até físicos - contra a profissão que escolhi e que vivo intensamente nos últimos doze anos.

Precisei me apresentar, pois esta é a justificativa principal de eu ter escolhido estudar telejornalismo, pesquisar telejornalismo e seguir trabalhando com telejornalismo. O maior motivo que justifica esta pesquisa é a qualificação profissional e pessoal, é entender para fazer melhor, para entregar um conteúdo melhor para o público, não porque a empresa exige, mas porque o público merece e este é o meu serviço, é a minha função. A vivência dentro da redação e o fato de ter morado muito tempo em cidades do interior, assistindo a conteúdos locais, moldaram este olhar que

hoje quero aprimorar e esta pesquisa de mestrado é apenas o começo. Ao chegar nessas conclusões percebo que muito mais há para se investigar e que o telejornalismo é um campo extraordinário para a investigação científica.

Portanto, além das justificativas já explicitadas na introdução desta dissertação que remetem às contribuições ao campo, ao aprimoramento profissional e a ainda aberta a linha de estudos sobre o local na mídia contemporânea, acrescento estas motivações pessoais, que reforçam o meu interesse e esforço, para além de todas as dificuldades e seguir em frente na pesquisa científica e na atuação em telejornalismo no Brasil.

A importância da televisão e seus produtos ainda se confirma, cada dia mais, frente aos resultados de pesquisas de hábitos de consumo de mídia da população brasileira como a de 2016<sup>3</sup> mostrando a preferência de 89% dos brasileiros pela televisão. Outros dados ajudam a reiterar, como o que mostra que 54% dos brasileiros confiavam nas informações veiculadas na televisão, que 83% dos entrevistados assistiam TV aberta, ou seja, de graça e que a internet estava em segundo lugar, com 49% em acesso e confiança. Desde 2012, o Reuters Institute for the Study of Journalism, realiza uma pesquisa em todos os continentes para entender como a população consome as notícias veiculadas nas mais diferentes plataformas. Em 2021, o estudo conduzido entre janeiro e fevereiro com a aplicação online de questionários em 46 países, incluindo o Brasil, revelou que as emissoras de televisão continuam sendo uma fonte de notícias preferencial dos brasileiros, apesar de perderem espaço para as redes sociais. Entre 2013 e 2021, a televisão perdeu 12% da preferência dos consumidores de notícias, mas, para 63% dos entrevistados no Brasil continua sendo um dos meios preferenciais para se informar. Vale registrar que os participantes poderiam indicar mais de uma opção. As plataformas online como sites e mídias sociais estão no topo no ranking citadas por 83% dos entrevistados. Diante deste contexto é possível, também, entender que a transformação e a busca pela renovação dos telejornais, especialmente em Santa Catarina, está motivada não só nestas premissas como na possibilidade de alcançar cada vez mais um público eclético e de difícil mensuração, portanto, os desafios para a produção e distribuição de conteúdo local precisam ser conhecidos e reconhecidos.

No paradigma da substituição das antigas pelas novas mídias em meio à revolução digital há de se pensar nos consumidores que deixaram de lado a

---

<sup>3</sup> A Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira iniciada em 2014, 2015, 2016 e descontinuada em 2017, ou seja, 2016 foi a última vez do acesso a estes dados.

invisibilidade e o silêncio para se tornarem barulhentos e públicos (Jenkins, 2010). Monzoncillo (2011) afirma que há uma transposição entre televisão e computador, e vice-versa. É uma nova reconfiguração apontada por Carlón (2009) e Scolari (2009) onde algumas características como as transmissões “ao vivo” que perderam um pouco de espaço com a criação do vídeo-tape, em 1958, voltaram a integrar a rotina dos telejornais.

Mesmo com o crescimento da participação da internet no cenário de consumo de informação, os veículos tradicionais permanecem sendo os mais confiáveis pela população, como se viu. Neste contexto, a pesquisa registra a incerteza trazida pela crise da saúde em decorrência da pandemia do SARS-COV-2 que alavancou e fortaleceu a confiança dos brasileiros nas emissoras de televisão e, conseqüentemente, junto aos jornais locais e regionais. Aliás, nestas produções locais a proximidade dos fatos com as narrativas das notícias é mais intensa e pode ser lucrativa, afinal, o estudo da Reuters indica que a participação da TV aberta no mercado publicitário permaneceu estável em 51,9% do país. Até porque tendo a tevê aberta de forma gratuita porque os brasileiros pagariam para acessar notícias online?

Cabral e Filho (2006) destacam a importância dos grupos de jornalismo local visto que o público quer saber o que se passa na comunidade onde ele está inserido. Vizeu e Correia (2008) sugerem que o telejornalismo é um lugar de referência para os brasileiros e exerce uma função de conexão parecida com a de uma família, amigos, escola, religião e consumo. Uma aliança defendida por Dominique Wolton (1996):

Qual o caráter da televisão? Reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea. (WOLTON, 1996, p. 15).

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro faz uma apresentação histórica das relações da televisão, do jornalismo e das questões da imagem. Também apresenta os estudos sobre televisão e telejornalismo de um modo geral e especificamente pelo olhar da história pública. Para tanto recorreremos a autores como Carlón (2012) e Cebrián Herreros (1998, 2003). Como forma de aprofundar o tema discute-se os elementos essenciais para a produção telejornalística e a relação do telejornal com a realidade social a partir das fundamentações propostas por Bourdieu

(1997), Santos (2013), Brasil (2012), Mello e Souza (1984), Tourinho (2009), Alsina (2009), Emerim (2012), Bistane e Bacellar (2005), Jost (2004), Charaudeau (1997), Santaella e Nöth (1997), Meditsch (2010), Berger e Luckmann (2014), Lippmann (2008) e Zelizer (2000).

O segundo capítulo faz uma abordagem teórica da história pública fundamentada nos estudos de Barbosa (2007); Mauad, Almeida, Santhiago (2016); e Almeida, Rovai (2011), do estudo de caso (YIN, 2001), e da semiótica discursiva baseada nos estudos franceses de GREIMAS, 1969 e HJELMSLEV, 1967, e complementação conceitual de outros autores. Além disso, se apresenta a estrutura de análise empreendida para compreender os elementos inovadores ao longo de 36 anos de um dos principais telejornais catarinenses.

O terceiro capítulo ressalta os conceitos teóricos práticos de inovação fundamentados nas propostas de investigação sobre o tema desenvolvidas por Tourinho (2009), O'Sullivan e Dooley (2009), Schumpeter (1985), Ferry (2015), Baumann (2007), Canavilhas e Satuf (2015), Machado (2010), Rezende (2000) e Jenkins (2010). Do arcabouço conceitual, parte-se para o resgate da história do telejornalismo em Santa Catarina como forma de restabelecer a linha do tempo do Bom Dia Santa Catarina e pela análise dos elementos encontrados no decorrer deste trabalho seguindo a proposta metodológica híbrida apresentada no capítulo anterior. Por fim, as considerações finais tratam dos aspectos gerais visualizados na pesquisa para, a partir da base do conjunto de análises, realizar uma tentativa de prospectar uma (ou mais) tendência(s) para o futuro do telejornalismo catarinense.

## 1. Imagem, televisão, telejornalismo e inovação

Cada vez que uma pesquisa se estrutura, há uma perspectiva que seu conteúdo seja objetivo e não precise narrar o início de todo o processo histórico que a fundamenta. Porém, há um compromisso que todo o pesquisador precisa considerar que é o de contextualizar as origens do trabalho de campo, das trajetórias teóricas e dos percursos percorridos para que aqueles que se interessarem em estudar o tema no futuro possam, também, ser contemplados com indicações e sugestões. É o compromisso com a educação, com a divisão do conhecimento, com a troca e com a contribuição acadêmica.

Por isso, este capítulo retoma o estatuto da imagem na sociedade contemporânea, não por acaso e nem desplugado de seu tema que se preocupa com a inovação e o percurso histórico. Em aspectos conceituais e históricos é apresentada a televisão e as relações estabelecidas pelo meio de comunicação com este estatuto agregando as noções do jornalismo para trilhar sobre as especificidades do telejornalismo e da inovação. Para encerrar, faz-se um breve recorte da história da televisão e do telejornalismo em Santa Catarina.

### 1.1 O estatuto da imagem na sociedade contemporânea: breves registros

Numa sociedade rica em diferenças, a televisão deve refletir essa diversidade, mais que refletir, ela pode ser o agente que dá expressão às diversas singularidades, visto estar ela tão próxima de nós e nos envolver em sua trama de significações. A tarefa pela qual nos devemos empenhar no terreno da televisão, bem como das demais mídias de teledifusão e processamento, consiste em combater a sua redução a simples instrumento de controle e direcionamento social. Em troca, transformá-las em instrumentos daquela criatividade através da qual a cultura deixa de ser algo que se recebe, para se tornar algo de que todos participam. (MACHADO, 2006, p. 66)

Articulando vários textos, principalmente os de Ana Maria Mauad (2014, 2016), Marialva Barbosa (2013, 2011, 2007) pode-se dizer que a trajetória da humanidade está registrada nas manifestações simbólicas encontradas por historiadores em cavernas de todo o mundo. Os vestígios pré-históricos traziam pistas para contar um determinado momento da história ou sobre a própria evolução de um povo. As imagens descobertas em sítios arqueológicos datados desde o período Paleolítico superior a 40.000 A.C,

ainda intrigam os especialistas que concentram esforços para interpretar e dar significado às pinturas estáticas repletas de mistérios. Destas imagens das cavernas os descobrimentos de materiais que podiam manter os registros com o surgimento do papel/pergamínhos começam a redimensionar o modo de historicizar a vida cotidiana. As imagens do mundo podiam ser registradas e guardadas em pequenos traços nestes materiais<sup>4</sup>. Simples evolução? Com certeza não. Para que cada novo registro ocorresse o desenvolvimento de uma tecnologia a seu modo e há seu tempo contribuía para estes avanços. As tintas, os pigmentos, as telas de tecido, os tecidos, a luz, a sombra, natureza e técnica aliadas ao desafio de capturar as imagens do mundo. Uma captura estática, desenhada, pintada. Até surgir a fotografia.

Inspirado em Isaacson (2014) e Becker (2016) os próximos parágrafos trazem aspectos que relacionam as imagens técnicas e as relações com a sociedade. Por exemplo, se pensarmos na fotografia que surgiu como um marco no estatuto da imagem na sociedade contemporânea, ela faz uma relação direta entre a tecnologia, o avanço científico e o poder do ser humano em capturar o instante, em deixar registrado aquilo que o olho vê que antes só podia ser desenhado ou pintado. Agora, aquele rosto, aquela paisagem estavam eternizados, graças a um percurso de invenções científicas e de diversas descobertas no campo da física, da química, da mecânica e do desejo dos homens em dominar o tempo. Veja a perspectiva inovadora que foi em 1558 quando Giovanni Baptista Della Porta abriu caminho para uma nova era imagética com o conceito da câmara escura usada em pinturas por artistas do século XVI. Novos experimentos surgiram a partir desta invenção, como a do cientista italiano Angelo Sala que em 1604 descobriu que, se exposto ao sol, uma substância de prata escurecia por causa do calor e um século depois, Johann Heinrich Schulze que usou ácido nítrico, prata e gesso para provar que o escurecimento do material não era provocado pelo calor, mas pela prata halógena convertida em metálica. Até que o francês Joseph Nicéphore Niépce juntando tudo o que já tinham feito antes dele produz a primeira fotografia em 1816, produzindo uma imagem usando uma caixa de madeira e dentro uma placa de estanho coberta por Betume da Judeia, um derivado do petróleo, deixando tal experimento por oito horas em exposição ao sol. Resultado entre a essência curiosa dos seres humanos, o desenvolvimento de técnicas, de materiais e de inúmeros processos de

---

<sup>4</sup> Também se utilizou como inspiração neste trecho o artigo publicado Santos (2013) que descreve em períodos históricos o desenvolvimentos das características evolutivas das imagens desde o seu surgimento nos primórdios aos protocolos digitais mais atuais.

testagens. Mas nada disso seria possível sem que se fizessem registros imagéticos, afinal, a própria escrita é uma forma de registrar imagens.

Os inventores contemporâneos aperfeiçoaram as técnicas, desenvolveram equipamentos com lentes, filmes e papel fotográfico até chegar a popularização da fotografia a partir de 1839. Dos filmes fotográficos em preto e branco, chegamos ao colorido e recentemente ao digital com a possibilidade de fotografar com um celular na palma da mão e transmitir a imagem sem precisar imprimir em papel. A fotografia foi incorporada aos processos de investigação do cotidiano social, na documentação da história e na produção jornalística com o fotojornalismo. Para Carlón (2012) a fotografia não estabelece apenas uma continuidade a partir da construção de uma imagem representativa, mas tem uma dimensão técnica de referenciar e fomentar a ruptura da relação humana entre o mundo e as imagens.

Essa ruptura não foi somente em relação ao passado (*versus* outras técnicas produtoras de imagens), mas introduziu uma fissura no próprio seio da discursividade (pois nos fez defrontar, como sociedade, definitivamente a um outro não humano em discursos de todo tipo: artísticos, informativos etc.). Esse outro que é de caráter mecanicista, técnico, não mais humano nem social – e ocupa um lugar fundamental, mesmo mais que na fotografia, no objeto de análise do qual nos ocupamos: as emissões televisivas em direto -, é a verdadeira garantia do realismo que desde o século XIX, desde a emergência da fotografia, alterou fortemente nosso contato com as imagens. Por isso, não me parece exagerado considerar que a emergência da fotografia, mais do que parecer um terremoto do qual ainda podem ser ouvidos os estertores, foi um verdadeiro *big bang*, por criar um universo de expansão. (CARLÓN, 2012, pág. 48)

Não é a história da imagem estática que interessa a este trabalho, mas o que passou por ela até a formação da imagem em movimento. A partir dos estudos e testes de Louis Jacques M. N. P. Daguerre, que também experimentou formas de fixar as imagens por meio da técnica da câmara escura em placas de metal polido que, em 1826, o pintor e cenógrafo firmaram uma sociedade com Niépce para trocar conhecimentos. Sete anos mais tarde, com a morte de Niépce, é Daguerre quem dá continuidade às pesquisas e cria o método da daguerreotipia de fixação de imagens.

As imagens até então estáticas passaram a ter movimento com a invenção dos irmãos Lumière. Registros históricos indicam que, por volta de 28 de dezembro de 1895, um público de cerca de 30 pessoas parecia ter testemunhado no Salão Grand Café, em Paris, as imagens se mexendo e mostrando, de forma “assombrosa”, a realidade acontecendo diante dos olhos de todos. Naquela época as imagens em movimento

aumentaram a impressão de realidade e denotaram ao cinema uma técnica superior a alcançada pelos equipamentos fotográficos cuja capacidade era reproduzir essencialmente imagens estáticas. Por outro lado, seria uma técnica do imaginário que emerge de uma representação teatral semelhante a outras práticas sociais (Carlón, 2012).

O cinematógrafo dos Lumière seria o precursor para muitas outras invenções que propiciaram a origem de outra grande forma de apresentar imagens em movimento: a televisão. Para esta, um nome especial aponta no processo: Philo Farnsworth, um jovem prodígio que, como muitos, vê os seus sonhos adiados. Em 1922, ainda no ensino médio, o jovem Farnsworth criou o primeiro protótipo do aparelho de televisão. Com a morte do pai, interrompeu os estudos para ajudar no sustento da família. Mais tarde, conseguindo levar trabalho e estudos adiante, apresenta a façanha de transmissão eletrônica em 1927 e, em 1937, já com uma empresa própria e com sócios, constrói o primeiro aparelho totalmente autônomo de televisão. Mas é preciso informar que a invenção do meio que revolucionou a comunicação em todo o mundo é cercada de controvérsias. Para Mello e Souza (1984) não é possível afirmar quando, exatamente, e nem quem criou a primeira televisão. O fato é que as ideias para construir esse aparelho imagético começaram a surgir quando o químico sueco Jakob Berzelius descobriu, em 1817, o selênio<sup>5</sup>. A partir do encontro de outros elementos químicos e da construção de equipamentos anteriores como o iconoscópio<sup>6</sup>, diferentes cientistas se debruçaram em engenhocas para chegar a televisão como a conhecemos nos dias atuais.

Apesar de John Baird demonstrar, em 1926, o que seria o inédito sistema televisivo, a primeira transmissão a distância só seria possível quatro anos mais tarde, na Inglaterra. Com uma qualidade ruim, a experiência das imagens na televisão com a peça teatral *Seis Personagens à Procura de Um Autor*, de Luigi Pirandello, parece ter desagradado quem acompanhou a experiência desastrosa desta transmissão (Mello e Souza, 1984). Em 1938, Londres era o único lugar onde havia receptores para captar a

---

<sup>5</sup> Na Tabela Periódica o Selênio é classificado como um elemento químico não metal do grupo dos calcogênicos. É encontrado no estado sólido quando exposto às condições normais de temperaturas e pressão. O símbolo é Se. Na classificação periódica recebe o símbolo Se, o número 34 e tem massa atômica de 78u.

<sup>6</sup> É um tubo usado como captador eletrônico desenvolvido em 1931 por Wladimir Kosma Zworykin. O equipamento é baseado em um mosaico eletrônico composto de milhares de fotocélulas e pequenos glóbulos de prata e óxido de césio. Foi a base para as câmeras.

cerimônia de coroação de Jorge VI transmitida pela BBC<sup>7</sup>, realizando também, segundo Tourinho (2009), os primórdios do que viria a ser o telejornalismo.

Nos Estados Unidos a transmissão televisiva feita pela RCA<sup>8</sup>, em 1930, em um dos teatros mais famosos de Nova York frustrou o público pelas imagens ruins geradas pela NBC<sup>9</sup>, classificadas por quem presenciou o feito como de um cinema em baixa qualidade (Tourinho, 2009). Com a concorrência de mercado, a NBC investiu na melhoria das condições técnicas para transmitir jogos de beisebol e de futebol americano. Em 1939 uma equipe técnica liderada por Vladimir Zworykin, um cientista russo naturalizado americano, criou a válvula Orthicon, peça que possibilitou um ganho de qualidade nas transmissões televisivas. “Talvez por isso muitos autores considerem 1939 como o ano em que a televisão começou – de fato – nos Estados Unidos” (TOURINHO, 2009, p. 56).

A partir daí, a transformação é veloz e vertiginosa. Afinal, a possibilidade de transmissões ao vivo e simultâneas que somente a televisão tinha (e ainda tem) como característica fundamental mudaria ainda mais a relação humana com as imagens. O curioso é pensar que tais observações levaram alguns teóricos, como Santos (2013), por exemplo, a acreditar que a relação entre estes primórdios e o que temos hoje não parecem tão distantes, se considerarmos que as imagens retratadas nas paredes das cavernas com as artes rupestres contavam sobre uma vivência, uma situação, uma história e que, neste aspecto, podem ser consideradas uma tentativa de elaboração de um noticiário primitivo.

Elucubrações à parte, o que se pode afirmar é que a ciência e a tecnologia estão intimamente ligadas a este desenvolvimento do modo como produzimos imagens, muito embora todos estes processos passaram por diferentes pertencas na sociedade. Das cavernas as telas renascentistas, da fotografia a captação de cenas em movimento, o ser humano exprime temporalmente a necessidade de difundir em um contexto lógico o sentimento ou a vivência de uma determinada realidade por meio de inúmeras narrativas.

Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada

---

<sup>7</sup> Sigla de *British Broadcasting Corporation*. A BBC é uma corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido fundada em 1922.

<sup>8</sup> Sigla de *Radio Corporation of America*. É uma empresa americana de eletrônicos fundada em 1932.

<sup>9</sup> Sigla de *National Broadcasting Company*. É a rede mais antiga de radiodifusão dos Estados Unidos fundada pela RCA em 1926.

pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda [...] na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 1972, p. 19-20)

Nessa direção, pode-se dizer que o sentido das imagens carrega a essência particular de cada civilização, da localização geográfica onde foram fixadas, dos traços de costumes e das inúmeras perspectivas que suscitam. Os signos primitivos estampados nas paredes das cavernas deram espaço para a configuração dos primeiros sistemas de escrita em torno de três mil anos antes de Cristo. Nesse caminho, a fala e a arte de escrever foram narrativas sobressalentes para a evolução da linguagem (Dondis, 1991). Vejam que desde os povos egípcios que faziam imagens transformadas em símbolos religiosos e cheias de representatividade divinas, até os gregos que idealizaram a vida e o corpo humano, a presença e os regimes de crença sobre as imagens foram se construindo. É como um mecanismo de transmissão da experiência e do conhecimento de uma para outras gerações. A dependência de ícones percebida na ancestralidade fixou-se em outros tempos com a evolução das imagens.

O fascínio pela imagem transcende o tempo, rompeu fronteiras e instigou a imaginação humana a inventar mecanismos capazes de registrar tudo o que os olhos enxergavam. E não se fala aqui em criar imagens mentais, memorizar cenas do cotidiano por meio de processos perceptivos e cognitivos, mas sim de reproduzir em formato palpável aquilo que até então somente o cérebro registrava.

Porém, é preciso levantar que esta relação nem sempre foi de deslumbramento, de encantamento e de aceitação. Ao longo da história, as imagens que sempre ocuparam um espaço relevante junto às sociedades, receberam críticas, ataques e perseguições a aqueles que as produziam e aos seus produtos. Machado (2001) aponta para a era de um quarto iconoclasmo, referindo-se a atual, partindo dos três períodos anteriores: 1) pelas culturas judaico-cristã, islâmica e na tradição filosófica grega quando a idolatria pelas imagens de deuses e deusas impedia a civilização e vida em sociedade; 2) pelo império bizantino que não só aboliu o culto às imagens como perseguiu e matou muitos artistas, queimou seus quadros e considerou uma doutrina a proibição de produzir, disseminar e cultivar imagens; 3) pela Reforma Protestante e junto com o pensamento de Calvino e Lutero, que pregavam uma revolta contra as imagens e um retorno apenas a escrita,

como forma pura e sagrada. Para Arlindo Machado (2000), a era atual denominada como a das imagens, vivencia o quarto período iconoclasta, com um claro retorno a intolerância e a repulsa das formas de representação imagética, principalmente midiática, tratada como manipuladora e responsável por desvirtuar o cidadão de seus objetivos. Na época da escrita do livro, os ataques as imagens e as mídias imagéticas, principalmente a televisão, estavam no âmbito filosófico, das críticas e das escolhas de determinadas religiões em evitar que seus seguidores tivessem acesso às imagens técnicas. Como um visionário, o autor pode presenciar, infelizmente, o quanto esta campanha intolerante contra as imagens e contra a televisão saiu do plano “platônico” e passou as vias de fato, com pessoas atacando profissionais de tevê nas ruas e destruindo seus equipamentos, assim como o ataque diário as empresas e emissoras de televisão, principalmente depois de 2018.

Cabe ressaltar que esta pesquisa preocupa-se com o telejornalismo local e, neste aspecto, mais suscetível até pela proximidade e interligação geográfica, aos reflexos desse contexto de intolerância. Porém, a partir do recorte trazido - que encerra em 2018 - pouco se tratará deste aspecto no trabalho, mas era impossível deixar de pontuar essas questões tendo em vista que todo o avanço da ciência recebe em contrapartida reações da sociedade civil, a partir das religiões e de seus códigos de comportamento. E, de fato, interferem na produção de conteúdo, nos formatos e principalmente nos processos de inovação assumidos e postos em prática nas empresas de comunicação televisual.

## 1.2 As imagens televisuais: a realidade em tempo real

A transmissão direta televisiva é para Carlón (2012) uma técnica do real com diferenciações entre o dispositivo e a representação que precisam ser examinadas. A primeira é que a transmissão direta televisiva seria menos real do que as práticas sociais, por outro lado, mais real do que uma gravação, seja no cinema ou em gravação de televisão. Esta experiência permite os movimentos em tempo real, porém fora do nosso alcance pelo simples fato de estar em outro espaço. A segunda diferença descrita por Carlón (2012) se refere à experiência do espectador que se assemelha ao contato real da vida cotidiana. Em tese, parte do ponto de vista do espectador é construído pela imagem captada por uma câmera que define o lugar onde está o sujeito. É como o princípio da testemunha ocular, contudo, de caráter midiático.

A última diferença apontada por Carlón (2012) está na linguagem e no discurso. No caso das transmissões televisivas é um diretor de imagem que vai escolher dentre várias câmeras qual vai ser exibida em determinado momento e o espectador desconhece o que está por vir. Neste caso o discurso se constrói de modo temporal sem pré-visualização, enquanto na gravação, é pré-visualizado. Os equipamentos cinematográficos possibilitaram representar o movimento com novas técnicas de representação e ao mesmo tempo permitiu ao enunciador controlar o discurso. Já a transmissão direta televisiva permitiu captar e transmitir o movimento de maneira simultânea, o que não seria possível sem fundir o técnico e o real (Carlón, 2012).

As imagens ganharam esse aspecto de veracidade, do real, ao longo dos anos. Elas sempre foram elementos de comprovação das coisas, mas a partir da televisão e do telejornalismo, assumiram esse lugar de referência das histórias, do mundo real. Em 2020, com a pandemia do novo coronavírus, isso ficou ainda mais evidente. A disseminação da Covid-19 pelo mundo comprovou ainda mais a importância do jornalismo e do telejornalismo nesse ambiente de fala, reconhecimento e credibilidade. A televisão trouxe com a imagem as possibilidades estéticas para relatar um fato, incorporou novos equipamentos, modernizou a estrutura, revolucionou as linguagens e surgiu com uma grande inovação ainda não superada neste século.

Até o início da década de 1960 a televisão era um artigo de luxo para os brasileiros. O país tinha até meados de 1958 somente 78 mil aparelhos. Era um número reduzido de televisores em virtude de ser um bem de consumo financeiramente pouco atrativo para a época. Nem mesmo o fato do Brasil ter um canal de TV em funcionamento desde 18 de setembro de 1950 facilitou, naquela década, o acesso da população aos aparelhos que se tornaram o sonho de muitas famílias. A TV Tupi ocupava o Canal 3 em São Paulo, e com a fundação da empresa, o Brasil destacou-se na quarta posição do ranking mundial das nações com emissoras de televisão no planeta (Brasil, 2012). Paralelamente, a transmissão televisiva brasileira consolidava o telejornalismo como uma importante fonte de informação para a população com o pioneirismo do *Imagens do Dia*. Com a popularização desta tecnologia a televisão passou a ser mais acessível à população e materializar-se como um aliado do comércio. A propaganda de produtos foi integrada às produções e os nomes dos programas associados às marcas dos anunciantes (Tourinho, 2009). Nem sempre a televisão foi do jeito que a conhecemos na atualidade.

Durante os anos 50, a televisão brasileira era quase toda produzida ao vivo, mas não por opção. O videoteipe, inventado em 1956 nos Estados Unidos, só chegou ao Brasil no início da década de 60. Até então, a solução era fazer programas ao vivo, dentro dos estúdios. As externas eram capturadas vez por outra, através de filmes, uma ferramenta cara e lenta, pois dependia da revelação e da montagem da película. (TOURINHO, 2009, p. 59)

A tecnologia colocou a televisão em outros patamares de desenvolvimento e evolução tanto no aspecto de produção quanto de transmissão. A rede nacional de micro-ondas implantada pela Embratel entre 1967 e 1969, além da chegada da TV com imagens coloridas, tornava diferente a experiência do brasileiro em consumir o produto televisivo. O conteúdo noticioso dividia espaço com o entretenimento e a imagem passou a assumir o pressuposto de alma da televisão.

### 1.3 Notícia e jornalismo: presença e ausência

O fator tempo aumentou ainda mais esse fascínio humano pela imagem. A demonstração do primeiro sistema televisivo analógico em 1926 por John Baird, em Londres, consolida e muda para sempre o olhar humano sobre a imagem, em especial aquela capturada pelos aparelhos eletrônicos. A transmissão de recortes do cotidiano em forma de imagens transformaria a comunicação em massa. Para quem estava acostumado a informar-se em textos impressos de jornais e consumir notícias pelo rádio, poder ouvir e ver o acontecimento seria uma experiência futurista.

No Brasil a primeira emissora de televisão foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, a TV Tupi, idealizada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, considerado o precursor da comunicação no Brasil. A implantação deste veículo impactou na criação de novos hábitos sociais e na abertura do mercado nacional para novas formas de economia e de publicidade. Na perspectiva histórica, este trabalho não se dedicará a detalhar os primeiros programas ou telejornais tendo em vista que outros autores já fizeram com um vasto material e com foco muito mais central neste restabelecimento histórico, como Edna Mello (2011, 2014, 2015), quando se fala em *Imagens do Dia e Seu Repórter Esso*; Carlos Tourinho (2009), Sergio Mattos (2010) e Guilherme Jorge de Rezende (2000) quando se fala em programas históricos e telejornais dos primeiros anos e formatos. Assim, o *Imagens do Dia* é o primeiro telejornal brasileiro transmitido pela TV Tupi, porém o modelo a alcançar sucesso na audiência foi o *Repórter Esso* (Tourinho, 2009). O programa copiado do rádio foi

transmitido na televisão com o nome de *Seu Repórter Esso* a partir de 1º de abril de 1952 permaneceu no ar até o dia 31 de dezembro de 1970 quando fez uma retrospectiva das primeiras notícias exibidas desde a estreia, e marcou dessa forma a saída do ar depois de duas décadas. Outros telejornais surgiram em paralelo à criação de novos formatos de apresentação da notícia na televisão. O programa *Jornal Nacional*<sup>10</sup>, é o mais antigo telejornal em exibição no Brasil sendo o pioneiro em investir em mudanças e inovações e a desenvolver tendências no telejornalismo brasileiro, tanto em termos técnicos quanto de narrativas e comportamento profissional de repórteres e apresentadores.

Com a facilidade de acesso aos televisores, os brasileiros fizeram deste o principal meio de buscar e consumir informações até o advento das redes sociais. Em 2016, 77% dos entrevistados na Pesquisa Brasileira de Mídia<sup>11</sup> afirmaram assistir TV todos os dias (Secom, 2016). Um estudo regional conduzido pelo Projeto GPSJor – Governança, Produção e Sustentabilidade para um Jornalismo de Novo Tipo, confirmou a representatividade da televisão como fonte primária de informação noticiosa para a maioria dos moradores de Joinville em Santa Catarina. A cidade onde o levantamento foi aplicado é a mais populosa do estado. O relatório parcial<sup>12</sup> divulgado em 2017 aponta que 34,1% dos entrevistados buscam primeiro na TV, as notícias que necessitam ou gostam, confirmando que o consumo de telejornalismo regional segue a tendência nacional.

A distribuição das imagens em sinais invisíveis captados por antenas, e mais tarde espalhados por cabos e em formato digital, seria o fim do rádio. Era um fato dado como certo com a chegada da televisão em uma época onde a tecnologia avançava e evoluía de forma tímida, e de sobremaneira, bem mais lenta ao compararmos com o período pós 2000. Porém, o sepultamento anunciado do rádio nunca se concretizou, pelo menos até este período do século XXI. Contudo, a TV sucumbiu do rádio o papel de

---

<sup>10</sup> Telejornal exibido pela TV Globo desde 1º de setembro de 1969 no ar ininterruptamente desde então, no mesmo horário.

<sup>11</sup> A Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira foi realizada pelo governo federal em 2014, 2015 e 2016. Neste último ano de levantamento de dados, foram entrevistados entre os dias 23 de março e 11 de abril de 2016, 15.050 brasileiros com mais de 16 anos, nas 27 unidades federativas do Brasil. É importante ressaltar que em 2017 o estudo foi descontinuado pelo governo do ex-presidente Michel Temer, por isso, neste trabalho trouxemos apenas os dados de 2016, pois até a data da publicação desta dissertação, não havia outra pesquisa com dados mais atuais sobre os mesmos aspectos aqui apontados.

<sup>12</sup> Relatório de Pesquisa. Percepções do público sobre consumo, credibilidade, qualidade e sustentabilidade do jornalismo em Joinville (SC). Disponível em [http://gpsjor.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/06/GPSJor\\_RelatorioEnquetes.pdf](http://gpsjor.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/06/GPSJor_RelatorioEnquetes.pdf)

protagonista como o meio de comunicação de maior alcance e repercussão junto ao grande público. E, teve destaque no que permeia a ação de liderança no processo de socialização das imagens (SANTOS, 2013, p. 4).

Em torno da perspectiva da imagem, criou-se um senso comum entre os profissionais da comunicação e os estudiosos do tema, de que ela é a essência da televisão. E, conseqüentemente, sem a imagem o meio televisão não existiria. Nesse aspecto, o jornalista, professor universitário e pesquisador Antonio Brasil, estuda a imagem não como uma mera faceta ilustrativa e, sim, como “uma forma de linguagem não linear, totalmente diversa dos princípios das linguagens textuais e orais” (Brasil, 2012, p. 52). Antonio Brasil ainda afirma que as novas tecnologias impulsionam a reinvenção da escrita imagética.

O processo de construção da notícia é composto por três fases que percorrem a produção, circulação e o consumo. As fontes ocupam o principal papel na geração da notícia. Alsina (2009) lembra de dois problemas polêmicos nesse caminho da produção noticiosa. O primeiro ligado ao profissional responsável pelo conteúdo jornalístico e o segundo associado à subjetividade. O autor cita Edgar Morin (1969) afirma que um acontecimento precisa ser concebido a partir de uma informação caracterizada por uma novidade para tornar viável a compressão estruturante de um sistema social.

Alsina (2009) defende que não é possível vincular o conceito de construção da realidade exclusivamente à prática jornalística e nem considerar a mídia como uma construtora desse real sem levar em conta a audiência. Guerra (2008) escreve que a gênese do jornalismo, enquanto atividade profissional essencialmente informativa tem por práxis a mediação do público com a vértice da realidade dos fatos.

O conhecimento que o repórter adquire do fato deve ser exclusivamente retirado do fato mesmo e fundamentado a partir de uma série de outros acontecimentos já disponíveis em relação à dinâmica da realidade, o estado de coisas que existe independentemente do homem. O conhecimento pode ser a sistematização conceitual, por exemplo, no discurso científico, ou, num sentido menos rigoroso, a descrição ou narração quer de um fato quer de uma série, em se tratando de discurso jornalístico. (GUERRA, 2008, p. 39)

Emerim (2012) sinaliza que quando se trata de televisão nem todos os acontecimentos são passíveis de virar notícia. Nesse caso, uma das condicionantes seria o interesse público. Um fato pode ser natural, produzido, comum ou incomum. O acesso a um fato bruto é impossível e, segundo a autora, a linguagem cumpre a função de

mediadora para transformar determinado fato em acontecimento. Porém, este último não pode ser explicado como algo que “causa sensação, um caso notável” porque seria o mesmo que condicionar essa definição a “traços de heroísmo, instabilidade, metamorfose” (EMERIM, 2012, p. 51).

O acontecimento é a matéria prima do jornalismo e para ser elevado ao grau de notícia precisa estar solidificado na verdade. É imprescindível nesse trânsito entre o acontecimento e a notícia o caráter de atual, interesse geral e utilidade pública. Nesse processo de construção da pauta existem filtros de seleção, critérios de noticiabilidade e de decisões tomadas pelo profissional que dá o aval final do que é relevante ou não para ser noticiado. Entre outras exigências do telejornalismo, a principal é a imagem. Esse elemento é o responsável por prender a atenção do telespectador. A preocupação do pauteiro de reportagens desenvolvidas para a televisão deve estar voltada para as imagens. Nessa direção, os acontecimentos selecionados precisam preencher duas condições fundamentais: (1) imagens com potencial de serem exibidas na tela: as imagens podem determinar ou priorizar o que é notícias; (2) emprego das possibilidades de transmissão simultânea à ocorrência dos acontecimentos, as quais caracterizam a televisão: o que interessa são os acontecimentos de última hora (EMERIM, 2012, p. 53-54).

No telejornalismo as imagens podem ser comparadas a uma âncora de navio. Se o equipamento é capaz de segurar firme uma embarcação mesmo com a intervenção de fatores marítimos, a imagem é potencialmente idêntica para sustentar uma produção jornalística na televisão. As imagens são as estacas da notícia televisiva, validando a credibilidade, substancialmente quando o conteúdo está relacionado às denúncias. Bistane e Bacellar (2005) fazem um paralelo entre a notícia e a imagem. Para as autoras, o elemento verbal das notícias é um acessório da imagem, e cumpre um papel secundário diante da essência imagética da produção telejornalística.

No processo de produção da notícia, as imagens de cunho telejornalístico derivam de uma operação técnica, em síntese, comandada pelo repórter cinematográfico. O profissional tem o controle do equipamento técnico e assume a responsabilidade pela operacionalização do enquadramento e recorte da realidade. No mesmo compasso, o editor e o diretor de imagens são os agentes de coalizão entre o texto narrativo e as cenas visuais. Esse é o padrão mais tradicional do modelo de construção jornalística para televisão que nos últimos anos tem mudado as

características produtivas, de gestão e circulação do conteúdo audiovisual sob a influência direta das novas tecnologias e do público.

Algumas emissoras têm usado aplicativos chamados de segunda tela onde é possível se conectar com conteúdos complementares aos exibidos na televisão e o espectador pode interagir com o produto telejornal. Contudo, a mudança mais significativa está na participação do público como um repórter cidadão. Soares & Becker (2011) denominam de telespectador-público ou leigo esse telespectador contemporâneo, colaborador na produção noticiosa. Dan Gillmor (2004) acredita que esse cidadão participativo é um fazedor de notícias, uma fonte, um referencial primário para desdobrar um fato. Essa colaboração leiga no desenho de um telejornal não se restringe a sugestão de pautas ou ao envio de opinião por email, *WhatsApp*, redes sociais ou ligações para a redação. Com um simples celular, é possível registrar em foto, vídeo e áudio um fato que pode gerar uma notícia. Nesse caso, a operação de enquadramento e captação da realidade em imagem, passa das mãos do cinegrafista de uma emissora para o cidadão que flagrou aquele momento. E mais uma vez, a imagem cumpre não apenas o papel de documentar um acontecimento, mas de dar um tom de veracidade para a informação, e conseqüentemente atestar a credibilidade estendida do espectador para os jornalistas até o veículo de comunicação.

Uma imagem vale mais que mil palavras. Confúcio usava essa expressão para argumentar o uso dos ideogramas como uma linguagem simbólica cuja representatividade deriva da união entre diferentes símbolos para formar um determinado conceito. Nessa direção, a imagem pode tecer fios capazes de conduzirem o conhecimento mesmo de forma subjetiva. No telejornalismo, a imagem é uma espécie de essência linguística robusta, sofisticada e complexa. O poder dela parece só crescer. Cada vez mais, esta ferramenta de comunicação está inserida em diferentes contextos. No caso do telejornalismo, ela torna-se peça fundamental quando o objetivo é atrair os olhos de quem consome informações.

Brasil (2012) ressalta a importância de compreender o papel da imagem no meio televisivo e, ao mencionar Schalin (1998), coloca luz sob o senso comum firmado entre estudiosos e profissionais da área de comunicação de que televisão é imagem. Emerim (2012) pontua que o meio televisivo é a mídia de maior amplitude e potencial disponível ao cidadão pela possibilidade de realizar transmissões de som e imagem, ao vivo e em tempo real. Por outro lado, ao citar Souchon (1977), a pesquisadora reconhece que para desvendar os significados das imagens, é preciso associá-las a

palavras em formato conhecido como audiovisual (EMERIM, 2012, p. 46). Maciel (1995) corrobora em partes com esses argumentos ao descrever que a imagem e o texto devem caminhar juntos, contudo a força da imagem é maior ao ser confrontada com o poder de uma palavra.

Há uma discussão filosófica acerca do valor verdade das imagens. Bistane e Bacellar (2005) conceituam a imagem como uma representação do real, e na televisão, a transmissão por meio visual transforma o espectador em uma testemunha dessa construção da realidade. Nessa linha pode-se reconhecer o passo importante da televisão e do próprio cinema ao adotarem o uso das imagens em movimento para conferir uma espécie de DNA à realidade contextualizada em formato audiovisual. Brasil (2012) enfatiza que não há privilégios por parte da TV e do Telejornalismo na escolha de palavras, sons ou imagens para costurar uma narrativa textual, verbal e imagética.

A TV possui um formato híbrido que converge as linguagens visuais, textuais e sonoras. A televisão e o segmento noticioso recriam formas de narrativa audiovisual com a convergência de palavras, sons e imagens e tem nos telejornais ao vivo, em tempo real, uma fonte primordial para manter a população brasileira entretida e informada de assuntos locais, nacionais e internacionais. Apesar de todas as crises e ameaças digitais, a TV ainda desfruta de prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. Importante frisar que essa narrativa híbrida de imagens com palavras enfatiza as próprias características do meio televisivo está sempre em constante evolução (BRASIL, 2012, p. 109). Ao salientar o aspecto subjetivo das imagens, Brasil (2012) esclarece a real possibilidade de se compartilhar o conhecimento pelo meio visual até mesmo em forma de linguagem. O autor vai além ao contextualizar essa linguagem como “verdadeiramente universal” por estar acessível a qualquer pessoa capaz de enxergar. Neste sentido, com base nos estudos de Brasil (2012), podemos considerar a imagem como uma ferramenta potencial de ser sustentada nos pilares da construção dos pensamentos, da compreensão, transmissão e aquisição de conhecimentos.

A imagem ocupa uma posição soberana praticamente indiscutível nas redações dos telejornais a partir do pressuposto de que ela é um elemento de confronto entre o real capturado em um determinado momento, e o argumento escrito ou oral disseminado, por exemplo, por uma fonte. Quando escreve por imagens, o

telejornalismo dá ao telespectador a oportunidade de compreender a informação em uma sequência de elementos visuais. Em outro viés, Santos (2013) alerta sobre um possível descompasso que pode surgir quando uma parte do contexto imagético fica embaixo de uma poeira difícil de ser limpa. A imagem incorpora um contexto no qual ela é produzida: por trás dela sempre existe uma prática social, representações da sociedade vigente. Dessa forma temos que ter consciência que o produtor da imagem sempre capta, consciente ou não, a prática social da época. Sem esse conhecimento do momento em que ela é produzida dificilmente se chega a decifrar as mensagens na sua totalidade. (SANTOS, 2013, p. 10).

É pertinente evidenciar o cuidado indispensável que se deve ter quanto à divulgação de imagens garimpadas em um ambiente virtual dominado por sombras, e pelo enredo da verdade emoldurado pelo interesse social individual. As ferramentas tecnológicas quebraram uma barreira até então intransponível de capturar qualquer momento com um simples toque na tela do celular. As redes sociais tornaram-se um campo devastador para a circulação de vídeos gravados sem critérios éticos, responsabilidade moral ou constitucional. É um momento onde o telejornalismo pode firmar-se como um mediador entre o falso e o real, o fato e a invenção. Brasil (2012) demonstra preocupação diante desse cenário repleto de “desafios teóricos e práticos tanto para as Ciências da Comunicação quanto para o Jornalismo”, (BRASIL, 2012, p. 31). O autor acredita que o caminho para contornar as dificuldades inerentes a essa realidade, possa estar em uma política pública para valorizar a memória audiovisual nacional em arquivos de conteúdo telejornalístico.

As imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura. Começou como um registro simples e se desenvolveu ao longo da história da humanidade como uma representação da realidade. Todavia, enquanto propagação da palavra humana, a imagem começou a adquirir dimensões galácticas no século XV de Gutenberg. Hoje, na idade do vídeo e da infografia, nossa vida cotidiana – desde a publicidade televisiva ao café da manhã até as últimas notícias do telejornal da meia-noite – está permeada de mensagens visuais, de uma maneira tal que tem levado os apocalípticos da cultura ocidental a deplorar o declínio das mídias verbais (SANTAELLA; NÖTH, 1997, p. 13).

A televisão consolidou a importância da imagem. A visualidade tornou-se um dos recursos cognitivos mais relevantes para a sociedade contemporânea (Brasil, 2012).

A composição telejornalística tem na imagem uma das principais matérias prima para a contextualização de um acontecimento. Mas, isoladamente, essa essência do jornalismo televisivo pode ter o sentido deturpado, corroído por interpretações aleatórias e desconectadas do contexto na qual a imagem foi recortada e, naturalmente, reproduzida intencionalmente como um objeto único da realidade. As palavras e as imagens são complementares e, juntas, formam uma narrativa compreensível e mais próxima do discurso da verdade.

Durante muitas décadas, a captação de imagem para o telejornalismo era feita exclusivamente pelos repórteres cinematográficos. Havia uma dependência profissional para a incorporação das imagens aos diversos formatos noticiosos. Com o avanço tecnológico, o cotidiano passou a ser vigiado, seja por câmeras de segurança ou pelos milhões de telespectadores só à espera de um flagrante para colocar o celular em ação e começar a gravar o material audiovisual. Esse testemunho inusitado do repórter cidadão abriu uma nova porta para a televisão carimbar na imagem o diferencial frente ao rádio, e fazer da imagética um cheque vistoso de credibilidade e comprometimento com a verdade.

O uso massivo de computadores a partir de 1990 criou uma alternativa visual para a televisão. A tecnologia ampliou as possibilidades para equilibrar a falta de imagens no contexto ilustrativo do telejornalismo. Os recursos virtuais, vinhetas e grafismo ajudaram a preencher o buraco na linha de edição causado pelo limitado número de frames de uma sequência de imagens ou a ausência total de cenas para cobrir uma reportagem. A produção telejornalística passou a ser mais dinâmica, inovadora, com maior qualidade técnica, apelo estético mais intenso, e para o telespectador o modelo trouxe uma nova experiência audiovisual (Brasil, 2012).

A televisão criou uma linguagem própria e um canhão disseminador de cultura e ideologia talvez nunca antes alcançado por outro meio de comunicação em massa. É um poder resultante da combinação da imagem e da palavra com um mecanismo sistemático de divulgação das notícias. O telejornal é sem dúvida um produto de potencial imagético relevante e de maior impacto na sociedade contemporânea. Isso em meio ao advento da internet, das redes sociais e de uma diversidade incontrolável de recursos para disseminar um conteúdo noticioso.

Apesar das imagens terem a condicionante de respaldar a verdade, a crise de identidade no jornalismo atestada pelo descrédito da sociedade, destoa o tom de comprovação inegável a um fato registrado em material visual. A dúvida da origem, da

possibilidade de manipulação de uma imagem e da alteração de sentido daquele registro, tem sido uma faísca para uma explosão de questionamentos de todos os lados da sociedade em relação ao processo de produção noticiosa na televisão.

O efeito da imagem e verdade na televisão é tema das mais diversas abordagens de especialistas em comunicação em todo o mundo. François Jost (2004) afirma que ao falar de realidade o telejornal rotineiramente a “reduziu ao visível, ao ponto de, às vezes, a existência dos acontecimentos depender da sua capacidade de ser visualizado” (JOST, 2004, p. 84). O estudioso questiona ainda essa natureza visual da televisão e afirma que não se deve considerar a imagem como a única angulação com o mundo real. Jost (2004) propõe uma tricotomia da imagem como signo do mundo, do autor e do documento.

Charaudeau (1997) acredita que a imagem é uma característica do meio televisivo e tem como caráter funcional a ilusão, a verossimilhança e a codificação. Para o autor, essas funções estão interligadas aos efeitos de realidade, ficção, verdade, designação, figuração e visualização. Essa relação de função e efeito é que define o “fazer crer” no telejornalismo (CHARAUDEAU, 1997, p. 213). Nessa linha o telejornal pode ser traduzido como um facilitador da transparência ao mediar o fato e o acontecimento, e publicizar o conteúdo transformado em notícia.

Antonio Brasil (2012) em *Telejornalismo imaginário: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos notícias da TV*, resgata algumas considerações importantes de estudos sobre a relevância da imagem para o jornalismo. O autor ressalta que a imagem e o texto devem caminhar juntos. Maciel (1995) afirma que a força da imagem é maior frente à palavra porque mesmo depois da notícia ser esquecida, a imagem continuará gravada no cérebro do receptor. A imagem provoca e promove, por meio de um estímulo sensorial e emocional, o envolvimento do telespectador com a informação. Münch (1992) enfatiza que no jornalismo televisivo a articulação entre a palavra e a imagem é instável e indireta.

Há um senso comum de que a televisão é imagem e, conseqüentemente, a essência de uma produção telejornalística. Contudo, a ausência desse elemento pode não ser necessariamente sinônimo de prejuízo para o processo produtivo da informação, nem para o telespectador. Os telejornais nem sempre tem a disposição uma imagem captada pelas câmeras como ferramenta de suporte imagético para ilustrar as reportagens, por exemplo, de temas ligados às investigações conduzidas pela Polícia

Federal e Ministério Público, como a operação Lava Jato<sup>13</sup>. Em diversas situações o perfil da matéria determina se o assunto será ou não transmitido em formato telejornalístico. Essa tomada, via de regra, cabe ao editor (a) chefe do telejornal. Em algumas situações, como um furo, o relato oral do repórter ou âncora do jornalístico cumpre a função de levar ao público um fato, elevado a acontecimento e transformado em notícia, sem exclusivamente precisar de uma imagem.

É indiscutível a força da imagem no telejornal, mas é questionável a vinculação exclusiva desse elemento para a divulgação de uma informação de interesse público em um telejornal. A imagem não pode ser um gesso restritivo de circulação da notícia. Armando Nogueira, ex-diretor de jornalismo da TV Globo afirma que “se a imagem mostra, só a palavra esclarece” (NOGUEIRA, 1997, *apud* BRASIL, 2012, p. 107). Santaella e Nöth (1997) conduzem uma avaliação semelhante ao discorrerem sobre a valorização exacerbada da imagem frente à palavra. Em outro viés, o jornalista Mário Marona, ex-editor-chefe do Jornal Nacional afirma que o ideal é “o telejornalismo sem palavras”. Só com imagens. Imagens que tenham significado próprio, que não dependam de palavra, nem escrita, nem falada” (MARONA, 1997, *apud* BRASIL, 2012, p. 107). A imagem é o diferencial da televisão em relação ao rádio. As palavras, a priori, consolidam o controle e a ordenação do material visual no telejornalismo.

A credibilidade e a verdade não se sustentam mais somente com a premissa de que uma imagem vale mais que mil palavras. Há um caminho ainda cheio de pedras na discussão sobre a essência da imagem no telejornalismo. O percurso teórico e prático das considerações dessa temática, apontado nesse estudo, permeia para uma reflexão ainda mais profunda sobre a relevância da imagem no paradoxo jornalístico. Um deles passa pelo advento de tantas novas possibilidades de produzir notícia, e seria este o primeiro passo para a extinção do atual modelo de telejornalismo?

#### 1.4 O telejornalismo no processo de construção social da realidade

A televisão é o principal meio de comunicação onde os brasileiros buscam informações sobre os acontecimentos nacionais e internacionais. É o que comprova a

---

<sup>13</sup> O Ministério Público Federal define a operação Lava Jato como a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil. A investigação aponta a participação de empresários e políticos em desvios de recursos da Petrobrás uma empresa estatal que pertence ao Governo Federal. <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/entenda-o-caso>

Pesquisa Brasileira de Mídia<sup>14</sup> realizada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República. A maioria – 77% - dos entrevistados afirmou assistir TV todos os dias (Secom, 2016). Outro dado que merece destaque é o grau de confiabilidade nas notícias divulgadas pela televisão que chega a 54%. As estatísticas indicam ainda que 83% dos participantes do estudo assistem TV aberta e gratuita. A média de exposição em frente ao aparelho é de três horas por dia e com mais frequência de segunda a sexta-feira (Secom, 2016). Os dados dos Hábitos de Consumo de Mídia corroboram com o levantamento do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CeTIC)<sup>15</sup>. O estudo indica que 96% dos domicílios brasileiros têm aparelhos de televisão. Quando as informações são analisadas de maneira regional, o sul do país (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) apresenta o percentual de 97%, índice 1% maior em comparação a média nacional. A televisão está mais presente nos lares brasileiros em relação a outro meio de comunicação que teve ascensão na década de 1940. Na média nacional, o rádio faz parte da realidade de 64% das residências, enquanto na região sul, 74% dos domicílios contam com aparelhos radiofônicos. Essa estatística comparativa evidencia a importância da televisão no cotidiano da população brasileira.

O Código Brasileiro de Telecomunicações<sup>16</sup> de 1962 determina no artigo 38, item ‘h’, que as emissoras de televisão devem destinar “[...] um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso” (BRASIL, 1962). O telejornalismo é o gênero adotado pelos conglomerados de mídia para cumprir a lei. O jornalismo é apontado por pesquisadores de comunicação como um dos construtores sociais da realidade. A afirmação se transformou em senso comum entre vários autores e pode ser replicada aos telejornais enquanto gênero jornalístico. Alsina (2005) aponta que a produção jornalística é uma prática indispensável para sustentar o processo de construção da realidade social. Outros estudiosos também abordam a questão. É o caso de Tuchman (1978) e do semiólogo argentino Eliseo Verón (1980). Este último argumenta que os acontecimentos sociais só existem porque são elaborados pelos meios

<sup>14</sup>A Pesquisa Brasileira de Mídia – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira. Idem nota de rodapé 11.

<sup>15</sup> Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros (TIC/DOMICÍLIOS,2017). Disponível em: [http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC\\_DOM](http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_DOM) Acesso em 14/01/2019

<sup>16</sup> Lei nº 4.117 de 27 de agosto de 1962. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4117.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm)>. Acesso em: 01/12/2018.

de comunicação. Em outra vertente, Meditsch (2010) problematiza o uso equivocado do conceito de construção social da realidade criado por Berger e Luckmann (1995) que estaria fora do contexto original por causa de falhas na tradução da obra.

A realidade nasce no pensamento e nos atos praticados pelo ser humano sendo denotada como certa a partir da vida cotidiana e da afirmação da sociedade do que é compreendido por ela mesma como sendo real (Berger; Luckmann, 2014). Berger e Luckmann afirmam que entre as múltiplas realidades, a da vida cotidiana é classificada como de excelência por ser predominante e ter uma posição privilegiada. Nesse sentido os autores concluem que o cotidiano se impõe de forma intensa, maciça e urgente à consciência. Sendo assim, é impossível negar, ignorar ou diminuir a tensão que se forma entre o consciente e a vida cotidiana (Berger; Luckmann, 2014).

Sobre a existência da dúvida a respeito da realidade da vida cotidiana, Berger e Luckmann (2014) deixam claro que ela pode até existir em algum momento, mas seria suspensa a partir da simples existência do cidadão no cotidiano. Nesse caso a realidade não precisa de verificação sendo tão somente necessária a presença deste último para atestar o que é real (Berger; Luckmann, 2014). O fator temporal está intrínseco na propriedade da consciência. O tempo é articulado de forma consciente pelo indivíduo e em paralelo a fisiologia humana. Berger e Luckmann (2014) acreditam que o padrão de temporalidade é acessível intersubjetivamente no mundo da vida cotidiana e a compreensão desse fator pode ser assimilada por meio da intersecção do que eles definem como tempo cósmico e calendário social construído em seqüências temporais baseadas na natureza.

Berger e Luckmann (2014) descrevem que a sociedade partilha a realidade da vida cotidiana quando os indivíduos se encontram face a face e criam uma espécie de prototípico de interação social. Como consequência desse contato, o conhecimento é compartilhado e ao mesmo tempo vivido pelo outro. A linguagem é fundamental nesse processo pela capacidade de objetivação e de transformar a expressividade em um produto da atividade humana (Berger; Luckmann, 2014). Compreende-se como linguagem o sistema de sinais – a exemplo do vocal – que se torna um elemento comum na transmissão, integração e conservação dos significados mesmo quando o ato de conversar está inativo por algum momento. No contexto lingüístico, o indivíduo é forçado a submergir em uma padronização onde é preciso “levar em consideração os padrões dominantes da fala correta nas várias ocasiões” (BERGER, LUCKMANN, 2014, p. 59).

O conjunto de palavras unidas pelo sentido atribuí à linguagem o poder de transcender a realidade da vida cotidiana e formar as engrenagens da organização para moldar o que Berger e Luckmann (2014) conceituam de acervo social do conhecimento. Esse estoque de informação reúne os setores da vida diária nos quais o indivíduo transita com frequência. É um capital que difere a realidade por graus de familiaridade e com representatividade integrada do mundo cotidiano, porém com um misto de zonas iluminadas e obscuras. O conhecimento seria como um instrumento para abrir caminhos e projetar um estreito feixe de luz em um determinado perímetro, enquanto outros permanecem na sombra da escuridão (Berger; Luckmann, 2014). Nesse sentido cabe um paralelo ao jornalismo enquanto mecanismo de tentar construir a realidade conforme veremos mais adiante.

A crença de que o jornalismo arquiteta a realidade, e seria um espelho dela, é confrontada por Meditsch (2010) ao argumentar a interpretação equivocada feita pelos estudos de mídia sobre o conceito de construção social da realidade criado por Berger e Luckmann com publicação original em 1966 nos Estados Unidos. A socióloga norte-americana Gay Tuchman teria sido pioneira na aplicação ao jornalismo da ideia de Peter Berger e Thomas Luckmann ao supor, mas não comprovar, o peso e o papel da mídia jornalística na fomentação das discussões de assuntos públicos (Tuchman, 1978). Eliseo Verón (1995), semiólogo argentino, segue uma linha parecida com a de Tuchman (1978) ao discorrer sobre os acontecimentos sociais como objetos elaborados pelos meios de comunicação inseridos dentro da sociedade industrial. Meditsch (2010) levanta a contribuição acerca da temática feita por Alsina (2009) ao imputar à mídia a responsabilidade de criar a realidade social por meio de um processo dependente da produção jornalística.

Meditsch (2010) argumenta que no conceito de Berger e Luckmann (1966) o jornalismo é ignorado como protagonista da construção social da realidade a partir do momento em que os autores colocam a atividade apenas como um elemento de reconhecimento e conservação da realidade. Na análise da obra de Berger e Luckmann (1966), Meditsch (2010) encontra outra peculiaridade ao destacar que os autores elaboram o alicerce da discussão com base na publicação de classificados e da previsão do tempo no meio jornal impresso, e não propriamente nas editoriais com conteúdo noticioso jornalístico. Se, por um lado, Berger e Luckmann na década de 1960 afastaram a mídia do ponto central desse processo, anos mais tarde os mesmos autores passaram a reconhecer o papel dos meios de comunicação na construção da realidade.

Ainda que Berger e Luckmann (1995) abordam a mídia de maneira distante do sinônimo de jornalismo, ela arcaria com a tarefa de interpretar a realidade e os valores sociais a partir da seleção, embalagem e difusão da informação.

Desta forma, ao se discutir a construção da realidade na perspectiva daqueles autores, deve ficar claro que, para eles, o jornalismo pode ser incluído entre os atores que contribuem significativamente para essa construção – tanto para a realidade objetiva quanto para a subjetiva – mas, não como o ator único e nem mesmo como o principal. (MEDITSCH, 2010, p. 25)

A aquisição da língua materna é a primeira formação de conhecimento de uma criança é definida por Berger e Luckmann (1966) como a socialização primária sem a interferência social externa ao ciclo de relacionamento interpessoal nessa fase da vida. Este seria o princípio fundamental de definição da realidade pelo modo natural e espontâneo de reconhecer o que é real na vida cotidiana, mesmo sem o aval científico para tal conhecimento de realidade dominante (Meditsch, 2010). A superação do nível do senso comum seria instigada pelos papéis institucionais desenhados pela sociedade tal quais os modelos de divisão do trabalho, que passariam a ofertar um treinamento especializado chamado por Berger e Luckmann de socialização secundária que se funde a primária, sem substituí-la na totalidade (Meditsch, 2010).

Na análise de Meditsch (2010) o papel do jornalismo no sentido de construção da realidade seria o de conservar e atualizar o real concebido nas socializações primária e secundária, sendo a atividade denominada neste caso de terciária no aspecto que permeia a vida cotidiana. A problematização do jornalismo como forma de conhecimento é abordada por Meditsch (2010) ao citar Genro Filho (1987) e observar o jornalismo como um gênero de conhecimento que “difere da percepção individual pela sua forma de produção: nele, a imediaticidade do real é o ponto de chegada e não de partida” (MEDITSCH, 2010, p. 29). Meditsch (2010) transita ainda na linha de Genro Filho (1987) que agrega a essência da produção social do conhecimento à comunicação enquanto atividade prática coletiva na qual o indivíduo compreende, transforma e amplia o universo.

A produção jornalística depende de fatores estruturais ligados aos sistemas de registros constituídos e mantidos pela sociedade. A participação do jornalismo na construção social da realidade, enquanto instituição, não é isolada, nem mesmo monocrática. A atividade profissional não tem o papel de protagonista ao necessitar, permanentemente, do contato direto e do diálogo com outros atores sociais. Meditsch

(2010) lembra que Lippmann em 1922 relacionava a importância das fontes interessadas na disseminação dos fatos com a variável intersubjetiva agregada ao processo de construção da notícia.

É preciso ressaltar que a construção da notícia passa por um mundo filtrado (Charaudeau, 2018). Um fragmento do real é construído a partir de um ponto de vista particular e por isso não deve ser adjetivado como a própria realidade da qual depende do olhar intrínseco dos diferentes atores sociais (Charaudeau, 2018). A significação do discurso passa essencialmente pelos sistemas de valores sociais para nomear um acontecimento e disseminá-lo publicamente na forma convencionalizada de notícia. O termo designa “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte [...]” (CHARAUDEAU, 2018, p. 131) e que pode ser tratado de forma diversificada dentro do esquema de construção do conteúdo noticioso.

Charaudeau (2018) aborda o processo de formação da notícia sob três aspectos: princípios da seleção dos fatos, recorte midiático do espaço social e identificação das fontes. Cabe à mídia a tentativa de aproximar a cadeia temporal do acontecimento compreendida entre o surgimento do fato, o período de produção e o instante de consumo da notícia (Charaudeau, 2018). Em virtude das características técnicas de cada meio de comunicação – jornal, rádio, televisão, internet – a instantaneidade da divulgação da notícia pode variar, contudo ainda é norteadada pelo semblante da atualidade.

O tempo só se impõe ao homem através do filtro do seu imaginário e, para as mídias, através do imaginário da urgência. Urgência na transmissão da informação que faz com que, uma vez concluído o ato, produz-se um vazio que deve ser preenchido o mais rapidamente possível por uma outra urgência; assim, de vazios em urgências constrói-se atualidade com uma sucessão de notícias novas, num avançar sem fim, e mesmo por antecipação. (CHARAUDEAU, 2018, p. 134)

Um acontecimento próximo interessa mais ao cidadão daquele que se passa longe dele, e desta forma distingue-se da informação regional da nacional. Por outro lado, essa limitação de proximidade exerceria a influência de restrição do caráter público da informação<sup>17</sup>. Os próprios profissionais divergem de opinião no que compete

---

<sup>17</sup> É preciso enfatizar que este trabalho não faz um estudo aprofundado sobre o acontecimento e nem estabelece discussão sobre a relação acontecimento e mídia. O termo acontecimento é aqui utilizado como uma etapa da notícia para se compreender o processo seletivo do fato até o seu momento de exibição como produto final na mídia.

o papel das mídias em relação ao indivíduo e ao peso dos fatos locais, nacionais e internacionais nesse processo de produção e compartilhamento da notícia (Charaudeau, 2018). A mídia estaria refém do imaginário de dois públicos diferentes. Um essencialmente apegado à imprensa regional e outro focado na globalização. Nesse viés de extremidade ficam os meios de comunicação com a premissa de se aproximar e fidelizar o receptor esteja ele em qualquer uma das pontas.

A ambígua tarefa de captar o indivíduo para sustentação da audiência passa por critérios internos, baseados em decisões institucionalizadas, e externos, que somados, confabulam o sistema de produção da notícia. Esses últimos - os externos - estão voltados para o modo como surge o acontecimento e são classificados por Charaudeau (2018) em: factualidade, pelo qual se alicerça o inesperado; programado, tendo como linha norteadora a existência de um calendário organizacional e conseqüentemente fruto do desenvolvimento da vida social; e suscitado, provocado ou preparado por uma instituição. A relação dos critérios internos e externos é complexa sendo os jornalistas suscetíveis a pressões e tentativas de manipulação oriundas do poder político exercido sobre os veículos de comunicação (Charaudeau, 2018).

O processo de produção noticiosa é também influenciado pelo domínio das atividades política, cidadã e civil cotidiana (Charaudeau, 2018). Outro fator preponderante na transformação, pela mídia, de um acontecimento em notícia, está ligado à credibilidade e a captação. Essas características envolvem critérios de notoriedade, representatividade, expressão e polêmica (Charaudeau, 2018). Contudo e, sobretudo, a mídia não pode inventar uma notícia. A práxis permeia pela utilização e identificação das fontes sob o risco de violar os princípios éticos<sup>18</sup> do jornalismo.

A relação acontecimento-mídia é interativa e negociada dentro de um espectro de lógica idealizado pelo próprio sistema informativo (Alsina, 2005). O autor ainda refere Wolf (1981) e Tuchman (1983) que corroboram com a existência, incorporada ao processo de construção do fato noticioso, de um fenômeno negociado na conexão de fatores estruturais e das rotinas produtivas com o de valores notícia. É uma prática

---

<sup>18</sup>Declaration of Principles on the Conduct of Journalists. Disponível em <https://www.ifj.org/who/rules-and-policy/principles-on-conduct-of-journalism.html> Acesso em: 19/12/2018. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf) Acesso em 19/12/2018.

social assumida, “embora não seja necessariamente compartilhada” (ALSINA, 2005, p. 153).

As regras de seleção dos acontecimentos por parte dos meios de comunicação são relacionadas na literatura jornalística por diversos autores. Alsina (2005) levanta os critérios evidenciados por Böckelmann (1983) e as condições baseadas na psicologia da percepção elencadas por Galtung e Ruge (1980). Geralmente para um assunto se tornar público pelo esforço midiático, o fato precisa estar inserido em mais de um dos elementos de seleção, sendo os critérios aplicados não de forma mecânica, mas tendo em vista os aspectos de agregação, complementaridade e exclusão (Alsina, 2005).

Pela investigação de Böckelmann (1983) apontada por Alsina (2005) um acontecimento é elevado ao grau de notícia a partir de dez pontos: 1) Referência ao pessoal, privado e íntimo onde o leitor/telespectador/ouvinte/internauta é identificado como protagonista do fato; 2) Sintomas de sucesso pessoal onde o receptor passa a ser objeto de atenção da mídia; 3) Novidade, principalmente na coesão de tendência e modernidade; 4) Representatividade e exercício de poder político, econômico ou judicial; 5) Dicotomia entre normalidade e anormalidade; 6) Violência, agressividade e dor; 7) Formas de competência como rivalidade e lutas de classe; 8) Referência ao aumento de posse como enriquecimento individual ilícito; 9) Crise e as conseqüências da conjuntura do episódio; 10) Situações extraordinárias, singulares e exóticas.

Em outro viés, Galtung e Ruge (1980) são citados por Alsina (2005) porque determinam outras condições baseadas na psicologia da recepção para que o acontecimento desperte a atenção do sistema de mídia no âmbito comunicacional: frequência do fato em relação ao meio; limiar de intensidade; ausência de ambigüidade; significação por sintonia cultural ou relevância; consonância aliada com a expectativa de audiência; imprevisibilidade do ocorrido; continuidade para produção de mais notícias; composição em relação ao meio no latente de equilíbrio do conjunto de notícias; e valores socioculturais ligados a negatividade, pessoas ou nações influentes.

A obra de Alsina (2005) resgata ainda os elementos propostos por Wolf (1987) para explicar como ocorre a construção da notícia norteadas pelo interesse da organização jornalística. Seis fatores explicariam a seleção dos acontecimentos: a) a importância determinada sobre o fato pela mídia; b) os valores notícias ativados em conjunto e respaldados pelas hierarquias; c) a utilização das fontes como interferência nos critérios práticos; d) a composição dos telejornais como um compromisso entre imprevistos e pré-determinações; e) a modificação do roteiro com base na importância

do fato e custo de modificação; f) a receptividade concedida ao imprevisto como mecanismo de mitigação da rigidez que faz parte do DNA organizacional.

No *viewfinder*<sup>19</sup>, a realidade é reportada sob o olhar do operador de câmera ou do repórter cinematográfico. É um recorte da realidade do ponto de vista do emissor da mensagem que responde pela captura das cenas como um feixe de luz direcionado a um determinado ponto e ângulo, sem poder tirar do breu todo o vértice no entorno da lente. No texto, o jornalista constrói o fato com base na bagagem de conhecimento que carrega desde a infância. O telejornalismo projeta uma realidade limitada, editada e composta pelos valores individuais dos profissionais envolvidos na atividade e que tentam por meio da composição de palavras, imagens e recursos de edição, representar o real. Berger e Luckmann (2014) deixam claro que o conhecimento pessoal da vida cotidiana tem como base a conveniência determinada por interesses pragmáticos ou pela situação do indivíduo na sociedade.

Lippmann (2008), por outro lado, acredita que os fatos não são simples, nem óbvios, portanto é natural a escolha de opinião e uma seleção para transformação ou não do acontecimento em notícia pública. O autor é enfático ao rejeitar que a reportagem seria uma simples recuperação de um acontecimento ao comparar, caso assim ela fosse, ao trabalho de um assessor de imprensa. O jornalista tem a capacidade de decidir o que é ou não notícia, e este, é um fator que o diferencia de quem não é um profissional da área (Zelizer, 2000). Os princípios de objetividade e do equilíbrio relatados nos códigos profissionais são usados pelos jornalistas como argumentos para justificar a seleção das notícias porque raramente eles “admitem recorrer a construções de realidade” enquanto prática da atividade (ZELIZER, 2000, p. 35). Ao discutir o papel dos jornalistas enquanto comunidade interpretativa, o autor ressalta que os profissionais assumiram o poder de interpretação do acontecimento em repetitivos esquemas narrativos com a criação de uma coesão entre eles próprios ou alinhados a questões de audiência. Reforça, ainda, que se faz necessário enfatizar que o telejornalismo reproduz um recorte do fato, sendo este uma parte e não o todo de uma realidade. O gênero é incapaz de reproduzir o conjunto da vida cotidiana, ampliar o foco e direcionar a luz, ao mesmo tempo, sob todos os atores sociais envolvidos em um acontecimento, diz Zelizer. Essa fragilidade torna o jornalismo em si, uma ferramenta importante de contextualização e

---

<sup>19</sup> Viewfinder: traduzida para o português a palavra em inglês significa visor. É o dispositivo acoplado à câmera por onde o operador do equipamento consegue visualizar a imagem e decidir sobre a composição da cena para realizar a captação.

conservação dos fatos, porém, como vimos anteriormente, não cabe a essa área do conhecimento o protagonismo na construção social da realidade.

Nessa direção, Finger (2019) aponta que no início havia uma espécie de obrigatoriedade de manutenção do telejornal na grade de programação tendo em vista que a produção do telejornal era cara, envolvia muita gente e tinha pouca audiência por não ser atrativo como um programa de auditório, carro chefe da época. Ocorre que a sociedade mudou e os processos cada vez mais mediados pelas mídias eletrônicas fez com que o público reconhecesse na televisão e, por consequência no telejornalismo, o espaço para a discussão e o debate dos temas emergentes da sociedade, o que acabou conferindo mais credibilidade ao telejornal, a emissora e ao próprio telejornalismo.

Os telejornais ocupam um espaço relevante na vida dos brasileiros. Para as classes menos favorecidas da população, são a principal, se não a única, fonte de informação. A importância do jornalismo na televisão é inversamente proporcional ao grau de instrução, ao poder aquisitivo do público e à participação na vida em comunidade. (FINGER, 2019, p. 06)

Como aponta a autora, a pertinência da produção de notícias via telejornal direciona-se a uma parcela da população geralmente esquecida pelas grandes corporações, exatamente aquelas que não têm acesso por condições sócio-econômicas aos meios mais tradicionais de educação e cultura. E sabe-se que na sociedade, desde os anos 50, a realidade é moldada a partir das telas das emissoras de televisão aberta, principalmente para as populações que ocupam a maioria das periferias dos grandes centros urbanos, que não tem acesso a outras formas de informação e de entretenimento, tendo a partir dos conteúdos disponibilizados pela televisão uma das poucas oportunidades de construir o conhecimento sobre si e sobre os outros.

Ainda nessa direção, Herreros (2007) enfatiza que, a partir da compreensão de informação audiovisual, a notícia é um processo de seleção e interpretação, valorização e representação dos fatos da vida, cabendo ao jornalista selecionar e eleger entre os fatos comuns e extraordinários, aqueles que mais interessam a comunidade, considerando suas crenças, sistemas de valores e regras sociais. Assim, articulando estas duas propostas, pode-se afirmar que não se trata apenas de produzir notícias que possam dar condições aos telespectadores de compreender sobre o mundo, mas de ofertar o contraponto e a diversidade de vozes, ampliando o escopo de possibilidades e

permitindo a potencialização do papel transformador que a televisão e o jornalismo podem operar por meio do telejornalismo numa emissora.

### 1.5 Telejornalismo local: reflexões e discussões

Compreender o que de fato caracteriza e constitui o telejornalismo local parece uma tarefa fácil, mas não é. Afinal como já se discutiu, compreende-se o que é telejornalismo, mas o que difere a sua abrangência ou a sua especificidade? Dizer que algo é local, embora remeta ao espaço mais restrito de um determinado povo ou sociedade, não há a priori como definir o que se entende por telejornalismo local. Mesmo quando se fala de telejornalismo e o seu meio de propagação pelas diferentes telas e plataformas, que ampliam o alcance e derrubam fronteiras geográficas e físicas. Porém, trata-se de um conceito fundante e operacional para esta pesquisa e, neste aspecto, sem propor uma perspectiva nova, mas sim, assumindo para si propostas já defendidas por outros autores, se faz aqui um breve esforço para trazer algumas acepções com vistas a refletir e definir o que este trabalho entende e aplicará com telejornalismo local.

Historicamente, os meios de comunicação nasceram locais e só com o advento do videotape, em meados de 1960, possibilitando gravar e arquivar materiais e, conseqüentemente utilizar estas gravações em transmissões, é que se iniciaram essas transmissões nacionais baseadas em um sistema consolidado pela difusão dos satélites e pela rede de microondas da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). O marco histórico temporal dessa fase, sem dúvida, foi a exibição do Jornal Nacional da TV Globo que estreou no dia primeiro de setembro de 1969, consolidando a transmissão em rede nacional e se estruturando como aquele que ficaria por muitos anos (em verdade, até o fechamento desta pesquisa) como o principal e mais assistido telejornal no país. A regionalização dos conteúdos ao longo das últimas décadas foi uma das estratégias das empresas de mídia para se aproximar do público, mas também para atender o que prevê a lei.

No Brasil, a exibição de conteúdo regional é obrigatória por lei e está vinculada na Constituição Federal no artigo 221 do capítulo V que determina que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atendam preferencialmente a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, com a promoção da cultural e

regionalização das produções, inclusive jornalísticas. Contudo, não há na legislação de radiodifusão brasileira uma definição do que é uma emissora e/ou telejornal local ou regional.

Em verdade o que definiu essa diferenciação inicia a partir de uma perspectiva tecnológica relacionada à capacidade de transmissão de dados a distância, referendado pelo surgimento local das produções. Quando estas produções tiveram condições técnicas de ampliar a abrangência dos seus alcances não houve de imediato uma preocupação em definir ou mesmo em tratar de forma diferente os fatos e temas que ocorriam ou no nível local ou que poderiam ter interesse mais abrangente no nível nacional. A experiência profissional permite dizer que nas redações essa diferenciação foi acontecendo a partir da criação desses telejornais, de rede nacional, que se propunha a trazer os fatos que tivessem maior abrangência possível incluindo, então, as características eminentemente segmentadas ou de interesse restrito a uma sociedade ou a um espaço geográfico. Nessa direção, pactuou-se uma espécie de divisão das equipes entre os profissionais que se dedicavam a cobertura dos fatos mais próximos ao espaço geográfico de abrangência da sede das emissoras e outras que se dedicavam apenas aqueles fatos que não se restringiam a esses espaços e cuja importância e abrangência ultrapassaram esses limites geográficos. Nesse mercado estes profissionais eram diferenciados entre equipes da praça local e de cobertura especial para a rede.

Do ponto de vista acadêmico, quase sempre preconceituoso com as produções da televisão e, por consequência do telejornalismo, a preocupação em definir conceitualmente as diferenças entre o que se pode afirmar como telejornalismo local e um outro que pode ser nacional ou simplesmente mais abrangente, não acompanhou o mesmo ritmo das redações, que pareciam saber muito antes as diferenças entre cada um. Tanto é que nessas redações as equipes que se dedicavam a este telejornalismo mais abrangente ou nacional, não só tinham horários diferenciados como também treinamento e equipamentos que os distinguiam das outras equipes locais. Surge uma espécie de hierarquia acompanhada por remunerações salariais diferenciadas e, por um reconhecimento institucional, como representantes deste local no âmbito nacional.

Na mesma direção, cabe ressaltar que na atualidade esta hierarquia ou exclusividade já não é tão elitista, pois com a abertura de diferentes canais, perfis em novas plataformas, não raro repórteres de cobertura local são aproveitados para também contribuir com o conteúdo jornalístico desses espaços de distribuição nacional. Não obstante, o conceito ainda não é consenso para o campo acadêmico, que vê elementos

entre regional e local, segmentados como espaços para o desenvolvimento de um jornalismo menos profundo e, muitas vezes, caricaturado em cima das idiossincrasias de cada região.

A partir da década de 1980, com o investimento em estrutura pelas emissoras afiliadas das grandes redes de televisão, o telejornalismo local começou a desbravar e se apropriar do localismo de forma mais ampla, a exemplo do que acontecia com o rádio e o jornal impresso. Em meados de 1990 a TV Globo implantou o “Projeto regional do futuro” alterando estrategicamente os nomes de emissoras em São Paulo com o intuito de fortalecer o vínculo com as comunidades locais e com o lugar onde acontecem as relações sociais. Contudo, os telejornais locais ainda preservam algumas características das grandes redes pela obrigatoriedade impostas por elas na padronização de cenários, horário e limite de tempo de exibição do programa local, formatos, enquadramentos, vinhetas, trilhas, que acabam sendo uma trava no processo criativo das produções locais (Launay, 2002). Porém, apesar da globalização ter permitido o acesso a informação com as mais diferentes possibilidades, se percebe cada vez mais forte a força do interesse da audiência pelas informações do local onde a pessoa vive, gerando identificação do telespectador com o produto e conteúdo (Camponez, 2002). Portanto, como se pode mostrar é ainda um conceito em aberto, mas que nesta dissertação precisará ser definido como um conceito operacional, servindo para responder às questões de fundo a que esta pesquisa se propõe.

Capparelli (1982) classifica o telejornal local como aquele produzido na área de emissão do canal; o regional como aquele produzido fora da área de penetração do canal, porém no mesmo espaço geocultural; e, por nacional como aquele gerado no país a partir de uma região geocultural diferente daquela onde a emissora está localizada. É possível classificá-lo a partir de regiões geográficas? Num primeiro momento sim, tendo em vista que a capacidade de disseminação desses conteúdos se dava em espaços geograficamente delimitados. Mas, com o avanço da tecnologia e o incremento cada vez maior na disseminação e transmissão de dados, esta classificação não consegue dar conta do que se faz em termos de localidade ou nacionalidade ou mesmo de produtos no universo globalizado. Bourdin (2001) relaciona a noção de local com as interações, vivências, experiências e memórias constituídas em um lugar. Neste aspecto, o telejornal local se difere do nacional ao reportar com maior profundidade aquele fato ou acontecimento que afeta diretamente a cidade daquele espaço, sendo um prestador de serviço para a comunidade.

Em outra direção pode-se pensar as definições sobre telejornalismo local a partir do público ao qual ele se destina, relacionando também o processo de seleção dos fatos a serem recobertos com as temáticas mais próximas daquela comunidade e a abrangência da transmissão do canal/emissora. Assim, Emerim e Coutinho (2019) conceituam o telejornalismo como um espaço de prática e experiência de proximidade da televisão com uma cidade por meio da tela, trazendo ao conceito de telejornalismo local a concepção de identidade, representação e reconhecimento.

Sua realização dependeria da produção simbólica e do trabalho de jornalistas identificados com aquele espaço físico e social, imersos, visíveis e reconhecidos por moradores e cidadãos com os quais estabeleceriam vínculos afetivos e de pertencimento, o que se efetiva e constitui reconhecimento. (COUTINHO; EMERIM, 2019, p. 19)

Mello (2019) também compreende o telejornalismo local partindo dessas premissas, pois define os telejornais locais como aqueles noticiários produzidos para um público ou comunidade específicos, baseados em características geográficas, culturais ou econômicas. Launay (2002) parte do princípio que o local é um ambiente de transformações que estão no campo da subjetividade e, portanto, não há como prever ou determinar um resultado. Apropriando-se deste conceito, esmiuçamos o entendimento daquilo que seria então o telejornalismo local.

A regionalização da televisão, pode-se pensar, é parte de um contexto de mudanças derivado do testemunho de que, numa sociedade plural e diferenciada, é no mínimo incoerente que a televisão genérica se mantenha ainda como a própria essência do veículo televisivo. É inconcebível continuar supondo que todos desejem ver a mesma coisa, que os centros urbanos, valores sociais, interesses e comportamentos de toda uma sociedade sejam idênticos aos locais de produção dos principais conteúdos televisivos. (LAUNAY, 2002, p. 76).

Lins (1997) agrega a perspectiva da televisão local como sendo um espaço onde as diferenças podem ser realizadas e negociadas, um território de relações sociais para se discutir e organizar o cotidiano de uma sociedade, trazendo ao local este traço de proximidade com o cidadão. Nesta direção, Vizeu e Cerqueira discorrem sobre o telejornalismo local como um “fio sensível” de aproximação com o cidadão a partir dos problemas da vida real. É como um vínculo de autorreferência na busca por orientação e construção da engrenagem das realidades sociais. Para os autores, o telejornal local

tem a função de ser um elo direto do cidadão com os poderes públicos para resolver os problemas sociais. Nesta leva de resolver os problemas, a figura do repórter local passa a ser, aos olhos do público que reivindica ações, inertes ou omissas naquela determinada situação, um catalisador para a população chegar até as autoridades. Além disso, os autores defendem que cumpre ao telejornalismo local sistematizar, classificar, organizar e hierarquizar a realidade delimitada pelo espaço geográfico. Em outra proposta complementar, Vizeu e Correia enfatizam que sendo o telejornalismo um lugar de referência, os telejornais representam para os telespectadores a existência de um mundo do qual eles fazem parte:

O telejornalismo local, a partir da perspectiva de lugar de referência, funciona como uma espécie de lugar onde as pessoas buscam e procuram informações para tentar entender o que está ocorrendo em um espaço mais próximo de onde sua vida se efetiva. Funciona também como um espaço de orientação, de ajuda, quando instituições e poderes constituídos fracassam em suas tarefas. Há confiança na correção do trabalho, na visibilidade, na repercussão, no processo de envolvimento coletivo dos que vivem a mesma ou igual realidade retratada ali, nas telas. (VIZEU; CORREIA, 2019, p. 28)

Ampliando este entendimento, Coutinho e Martins (2008) classificam o telejornal local como um mediador entre o receptor e a cidade “uma vez que o telespectador se conecta a ela através do telejornal; partilha e assiste pela tela da televisão as histórias de cidadãos como ele, e que vivem problemas semelhantes aos seus” (p. 3). O local tem a capacidade de gerar opinião e mais engajamento do cidadão, compreensão também proposta por Alsina (2009), a partir da função social que compete a esse tipo de produção que é ofertada pelo telejornalismo local. Coutinho e Emerim (2019) seguem na perspectiva de trazer mais pistas para se definir o telejornalismo local, propondo pensar em três dimensões que seriam fundamentais para estabelecer o vínculo e a identidade social no telejornalismo local, ancorados na: 1) complementaridade e na troca; 2) no sentimento de pertença à humanidade e 3) no compartilhamento de uma mesma cotidianidade a partir do fato da vivência comum. (p. 19).

Diante do exposto, assume-se neste trabalho como conceito operacional que telejornalismo local é aquele que se dedica a cobertura dos fatos mais próximos de uma sociedade, circunscrita a uma região geográfica de abrangência, caracterizada pelo

reconhecimento das pautas de proximidade e identificado com a realidade vivenciada por estes cidadãos, muito embora a sua disseminação possa ultrapassar as fronteiras desta localidade. Assim sendo, ao selecionar a cobertura realizada pelo programa Bom Dia Santa Catarina no período de 1982 e 2018, o foco estará nos materiais que tragam características desta identificação e representatividade, buscando identificar os aspectos históricos da inovação empregados ou lançados mão por parte da emissora e dos respectivos produtores em torno da cobertura de temas e fatos eminentemente locais.

Um dos traços do telejornalismo é a possibilidade de agregar as tecnologias que potencializam suas práticas. Algumas delas são rapidamente absorvidas e se tornam comuns inclusive no âmbito local, outras nem tanto. Mas o que pode ser considerado inovação? O telejornalismo inova sempre? É o que se discute a seguir.

## 1.6 Inovar ontem, hoje e sempre

Às vezes, a inovação é uma questão de tempo. Uma grande ideia chega no exato momento em que existe a tecnologia para implementá-la. (Isaacson, 2014, p. 31)

É uma ideia, um pensamento, uma tecnologia diferente. Talvez para uma parcela numerosa de pessoas esta seja a resposta mais objetiva para definir inovação. A palavra virou moda e acabou tendo o sentido e significados esvaziados (Isaacson, 2014). Outra constatação empírica é a de que, quando falamos em inovação, automaticamente, o cérebro nos remete a algo muito futurista e, até mesmo, ligado à ficção científica. Essa simplicidade incorporou um senso comum a essa palavra que tem um poder transformador e vital para a humanidade. Antes mesmo de trazer os autores que tentam contribuir com definições e conceitos mais científicos e acadêmicos do termo, pode-se fazer um exercício etimológico e buscar nos dicionários pistas para se entender a essência da palavra e algumas acepções que podem nos permitir avançar de seu sentido mais original.

A origem da palavra inovar vem do latim *innovo* - renovar, tornar novo, restaurar, seguindo o Dicionário Houaiss, que ainda apresenta tratar-se de *introduzir novidade em; fazer algo como não era feito antes* (2009, p. 1087). Vejam que a compreensão sobre inovar ou inovação que vem a ser, por obviedade, ato ou ação de inovar, está atrelada a algo que já existe, podendo trazer em si a noção de transformar,

não necessariamente a de inventar. Mas, se recorrermos à palavra inovação, o mesmo dicionário aponta que no âmbito da linguagem trata-se de *qualquer elemento ou construção que surge numa língua, e que não havia numa fase mais antiga ou na língua-mãe* (Idem, p. 1087). Surge a primeira complexidade, pois se é algo que **surge** e que **não havia antes**, não se trata então de renovar, mas de criar, aproximando à noção de inventar. Na mesma técnica, a palavra inventar traz consigo esta noção do surgimento, da criação a partir do que não existia, se não, vejamos: inventar, do latim *inventum* - invenção, invento. E o mais interessante é que o mesmo material permite ver que desta palavra derivam outras que seguem a mesma etimologia, mas se desdobram em sentido e grafia/ação diferentes: uma que reitera o **falso** - inventar no sentido de **fantasiar**; e, outro, que reitera o **verdadeiro** a partir do que se pode comprovar pelo mapeamento - **inventariar** (relacionar, catalogar, listar, descrever, enumerar).

Mas, para prosseguir a pesquisa, foi preciso avançar do senso comum de inovação, trazendo estas pistas da própria palavra e seus desdobramentos mais simples, objetivos e debruçando-se nas acepções diferentes sobre o termo na tentativa de produzir um entendimento mais estreito e aprofundado do conceito.

Assim, parte-se para a legislação brasileira que permite então abrir um aspecto importante para a definição de inovação neste trabalho. A Lei Brasileira de Inovação tecnológica de 2004 – nº 10.973 - define inovação como “a introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social que resulte em novos produtos, processos ou serviços” (BRASIL, 2004). Na comunicação, o surgimento da fotografia, do rádio, da televisão já foram, elas mesmas, grandes inovações, cada qual em uma época distinta. Quando surgiu a TV, por exemplo, agregando a linguagem do rádio, da fotografia e da imagem em movimento vinda do cinema, se abriu uma nova possibilidade, uma janela para o mundo com inúmeras outras tecnologias surgindo concomitante ou “por causa” dela. Desde a invenção do aparelho de televisão surgiram novos modelos, mais modernos, com telas cada vez mais finas e incorporadas ao equipamento dezenas de funcionalidades. E muitas outras propostas se seguiram: inventaram o celular, a internet, as redes sociais, os canais de vídeo online, as *lives*, as transmissões online por qualquer dispositivo conectado a uma rede de dados. A televisão então perde o estatuto de ser feita só por grandes empresas e passa a poder ser produzida por qualquer um com um celular e uma conta de internet. O fato é que a inovação faz parte do passado, do presente e do futuro. Ela sempre existiu em nossas

vidas, mas quando ganhou um conceito passou a ter outro status na sociedade. É por isso que Emerim (2015) ensaia ao afirmar que a (tele)visão é o espaço das transições provisórias:

Aliás, o jornalismo é o campo no qual mais se caracteriza e propicia a percepção desta perspectiva porque as práticas diárias de produção de notícia estão em permanente estado de mudança, um estado que, pela própria natureza mutável do social, não permite estagnação. Assim, têm-se um **permanente estado de transição**, num movimento constante, pois nem bem se estrutura um padrão de atividades, está-se, novamente, sob nova prospecção, gerando mudanças, por isso, *em transições provisórias*. (EMERIM, 2015, p. 207/208)

Apesar dos esforços de inúmeros pesquisadores, como se demonstrou brevemente, o conceito de inovação não é algo universal ou homogêneo, porém tem alguns traços em comum que podem ajudar a construir um caminho mais estreito nesta direção. Drucker (2002) compreende a inovação como um processo ligado ao empreendedorismo com capacidade de produzir riqueza. David O'Sullivan e Lawrence Dooley (2009) como a construção de mudanças independentemente do porte, porém com resultados de valores para a organização e os clientes, além de contribuições para o conhecimento. A inovação é um processo e também o resultado desse processo (MORRIS, 2011). Koulopoulos (2011) discute ainda a *reinovação* que, em suma, é como repensar a rotina de como se cria, reestruturar produtos e serviços existentes. Portanto, o ato de inovar e reinovar estão ligados em um movimento constante e, não como um manual de regras, sendo um processo contínuo.

Giovani Dosi (1988) define a inovação como uma maneira evolutiva do conhecimento. João Canavilhas e Ivan Satuf (2005) a descrevem como um processo onde há necessidade de atualização tanto do produto quanto do método de produção. Sônia Calcomuni (2015), doutora em economia, acredita que inovar requer criatividade, depende de oportunidade, viabilidade econômica e aceitação social daquela inovação no campo mercadológico. Tourinho (2009) destaca que “nem sempre as inovações vão mudar paradigmas ou substituir produtos já existentes nas lojas. São pequenas modificações nas características formais e funcionais que criam a sensação do novo e evita que se perca espaço no mercado” (TOURINHO, 2009, p. 189).

Bauman (2007) compreende que o anseio pela novidade imediata e o esforço por manter o público interessado em um produto inovador estão ligados à necessidade da sociedade líquida-moderna em buscar inovação. Ferry (2015) e Pavlik (2013) entendem

que a inovação precisa ter algum sentido e utilidade para quem for alcançado por ela e, para o jornalismo, é indispensável a manutenção dos preceitos, valorização da credibilidade, da verdade e da ética como princípios básicos do fazer jornalismo. Assim, a preocupação se dá na ordem de que é necessário ter um limite ou de avaliar, com vagar e aprofundamento, o que pode/deve ou não ser mudado, para que não se perca aquilo de mais caro fundamenta o campo jornalístico. Ferry (2015) aponta ainda três implicações negativas decorrentes da inovação como 1) a procura incansável por inovações cada vez mais rentáveis para movimentar a sociedade capitalista, 2) o crescimento do consumo e 3) o aniquilamento de tradições aristocráticas e religiosas.

O jornalista Walter Isaacson (2014) recorre à história para lembrar que as inovações carregam muito da matemática, aritmética, afinal, começaram como formas de resolver cálculos, baseadas em números. Da máquina analítica, as tábuas de marés até o tear. Os inovadores atravessaram os tempos na busca de melhorar os fazeres:

A Revolução Industrial se baseava em dois grandes conceitos que eram profundos em sua simplicidade. Inovadores bolaram maneiras de simplificar tarefas ao dividi-las em tarefas mais fáceis e menores que podiam ser realizadas por linhas de montagem. Depois, começando pela indústria têxtil, inventores descobriram maneiras de mecanizar passos de modo que eles pudessem ser desempenhados por máquinas, muitas das quais eram movidas por motores a vapor. (ISAACSSON, 2014, p, 28)

Mas, para o autor, há uma grande diferença destas práticas inovadoras até então com as que vivenciamos no contexto contemporâneo. As inovações da era digital, em maior parte, foram concebidas de maneira colaborativa. Isaacson cita como exemplo o computador e a internet entre as maiores invenções dos últimos tempos cujos criadores são desconhecidos pela maioria das pessoas, contudo “não foram boladas num sótão ou numa garagem por inventores solitários que possam figurar em capas de revistas ou em um panteão ao lado de Edison, Bell e Morse” (ISAACSON, 2014, p. 10). Esse é um aprendizado deixado com o nascimento dos computadores onde visionários e engenheiros, num esforço coletivo, juntaram forças para criar a máquina. Invenções só nascem como relâmpagos em livros de história (Isaacson, 2014). A colaboração faz com que as idéias sejam repassadas de um para outro grupo de inovadores e possam ressoar tempos depois. Isaacson defende em seus estudos que a inovação se estabelece na conexão da arte com a ciência.

A inovação ocorre quando sementes maduras caem em solo fértil. Os grandes avanços de 1937 não tiveram apenas uma causa, mas foram o resultado de uma combinação de capacidades, ideias e necessidades que coincidiram em vários lugares. Como é freqüente acontecer nos anais da invenção, em especial na invenção relacionada à tecnologia da informação, o momento era adequado e havia algo no ar. (ISAACSON, 2014, p. 32)

Em relação ao telejornalismo, Tourinho (2009) afirma que as “inovações nascem de decisões individuais ou de pequenos grupos, uma vez que não há critérios protocolares que digam o que e quando devem mudar” (TOURINHO, 2009, p. 196). Na esteira do autor está a percepção de que há um entrelaçamento entre a ideia de inovação e as questões culturais, sociais, políticas e econômicas partindo do contexto no qual os elementos inovadores estão inseridos. A partir daí, pode-se refletir e intuir que o conceito de inovação está alinhado às especificidades de cada área do conhecimento, resultando em uma definição singular para aquela linha particular da ciência ou situação. Inovar é, grosso modo, arriscar, mas o sucesso de uma inovação depende da habilidade que o inovador tem de fazer a sua inovação ter utilidade, ser prática e quebrar o paradigma da anterior que a antecede. Nessa direção, o conhecimento em determinada área é primordial para que a inovação possa se desenvolver de maneira potencial, eficaz e conectada com as necessidades e desejos de uma sociedade ou uma parcela dela.

Percorrendo pelo campo histórico encontramos na economia o pioneirismo na construção de um conceito para a inovação. Schumpeter (1934) concluiu que as inovações são uma obsolescência programada, ou seja, nascem e morrem a partir de datas de validade pré-definidas pela própria natureza dos objetos em questão, e são caracterizadas como um novo método de produção ainda não experimentado ou testado. Para o economista, a concretização de uma inovação depende de cinco fatores básicos: 1) da introdução de um novo bem ou nova qualidade; 2) da criação de um novo método de produção ainda não experimentado ou testado; 3) da abertura de um mercado inédito; 4) da utilização de uma nova fonte de matérias-primas ou bens; 5) e, do estabelecimento de uma nova organização.

O desenvolvimento de algo novo é apoiado no que a economia descreve como destruição criativa, ou seja, na troca de antigos métodos por processos considerados inovadores (Schumpeter, 1934). Contextualizando para a área da comunicação, a destruição criativa pode ser exemplificada pelo processo de substituição da TV analógica pela digital como uma transição mais recente de modelos inovadores na televisão brasileira (TOURINHO, 2009). Contudo, se faz necessário evidenciar que a

associação da tecnologia com a inovação surge posteriormente à obra de Schumpeter (1934) quando o conceito, antes ligado essencialmente a máquina e ao equipamento na área de engenharia, passa a incorporar a condição de conhecimento (TOURINHO, 2010). No jornalismo a rotina é parte substancial da produção de notícias tendo como base as fontes que conhecem a mecânica do trabalho jornalístico. Inovar “é superar a trava que prende à rotina” (TOURINHO, 2009, p. 37).

Os processos produtivos da notícia na televisão são destacados por Tourinho (2009) como fatores inovadores quando combinados às novas tecnologias ou práticas inéditas no “fazer telejornalismo”. O que pode ser corroborado com o que Finger (2011) destaca sobre esse “fazer jornalismo” na atualidade, considerando que o telespectador passou a ter uma contribuição significativa abandonando a posição de sujeito passivo para se manifestar e opinar sobre a produção de notícias.

Em mais de sessenta anos do advento da televisão no Brasil, os telespectadores de alguma forma opinaram e contribuíram para “o fazer telejornalismo”. As manifestações, que inicialmente aconteciam por cartas e telefonemas, aumentaram significativamente através dos e-mails e encontram nos sites correspondentes dos telejornais, um canal ainda mais efetivo. A novidade, sem ingressar neste momento na discussão sobre as várias possibilidades da interatividade, está em uma participação mais efetiva, que vai da busca por informações complementares, passando pela possibilidade de participar de um chat com um especialista em determinado assunto, até o processo colaborativo na elaboração das reportagens. E, se o uso de outra mídia, num primeiro momento, parece um limitador para esta participação, também pode significar a ampliação de públicos porque os telespectadores se somam aos internautas e vice-versa. (FINGER, 2011, p. 7)

Tourinho (2009) classifica a inovação em tecnológica e não tecnológica. A primeira está ligada diretamente aos equipamentos como câmeras, satélites, computadores, microfones, drones, gimbal, som, cenários, iluminação, efeitos visuais, infografismo, entre outros. A inovação no aspecto não tecnológico tem como elo o material e potencial humano onde podemos destacar a criatividade, a inteligência, o compromisso original do texto jornalístico e, ainda agrupar, a estrutura verbal, visual, logística e narrativa da notícia, assim como pondera, também, Hartley (1997). No telejornalismo, Tourinho (2009) ainda conceitua a inovação de cunho social – tecnológica ou não - aquela que permite, por exemplo, que pessoas com necessidades especiais tenham acesso aos conteúdos. Beatriz Becker (2016) ressalta que a inovação tecnológica norteia o ciclo mercadológico da indústria de consumo e é aliada dos meios de comunicação como a televisão, o rádio e os dispositivos móveis. Esses suportes

mediáticos estão ligados a conjuntura cíclica entre novidade-esgotamento onde o excesso do novo esgota a possibilidade de veículos tradicionais realizarem experimentos inovadores para novas plataformas de circulação da produção jornalística (BECKER, 2016).

O jornalismo inovador é definido por Machado (2010) como um fenômeno, centrado em soluções conceituais ou tecnológicas, para aperfeiçoar o processo produtivo da notícia, e dar conta das demandas da sociedade na busca pela instantaneidade e qualidade da informação. O autor afirma, ainda, que pode ser considerado algo inovador na comunicação “toda a mudança nas técnicas, tecnologias, processos, equipes, dispositivos e aplicações, valores destinados a dinamizar e potencializar as informações jornalísticas” (p. 67).

Nesta mesma direção, Canavilhas e Satuf (2015) corroboram com Machado (2010) ao descreverem a inovação no jornalismo como um processo de atualização constante no produto ou nos modos de produção, assim como a criação inédita de procedimentos e formas de distribuição da informação. No caso específico do telejornalismo, o uso de websites permitiu ao telespectador assistir novamente uma reportagem e até contribuir com sugestões de pautas ou vídeos caseiros para construção, por exemplo, de uma reportagem (FINGER, 2011). Portanto, existe uma transformação no modo de produção impactado a partir da audiência e de processos inovadores ligados ao avanço tecnológico. Finger ainda enfatiza sobre a necessidade de se pensar em novos modelos partindo principalmente dos novos recursos disponibilizados no Brasil em canais de interatividade previstos pela implantação da TV Digital:

É importante salientar, que a utilização da internet como mídia complementar não é o mesmo que a interatividade esperada com a plena implantação da TV digital. A expectativa com o padrão adotado pelo Brasil é de se obter um canal de retorno integrado, multiplicidade de conteúdos, informação sob demanda, personalização da programação, comunicação simultânea entre usuário e emissora, ou entre usuários de diversos locais com mediação da TV, ou seja, um ambiente propício para a narrativa transmidiática. (FINGER, 2011, p. 9)

A inovação pode estar na mudança de formatos e upgrades em caráter experimental (CANAVILHAS; SATUF, 2015). Com base no entendimento de uma gama de autores como Tourinho (2009), Canavilhas; Satuf (2015), Schumpeter (1985), compreende-se que inovar é diferente de inventar enquanto processo de transformação. A alteração dos padrões por meio da inovação está intrinsecamente ligada a um contexto social, cultural, político e econômico de um determinado ambiente.

Diante do exposto, este trabalho assume como conceito operacional de inovação qualquer ato, ação, elemento, resultado, processo, comportamento, atitude, criado/inventado ou renovado que podem ou não causar impacto ou quebrar paradigmas, considerando, assim, qualquer novo processo ou produto. Com esta compreensão, o olhar sobre o telejornalismo local pretende se preocupar com as modificações, tentativas ou mudanças que permitam compreender as escolhas de realização destes processos bem como as perspectivas históricas que podem ou não estar relacionadas com as suas execuções e a própria existência. E quais seriam os percursos da inovação no telejornalismo, há ou não um caminho específico?

### 1.7 Caminhos inovadores no telejornalismo

Ao analisar o percurso histórico, percebemos que a inovação está na essência do jornalismo. Dos manuscritos aos livros impressos com o surgimento da prensa gráfica no século XV até a edição dos primeiros jornais. A fotografia, o rádio, a televisão, o cinema e, recentemente a internet, são meios impactados diretamente por processos inovadores que resultam em uma renovação midiática. A notícia que é a obra-prima do jornalismo tem como objetivo buscar as novidades, e conseqüentemente, incorpora esse espírito inovador (BECKER, 2016). A televisão tem se reinventado e o tradicional tubo de imagens deixou de ser o único aparelho de acesso à informação jornalística. As novas “telas de visão” – computadores, celulares, smartphones e tablets - foram criadas dentro de processos tecnológicos inovadores e proporcionam mobilidade ao jornalismo (EMERIM, 2015).

O Brasil foi o sétimo país do mundo a ter uma emissora de televisão. Os brasileiros conheceram a novidade na década de 1950, e na época, o telejornalismo buscou no rádio o modelo narrativo (TOURINHO, 2010). Em virtude das barreiras técnicas, as notícias eram lidas pelos apresentadores na forma de notas peladas, sem imagem, somente com textos reproduzidos oralmente com uma locução dramática no estilo usado no rádio (BRASIL, 2012). Quando se analisa a trajetória histórica da televisão percebemos a influência das inovações tecnológicas nos suportes, equipamentos e técnicas que possibilitaram a criação de novas narrativas e estruturas produtivas. Em quase sete décadas no Brasil, o meio apresentou formas inovadoras para a produção e a transmissão dos telejornais.

Entre as inovações tecnológicas mais marcantes está a criação de equipamentos como videotape, satélites, rede de micro-ondas, transmissões a cabo e fibra ótica, televisão digital, internet (TOURINHO, 2009; CEBRIÁN HERREROS, 1998). Os satélites, por exemplo, representam uma inovação tecnológica e não tecnológica. Os equipamentos ampliaram a capacidade de cobertura em tempo real e os repórteres precisaram se renovar para desenvolver novas habilidades na narração dos fatos ao vivo (CEBRIÁN HERREROS, 1998). No Brasil o recurso tecnológico chegou entre 1967 e 1972 e permitiu a integração nacional das redes de televisão (TOURINHO, 2009).

No cenário digital, o desafio da televisão é manter-se atualizada para atender as expectativas do público, e por isso, existe uma corrida pela autorrenovação de formatos e linguagens principalmente para a internet. A TV de tecnologia digital é a novidade mais recente nessa abordagem e com as novas possibilidades da digitalização, o telejornal conseqüentemente mudará (TOURINHO, 2010).

Apesar de a tecnologia ser uma poderosa arma propulsora de inovação na comunicação, a história recente do telejornalismo brasileiro comprova que inovar não depende necessariamente de um atributo tecnológico. A quebra de paradigmas e modelos pode potencializar uma inovação e marcar um novo tempo como aconteceu em 1970 quando o Repórter Esso passou a utilizar o enquadramento do tipo plano americano para o repórter, sendo esta uma inovação não tecnológica no campo da composição de imagens (Tourinho, 2009). Outra inovação que fez história do ponto de vista não tecnológico foi o TJ Brasil, telejornal do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) que, em 29 de agosto de 1988, pela primeira vez no Brasil, permitiu ao âncora, na época Boris Casoy, comentar e se posicionar frente ao fato noticiado (Tourinho, 2009).

Mais um marco de inovação não tecnológica na TV Brasileira é visível na história do telejornalismo brasileiro no começo da década de 1990. O SBT lança o Aqui e Agora, um telejornal que usa recursos da dramatização e do sensacionalismo para produzir notícias a partir de fatos policiais. Na mesma década chega ao país o conceito de programação segmentada na TV por assinatura. Em 15 de outubro de 1996 a TV Globo emplaca na TV paga o canal Globo News com a proposta de dedicar 24 horas por dia só com conteúdo jornalístico. O nosso canal nascia com o slogan “a vida real em tempo real”.

Antônio Brasil (2015) alerta que estamos diante do conceito de *TV everything, everywhere, all the time* (tudo, em todo lugar, todo o tempo). É necessário a partir do

conhecimento e da dinâmica da inovação levar em consideração algumas questões propostas por Tourinho (2009) para apoiar as bases de produção de jornalismo para a televisão e entender a evolução dessa plataforma. O jornalista e pesquisador ressalta a importância de se ter em mente porque se inova, quem inova e como se inova. Esses questionamentos possibilitam que um telejornal possa se comprometer com a atualidade, a honestidade com o telespectador e a modernizar o formato e a linguagem.

Tourinho (2009) também faz uma projeção sobre a consequência da inovação na televisão e, logo, no telejornalismo. O atual modo de se ver TV, num futuro, poderá ser o sonho de consumo de quem se cansou de interagir, tomar decisões e operar equipamentos sofisticados (TOURINHO, 2010). Em “Cultura da Convergência”, Jenkins (2010) discute a substituição das antigas pelas novas mídias em meio à revolução digital. As empresas de comunicação precisam estar atentas as velhas suposições do consumo de mídia que devem ser repensadas uma vez que os novos consumidores deixaram de lado a invisibilidade e o silêncio para se tornarem barulhentos e públicos (JENKINS, 2010).

Em resumo, até aqui, a inovação inclusive no telejornalismo, pode ser compreendida pelo viés da novidade, do ineditismo e do aprimoramento de algo anteriormente concebido. Porém, o público é o responsável por confirmar se alguma coisa é nova ou não (ROGERS, 1983). A percepção de uma ideia ou objeto inovador é uma prerrogativa do indivíduo. O pesquisador e professor de jornalismo Antônio Brasil (2015) endossa o pensamento de Rogers (1983) ao argumentar que a inovação precisa ser reconhecida de fato, e como tal, pela sociedade. Brasil (2015) afirma que a inovação deve ter algum valor agregado para apresentar o aspecto do novo e desta maneira não se perder no mercado. O processo inovativo pode ser interpretado com base nos “cinco Cs da inovação” propostos pelo professor do MIT (Massachusetts Institute of Technology), Michael Schrage: criatividade (inclui a criação destrutiva), competição, comprometimento, custo e, principalmente, coragem (BRASIL, A., 2015).

Na indústria midiática as inovações caminham pelas mudanças tecnológicas, mas transitam pela práxis do jornalismo, exigindo uma visão ecossistêmica do ambiente com a participação da sociedade e discussão estratégica nas empresas que produzem notícias (BRUNS, 2014). Na visão de Saad (2016) não há uma fórmula de inovação tecnológica inerente ao jornalismo sendo essencial “considerar que o processo de inovação - seja tecnológico ou econômico-social, não é uniforme e nem globalizante” (SAAD, 2016, p. 4). Historicamente a inovação ocorre em ciclos ligados a fatores

econômicos, científicos e sociais de uma época, e não vinculada especificamente a uma cadeia cronológica de evolução. Tal diagnóstico pode ser feito ao observar as implementações de processos inovadores na indústria da informação que costumam inovar de fora para dentro, terceirizando os processos que não são uniformes (SAAD, 2016).

Como já se enfatizou na introdução da dissertação, este trabalho assumiu o conceito de telejornalismo proposto por Emerim (2019) considerando todo o material audiovisual produzido e distribuído para as diferentes telas e plataformas com vistas a exibição de conteúdo jornalístico (dentro dos preceitos específicos de produção de conhecimento e de conteúdo) a partir de telas de visão. Na mesma direção, então, assume-se como inovação em telejornalismo qualquer novo processo, prática ou produto que estabeleça relações de renovação, de invenção ou de transformação no âmbito do local.

## 1.8 Breves apontamentos sobre a memória da televisão e do telejornalismo catarinense

Uma década depois da inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil<sup>20</sup> é que Santa Catarina daria os primeiros passos para implantar a estrutura de transmissão dentro do território catarinense. Pereira (1992) contextualiza essa linha do tempo a partir da instalação de uma torre repetidora do sinal da *TV Paraná* em Joinville, no norte do estado. No começo da década de 1960, Araranguá e Tubarão, no sul, teriam torres para replicar o sinal da *TV Piratini* de Porto Alegre.

Enquanto a Sociedade Pró-Desenvolvimento da Televisão trabalhava em cima das retransmissões, chegava a Florianópolis Hilário Silvestre, exportador de produtos primários em Tubarão, com um ambicioso projeto: instalar com recursos próprios uma estação geradora de imagens. Aproveitando as movimentações que corriam em torno da televisão, e sendo a Capital catarinense uma das únicas do País sem possuir estação, Hilário não titubeou. Lançou-se com vistas a agilizar, sem dúvidas, uma grande empreitada (AMORIM, 1984, p. 12)

---

<sup>20</sup> A TV Tupi é a primeira emissora brasileira, idealizada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira e inaugurada em 18 de setembro de 1950.

A inédita torre de transmissão de sinal genuinamente catarinense foi instalada pelo empresário de Tubarão em dezembro de 1964 no terraço de um edifício central em Florianópolis. Hilário Silvestre chegou a contratar 14 funcionários, comprar equipamentos e colocar no ar em novembro de 1964, de segunda a sábado, uma programação local exibida entre 18h e 21h, e aos domingos, das 13h às 21h (Cruz, 1994). Contudo, naquela época, poucos lares catarinenses tinham receptores de televisão e nem os chuviscos das transmissões de emissoras de Porto Alegre e Curitiba chegavam até a capital catarinense, o que era uma:

consequência de um inexplicável desinteresse da classe política pelo novo meio, pela atuação de forças ocultas bem identificadas na esfera parlamentar e na estrutura de poder contra o eficiente instrumento e na ausência de empresários do setor empenhados em transformar a atividade num esquema profissional (PEREIRA, 1992, p. 73)

A antena erguida no sul do estado levaria a programação da *TV Florianópolis*, canal 11, para o centro e o bairro estreito na região continental. Desenhos animados, curtas metragem e atrações em estúdio eram transmitidos em uma grade de quatro horas diárias de segunda a sábado, e de oito horas aos domingos (Amorim, 1984).

O telejornalismo da *TV Florianópolis* apenas registrava os acontecimentos locais, estaduais, nacionais e internacionais por meio de um resumo dos fatos em um pequeno noticiário (Amorim, 1994). A primeira emissora de televisão em Santa Catarina era pirata porque funcionava com uma licença prévia e antes da regularização acabou desclassificada em um edital de concorrência pública para abertura de um canal de TV em Florianópolis (Cruz, 1994). Tanto que no dia 09 de março de 1965 chegou uma ordem do Rio de Janeiro para lacrar a TV, mas três dias antes ela estava fora do ar porque um temporal havia derrubado a torre de transmissão (Mattos, 1992)

Em 1969 é inaugurada a *TV Coligadas* em Blumenau, sendo oficialmente esta a segunda emissora de televisão oficial em Santa Catarina, porém legalizada (Emerim; Homrich; Moraes, 2014). A capital só voltaria a ter uma emissora televisiva em 31 de maio de 1970 com a chegada da *TV Cultura*, canal 6, por meio do engajamento da Sociedade Pró-Desenvolvimento de TV.

Ao estabelecer o escopo teórico que permitiu embasar o constructo do trabalho, parte-se no próximo Capítulo para a apresentação do percurso teórico metodológico que

possibilitou estabelecer nesta pesquisa uma metodologia de ação viável para a análise dos objetos empíricos e das questões macro a que esta dissertação se desafiou a realizar.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Os objetos da comunicação de modo geral apresentam níveis de complexidade que desafiam os pesquisadores que pretendem analisá-los. O telejornalismo ou o jornalismo para as telas não foge a regra e com a imagem em movimento articulada aos novos processos de interação digital se configuram como narrativas imbricadas de diferentes elementos, com mistura de linguagens e aspectos que remontam a diferentes suportes tecnológicos. Diante deste contexto, o desafio é ainda maior se a investigação precisa recorrer ao passado tentando restabelecer a história e a memória de produções que fazem parte da história recente. Mesmo essa não está disponível em repositórios ou museus de imagem, visto que a televisão brasileira, principalmente a televisão regional ou local brasileira, não tem espaços de visibilidade de sua trajetória histórica que estão sob tutela das empresas emissoras detentoras dos direitos autorais mesmo sendo elas organizações de concessão pública.

Do ponto de vista da pesquisa científica, embora se encontre a oferta de diversos campos teórico-metodológicos que podem ajudar a compreender o telejornalismo brasileiro, os desafios a que esta pesquisa se propôs não parecem ser fáceis de encontrar um único norte metodológico. Considerando que o **problema de pesquisa** desta dissertação é “o de compreender se os elementos, as situações e os contextos da inovação na produção do telejornalismo local de Santa Catarina e se estas características inovadoras potencializam ou não a compreensão da notícia”, como se pode ver, há muitos desdobramentos que implicam pensar o presente a partir da recuperação de um passado e uma prospecção de um futuro. Quando se quer sistematizar os elementos que constituem a inovação o objetivo é buscar o que faz o produto/programa ser inovador, se são as suas características técnicas, estéticas ou de linguagem. Para saber isto, como já se enfatizou, é necessário restabelecer um percurso pregresso de modo a entender nestes elementos quais surgiram, permaneceram ou se renovaram. Quando estes programas ou emissões mais antigas não estão disponíveis na sua íntegra ou em um espaço específico é necessário buscar outros caminhos para que se possa identificá-los e/ou descobri-los. Na mesma direção não se pode compreender uma estrutura interna de linguagem sem entender o período histórico que está inserido e também os modelos tecnológicos que estavam em funcionamento na época. A este elenco de informações dá-se o nome de situações, pois estes dados permitem situar o objeto da pesquisa

avançando nestes aspectos, a saber, buscando a inovação e o seu percurso de início, meio e fim, chega-se ao contexto que reúne processos sociais, econômicos, tecnológicos e que são impactados pelos elementos internos estruturantes e pelas situações. Todo este conjunto pode ser denominado características sendo que reunindo elementos, situações, contexto e características, temos o mote principal da investigação e que por si só apresenta a necessidade de se estabelecer um percurso metodológico sob diferentes acepções teóricas.

Portanto, o presente capítulo pretende apresentar as escolhas teórico-metodológicas que se mostraram viáveis de serem articuladas para a proposição da presente investigação. Assim como se quer também sustentar a pertinência dos estudos que articulam história pública, telejornalismo, estudo de caso e semiótica discursiva que fundamentam o mapeamento e a discussão entre os campos teórico e técnico que subsidiam o pensar desta investigação ao construir uma proposta necessária para a compreensão destas interligações.

Exatamente por recorrer a diferentes métodos e aportes teóricos é que se assume o termo **metodologia híbrida**, tendo em vista que foi necessário selecionar algumas etapas destas diferentes propostas investigativas e seus subsídios teóricos, de modo a estruturar uma metodologia própria que estabelecesse uma sequência de etapas eficazes para os propósitos da dissertação<sup>21</sup>. É preciso enfatizar que o termo metodologia híbrida não é novo, porém aqui está empregado para explicar a estratégia do processo metodológico desenvolvido para dar conta dos propósitos desta dissertação, aplicados na análise desenvolvida no Capítulo 3.

A seguir o capítulo vai mostrar a revisão de literatura que permitiu recuperar noções de telejornalismo, inovação e tecnologia, bem como os temas adjacentes de linguagem, telejornalismo local e relações sócio culturais. A revisão de literatura é nesta metodologia híbrida mais do que a primeira etapa de um processo de qualquer pesquisa, funciona como um primeiro mapeamento sobre a temática central e os seus desdobramentos e contribui também para que se construísse, posteriormente, as categorias de análise aqui empregadas. Cabe ressaltar que esta **metodologia híbrida** embora tenha sido proposta para dar conta da investigação desta dissertação, acredita-se

---

<sup>21</sup> Cada proposta foi testada em artigos apresentados em eventos ao longo do período de curso do Mestrado. Estes ensaios mostraram a pertinência e a viabilidade desta união de etapas selecionadas de cada metodologia para a construção, então, desta proposta aqui desenvolvida.

que ela possa, também, ser utilizada para outros trabalhos que se proponham a investigar a interface inovação e aspectos históricos.

Na sequência, serão explicadas com mais vagar as etapas do processo metodológico, os referidos aportes teóricos que as sustentam e as etapas que a constituíram.

## 2.1 Etapas do processo metodológico

O jornalismo de inovação aplicado ao telejornalismo está baseado na experimentação de novas tecnologias e no desenvolvimento de linguagens, técnicas ou mudanças dos processos tradicionais que possam produzir conteúdos diários ou eventuais trazendo essa articulação e dando origem a novas propostas (Machado, 2010). Com esta premissa, entende-se que os processos de estudo e análise deste objeto, a saber, o jornalismo de inovação aplicado ao telejornalismo, exige novas propostas diante da natureza complexa e instável da estrutura dessas experimentações.

Como o interesse desta pesquisa está na articulação entre a inovação, a função que os elementos constitutivos inovadores podem assumir em um telejornal local a partir da análise de seus aspectos históricos, a metodologia que se fez pertinente é uma união de diferentes etapas de outras propostas teórico metodológicas, já bem testadas e aprovadas pelo campo. Assim, para uso nesta pesquisa utiliza-se o que aqui se definiu como **metodologia híbrida**, que estabeleceu etapas as quais esta dissertação se estruturou, a partir de cinco fases: Etapa 1 - Revisão de literatura e seleção de categorias de análise; Etapa 2 - Aspectos históricos; Etapa 3 - Pesquisa documental e entrevistas; Etapa 4 - Decupagem e descrição dos materiais audiovisuais coletados; Etapa 5 - Análise e interpretação dos dados.

### 2.1.1 Etapa 1 - Revisão de Literatura e seleção das categorias de análise

A revisão de literatura das produções acadêmicas científicas não só é a primeira etapa de qualquer trabalho científico, mas é um dos fundamentos extremamente

relevantes quando a pesquisa se dedica a um olhar histórico, mais precisamente a observar a história recente. Nesta pesquisa, a revisão de literatura não só trouxe os argumentos a que ela se propõe, como também ampliou sua função oferecendo uma base sólida para o desenvolvimento das categorias de análise. Por isso ela é uma etapa dentro do processo metodológico do trabalho.

Empreendeu-se, então, a **revisão de literatura**, nos repositórios mantidos pela Capes e outros como SBPJor, Compós e Intercom utilizando como ferramenta de busca as palavras chave “telejornalismo”, “inovação” e “tecnologia” pelo período definido para a investigação, 1982 a 2018. Embora se tenha encontrado alguns estudos que articulam essas três palavras-chave, não se identificou trabalhos muito aprofundados e específicos sob a temática aqui proposta: a análise a partir do olhar da perspectiva histórica e a sua relação com a inovação.

Mesmo assim, para se ter certeza do ineditismo do tema e, também reconhecer ou identificar não só propostas metodológicas percursos históricos sobre a época, a revisão de literatura resultou em 1505 trabalhos, entre estes 34,35% em dissertações e teses (de produção nacional) e os outros 65,65% artigos de diferentes repositórios e plataformas tais como revistas científicas, anais de eventos e artigos de opinião publicados em diferentes veículos de comunicação. Um (1) livro, quatorze (14) artigos e quatro (4) dissertações dialogam de forma mais direta com a pesquisa em desenvolvimento, porém como referência e contribuição significativa para este trabalho selecionou-se entre eles (2) dissertações e quatro (4) artigos e um (1) livro.

A dissertação de mestrado de Beatriz de Araujo Cavenaghi (UFSC/2013) intitulada “Telejornalismo local: estratégias discursivas e a configuração do telespectador” analisa o telejornalismo catarinense, traçando um panorama histórico ao identificar e comparar as estratégias discursivas empregadas pelos telejornais produzidos em Florianópolis, exibidos no horário do meio dia, relacionando as características de sua estrutura tais como cenário, apresentadores, vestuário, gestualidade entre outros. Ao discutir conceitos de telejornalismo local e trazer elementos e características estruturais a dissertação auxiliou este pesquisador a entender a evolução desses elementos no período de tempo específico, servindo de base para o mapeamento da inovação e dos elementos constitutivos.

Na dissertação “As funções discursivas da edição no telejornalismo: uma análise sobre as reportagens na cobertura dos atentados em Santa Catarina” o jornalista Lalo Nopes Homrich (UFSC/2015) apresenta uma análise, a partir dos processos de edição

dos programas telejornalísticos com foco no telejornalismo local, tematizando a cobertura jornalística dos atentados a ônibus ocorridos no estado entre 2012 e 2014. Neste estudo, Homrich investigou o impacto da edição de imagens e o papel da tecnologia na construção da informação televisual em notícias de violência. Este trabalho que teve como objeto de estudo os principais telejornais de duas emissoras de referência do estado catarinense trouxe como contribuição a essa pesquisa o mapeamento dos processos produtivos e dos elementos de construção de sentido que auxiliaram a sistematização de elementos estruturantes das notícias locais, pois as conclusões da dissertação são válidas para a compreensão e a diferenciação da produção telejornalística regional catarinense.

Alfredo Vizeu e Tenaflae Lordêlo (2011) analisam o uso de recursos computacionais e as novas mídias no telejornal Jornal Nacional no artigo intitulado “Telejornalismo e Tecnologia: Uma análise das tendências no Jornal Nacional” apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2011. Para os autores, os meios tecnológicos têm muita influência e presença no jornalismo de TV. A tecnologia permite uma maior colaboração dos jornalistas da emissora no Brasil e no exterior, assim, como a participação dos telespectadores de forma mais proativa. Este texto contribuiu para auxiliar na identificação de recursos computacionais comuns aos telejornais bem como as formas de interação e participação do público promovidas pela tecnologia em programas de telejornalismo.

Em artigo apresentado no 9º Encontro Nacional de História da Mídia (ALCAR) intitulado “As mudanças na bancada do Jornal Nacional” de autoria de Letícia Moreira Cardoso, Sabrina Henriques Chinelato e Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF/2013), apresenta uma cronologia histórica do programa telejornal, e do jornal em questão, relacionando o contexto sócio cultural e as possíveis motivações que levaram o principal telejornal da emissora líder de audiência no país, a TV Globo de Televisão, a fazer mudanças no formato e na apresentação. O trabalho teve como contribuição o percurso histórico empreendido bem como a justificativa e a fundamentação que, oriundas do contexto social e a relação com as próprias dificuldades tecnológicas, vigentes no período, potencializaram as etapas de análise e a formulação de categorias de estudo.

O artigo intitulado “Apontamentos históricos sobre o telejornal Bom Dia Santa Catarina” de autoria de Cárilda Emerim, Lalo Lopes Homrich e Áureo Mafra (UFSC/2014), foi fundamental a presente pesquisa tendo em vista que tematizou o

mesmo objeto empírico e ainda proporcionou uma parte da história do programa trazendo uma cronologia deste que é um telejornais mais tradicionais do estado. Outra contribuição foi o uso de ferramentas da história oral articuladas com a técnica de entrevista jornalística para restabelecer a história recente do programa e de alguns de seus realizadores, passando pelas transformações estéticas e de linguagem ocorridas ao longo de trinta e seis anos.

Carlos Alberto Moreira Tourinho, jornalista que trabalhou durante 34 anos com telejornalismo tornou-se referência na pesquisa em telejornalismo no Brasil e na investigação da transformação tecnológica no campo da comunicação, por isso um de seus livros também serviu de aporte. Tourinho dedicou a maior parte de seus estudos à análise da inovação no jornalismo de televisão, tanto que entre as suas produções estão um artigo e um livro que foram fundamentais e contribuíram diretamente para a pesquisa. Na obra “Inovação no telejornalismo: o que você vai ver a seguir”, resultado da conclusão do curso de especialização em economia para jornalistas e comunicadores institucionais da Universidade Federal do Espírito Santo, Tourinho (2009) percorre a história da inovação na televisão brasileira para entender as mudanças nos telejornais. A partir desse percurso histórico, o trabalho ajudou a aprimorar a análise de como outros gêneros da própria televisão são utilizados para manter a audiência e a relevância do telejornalismo local. No artigo intitulado “Telejornalismo: em busca de um novo paradigma”, publicado em 2010 na revista Estudos em Jornalismo e Mídia, o pesquisador amplia o que trabalhou no livro, analisando a transformação do telejornalismo a partir da inovação, identificando e descrevendo as novas características da televisão com destaque para o modelo de digitalização. O autor relaciona a expansão e o crescimento da internet para ampliar as possibilidades de interação e convergência com o telejornalismo, possibilitando resgatar tal caminho e aplicá-lo a esta pesquisa. Os trabalhos foram fundamentais para a conceituação da inovação e, conseqüentemente dos paradigmas enfrentados no telejornalismo, especialmente nos recortes para aprofundar a investigação dos aspectos já descritos.

Cebrián Herreros (2003), estudioso e professor de jornalismo da Universidade Complutense de Madrid, especialista em jornalismo audiovisual, faz uma analogia entre as redes essenciais na rotina de uma comunidade. O pesquisador afirma que as redes de comunicação estão integradas na vida social como as de água, luz, gás e telefone. Neste contexto, o autor classifica a televisão como um sistema de comunicação peculiar, singular e de transmissão direta dos acontecimentos marcantes da sociedade. É um meio

que exerce um fascínio expositivo superior a qualquer outra forma de comunicação com características que envolvem os telespectadores, os protagonistas ou testemunhas dos acontecimentos, a visão e interpretação dos fatos pelo repórter, as várias abordagens e os diferentes ângulos da notícia. Além disso, existe a percepção do público sobre as narrativas dos fatos que enquadram distintas vertentes sociais, geográficas e os múltiplos alcances que o tem o telejornalismo gerando repercussões dos assuntos em conversas familiares, rodas de amigos e mexendo com a opinião pública.

A informação televisiva não está isolada dos processos sociais e, sim, inter-relacionada a eles a partir do momento em que exerce influência direta na sociedade e vice-versa (Cebrián Herreros, 2003). O autor destaca ainda que o quadro territorial televisivo passou por transformações ao longo do tempo, as tradicionais estações de televisão internacionais e nacionais abriram espaço para a regionalização das coberturas. Em suma, os assuntos de um determinado ambiente geográfico ganharam espaço ampliado por meio da programação telejornalística local. É preciso deixar claro ainda que, em meio a esse processo, a televisão seguiu nos trilhos da inovação técnica, modernizando modelos organizacionais e renovando a forma de produção e tratamento do conteúdo jornalístico, segundo o autor.

Outra estudiosa aqui trazida que se dedica ao jornalismo regional e local, é Meneses que ressalta ser o jornalismo local “uma ideia de um ‘jornalista atuante, pois é o lugar onde se dão as relações sociais e que diferencia as pessoas no mundo global” (MENESES, 2015, pág. 78). Nessa direção, a autora afirma que não dá para supor que as pessoas querem assistir aquilo que não faz parte do cotidiano delas, e sim, querem enxergar o que acontece à sua volta.

Como observado, a revisão de literatura evidencia ao mesmo tempo trabalhos pontuais que dão conta da complexidade temporânea das relações entre telejornalismo e telejornalismo local, produção de conteúdo, manipulação tecnológica e efeitos de sentido que reverberam tanto do ponto de vista social, econômico e político quanto das relações que estabelecem com a história e a memória da sociedade. É preciso ressaltar que as mídias audiovisuais constituem-se o elemento de maior acesso a uma grande maioria da população brasileira (e, diga-se de passagem, em várias regiões do mundo) a realidade e aos fatos que interferem ou impactam na vida de cada um. É também através do audiovisual que populações de periferia com baixa escolaridade e precárias condições financeiras acessam o mínimo de entretenimento e informação, sendo ainda hoje a mídia tv aberta a mais acessível a 80% deste tipo de população.

Diante do exposto e articulando com o que se encontra nos repositórios a partir da revisão de literatura percebe-se que embora se encontrem estudos históricos sobre o telejornalismo local não há elementos que aprofundem as relações entre o telejornalismo local e a inovação percebendo o período histórico vivenciado e o desenvolvimento tecnológico deste mesmo período. Por isso, pode-se afirmar que existe um vasto e fértil caminho a ser percorrido no estudo prático da inovação no telejornalismo para aprofundar as pesquisas acerca do tema. Além disso, no triângulo entre inovação, história e telejornalismo é percebida uma lacuna de estudos para compreendermos melhor o papel da inovação no processo produtivo do telejornalismo local e a função atribuída aos elementos inovadores para melhorar a performance no que tange a compreensão da notícia.

No telejornalismo local de Santa Catarina, o programa Bom Dia Santa Catarina, objeto empírico da presente pesquisa, tem pouco mais de 39 anos. Foi com a revisão de literatura que se conseguiu mapear o campo de estudos desenvolvido sobre a temática como também uma espécie de lista ou roteiro sobre os principais elementos inovadores que aparecem ao longo do período estudado, a saber, de 1982 a 2018.

Portanto, este aprofundamento evidenciou os caminhos necessários para as novas possibilidades e abordagens, enfatizou os esgotamentos temáticos e permitiu um levantamento sobre diversos elementos, técnicas e processos inovadores. Nesta etapa, por exemplo, se conseguiu identificar o percurso histórico de implantação e de desenvolvimento da inovação nas produções do telejornalismo local, com as pistas sobre algumas de suas motivações. Além disto, se apreendeu a necessidade de não só tentar recuperar os materiais em vídeo do arquivo da emissora como a realização do estudo sobre os espelhos do telejornal (somente os mais recentes gerenciados no software Inews), trazendo a obrigatoriedade desses olhares para conseguir compreender a história do Bom Dia Santa Catarina (objeto empírico da pesquisa) e os reflexos no telejornalismo local. E aqui se percebeu a dificuldade de reunir tais materiais e que a pesquisa não poderia contar apenas com as produções audiovisuais encontradas.

### 2.1.2 Etapa 2 - Aspectos históricos

Para a realização deste estudo a principal angulação está na abordagem histórica da construção dos elementos de inovação no telejornalismo local catarinense, pois olhar

para o passado possibilita entender se algo é ou não novo, e se há algo que possa constituir um novo paradigma. A dificuldade de construir um corpus sobre os restritos materiais audiovisuais encontrados, principalmente entre 1982 e 2000, exigiu a busca de escopos mais amplos, e a perspectiva da História Pública foi fundamental.

Para se estudar o telejornalismo na perspectiva que se propõe a este trabalho é necessário ter acesso ao que já foi feito, porém o Brasil não tem legislação que defina para os conteúdos audiovisuais um regime de arquivamento tal como ocorre com os livros e jornais sistematizados e registrados via Biblioteca Nacional. Se quisermos descobrir imagens do primeiro telejornal exibido no país, é preciso torcer para que alguém tenha publicado fotos no *Youtube* (lembrando que os telejornais eram ao vivo, produzidos em filme cinematográfico e sem possibilidade de gravação). Porém, mesmo depois que o videotape foi implantado nas emissoras brasileiras e a capacidade de gravar, editar e arquivar materiais tornou-se uma facilidade, este processo de arquivamento não era realizado pelas empresas.

A maior parte das emissoras, além de reutilizar as fitas de gravação apagando as produções do dia e, assim, de determinados períodos, também não se preocupavam em construir uma memória audiovisual de seu próprio legado, materiais que pudessem ser acessados a qualquer tempo no futuro. Cabe ressaltar que algumas emissoras, em particular, TV Globo, TV Manchete e Record TV, possuem muito material em arquivo que possibilita uma gama infindável de pesquisa em materiais imagéticos. Estes materiais, no entanto, não são de acesso público, ficando o uso restrito às demandas internas destas emissoras ou, muito raramente, a liberação de pouquíssimos frames para um ou outro pesquisador, que tem que se submeter a um número de regras e restrições, além de ingerência dos gestores sobre as pesquisas. Quando se fala em telejornalismo local ou regional a situação é muito mais difícil, pois além do videotape ser implantado muito tempo depois que ocorreu nos grandes centros de produção, o arquivamento de partes dos conteúdos só foi implantado depois do fim do processo analógico de transmissão e produção de telejornalismo, seguindo, assim o “mau hábito” das emissoras de não guardar todas as suas imagens para a construção de arquivos.

Assim, diante da prática comum de não se ter arquivos de acesso público das produções televisuais de modo geral e, principalmente, de telejornalismo diário, o desafio a que esta pesquisa se deparou foi o de como conseguir entender os aspectos históricos da inovação se não teria suporte material para a verificação e identificação? É neste âmbito que se recorre à História Pública inspirada em Liddington (2011) e Albieri

(2011). A História Pública é uma técnica de apoio importante que permite uma forma democrática de abordagem com a possibilidade de diversificação de fontes garantindo a amplitude da pesquisa. A escrita deixou de ser a única forma de contar a história em meados da década de 1960 quando se levantou a possibilidade de abordagens quantitativas de outras formas de expressão para fins de registros históricos. Fotos, vídeos, documentos, áudios são algumas das bases para uma investigação histórica.

Para o historiador, o arquivo é um recurso fundamental para reconstruir a trajetória da imagem como fonte histórica. As fotografias, por exemplo, registram ângulos de visão, descrição, conhecimento, imaginação, lembranças e fantasias contextualizadas sobre um fato. Contudo, existe a necessidade de preservação substancial das fontes para composição historiográfica como registros orais, visuais e sonoros.

Para tanto, devemos observar com precisão como essas fontes se inscrevem na pesquisa histórica. As fontes orais e visuais tomadas como fontes de memória, associam-se aos processos de rememoração na elaboração de narrativas sobre um determinado tempo e espaço passado. (MAUAD, DUMAS, p. 83)

No campo acadêmico, de tempos em tempos, há disciplinas que se abrem a novas possibilidades e perpassam pelo encantamento e pelo estranhamento concomitantemente. Este é o caso da História pública que tem se mostrado uma técnica fundamental no auxílio do restabelecimento dos processos históricos. Diante da falta de incentivo aos estudos da história, a dificuldade com que os brasileiros e os governos do país sempre tiveram em preservar a memória e os objetos históricos, o desenvolvimento desta técnica reforça, com muito mais ênfase, o papel da história na cultura e nas práticas cotidianas.

Portanto, não se trata apenas de tornar o passado útil ao presente, mas de estabelecer ferramentas que permitam o estudo aprofundado de todos os aspectos que envolvem as experiências do que já se viveu. A História Pública tem como princípio a preservação da cultura material como um caminho para a humanidade refletir sobre a própria história, dar uma função ao passado, além de sua própria existência. Albieri (2011) entende que o interesse histórico está entrelaçado às demandas de movimentos e grupos sociais, levantando questões na investigação histórica no que concerne ao acesso e os limites entre o que é do público e do privado. Caso, por exemplo, dos acervos dos materiais resultantes de concessões públicas que são gerenciados por emissoras de

televisão como domínio particular. Referendando a esta premissa, Lima e Fonseca (2016) percebem a história pública a partir da produção de múltiplas leituras sobre conhecimento científico em História e representações em filmes, documentários, novelas, desfiles de escolas de samba, música e teatro.

Para Liddington (2011) a história pública é como um guarda-chuva capaz de abrigar as mais variadas formas de história popular por meio da oralidade, dos estudos aplicados ou de patrimônio e, partindo desse princípio, qualquer pessoa é um potencial historiador público, pois traz elementos que podem ajudar a elucidar as questões no complexo emaranhado de traços e memórias. A história pública “é menos sobre “quem” ou “o que” e muito mais sobre “como” ”(LIDDINGTON, 2011, p. 50), pois compreende a importância do processo de acontecimento ou realização com seus desdobramentos nos diferentes aspectos. A História Pública é um instrumento para explorar e apresentar conhecimento, reverenciar, esclarecer, empoderar e politizar (ZAHAVI, 2011).

Mauad e Dumas (2011) propõem dois conceitos-chaves para a história pública. Um deles é a memória como construção social para a formação da imagem dos processos de constituição da identidade individual, coletiva e nacional. A memória emerge dos limites do senso comum abrindo um leque de avaliação crítica da história e trazendo aspectos que podem ser cotejados a partir de outras técnicas articuladas, como da história oral, por exemplo. O outro é a intertextualidade compreendida como campo de significação a partir dos resultados de práticas sociais sujeitas às disputas e conflitos próprios ao trabalho de memória. Ainda sobre a memória, Marialva Barbosa enfatiza:

Se a memória pode ser considerada uma presença viva e ativa dos sujeitos que produzem falas como resultados de traços materiais, mas também como materialidade de seus lugares de pertencimento, podemos dizer que a memória é generativa da identidade, ao mesmo tempo em que a identidade é memória em ato (BARBOSA, 2007, p. 82).

Ainda, segundo Mauad e Dumas (2011), uma narrativa de história pública pode ser estruturada em cinco níveis: narração, áudio, imagem, sobreimagem e trilha sonora. A perspectiva da Narração está ligada aos dados analíticos e interpretativos de fontes primárias e secundárias, incluindo o enredo. O áudio corresponde à seleção de trechos citados em entrevistas, sendo elas a partir das modalidades que mais interessam e potencializam a investigação.

Em relação à imagem esta é caracterizada pela visualidade com apresentação das fontes que podem ser gravadas em vídeo, por exemplo, durante a realização de uma

entrevista. Diferente e interessante é a definição da sobreimagem que complementaria os espaços abertos e não preenchidos dos níveis anteriores como se fossem legendas de identificação de entrevistados a partir de materiais produzidos por outros no entorno dos objetos, tais como referências bibliográficas ou materiais de pesquisa documental.

O nível da trilha sonora é a valorização da dramaticidade e dos materiais sonoros e imagéticos, dimensões de atenção do espectador na compreensão do argumento. É por isso que Meneses (2016) atribui à história pública o conjunto de interpretações sociais oriundos da vivência e dos sentidos historiográficos.

É portanto a compreensão (a busca compreensiva) que move interesses e formas de expressar a história. Qualquer indivíduo na sociedade contemporânea acessa as interpretações do passado, a qualquer hora e lugar: basta ligar o rádio, a televisão, o computador, ver um filme, abrir um jornal. (MENESES, 2016, p. 328)

Há também uma outra dimensão que embora não esteja restrita a esta vertente, a ela se direciona como o que aponta Santhiago (2011) ao entender por história pública como o emprego de ações para difusão pública de um trabalho, podendo utilizar-se, por exemplo, da articulação com as propostas técnicas e de aplicação a partir da história oral:

Corporificada em programas de rádio e TV, em áudio e vídeo-documentários, em arquivos públicos, em web sites e museus virtuais, e em mais uma miríade de formas, esta associação se mostrou bastante frutífera e foi central para a configuração de dois campos em um plano internacional. (SANTHIAGO, 2011, p. 97)

Nessa direção, a história pública como técnica permite e facilita o restabelecimento do passado como parte da linha cronológica de uma realidade porque ela se consolida como um importante instrumento para se reconstruir um período temporal, utilizando-se de documentos, depoimentos, registros ou fragmentos materiais advindos de cartas, biografias, material de imprensa, panfletos, propagandas, recorrendo aos resultados das produções e registros sociais na crença de que são pistas da memória histórica de um período e que precisam ser preservadas e servir de arquivos para o futuro:

As representações do passado através das linhas do tempo são apenas o sintoma de um tipo de história que está sendo considerado: uma história absoluta,

verdadeira, que pode retomar o fio da meada da narrativa do passado. (BARBOSA, 2016, p. 128)

Barbosa (2007) parte do pressuposto de que a visualização do passado é possível a partir de várias vertentes e a reconstrução dele será sempre movida por um discurso carregado de significados. A “tarefa da história não é, pois, recuperar o passado tal como ele se deu, mas interpretá-lo”, (BARBOSA, 2007, p. 13). Sendo assim, o papel do pesquisador é desdobrar o implícito em explícito, tirar o secreto da sombra e dar coerência a um período histórico. Ainda, para a autora, o jornalismo é um guardião provinciano e um produtor de história no sentido narrativo, e serve como fonte para os estudos históricos. Sendo assim, a reflexão sobre a comunicação é enriquecida quando se pensa historicamente a partir da percepção do tempo e das ações do ser humano “afinal, a vida é um ato de historicidade” (BARBOSA, 2016, p. 131).

Nessa direção, é importante e necessário resguardar a trajetória das mídias, em especial do telejornalismo no Brasil, em face da escassez de arquivos para se recorrer e permitir o entendimento dos percursos históricos dos atos, produtos, sistemas e cultura do jornalismo televisivo. Depoimentos e materiais audiovisuais ajudam a recontar essa história e a compreender o processo de veiculação noticiosa na televisão. Há de se reconhecer, ainda, a relevância dos gêneros televisivos para a sociedade. As novelas movimentam milhões de reais na economia e pautam, a partir do viés do entretenimento, discussões sociais contextualizadas em enredos de ficção, como já apontaram vários grupos de estudos como os da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Em outro patamar, está o telejornal com a obrigação de informar e trazer à tona um recorte da realidade para ser discutido, registrado e cobrado.

Construir a história da imprensa é, pois, fazer o mesmo movimento da “escrita da história”. É perceber a história como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão da natureza muitas vezes política (BARBOSA, 2007, p. 15)

O jornalismo se ocupa com fatos e acontecimentos como um conjunto de referências para compreender e historicizar a sociedade permitindo, assim, a preservação histórica das narrativas por meio de registros fonográficos, visuais, impressos, entre outros. “O passado funciona como nutrição de uma identidade singular e a longevidade, muitas vezes, é apresentada como signo de distinção, de aproximação daquela instituição da própria história do país.” (BARBOSA, 2016, p. 131). Nesta

direção, os estudos em comunicação ajudam a estabelecer a conexão entre o passado e o presente da imprensa em um aspecto regional, local, nacional e internacional. No âmbito do telejornalismo, a análise histórica permite entender melhor as práticas profissionais e articular sugestões de novos modelos de telejornais com base na tríade de processos, gestão e conteúdo.

A escolha por trazer a história pública neste trabalho é o fato de que os protocolos de estruturação de análise agregando jornais, fotografias, depoimentos orais ou videográficos, registros da imprensa de modo geral, cartas particulares, biografias e uma gama enorme de outros materiais e elementos são eficientes e correspondem aos critérios científicos exigidos pelo campo. Assim como, a reunião destes como elementos de “bibliografia” reconhecidos ajudam a representar uma época e potencializar a compreensão sobre os aspectos históricos pertinentes ao conjunto de traços que completam o contexto em torno dos objetos. Diante da operacionalidade da História Pública e suas ferramentas, ainda se tinha outra dificuldade: os períodos nos quais não se tinha registros em áudio ou em jornais/revistas. Neste aspecto, foi necessário recorrer a outras técnicas de pesquisa.

### 2.1.3 Etapa 3 - Pesquisa documental e entrevistas

Em 1982, na estreia do Bom Dia Santa Catarina produzido pela então RBS TV SC, o jornal impresso de maior circulação e referência em Florianópolis era “O Estado”, fundado em 1915 e que deixou de circular em 2009. O periódico, concorrente do Grupo RBS, não publicava informações sobre a veiculação do novo telejornal catarinense que entrou no ar naquela década. O primeiro impresso da RBS circular no estado foi o Diário Catarinense em 1986, portanto, quatro anos depois da estreia do BDSC. Em buscas realizadas nas edições do Diário Catarinense não foram encontrados conteúdos publicados relacionados ao BDSC e que pudessem servir como base para reconstrução da memória histórica do telejornal.

Neste ponto, os recursos ofertados pelas ferramentas da História Pública já não eram suficientes, sendo necessário buscar outros métodos e técnicas para compor o escopo de análise e contextualização histórica. Foi então que surgiu o Estudo de Caso, mais precisamente com as etapas técnicas de pesquisa documental e entrevistas. Estas pesquisas focaram nos documentos existentes de posse dos envolvidos no processo, ou

seja, os realizadores. Buscou-se subsídios nos repórteres, repórteres cinematográficos, apresentadores, gestores ou outros profissionais que pudessem contar, narrar suas experiências e memórias sobre os períodos por eles vividos no programa Bom Dia Santa Catarina, o que, também, acabou ajudando a constituir um pouco mais sobre o período histórico e a produção de telejornalismo local. Do ponto de vista do Estudo de Caso, cujo livro referência tem sido o de Robert K. Yin, ele foi utilizado para que dois processos pudessem ser executados: a escolha da unidade de análise e o protocolo oriundo do projeto de pesquisa como planejamento macro do processo.

O protocolo é mais do que um questionário ou instrumento. Em primeiro lugar, o protocolo contém o instrumento, mas também contém os procedimentos e as regras gerais a serem seguidas no uso do protocolo. (YIN, 2010, p. 106)

Nas Ciências Sociais Aplicadas, todas as investigações sobre mídia e, principalmente, sobre televisão, sofrem certa desconfiança e precisam certificar-se, rigorosamente, de suas escolhas teóricas e metodológicas. Neste aspecto, a forma como sugere confrontar as variações com os componentes preexistentes na hora de definir o caso ou a unidade de análise a ser examinada, resolveu a condição de fragmentação do corpus bem como permitiu estabelecer um rol de características que serviram de roteiro para a sistematização e posterior análise. O material se mostrou difícil de ser coletado, e pela natureza que se apresentou, seu escopo pode estar relacionado ao que Robert Yin chama de evidência, para a qual ele aponta pelo menos seis fontes. É preciso entender que:

[...] um objetivo importante é coletar os dados sobre os eventos e os comportamentos humanos verdadeiros. Esse objetivo difere (porém, complementa) do objetivo típico do levantamento: captar percepções, atitudes e relatórios verbais sobre os eventos e os comportamentos (não a evidência direta sobre os eventos e os comportamentos). (YIN, 2010, p. 124)

Assim também as técnicas de entrevista e de pesquisa documental que subsidiaram a busca por materiais externos ao objeto empírico, mas que traziam os dados sobre o contexto sócio-cultural, tecnológico, econômico e político, permitindo estabelecer uma linha de tempo cronológica e contextual. E deram suporte para que a

técnica oferecida pela História Pública pudesse ser articulada junto ao objetivo macro de entender além do produto.

Para a realização das entrevistas foi necessário estruturar um elenco de atos preparatórios, afinal, o objetivo era buscar aspectos cuja lacuna pública é enorme. E, na realidade, tratava-se de ouvir relatos de vivências, que, sabe-se, vem integrado de percepções e lembranças específicas. Por isso, ao programar as entrevistas, que foram realizadas de forma aberta, foi necessário submeter-se à agenda do entrevistado, estar atento para respeitar o protocolo de questões previamente estabelecidas - apenas para conduzir o relato - e observar mais do que interagir. Afinal:

[...] ao observar as atividades da vida real, você está invadindo o mundo do sujeito estudado, não o contrário; sob essas condições, você é quem tem que tomar providências especiais, ser capaz de agir como observador (ou mesmo como participante -observador). (YIN, 2010, p. 111)

As entrevistas com realizadores foram essenciais para o processo de tentar restabelecer o período histórico das práticas produtivas, dos elementos tecnológicos empregados e o contexto das mudanças estéticas, técnicas e de estruturas do fazer. Tais dados não estavam ofertados em outros documentos. Outra grande contribuição das entrevistas foi a indicação de documentos técnicos que poderiam ser encontrados tanto em bibliotecas quanto junto de registros da emissora responsável pelo programa, no setor de uso dos repórteres cinematográficos, pois são materiais de arquivo obrigatório por lei, assim, a pesquisa documental em cima deste material, trouxe mais efetividade aos achados e ao cotejo entre os dados.

Esta articulação resolveu a falta de memória escrita e/ou imagética e de arquivos audiovisuais completos junto ao Setor de Arquivo da NSC, como já se apontou antes. Assim, foi através de entrevistas com realizadores da época, que possibilitou que se conhecessem alguns detalhes, recuperando traços do fazer e do ser telejornalista local. Não se pode furtrar de explicar que esta parte das entrevistas permitiu localizar outros documentos - antes não revelados - sendo necessário retornar a bibliotecas públicas e refazer o processo de pesquisa documental em jornais, revistas e outros materiais citados pelos entrevistados como livros biográficos de edições restritas ou até mesmo documentos de relatos técnicos disponibilizados pelos próprios entrevistados. Foi o estabelecimento deste protocolo que permitiu o cotejo de dados e, assim, aprimorou a

busca pelos aspectos pelos quais se pretendia debruçar e trouxe mais certeza e confiabilidade na coleta destes dados, afinal, tratava-se de um objeto único: o programa Bom Dia SC.

Os resultados desta fase puderam subsidiar conteúdos de aspectos históricos fundantes ao trabalho apresentados nos capítulos 1 e 3. E, muito embora o que se encontrou e mapeou foi de interesse de restabelecer a história de um programa, é possível afirmar que ela contribuiu, também, para entender o telejornalismo local como um todo. Os dados achados trouxeram elementos constitutivos dos fazeres e práticas e, assim, auxiliaram a fazer o percurso cronológico de processos de inovação e suas causas e consequências.

De posse dos resultados e o mapeamento de seus aspectos históricos e sociais, abriu-se a questão de como entender o funcionamento, a função de cada elemento neste processo inovador. E é aqui que a necessidade de olhar para o programa e seus fragmentos exigiu trazer uma metodologia que pudesse esmiuçar aqueles produtos. Uma parte do processo de análise semiótica pareceu importante e encaixava na perspectiva do que se queria analisar e, por isso, a metodologia de análise desenvolvida por Emerim com base na Semiótica Discursiva foi apropriado, aqui, como uma etapa metodológica da pesquisa.

#### 2.1.4 Etapa 4 - Descrição e decupagem dos materiais audiovisuais coletados

A quarta etapa compreendeu a elaboração do protocolo de estudo com a decupagem e descrição dos materiais audiovisuais coletados e selecionados para relacioná-los aos processos de inovação. Para tanto, partiu-se das características e classificações propostas por Tourinho (2009) e por Emerim (2012), que têm em comum a proposição da distinção entre os termos elementos inovadores tecnológicos e elementos inovadores não tecnológicos, que servem operacionalmente para categorização dos materiais e achados desta pesquisa. Eles indicam, cada um a seu tempo e a seu termo, que esta distinção se faça por meio da estrutura verbal, visual, logística e narrativa. Nesta pesquisa, em especial, foram considerados como proposições de análise o formato do telejornal e os recursos tecnológicos na apresentação

audiovisual como **elemento de novidade**; interação entre apresentador e repórter nas entradas ao vivo como **método produtivo**.

Tal escolha permitiu selecionar e analisar um primeiro aspecto do corpus e, depois, dar sequência à análise sobre aspectos inovadores baseados nas propostas de Emerim (2012), inspirada nas categorias trazidas pela análise Semiótica Discursiva em seus aspectos expressivos, condições e traços de inovação em telejornalismo, aplicando assim uma divisão em termos de enquadramento, plano, cenário, visualidade e rotina produtiva. Mas, antes mesmo de entrar nesta parte mais descritiva da análise, é preciso lembrar que foi empreendido um percurso de restabelecimento histórico do telejornalismo local, passando pela emissora RBS TV, hoje NSC TV, e também do próprio programa, utilizando assim a técnica da História Pública com o intuito de comparar as características de inovação de forma cronológica e de estabelecer uma linha do tempo, o que permitiu trazer as diferenças, as excentricidades, idiossincrasias ou similitudes no formato, na linguagem e exibição/apresentação do produto ao longo dos 36 anos analisados.

Como se pode ver, a articulação destes processos diferentes que se configuraram nesta proposta de uma metodologia híbrida permitiu verificar tais elementos com mais eficácia e eficiência, reiterando a pertinência desta escolha para o desenvolvimento da pesquisa.

Para sustentar tal desenvolvimento recorreu-se às propostas teóricas da semiótica discursiva cujos, de modo geral, se aplicam à compreensão dos efeitos de sentido produzidos e de seus processos de engendramento em torno de ações, produtos, perfis, obras, entre outros das mais diversas origens e suportes. Neste trabalho, o arcabouço teórico da Semiótica vai subsidiar um recorte específico de um modo de análise, da etapa que se dedica a descrever e analisar os processos expressivos postos em cena para que as produções dos programas apresentem seus conteúdos. Assim, não se trata aqui de fazer uma discussão original nem de avançar no campo da teoria, mas, apenas explicitar, a partir de autores mais contemporâneos, o que trazem para apresentar os pressupostos básicos e as escolhas metodológicas já descritas por eles e selecionadas para operacionalizar o trabalho.

A Semiótica difundida amplamente como teoria e ciência na Europa e nos Estados Unidos a partir da década de 1960, pode ser conceituada, partindo de Ramalho e Oliveira (2009) e Emerim (2012; 2020) por uma ciência passível de subsidiar a investigação de todas as linguagens e fenômenos capazes de produzir significação e

sentido, como também descreve Santaella (2012). Nöth (1995) parte desta mesma premissa complementando que a Semiótica possui também como base científica os processos significativos que se dão na natureza e na cultura. Os estudos abarcados pela Teoria Semiótica têm como evidência de investigação os sistemas ou processos de significação como a linguagem verbal, dos números, da vida, das leis e da estética (PRATES, 2000).

Neste aspecto, Emerim (2017) pondera que “A semiótica se preocupa em organizar metodologias que permitam articular produção e reconhecimento dos sentidos, considerados os diferentes sistemas culturais e sociais em que essas instâncias estão inseridas” (p. 122).

No trabalho de Emerim (2020), a proposta de empregar a Semiótica discursiva para analisar o telejornalismo iniciou em 1998 e, desde então, ela tem se dedicado a refletir sobre o roteiro ou a proposta de análise criada, empreendendo testagens e aprofundamentos que possam dar conta das especificidades do meio, mas partindo de sua gramática de produção. Como a semiótica parte do pressuposto de que há elementos constitutivos que organizados em sistemas permitem a análise de seu processo de produção de sentido (Duarte (2000); Ramalho e Oliveira (2009) e Emerim (2012), na perspectiva do jornalismo e, especificamente, do telejornalismo, ficou cada vez mais evidente que a concepção de gramática telejornalística permitia organizar e operacionalizar com mais efetividade as análises em telejornalismo, como explica a autora. Mais ainda, segundo a pesquisadora, esta proposta não se constitui apenas de um processo descritivo dos modos de articulação e estabelecimento de relações, mas também se propõe a compreender o contexto de produção e os modos de circulação e reconhecimento – que podem ser apreendidos a partir do estudo do texto que o constitui – o televisivo, televisual.

Porém, sem perder de vista que se trata de uma articulação constante entre o televisual e o jornalismo, os preceitos que fazem com que os produtos telejornalísticos sejam únicos - com a função social para o público e pelo público, com qualidade e respeito a realidade - ética profissional que tem como resultado o reforço sobre a credibilidade do que se diz e de como se diz. Contudo, é fundamental ressaltar que no caso de análises em telejornalismo “não se pode ficar restrito aos limites do texto” (EMERIM, 2010, p. 10).

Entende-se aqui por gramática “a descrição dos modos de existência e de funcionamento de qualquer língua natural ou, eventual e, mais amplamente, de qualquer

semiótica” (GREIMAS, COURTÉS, 2016, p. 239). No caso específico do telejornalismo chama-se de gramática televisiva ou televisual os suportes da imagem eletrônica, videográfica, tecnologias envolvidas no processo de produção e transmissão tanto analógicos quanto recentemente digitais.

Em relação a gramática televisiva, apropriando-se de condutas e formatos oriundos de outros meios, (como o cinema, com suas noções de plano, tomada, eixo de gravação, cena, cenário, estúdio, sequências, entre outras), deles se diferencia pelo seu próprio desenvolvimento tecnológico e o suporte da imagem eletrônica e/ou videográfica, seja ela analógica ou digital. (EMERIM, 2017, p. 49)

Esta gramática televisiva é resultado da linguagem própria desenvolvida pela televisão e inspirada em formatos de outras produções visuais. Compreende-se aqui como linguagem televisual os termos técnicos ou culturais como cores, composição de cena, velocidades das mudanças, regras produtivas, edição, enquadramentos, etc (EMERIM, 2017). A semiótica é uma análise empírica de caráter teórico-prático, levando em conta as gramáticas específicas de qualquer produto jornalístico, modalidade de mídia ou suporte de transmissão.

Por suporte de transmissão definem-se televisão, internet, radiofrequência, papel, etc.; e, por tipos de mídias, a televisão, o rádio, o jornal/a revista o impresso, o online. E, ainda, por gramática específica aquelas que engendram regras, possibilidades e restrições que o suporte e os tipos de mídia permitem produzir. Por isso se chamam gramática fotográfica, gramática televisiva, de impresso (que inclui, por exemplo, diagramação, os elementos do design, cores, tipos de letras/fontes), videográfica, cinematográfica, enfim. (EMERIM, 2017, p. 3)

Neste aspecto é importante compreender como o telejornalismo vem configurando seus textos-programas e seus produtos para dar conta das convergências midiáticas, do compartilhamento em tempo real, do público produtor de conteúdo, da televisão interativa e dos novos suportes e plataformas, são grandes desafios para o campo do jornalismo para telas, como proposto em vários textos de Emerim (2014, 2017), Emerim, Finger e Cavenaghi (2015). Assim, mesmo não sendo modalizante, a proposta recortada tem o objetivo de ajudar no entendimento do televisual/audiovisual como complementar aos outros aspectos da investigação.

De modo geral esta é sua estrutura de partida: sintetiza o mapeamento realizado e descreve o objeto de análise em suas especificidades naturais a partir de gramáticas de produção, em suma, guiadas pelas formas de expressão oriundas de rotinas produtivas, e da gramática televisiva composta por enquadramento (formato da imagem), plano (configurado pela posição da figura humana no quadro), rotina produtiva (processos e métodos de produção da notícia em televisão), cenário (telões, móveis, objetos, efeitos de luz) e visualidade (vestimenta, maquiagem, corte de cabelo dos jornalistas).

Adaptamos a categorização sob os aspectos baseados em protocolos discutidos por Emerim (2012; 2020) e definimos o seguinte caminho: a) identificação (emissora); b) estrutura (programa ou episódio) para entender e comparar os episódios; c) análise detalhada de fragmentos do programa. Para dar conta e avançar na pesquisa recorreremos a decupagem que operacionaliza a decomposição e descrição dos materiais possibilitando a organização interna do objeto. Dividida em decupagem geral (características gerais do material) e interna (aprofundamento e descrição das especificidades dos elementos) configuramos a organização da análise com a seguinte hierarquia: 1) descrição geral do episódio; 2) contexto do episódio; 3) frames (quadro de vídeo por segundo); 4) decupagem textual das falas; 5) descrição da expressão (cenas históricas e cenas gerais; 6) descrição aprofundada do episódio: a) Cenário: um telejornal é apresentado a partir da construção de elementos visuais como forma de identificação do produto jornalístico, preparado também para atender as necessidades do processo produtivo; b) Visualidade: a produção televisiva opera por mecanismos visuais onde os atores sociais do produto telejornalístico expressam sentimento por gestos e formas de se vestir; c) Rotina produtiva: as técnicas de produção e gerenciamento propostas pelo programa para operacionalizar o formato noticioso dos acontecimentos; d) Enquadramento e plano: a forma como as câmeras são posicionadas e movimentadas para enquadrar a figura humana no processo construtivo do programa; 7) coberturas relatadas pelos apresentadores (nos casos em que o material audiovisual é um depoimento de ex-apresentador).

Desta forma, é possível contextualizar as marcas inovadoras, sejam elas tecnológicas ou não, possibilitando entender as mudanças, a evolução, as transformações programa, possibilitando até mesmo traçar uma perspectiva de tendência para o futuro do telejornalismo no estado.

A Semiótica discursiva mantém uma rigorosa forma estruturada de estabelecer categorias e elementos de análise, visando buscar os sentidos produzidos e o processo

de produção dos mesmos. Dela se recorreu ao roteiro básico de análise do plano de expressão que permitiu, de posse dos materiais audiovisuais, descrever cada um com detalhamento e precisão. Este constructo metodológico também referencia a próxima etapa.

### 2.1.5 Etapa 5 - Análise e interpretação dos dados

A última etapa mergulhou propriamente nos achados, interpretando e testando algumas possibilidades de modo a aprimorar os resultados, empreendendo, até mesmo, uma análise comparativa dos dados obtidos por meio das evidências levantadas anteriormente. A partir dos elementos coletados identificaram-se causalidades e/ou excentricidades para estruturar as características de inovação e, até mesmo, relacionar a funcionalidade de cada processo inovador com o contexto da produção do telejornal e as relações com a história e seu tempo.

Sendo assim, esta metodologia híbrida consiste em identificar as gramáticas das formas de produção e expressão a partir das especificidades do telejornalismo. A História Pública permite olharmos para o passado a partir da abordagem temporal para determinar se algo é ou não novo, ou seja, inovador. O resgate documental e as entrevistas nos ajudaram a restabelecer os aspectos históricos, não só do telejornalismo local como do próprio programa Bom Dia Santa Catarina. A semiótica possibilita uma análise aprofundada dos elementos identificados com o emprego da técnica de decupagem. O processo permeia pela decomposição e descrição do material audiovisual admitindo desta forma a melhor compreensão do funcionamento do objeto de estudo.

Fundamentados o constructo teórico e o percurso metodológico a ser empreendido, apresenta-se no próximo capítulo uma breve reconstrução da trajetória das emissoras RBS TV e NSC TV no estado catarinense, bem como do próprio telejornal Bom Dia Santa Catarina, para então aplicar a proposta de metodologia híbrida no desenvolvimento e na análise dos objetos empíricos.

### 3. ANÁLISE: O LOCAL E SEUS EXPERIMENTOS

É necessário - e continuo defendendo isso - que as pessoas possam conhecer e usar um referencial mínimo para poder decodificar o universo de imagens que invade o seu cotidiano. (RAMALHO e OLIVEIRA; 2009, p.17)

Tratar sobre televisão no Brasil nunca é tarefa fácil. Este meio extremamente popular desenvolve uma relação de proximidade com a sociedade que apaga a fronteira entre os realizadores e os espectadores. E, com o avanço tecnológico e o empoderamento do cidadão como produtor de conteúdo, estas relações parecem ter chegado a um excesso, ofertando ininterruptamente cada vez mais conteúdos vindos das mais diversas telas e plataformas. Neste contexto, cabe ao jornalismo e ao campo do telejornalismo, a tarefa de manter uma certa coerência e organização frente a esta espécie de caos dos acontecimentos do mundo - aqui representado por este excesso de conteúdos e narrativas - e o enfrentamento de um dos resultados deste fenômeno contemporâneo que diante da massificação das notícias acaba estimulando também a produção do que se costuma definir como notícias falsas. Como um sábio que mantém a calma durante a tempestade, o jornalismo de televisão tem assumido o papel, nos últimos tempos, de, dentro do que lhe é possível, fortalecer suas ações e inovar as práticas em prol dos conteúdos de mais qualidade, verdade e qualidade. Mas é preciso entender que nem tudo pode ser regido vertiginosamente pela égide do novo, pois há muito a se perder caso as mudanças desconfigurem a própria essência do fazer jornalístico e da sociedade.

O mesmo debate é furiosamente travado sobre quase todos os avanços tecnológicos: os carros nos conduzem pelo espaço de forma mais eficiente que os cavalos, mas será que valem o custo para o meio ambiente ou de vivermos em cidades onde não se pode caminhar? O ar condicionado nos permite viver no deserto, mas quanto isso custa para o nosso suprimento de água? (Johnson, 2021, p. 13)

Se falar de televisão, de telejornalismo já é tarefa complexa, enfrentar o percurso teórico e metodológico para realizar esta dissertação também não se mostrou uma tarefa fácil. Como já se apontou, a investigação necessitou buscar aspectos em diferentes propostas teóricas, metodológicas e em técnicas de pesquisa de modo a alcançar os objetivos propostos, construindo o que se optou por chamar de uma metodologia

híbrida, ou seja, articulada entre diferentes métodos e técnicas, e que fosse operacional a esta investigação, com vistas a viabilizar a análise do objeto empírico e do corpus. Neste capítulo, então, apresenta-se os preceitos principais tanto de alguns dos pressupostos teóricos quanto dos métodos e técnicas de pesquisa utilizadas, visando preparar a leitura da proposta metodológica híbrida descrita no segundo capítulo.

A metodologia híbrida, descrita no capítulo anterior, consistiu em identificar as gramáticas das formas de produção e expressão a partir das especificidades do telejornalismo. A História Pública permitiu olhar para o passado a partir da abordagem temporal para determinar se algo é ou não novo, ou seja, inovador. A semiótica possibilitou uma análise aprofundada dos elementos identificados com o emprego da técnica de decupagem. O processo permeou pela decomposição e descrição do material audiovisual admitindo desta forma a melhor compreensão do funcionamento do objeto de estudo. Para atender a proposta, a estrutura de análise foi constituída em cinco etapas que objetivaram a sistematização dos trabalhos acadêmicos científicos sobre o telejornalismo local em Santa Catarina, o mapeamento dos materiais, a análise e a interpretação dos resultados.

A partir, então, da organização deste material recuperado - alguns no setor de arquivo da emissora, outros em vídeos publicados na internet, em plataformas de vídeos e streaming, os espelhos disponíveis do telejornal e disponibilizados pela emissora - passou-se a analisar o material e decupar, relacionando suas especificidades a partir das gramáticas de produção, pautadas fundamentalmente, pelas formas de expressão, as rotinas produtivas, tais como enquadramento (formato da imagem), plano (configurado pela posição da figura humana no quadro), rotina produtiva (processos e métodos de produção da notícia em televisão), cenário (telões, móveis, objetos, efeitos de luz) e visualidade (vestimenta, maquiagem, corte de cabelo dos jornalistas).

Após esta etapa, adaptou-se a categorização trazida por autores como Tourinho (2009) e Emerim (2012), fundados nas perspectivas eminentemente expressivas das produções definindo, então, o protocolo de análise (lembrando que este está dentro de um macro protocolos que estabeleceu as etapas e a articulação das diferentes práticas de pesquisa). Assim, têm-se, a) identificação (emissora); b) estrutura (programa ou episódio) para entender e comparar os episódios; c) análise detalhada de fragmentos do programa.

E, nesta última fase, como já se mostrou, há uma nova imersão que permite a análise interna e aprofundada dos objetos partindo para a 1) descrição geral do episódio;

2) o contexto do episódio; 3) os frames (quadro de vídeo por segundo); 4) decupagem textual das falas (apenas para reforço das relações expressivas); 5) a descrição da expressão (cenas históricas e cenas gerais; 6) descrição aprofundada do episódio em termos de aspectos inovadores, desta forma dispostas: a) Cenário: um telejornal é apresentado a partir da construção de elementos visuais como forma de identificação do produto jornalístico, preparado também para atender as necessidades do processo produtivo; b) Visualidade: a produção televisiva opera por mecanismos visuais onde os atores sociais do produto telejornalístico expressam sentimento por gestos e formas de se vestir; c) Rotina produtiva: as técnicas de produção e gerenciamento propostas pelo programa para operacionalizar o formato noticioso dos acontecimentos; d) Enquadramento e plano: a forma como as câmeras são posicionadas e movimentadas para enquadrar a figura humana no processo construtivo do programa; 7) Coberturas relatadas pelos apresentadores (nos casos em que o material audiovisual é um depoimento de ex-apresentador).

É preciso enfatizar que as escolhas apontadas até aqui, se deram pela complexidade dos objetos contemporâneos que envolvem o campo do telejornalismo, desde as nomenclaturas (todas em reflexão e revisão permanente, pois estão aqui aplicadas de forma ensaística) até as perspectivas de aplicação prática dos processos em pleno curso de transformação. Assim como todas estas perspectivas se intensificam quando o tema se desdobra para o telejornalismo local ou regional. É por isso, também, que mesmo o trabalho sendo entregue em 2021, o corpus fechou o período entre 1982 e 2018, permitindo inserir as transformações do início do processo de digitalização das transmissões, sem, contudo tratar de 2019 nem de 2020. A saber, 2019 que não só consolidou a conversão do analógico para o digital como também, do ponto de vista social e ideológico, caracterizou o acirramento dos ataques às mídias audiovisuais, em especial contra a televisão aberta, bem como o ano de 2020 com as adaptações forçadas ao meio televisual diante do contexto de pandemia de Covid-19 que assolou o mundo a partir de Fevereiro de 2020.

Diante do exposto, o propósito deste capítulo é o de detalhar e aprofundar a análise empreendida. De imediato se explica muitas escolhas realizadas para que se pudesse desenvolver o material investigado. A primeira dimensão está no fato de que de 1982 até 2018, a maior parte dos materiais audiovisuais encontrados sobre o objeto empírico são fragmentos de programas, de reportagens, de entrevistas, deslocadas de seu contexto de exibição. No enfrentamento deste desafio, é que foram extremamente

úteis as articulações de diferentes técnicas, pois, cada uma delas, a seu modo, possibilitou formar um escopo passível de ser analisado.

### 3.1 A emissora RBS TV/NSC TV

O percurso histórico da televisão catarinense tem um novo capítulo com a chegada da Rede Brasil Sul (RBS) à capital catarinense em 1º de maio de 1979. Esse seria o marco do conglomerado de mídia que começou a ser implantado em Santa Catarina pelo grupo gaúcho.

A chegada da RBS modificou o modo de fazer televisão em Santa Catarina. Essa afirmação pode ser explicada inicialmente pela sua atuação diferenciada das outras emissoras do estado. A inauguração da TV Catarinense foi cuidadosamente antecedida por uma pesquisa mercadológica que apontou a televisão como a melhor forma de entrada estratégica do grupo no estado. No estudo, a RBS avaliava o melhor caminho para entrar em Santa Catarina. A pesquisa revelou um estado rico, com potencial de consumo superior à sua área e à sua população, dono de um parque industrial diversificado e grande produtor de alimentos. (CRUZ, 1994, p. 60-61)

Em um primeiro momento o grupo descartou a implantação de rádios e jornais impressos, e optou pela televisão pelo potencial de penetração na grande massa. Na pesquisa mercadológica encomendada pela empresa, chegou-se a conclusão que a emissora de Blumenau cobria apenas o Vale do Itajaí. O sinal chegava com dificuldades à capital e percebeu-se o inverso com a TV Cultura de Florianópolis. O sinal de nenhuma das duas emissoras alcançava o Planalto, Oeste e o Norte catarinense, assim, a RBS se propôs a fazer uma integração do estado por meio da televisão (Cruz, 1994).

Nos quatro primeiros anos de atuação em Santa Catarina, a RBS estruturou uma rede com quatro emissoras de televisão nas cidades de Florianópolis, Joinville, Blumenau e Chapecó. Somente o canal 12, na capital, foi a concessão direta do governo federal ao grupo. Dois grupos de concessionários acabaram transferindo para o Grupo RBS as outras três concessões (Cruz, 1994). Até o fim da década de 1990, a RBS TV concluiu os planos de formar definitivamente uma rede regional chegando a operar seis emissoras nas principais regiões do estado: Florianópolis, Joinville, Blumenau, Chapecó, Criciúma e Joaçaba, retransmitindo o sinal da TV Globo para o território catarinense e garantindo a hegemonia na audiência (Emerim; Cavenaghi, 2012). Em

dezembro de 2014, sob a justificativa de decisões administrativas e comerciais, a RBS transferiu as operações de Joaçaba para a cidade de Lages, onde permanece até hoje com uma sucursal para a cobertura das regiões da serra e meio oeste catarinense.

Em 2016, o Grupo RBS anuncia a venda de todas as operações em Santa Catarina para o Grupo NC Comunicação, dos empresários Carlos Sanchez e Lírio Parisotto<sup>22</sup>. A negociação é aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e, um ano depois, a RBS muda a marca no estado catarinense. Em 15 de agosto de 2017, a NSC Comunicação estreou oficialmente<sup>23</sup> em Santa Catarina e mantém na grade de programação da televisão os principais telejornais, entre eles o *Bom Dia Santa Catarina* que permanece com o mesmo nome, seguindo o legado e modelo deixados pela RBS. A estratégia de mudança de nomes ocorreu apenas nos programas que traziam na marca o nome da antiga empresa, como o telejornal RBS Notícias, exibido à noite, por volta das 19h, que passou a chamar-se NSC Notícias.

### 3.2O telejornal Bom Dia Santa Catarina (BDSC)

No modelo dos programas desenhados a partir de características da região de exibição surge, em julho de 1982, o *Bom Dia Santa Catarina* (BDSC). A proposta era desenvolver um produto jornalístico com informações do estado, mas alinhado ao *Bom Dia Brasil* transmitido pela TV Globo. A linha editorial seguiria com o aprofundamento de temas locais não cobertos pela programação nacional a fim de “padronizar a programação com um programa de notícias locais antes do Bom Dia Brasil” (EMERIM; HOMRICH; MORAES; 2014, p. 9).

As primeiras edições tinham em média 30 minutos de produção distribuídas em quatro blocos, sendo um ancorado localmente pelas praças e três com transmissão estadual pela cabeça de rede em Florianópolis. Logo depois, o espelhamento passou a ter dois blocos locais e dois blocos gerados da capital. No fim da década de 1990 a reestruturação forçada por causa da redução de custos eliminou a produção e transmissão local, e todo o conteúdo passou a ser gerado em Florianópolis.

---

<sup>22</sup> Em agosto de 2018 o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) confirma a saída de Lírio Parisotto da sociedade do Grupo NC Comunicação.

<sup>23</sup> Editorial publicado nos jornais impressos do grupo disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/editorial-hoje-a-gente-tambem-e-noticia> Acesso em: 02/07/2019

O BDSC é um dos telejornais onde as experimentações editoriais e de formato pode ser evidenciadas<sup>24</sup> de forma bastante clara. A primeira década do BDSC foi marcada pelo estilo *Hard News*<sup>25</sup> com reportagens e entrevistas sobre economia, política, serviços e pouca cobertura nas editoriais de variedade e economia. Como a cobertura gravada de fatos do dia ou noite anterior era tímida devido a estrutura ser enxuta, a participação *Ao Vivo* dos repórteres e exibição eventual de quadros gravados ajudava a preencher o espaço do programa.

O Grafismo, a vinheta e o modelo da previsão do tempo seguiam o padrão do telejornal do *Bom Dia Rio Grande*<sup>26</sup>. A partir dos anos 2000 o BDSC é reformulado com o propósito de criar um vínculo mais próximo do telespectador. A atração jornalística passa a ter 90% do conteúdo produzido *Ao Vivo*, muda a forma de comunicar com o público com uma linguagem mais conversada e descontraída. Nesse período a previsão do tempo começa a ser destacada com o uso de mapas, imagens de satélite, um texto mais popular, e o telespectador desperta o interesse para o tema.

Em 2010, o tempo de produção do programa aumenta para 45 minutos, as editoriais de política e econômica perdem espaço, e temas de comportamento e saúde ganham mais relevância no espelhamento. Desde 2012, o BDSC apresenta quadros especiais como o *Pergunte ao Doutor*, *Direito do Consumidor*, *Bom Apetite de Verão*, *Mexa-se*, *Trânsito 24h*. A previsão do tempo é ampliada e o foco editorial é fortalecido em pautas de serviço, saúde, notícias factuais, transporte público e mobilidade.

As reportagens e as entradas *Ao Vivo* dos repórteres de todas as praças do estado são estratégias de gestão para deixar o programa mais dinâmico e alinhado à tendência do jornalístico matutino da TV Globo. O BDSC chegou a ser exibido após o Bom Dia Brasil em caráter experimental, mas fixou na grade de programação antes do telejornal exibido em rede nacional.

---

<sup>24</sup> Percurso histórico remontado com base nas entrevistas dos jornalistas envolvidos no processo de produção e gestão do BDSC concedidas a Emerim, Homrich e Moraes (2014). Participaram do levantamento: Cláiton Selistre (ex-diretor de jornalismo RBS SC), Roger Bittencourt (função não especificada), Áureo Mafra Moraes (ex-apresentador BDSC), Laine Valgas (ex-apresentadora BDSC), Mônica Roemler (ex-editora chefe BDSC), Fabiana Nascimento (ex-apresentadora BDSC) e Adriana Krauss (ex-apresentadora BDSC)

<sup>25</sup> O termo em inglês tem o sentido de notícia importante. No jornalismo é a expressão para identificar o jornalismo em tempo real, de acontecimentos factuais.

<sup>26</sup> Bom Dia Rio Grande é o telejornal exibido no mesmo horário do BDSC pela RBS do Rio Grande do Sul.

Em setembro de 2018 o BDSC renova a identidade visual e no começo de 2019 amplia de uma hora e meia para duas horas o horário<sup>27</sup> de exibição do programa. Até 2019, o BDSC teve 17 titulares na apresentação do telejornal conforme tabela abaixo.

Âncora	Período
Vânio Bossle	1982 – 1990
Walfrid Neto	1982 – 1990
Maria Odete Olsen	1983 – 1996
Áureo Moraes	1989 – 1990
Mário Mota	1989 (7 meses)
Márcia Carvalho	1990 – impreciso
Delmar Goularte	1990 – 1993
Márcia Dutra	1990 – 2001
Milton Spada	1990 – impreciso
Laine Valgas	2001 – 2007
Alexandre Oliveira	2001 – impreciso
Pedro Paulo Moreira	2007 – 2011
Fabiana Nascimento	2007 – 2012
Raphael Faraco	2011 – atual
Adriana Krauss	2012 – 2016
Mariana Paniz	2016 – 2019
Eveline Poncio	2019 – atual

Tabela 1 – Apresentadores

Fonte: Autor – Atualização: 17/12/2021

A tendência dos telejornais locais é absorver os padrões do telejornalismo nacional, até porque a preservação dos parâmetros nacionais foi uma imposição das redes de televisão como critério de qualidade e padronização do produto durante muito tempo. O gênero reportagem, por exemplo, é um elemento característico ainda muito presente na produção telejornalística da TV Globo, replicado em nível estadual, mas que nas edições analisadas percebe-se esse elemento quase ausente em relação a outros como o Ao Vivo.

O uso de frases e outros elementos gráficos permanentes no vídeo não são observados no telejornalismo nacional da TV Globo. Com a queda da audiência e a concorrência de mercado, um movimento de identidade regional e local passou a integrar as produções telejornalísticas. Além disso, o telejornal local tem adaptado o formato em função da estrutura (equipamentos, pessoal, equipes) que é inferior quando comparada a uma emissora instalada em um grande centro e pela conjuntura econômica.

<sup>27</sup> Em 21 de janeiro de 2019 o BDSC passa a ser exibido das 6h às 8hs mantendo a tradição de anteceder o Bom Dia Brasil da TV Globo.

O telejornalismo das cidades e regiões sobrevive solucionando a falta de estrutura com criatividade e procurando diferentes maneiras de manter a conexão com a comunidade. (É essa peculiaridade que faz do telejornalismo local um espaço de constantes experimentações, mudanças e adequações em seus formatos CAVENAGHI, 2013, p. 38)

Essa adequação promove a experimentação de novas rotinas e a desconstrução de padrões, como é observado no BDSC. O telejornal catarinense passou a adotar uma estratégia de produção muito mais Ao Vivo do que gravada. Esse é um fato identificado ao analisar o número de reportagens em detrimento a produção noticiosa contextualizada no Ao Vivo.

A análise do BDSC permite evidenciar uma fase de transição e transformação do jornalismo televisual clássico para um telejornalismo contemporâneo, mais aberto a experimentações e inovações. Gutmann (2011) caracteriza essa contemporaneidade pela postura dos apresentadores e repórteres, além da presença cada vez mais maciça do Ao Vivo e das imagens produzidas pelos telespectadores.

A transformação no telejornalismo local também é impulsionada pela recuperação da audiência perdida para outros meios de comunicação, especialmente os virtuais.

### 3.3 Análise do programa Bom Dia Santa Catarina

Nesta etapa, apresenta-se uma organização geral com aspectos mais amplos de 36 anos do programa Bom Dia Santa Catarina (BDSC) abordados nesta pesquisa. Conforme se avança nas características e contextos gerais, o estudo vai aprofundando a análise, sobretudo, na identificação dos elementos inovadores presentes ao longo destas quase quatro décadas do telejornal. Conforme abordado no percurso metodológico, dividiu-se o BDSC em quatro décadas de análise (1982-1992; 1993-2003; 2004-2004; 2014-2018), encontrando 10.772 materiais registrados no arquivo da emissora formando um acervo de 100h21min40seg. Como delimitação da pesquisa, justificada também no capítulo anterior, chegou-se ao corpus de 21 materiais audiovisuais totalizando 1h22min32seg de recorte para esta dissertação, cuja análise apresenta-se a seguir.

**Programa: Bom dia Santa Catarina****Emissora: RBS TV****Período: 1982 – 1992**

A primeira década do BDSC tem no acervo da emissora 18 arquivos fragmentados em um tempo total de 32min35s. Na época não havia o hábito de arquivar os telejornais na versão completa. Como descrito anteriormente, a emissora não autorizou a cópia dos materiais para estudo externo do telejornal. Realizamos contato prévio com duas empresas de clipagem localizadas na Grande Florianópolis (Studio Clipagem, TV Clipagem Florianópolis), porém nenhuma delas possui gravações dos primeiros dez anos do BDSC. Sendo assim, para fins de análise e como estratégia de pensar na década inicial do BDSC, recorreremos aos vídeos disponíveis no *Youtube* e na plataforma de streaming *Globoplay*. Recuperamos sete arquivos exibidos em 2017 em comemoração aos 35 anos do BDSC. São depoimentos de ex-apresentadores relatando sobre a experiência deles no comando do telejornal e algumas imagens usadas para ilustração da passagem de alguns deles pelo jornalístico matutino da então RBS TV SC. A partir dessa sistematização e por conta da restrição de materiais, definimos as imagens utilizadas como inserts nas edições dos depoimentos para viabilizar a contextualização do programa na primeira década.

**Programa: Bom dia Santa Catarina****Emissora: RBS TV****Período: 1993 – 2003**

A segunda década do BDSC tem nos registros da emissora 708 arquivos totalizando 10h39min. A exemplo da primeira década, a emissora não autorizou a cópia dos materiais para pesquisa externa. Empresas de clipagem da grande Florianópolis também não possuem gravações dessa época. Para fins de análise recorreremos aos materiais disponíveis nas plataformas de vídeos *Globoplay* e *Youtube*. Recuperamos três arquivos exibidos em 2017 pela RBS TV SC em comemoração aos 35 anos do programa. Foram encontrados três vídeos. São depoimentos de ex-apresentadores relatando sobre a passagem dos profissionais pelo BDSC e inserts de imagens históricas utilizadas na edição para ilustrar as entrevistas em material audiovisual produzido pelo

próprio programa. A partir dessa sistematização e por conta da restrição de materiais, definimos essas imagens históricas, chamadas tecnicamente de inserts, para compor os objetos de análise como forma de contextualizar a segunda década do programa. Os materiais totalizam 8min19s.

**Programa: Bom dia Santa Catarina**

**Emissora: RBS TV**

**Período: 2004 – 2014**

A terceira década do BDSC tem nos registros da emissora 3.463 arquivos totalizando 33h29min. A exemplo dos períodos anteriores propostos para análise desta pesquisa, a emissora não autorizou a cópia dos materiais para estudo externo. Por este motivo recorreremos aos materiais disponíveis nas plataformas *Globoplay* e *Youtube*. Recuperamos 42 arquivos correspondentes a exibição do telejornal entre os anos de 2004 e 2014 quando passaram pelo BDSC seis apresentadores – Adriana Krauss, Alexandre Oliveira, Fabiana Nascimento, Laine Valgas, Pedro Paulo Moreira, Raphael Faraco. Nas plataformas onde foi realizado o mapeamento não encontramos as edições na íntegra exibidas nesse intervalo de tempo e resgatamos fragmentos do telejornal desta época. A partir da sistematização e decupagem geral dos vídeos, optamos por selecionar seis vídeos para compor o corpus da terceira década do BDSC. Como critério se definiu as mudanças de cenário entre um e outro ano, uma reportagem, uma entrada Ao Vivo de repórter, apresentação de quadro, entrevista em estúdio e abertura do programa. Com base nesses filtros encontramos seis materiais distintos que possibilitam uma amplitude e variedade maior para a análise resultando na seleção de dos anos de 2004, 2005, 2010, 2011 e 2014. Entre 2012 e 2013 não foram encontradas mudanças significativas no contexto de cenário, apresentação e formato do telejornal. Os materiais selecionados para análise somam um total de 32min50s.

Até 2010 o programa tinha apenas 30 minutos de duração sendo exibido das 6h às 6h30. Em 2010 o BDSC ganhou mais 15 minutos de tempo encerrando às 6h45. Já em 1º de dezembro de 2014 o telejornal passa a ter 1h30 podendo ser acompanhado pelos telespectadores entre 6h e 7h30. Ainda em dezembro de 2014 o programa estreou um novo cenário e Renato Igor iniciou a participação como comentarista do BDSC. No mesmo mês e ano o telejornal passa a ser estruturado em cinco blocos e a previsão do

tempo foi inserida em quatro deles. Naquele ano o BDSC estreou uma temporada curta de 18 dias do quadro Vem Verão com dicas de turismo. O quadro Mexa-se focado em alimentação saudável e atividade física passa a integrar o programa durante o verão de 2014-2015.

**Programa: Bom dia Santa Catarina**

**Emissora: RBS TV**

**Período: 2015-2018**

A quarta década do BDSC é marcada por transformações visuais e de gestão. Uma das mais marcantes foi a venda de todas as operações do Grupo RBS em Santa Catarina para o Grupo NC Comunicação em 2016. A transição para a nova marca da empresa prosseguiu durante quase dois anos sendo oficializada para os telespectadores na noite do dia 15 de agosto de 2017. No dia seguinte foi apresentado o primeiro BDSC com o emblema da NSC TV. Neste período analisado de três anos a emissora tem no registro de acervo 6.583 arquivos totalizando 55h36min. A empresa não autorizou a cópia do material para análise externa dos programas. Em uma busca na internet nas plataformas *Youtube* e *Globoplay* encontramos 74 arquivos de vídeo com registros de momentos relevantes para este contexto histórico do telejornal. Para fins de análise selecionamos fragmentos para reconstruir a cronologia da inovação no BDSC. Como critérios definimos o fator temporal e os marcos históricos do período. A partir dessa sistematização chegamos a quatro vídeos. Com as buscas realizadas pela internet encontramos o material mais antigo de 2015 que passa a integrar o escopo deste estudo. Em uma análise prévia não identificamos mudanças nem marcos significativos no ano de 2016. Em 2017 quando a emissora trocou de marca optamos pelo vídeo do dia 16 de agosto, data de exibição do primeiro BDSC pela nova empresa. Em 2018, dois registros importantes integram o corpus desta pesquisa. Em primeiro de março com o desligamento do sinal analógico em sete cidades da Grande Florianópolis que passaram a receber o sinal digital da emissora. O segundo se refere a mudança de cenário e a estrutura de grafismo do programa sendo apresentados como novidades para o público em 24 de setembro.

A segunda etapa, apresentada a seguir, responde-se a parte mais imersiva da análise, propondo por categorias e descrições, relacionar os diferentes aspectos que

possam dar as pistas para o entendimento sobre o programa Bom dia Santa Catarina (BDSC), referente aos aspectos da inovação, da história e da própria perspectiva de trazer sistematizadas e organizadas as características e contextos mais específicos. No escopo do estudo, foram analisadas 21 peças entre fragmentos, programas inteiros ou sub-programas (quando citados dentro de outros).

## **FICHA DE ANÁLISE 1**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 1**

**Evento:** Bom Dia SC completa 35 Anos | Depoimento de Vânio Bossle | RBSTV Santa Catarina | (10/07/2017)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=b-GoQRQYLtc>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 10 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 03min19s

**Tempo material histórico:** 00min47s

**Evento correspondente ao período:** 1982-1984

**Apresentador no período:** Vânio Bossle

### **Contexto do episódio**

O primeiro vídeo analisado de forma geral do programa BDSC foi exibido pela RBS TV SC no dia 10 de julho de 2017 quando o telejornal entrava no ar entre 6h e 7h30min com apresentação de Mariana Paniz e Raphael Faraco. Nesta data a emissora iniciava as comemorações de 35 anos do telejornal com a veiculação de entrevistas com os ex-apresentadores. Vânio Bossle, primeiro apresentador do BDSC que atuou na então RBS TV SC durante 10 anos, abriu a rodada de entrevistas. O ex-apresentador gravou o depoimento sobre a passagem dele pelo BDSC na sede da emissora tendo como cenário

a redação da RBS TV SC. O vídeo tem 22 frames com duração total de 3min19s entre cabeça, entrevista gravada, inserts de imagens, e vinheta especial da edição comemorativa de 35 anos conforme mostra a construção a seguir feita a partir da decupagem das imagens. O frame conhecido também como quadro de vídeo é cada uma das imagens fixas de um produto audiovisual.



Figura 1: Frame Depoimento Vânio Bossle – 35 anos BDSC  
Na esquerda Raphael Faraco e Mariana Panis. Na Direita Vânio Bossle.  
Fonte: RBS TV (2017)

Para entender a estrutura da entrevista, a costura entre sons e cenas, além de resgatar por meio da técnica da história pública a memória do BDSC contida no depoimento do ex-apresentador Vânio Bossle, foi necessário decupar o texto. A decupagem apresentada a seguir se refere a apresentação de entrevistas realizadas em 2017 em alusão aos 35 anos do BDSC, portanto, apenas alguns elementos contidos no vídeo farão parte da análise, conforme justificado anteriormente.

Cabeça:

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

**(frame 1)** *Essa vinhetinha aqui ó, olha só que linda mostrando os 35 anos, por que? Porque hoje começam as comemorações dos nossos 35 anos do meu, do seu, do nosso Bom Dia Santa Catarina. No ar desde julho de 1982 o Bom Dia sempre foi um jornal atento as informações de utilidade pública, preocupado com a prestação de serviço pra comunidade e claro com a cobertura dos fatos mais importantes do estado.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco):

**(frame 1)** *Pra comemorar esse momento histórico do jornalismo catarinense a gente vai acompanhar juntos nos próximos dias o depoimento de alguns dos ex-apresentadores desse jornal, aqui do Bom Dia Santa Catarina.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

**(frame 1)** *O primeiro deles é o jornalista Vânio Bossle que visitou a nossa redação pra relembrar um pouco da nossa história.*

Depoimento:

Vânio Bossle

**(frame 2)** *Bom dia. É um prazer voltar aqui depois de mais de 30 anos. Em julho de 1982 a RBS TV iniciou um projeto novo, um desafio. Colocar a TV a disposição da sociedade, do telespectador, de manhã cedo onde o auge era do rádio. Surgiu então o Bom Dia Dia Santa Catarina. **(frame 3)** Eu lembro da época a gente vinha a noite pra cá, pra redação, preparava claro o script pro dia seguinte.*

**(frame 4 sobre som áudio 1982 Vânio)** *O desempenho dele tem sido registrado como muito bom tanto pela imprensa como pela opinião pública.*



Figura 2: Frame Depoimento Vânio Bossle – 35 anos BDSC  
Vânio Bossle na apresentação do BDSC e cobertura das eleições 1982  
Fonte: RBS TV (2017)

**(frame 5)** *E o Bom Dia Santa Catarina para mim **(frame 6)** depois desse tempo relembrando a história teve dois períodos históricos. Primeiro nós idealizamos aqui na RBS TV a apuração paralela das eleições. **(frame 7)** E a primeira eleição foi do então governador **(frame 8)** já falecido Pedro Ivo Campos.*

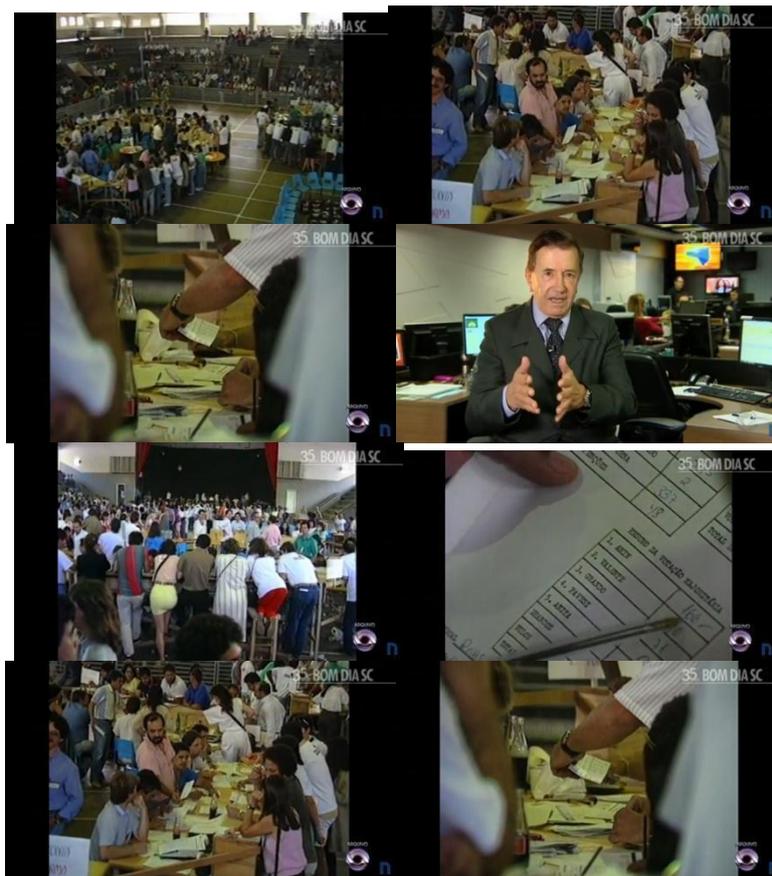


Figura 3: Frames Cobertura Eleições 1982  
 Imagens da apuração  
 Fonte: RBS TV (1982/2017)

*(frame 9) Paralelamente ao (frame 10) trabalho da justiça eleitoral fazia a apuração paralela. (frame 11) Como? Colocamos colaboradores em todas (frame 12) em todas as comarcas do estado (frame 13) e no dia da apuração eles acompanhavam (frame 14) em campo (frame 15) a apuração de voto a voto. E com isso no final do dia a gente tinha uma estatística maior, parcial e extra-oficial do resultado da eleição. Muito diferente da justiça eleitoral que levava até quatro, cinco dias par apurar o resultado final da eleição.*

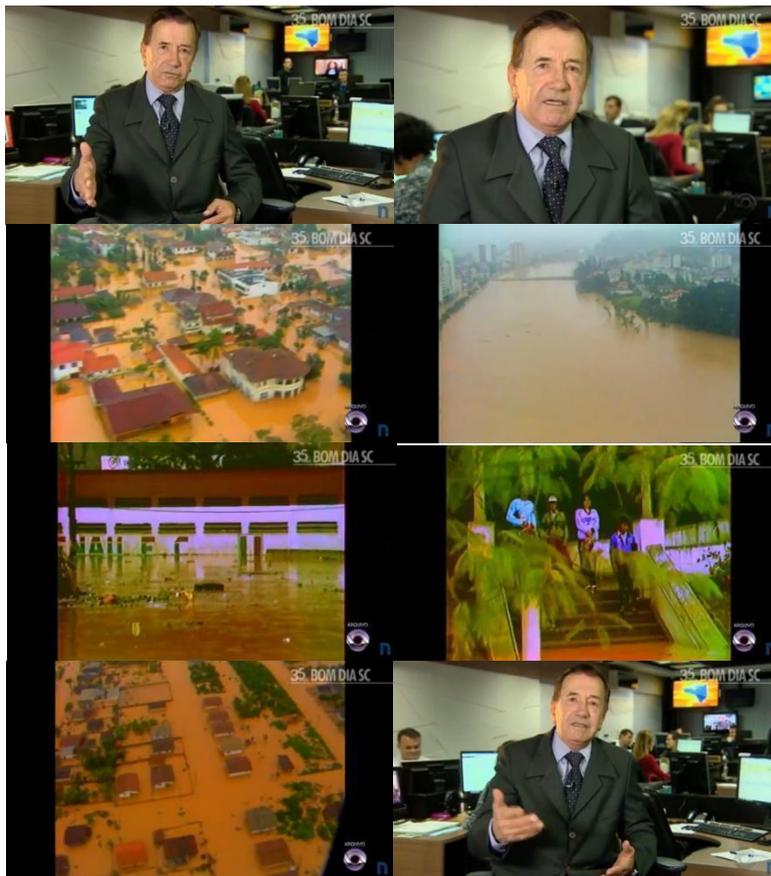


Figura 4: Frames cobertura enchente 1982/1983  
 Imagens de Blumenau (SC)  
 Fonte: RBS TV (1982, 1983, 2017)

*(frame 16) Um outro fato marcante no jornalismo da RBS TV na época do Bom Dia Santa Catarina, particularmente, se deu em 1984 (frame 17 – toca telefone na redação) com aquela grande enchente (frame 18) que assolou Blumenau e grande parte do Vale e do Alto Vale do Itajaí (frame 19) onde tivemos uma grande participação de cobertura e socorro.*

*(frame 20 – sobe som narração da repórter – não identificada) As pessoas aí esperando um atendimento.*

*(frame 21 – sobe som narração do repórter – não identificado) Imagens dramáticas dos bairros totalmente inundados.*

*Então foram momentos assim que a gente viveu aqui (frame 22) muito salutar, muito cedo, era cedo mesmo como hoje é, mas valeu a pena os meus dez anos aqui na RBS TV. Parabéns a todo mundo e a todos aqueles que hoje estão aqui nesta redação, novos, recém formados até, mas que marcam também a história daquilo que nós começamos em 1982. Fica aí um abraço a todos, felicidades, e vamos continuar com o profissionalismo da RBS TV.*

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 1**

### **Cenas históricas**

- 1min08s – 1min24s – apresentação/estúdio
- 1min38s – 1min45s – cobertura eleições 1982
- 1min50s - 1min59s – cobertura eleições 1982
- 2min30s – 2min45s - cobertura enchente 1984

### **Geral do episódio 1**

- 1min08s – imagem Vânio Bossle enquadramento fechado com um microfone de mão sem áudio da época
- 1min16s – imagem Vânio no estúdio microfone de lapela com áudio ambiente da época – terno e gravata
- 1min21s – imagem do estúdio temático eleições 82 sem áudio ambiente
- 1min24s – imagem Vânio no estúdio com lapela, terno, gravata e óculos
- 1min38s – imagem aberta ginásio apuração eleições enquadramento aberto passeio da câmera da esquerda para direita, percebe-se que não usava tripé pelo movimento não linear da imagem
- 1min42s – imagem fechada nas mesas de apuração
- 1min44s – imagem mais fechada nas cédulas de votação
- 1min50s – imagem aberta com passeio da esquerda para direita de outro ângulo do ginásio
- 1min54s – imagem fechada no formulário do resumo de votação
- 1min56s – imagem aberta parada do ginásio de apuração – percebe-se pelo balançar da câmera não uso do tripé
- 1min59s – repete mesmo frame de 1min42 – imagem fechada nas mesas de apuração
- 2min28s – som telefone tocando na redação durante o depoimento do Vânio
- 2min30s – imagem de helicóptero enchente Blumenau e alto vale do Itajaí em 1984
- 2min35s – imagem da enchente feita em um barco
- 2min40s – imagem pessoas ilhadas com voz repórter
- 2min43s – imagem de helicóptero da enchente com voz repórter

O depoimento foi construído seguindo alguns recursos de edição jornalística seguindo desta forma: cabeça, entrevista, inserts, sobe som, insert, entrevista, inserts,

entrevista, inserts, sobre som, entrevista, vinheta comemorativa. Analisando as cenas se observa que os frames 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20 e 21 foram utilizados como inserts para cobrir o depoimento do ex-apresentador. Os frames 4, 20 e 21 contêm sobre som com áudio original das imagens. Os frames enumerados como inserts são o foco principal desta análise por apresentarem fragmentos do cenário, apresentação e reportagem da primeira década do BDSC, e somam 47seg.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Os curtos fragmentos não dão a dimensão necessária para uma análise mais aprofundada dos elementos do BDSC desta época, mas ajudam a construir um paralelo entre passado e presente. A primeira imagem histórica possível de ser visualizada no depoimento de Vânio Bossle é o frame 3 onde o ex-apresentador veste um terno marrom claro, uma camisa social clara, gravata listrada em tons cinza e azul marinho, usa óculos e segura na mão um microfone. Nesta cena ele não está apresentando o telejornal e não é possível identificar o local onde foi realizada a gravação. O cenário é visto nos frames 4 e 5 onde o ex-apresentador veste um terno escuro, uma camisa clara, uma gravata listrada e óculos. Vânio utiliza um microfone lapela, está sentado e não é possível visualizar a existência de uma bancada. O fundo do cenário é azul. O enquadramento é fechado no apresentador e a câmera balança.

No frame 5 visualizamos o cenário para a cobertura das eleições de 1982. Existe uma tapadeira de cor clara no fundo, com o mapa de Santa Catarina, no meio a inscrição correspondente ao ano (82) e no canto esquerdo na parte inferior a palavra Eleições. A composição do cenário tem ainda sete cadeiras. Seis delas são fixas e uma móvel com rodinhas. Elas estão distribuídas da seguinte maneira: três fixas do lado esquerdo, outras três fixas no lado direito, e uma com rodinhas centralizada no fundo do cenário entre as outras seis cadeiras. Vânio Bossle aparece à esquerda do vídeo com terno claro, pernas e braços cruzados sabatinando com outros jornalistas o então candidato a governador de Santa Catarina, Esperidião Amin. É possível observar todos no estúdio com microfone lapela ainda com fios. Não há imagem da rotina produtiva.

### **Coberturas especiais relatadas pelos apresentadores**

Nos frames 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 14 é possível visualizar a construção de imagens para a cobertura das eleições de 1982. As cenas mostram a apuração em um ginásio de esportes, com enquadramentos abertos e movimento de câmera, além de ângulos mais fechados nas mesas de apuração e no relatório com o resumo do resultado. Observa-se pelo movimento não linear das imagens e a ausência do uso de tripé para estabilização do equipamento.

A cobertura da enchente de 1984 no Vale do Itajaí pode ser observada nos frames 17, 18, 19, 20 e 21. As imagens aéreas eram captadas a partir de sobrevôos com helicóptero como aparecem nos frames 17, 18 e 21. Outro ângulo para captação de imagens está no frame 20 onde se percebe o cinegrafista em um barco navegando no meio de uma rua completamente inundada proporcionando ao telespectador um realismo retratado por meio de imagens e narração dos repórteres que faziam a cobertura.

## **FICHA DE ANÁLISE 2**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 2**

**Evento:** Marcia Carvalho relembra momentos marcantes apresentando o Bom Dia SC

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6004345/>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 13 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 2min34s

**Tempo material histórico:** 46s

**Evento correspondente ao período:** década de 1990

**Apresentadoras no período:** Márcia Dutra/Márcia Carvalho

### **Contexto do episódio**

O episódio analisado do BDSC foi exibido pela RBS TV SC no dia 13 de julho de 2017 quando o telejornal entrava no ar entre 6h e 7h30min com apresentação de Mariana Paniz e Raphael Faraco como forma de comemorar os 35 anos do telejornal. O BDSC exibiu na semana de aniversário depoimentos com ex-apresentadores. Márcia Carvalho que atuou na apresentação do BDSC na década de 1990 foi uma das entrevistadas. Nos anos 90, Márcia Carvalho formou dupla com Márcia Dutra na apresentação do BDSC. A presença de duas mulheres na bancada foi considerado na época algo inovador para o jornalismo da época. A ex-apresentadora gravou o depoimento em uma ilha de edição da então RBS TV SC. O material veiculado tem 26 frames com duração total de 2min34s entre cabeça, entrevista gravada, inserts de imagens, e vinheta especial da edição comemorativa de 35 anos conforme mostra a construção a seguir feita a partir da decupagem das imagens.



Figura 5: Frames Depoimento Márcia Carvalho – 35 anos BDSC  
À esquerda Mariana Paniz e Raphael Faraco. A direita Márcia Carvalho  
Fonte: RBS TV (2017)

Para resgatar o percurso histórico do BDSC na década de 1990, e compreender melhor a conjugação de texto e imagem se fez necessária a decupagem textual do episódio conforme apresentada a seguir. Contudo, vale ressaltar, que a decupagem se refere a apresentação de entrevistas realizadas em 2017 em alusão aos 35 anos do BDSC, portanto, apenas alguns elementos contidos no vídeo farão parte da análise, conforme justificado anteriormente.

Cabeça:

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

**(frame 1)** *Bom, pra você que está chegando agora nós estamos no mês de comemoração dos 35 anos do Bom Dia Santa Catarina, né. Ao longo da semana já estamos falando sobre isso. E a gente relembra agora mais um pouco da nossa história*

*que começou lá em 1982. Você sabia que o Bom Dia já foi apresentado por duas jornalistas?*

**Apresentador 2 (Raphael Faraco):**

*Pois é, isso! Duas mulheres. Algo pouco comum na época inclusive era o jornal das Márcia, Mariana Paniz. Uma delas a Márcia Dutra já passou essa semana por aqui.*

**Apresentadora 1 (Mariana Paniz):**

*É, e a outra a gente vai conhecer agora. Márcia Carvalho. E vamos saber como foi a fase dela aqui no Bom Dia.*



Figura 6: Frames da Márcia Carvalho na apresentação do BDSC  
Fonte: RBS TV (1990, 2017)

**Depoimento:**

**Márcia Carvalho:**

**(frame 2)** *Bom dia. Eu sou a Márcia Carvalho, apresentei o Bom Dia na década de 90.*

**(frame – sobe som).**

*Eu sempre digo na verdade que o Bom Dia Santa Catarina (frame 3) foi a grande estrela da minha carreira. Foi uma grande escola porque se alguém tinha alguma dúvida sobre a vocação para o jornalismo era só participar do Bom Dia que essa dúvida tava rapidamente esclarecida. Que ou você continuava como jornalista ou você desistia da profissão.*



Figura 7: Frames da redação da RBS TV na década de 1990  
Fonte: RBS TV (1990, 2017)

**(frame 4)** *Naquela época nós não tínhamos as ferramentas* **(frame 5)** *de comunicação que nós temos hoje. Nós não tínhamos nem telefone* **(frame 6, 7)** *celular. Então buscar informação* **(frame 8,9)** *era algo realmente* **(frame 10)**  *muito difícil.* **(frame 11)** *Um fato marcante do Bom Dia* **(frame 12)** *foi realmente a visita do Papa* **(frame 13)** *como hoje os apresentadores* **(frame 14)** *não são só apresentadores* **(frame 15)** *em fatos importantes, em momentos importantes. A gente* **(frame 15)** *acaba indo pra rua né.*





Figura 8: Frames da cobertura da visita do Papa João Paulo II à Florianópolis  
Fonte: RBS TV (1991, 2017)

*E eu cobri a visita do Papa como repórter (frame 16 – sobe som reportagem)*

*Sobe som reportagem voz Márcia Carvalho:*

*O papa chegou ao colégio catarinense (frame 17) quando faltavam dez (frame 18) para as nove. Sorridente (frame 19) ele acenou para os fieis.*



Figura 9: Frames de Márcia Carvalho na apresentação do BDSC  
Fonte: RBS TV (1990, 2017)

Depoimento:

*(frame 20) Você poderia informar alguém e essa pessoa poder modificar o seu dia a dia de trabalho, o seu dia a dia na família a partir de uma informação que recebeu do jornal. Realmente é muito gratificante para qualquer jornalista.*

*(frame 21 sobe som Márcia apresentando): O Ministério Público vai usar o código de defesa do consumidor para punir quem cobra ágio.*

**(frame 22)** *E essa brincadeira que os apresentadores fazem hoje de partiu para o café na verdade ela já acontecia na década de 90 que para nós o café era um momento de relaxamento e também de comemoração* **(frame 23)** *porque tinha dado tudo certo.*

**(frame 23 sobe som)** *Bom dia Vera.* **(frame24 repórter sobe som Vera Maria – na praia da armação)** *Bom dia Marcia.*



Figura 10: Frames da repórter Vera Maria  
Fonte: RBS TV (1990/2017)

Depoimento:

**(frame 25)** *Eu guardo tudo isso como uma lembrança muito boa. Eu gostaria de agradecer a oportunidade de estar aqui e terminar o jornal como eu terminava na década de 90. Bom Dia pra você e até amanhã.* **(frame 26 vinheta)**

## DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 2

### Cenas históricas

00min41s – 00min45s – Márcia Carvalho na bancada do BDSC – sobe som da apresentação áudio original da época

00min49s – 00min53s – Márcia Carvalho e Márcia Dutra entrevistando na bancada o ex-presidente da Casan Walmor de Lucca

01min07s – 01min-12s – Imagem aberta e fechada da equipe na redação com os computadores

01min13s – 01min18s – imagem fechadas de jornalistas apurando no telefone

01min21s – 01min32s – imagem da visita do Papa João Paulo II a Florianópolis em 1991 – câmera faz passeio acompanhando o pontífice

01min33s – 01min40s imagem e sobe som reportagem Márcia Carvalho

01min52s – 01min58s – Márcia Carvalho na bancada – sobe som original

02min10s – 02min18s – Márcia Carvalho bancada chama repórter Vera Maria ao Vivo – sobe som

## **Geral do episódio 2**

00min00s – 00min34s – apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min35s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

00min41s – Márcia Carvalho na bancada do BDSC – sobe som da apresentação áudio original da época

00min46s – Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

00min49s – Márcia Carvalho e Márcia Dutra entrevistando na bancada o ex-presidente da Casan Walmor de Lucca

00min54s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

01min07s – Imagem aberta da equipe na redação com os computadores

01min10s – imagem mais fechada da equipe no computador na redação

01min13s – imagem de jornalista apurando no telefone

01min16s – imagem de jornalista apurando no telefone

01min17s – imagem de jornalista apurando no telefone

01min19s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

01min21s – imagem da visita do Papa João Paulo II a Florianópolis em 1991 – câmera faz passeio acompanhando o pontífice

01min26s – imagem da multidão na visita do Papa João Paulo II

01min28s – imagem do Papa João Paulo II acenando povo

01min30s – imagem do Papa João Paulo II de frente mais fechada

01min33s – imagem do papa móvel – sobe som reportagem Márcia Carvalho

01min36s – imagem aérea do papa móvel com símbolo de VIVO sobe som reportagem Márcia Carvalho – imagem recuperada da transmissão ao vivo e usada na reportagem

01min37s - imagem aérea do papa móvel com símbolo de VIVO sobe som reportagem Márcia Carvalho – imagem recuperada da transmissão ao vivo e usada na reportagem

01min39s – imagem Papa no papa móvel reportagem Márcia Carvalho sobe som

01min41s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

01min52s – Márcia Carvalho na bancada – sobe som original

01min59s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

02min10s – Márcia Carvalho bancada

02min14s – Repórter ao vivo Vera Maria – sobe som curto original

02min19s - Márcia Carvalho – depoimento gravado em uma ilha de edição

02min30s – Vinheta 35 anos BDSC

A construção do depoimento da Márcia Dutra segue técnicas e recursos da edição jornalística com estrutura formada por cabeça, entrevista, sobe som, entrevista, insert, entrevista, inserts, entrevista, inserts, sobe som, entrevista, sobe som entrevista, insert, sobe som, entrevista, vinheta. Analisando as cenas se observa que os frames 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23 e 24 foram utilizados como inserts para cobrir o depoimento da ex-apresentadora. Os frames 3, 16, 17, 18, 19, 21, 23 e 24 contém sobe som com áudio original da época. Os frames enumerados como inserts são o foco principal desta análise por apresentarem fragmentos do cenário, apresentação e reportagem da primeira década do BDSC, e somam 46seg.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio é possível verificar melhor as características do cenário utilizado na década de 1990. No frame 3 a apresentadora está em uma bancada sendo visível uma pequena parte da estrutura no canto inferior esquerdo. No fundo uma tapadeira na cor azul com seis quadrados que são monitores de TV, dois deles a visualização é prejudicada pois a apresentadora está na frente. Nos elementos superiores estão identificados os cartões postais de algumas cidades. No canto superior esquerdo o monumento de um relógio na cidade de Blumenau e no canto superior direito o monumento O Desbravador do município de Chapecó. Os elementos inferiores contêm o mapa de Santa Catarina na cor azul com um fundo branco. Nessa época a produção e transmissão televisiva eram no formato analógico. A apresentadora veste um terno na cor amarelo-laranja, usa cabelo acima do ombro, brincos discretos e maquiagem suave. Para captação do áudio ela está com um microfone lapela.

No frame 5 o enquadramento mais aberto permite visualizar melhor a bancada na cor cinza, com uma iluminação azul na base. A tapadeira que compõe o cenário no fundo tem quatro faixas de cores – laranja, amarelo, branco e azul. As cores simbolizam o nascer do sol remetendo ao começo do dia. Ainda no cenário um elemento na tapadeira imprime em letras garrafais o nome do telejornal em tons suaves de amarelo e azul. Nas bancadas estão as apresentadoras Márcia Carvalho e Márcia Dutra entrevistando o ex-presidente da Casan Walmor de Luca, falecido em 2019. O entrevistado está de terno claro, gravata vermelha e óculos. Márcia Dutra vez um terno azul marinho escuro, usa cabelos abaixo do ombro e a maquiagem é discreta. Márcia Carvalho está com um traje social claro, cabelo acima do ombro e maquiagem discreta.

Tanto apresentadoras quanto entrevistadas estão com microfones lapela para captação do áudio. Sobre a bancada estão as laudas impressas do espelho do telejornal. As duas apresentadoras seguram uma caneta na mão.

Nos frames 6, 7, 8, 9 e 10 é observada a equipe do BDSC na redação. No ambiente estão computadores com monitores grandes e os jornalistas apuram as informações por meio de telefones fixos.

O cenário pode ser visualizado no frame 21. A apresentadora Márcia Carvalho aparece de terninho vermelho, cabelos acima dos ombros, batom vermelho discreto e maquiagem suave, está sentada na bancada com uma caneta na mão. No fundo do cenário aparecem faixas de cores laranja, amarelo e cinza claro. O enquadramento no frame 23 é idêntico ao do frame 3 onde aparece o mesmo cenário e vestimenta usada por Márcia Carvalho.

### **Coberturas especiais relatadas pelos apresentadores**

Uma das coberturas marcantes para a ex-apresentadora foi a visita do Papa João Paulo II à Florianópolis em 1991. Márcia Carvalho relatou que na época os apresentadores não ficavam limitados a exercer a profissão de jornalista somente no estúdio, mas também executavam a função de repórter. Ela cobriu a visita do pontífice na capital catarinense. No frame 12 a imagem aberta é da Papa em um tapete vermelho e a câmera se movimenta acompanhando a caminhada de João Paulo II. No frame 13 se observa por meio de um enquadramento aberto uma multidão acompanhando a passagem do Papa por Florianópolis. Em uma imagem mais fechada do Papa no frame 14 é possível ver o pontífice acenando para a multidão. No frame seguinte a câmera foca o Papa de frente em um enquadramento fechado. A imagem do frame 16 é uma das usadas para cobrir a reportagem da Márcia Carvalho e aparece o sacerdote no papamóvel. Os frames 17 e 18 são imagens aéreas onde aparece o logo da RBS TV com a palavra VIVO indicando uma transmissão ao vivo, porém a cena foi recuperada e usada para a reportagem do BDSC. O frame 19 repete uma imagem de João Paulo II no papamóvel na reportagem de Márcia Carvalho.

No frame 24 se observa uma entrada Ao Vivo da repórter Vera Maria. Ela está na praia da Armação, no sul da ilha de Santa Catarina. O logotipo do Bom Dia Santa Catarina é nas cores alaranjada e amarela, em caixa alta. O crédito da repórter também é em caixa alta, na cor branca, e a localização em caixa baixa também na cor branca. Ela

está com um microfone com fio, com a canopla da emissora e segura na outra mão um aparelho de retorno conectado ao fone de ouvido usado para ouvir a apresentadora no estúdio. A repórter Vera Maria usa cabelo curto, roupa clara e maquiagem discreta.

### **FICHA DE ANÁLISE 3**

#### **Descrição geral**

#### **Episódio 3**

**Evento:** Jornalista Áureo Moraes relembra coberturas marcantes no Bom Dia SC

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6004341/?s=0s>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 13 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 2min50s

**Tempo material histórico:** 46s

**Evento correspondente ao período:** 1987

**Apresentadoras no período:** Áureo Moraes

#### **Contexto do episódio**

O vídeo deste episódio analisado de forma geral do programa BDSC foi exibido pela RBS TV SC no dia 13 de julho de 2017 quando o telejornal entrava no ar entre 6h e 7h30min com apresentação de Mariana Paniz e Raphael Faraco como forma de comemorar os 35 anos do telejornal. Neste contexto, Áureo Moraes, apresentador do BDSC no final dos anos 80 deu um depoimento sobre o telejornal naquela época. A participação do ex-apresentador foi gravada no Schwitter da emissora. O material veiculado tem 22 frames com duração total de 2min50s entre cabeça, entrevista gravada, inserts de imagens, e vinheta especial da edição comemorativa de 35 anos conforme a decupagem das imagens apresentada a seguir.



Figura 11: Frames depoimento Áureo Moraes – 35 anos BDSC  
Fonte: RBS TV (2017)

Para resgatar o percurso histórico do BDSC no fim dos anos 80 e começo da década de 1990, recorreremos também a decupagem textual do episódio. Porém, é preciso reforçar novamente que a decupagem faz referência a apresentação das entrevistas realizadas em 2017 em alusão aos 35 anos do BDSC, portanto, apenas alguns elementos contidos no vídeo farão parte da análise, conforme justificado anteriormente.

Cabeça:

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

**(frame 1)** *É, agora é hora da gente falar da nossa história e lembrar um pouquinho de tanto, do tanto que já passou nesses trinta e cinco anos do Bom Dia Santa Catarina. E muita gente inclusive passou por este estúdio antes da gente né Faraco.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco):

*É verdade e tá sendo uma honra, um prazer imenso conhecer cada um desses profissionais. Hoje vamos lembrar como era fazer jornalismo nas manhãs da RBS no final dos anos 80 e início dos anos 90.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

*É a vez do jornalista, jornalista Áureo Moraes nos contar como era o Bom Dia Santa Catarina da época.*

Depoimento:

Áureo Moraes:

**(frame 2)** *Antes de mais nada eu quero cumprimentar o Faraco, a Mariana que assim como eu tantos anos atrás despertam na madrugada pra levar a notícia para todos os catarinenses.*



Figura12: Frames reportagens Áureo Moraes  
Fonte: RBS TV (1987/2017)

**(frame 3 – sobe som reportagem Áureo)** *Nelson Rodrigues já dizia que toda unanimidade é burra, mas é impossível fugir da unanimidade ao se fazer um balanço da cultura, do que foi a cultura no ano de 1991.*

**(frame 4)** *Lá se vão praticamente 30 anos que eu passei por aqui né. E talvez alguns aspectos mereçam uma reflexão mais específica. O primeiro deles diz respeito as pautas com as quais nós tratávamos.*

**(frame 5 – sobe som – reportagem Áureo)** *Somente aqui do Procon já partiram onze pedidos de abertura de inquérito policial.*

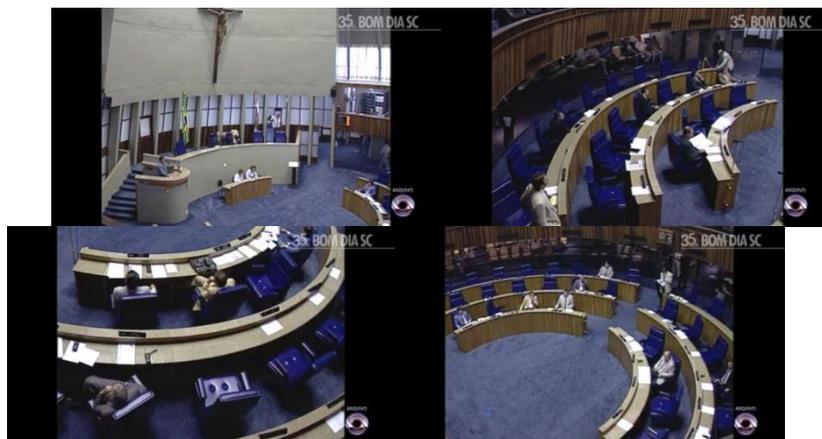


Figura13: Frames imagens arquivo ALESC  
Fonte: RBS TV (1988/2017)

**(frame 6)** *Nós estávamos amadurecendo para um período democrático a beira da primeira eleição direta para presidente da república, e no contexto estadual (frame 7) havia essa (frame 8) disposição digamos assim de construir (frame 9) uma maturidade em termos (frame 10) de relação com o seu eleitor.*



Figura14: Frames bastidores operacionais RBS TV fim década 1980  
 Fonte: RBS TV (1987/2017)

*(frame 11) Um segundo aspecto que eu faço muita questão também de destacar aqui é (frame 12) que se fazia um Bom Dia Santa (frame 13) Catarina naquele período no começo dos anos (frame 14) de 1990 com uma equipe muito reduzida.(frame 15) Cabíamos numa Kombi (frame 16) e dessa equipe pelo menos duas pessoas eu queria mencionar aqui que foram fundamentais pra fazer girar a máquina do Bom Dia Santa Catarina naquele período.*



Figura15: Frames depoimento Áureo Moraes e imagens de arquivo José Reinoldo Rosembroc (1ª linha, 2º quadro a direita) e Roger Bittencourt (2ª linha, 2º quadro a direita)  
Fonte: RBS TV (1987/2017)

*(frame 17) Primeira delas José Reinoldo Rosembroc, hoje trabalhando no interior do estado, mas uma figura que tinha uma trajetória (frame 18) de muita compreensão do que fosse o jornalismo, do que fosse a relação com as fontes, um grande professor tivemos dentro da redação. E o segundo nome que também me causa muita satisfação de relembra aqui é do (frame 19) Roger Bittencourt, nosso jornalista saudoso que vinha tanto quanto nós aqui de manhã cedo (frame 20) pra pautar, pra editar, pra dirigir, pra conduzir o Bom Dia Santa Catarina que também foi um grande professor junto a todos nós aqui na redação.(frame 21) Por fim é uma grande satisfação ter estado aqui podendo conversar com os catarinenses como eu fiz 30 anos atrás como você Faraco, você Mariana fazem hoje. Dar os parabéns pra toda essa equipe que hoje provavelmente não cabe mais em uma Kombi, mas que continua sendo fundamental pra fazer do início do dia dos catarinenses um belo dia de trabalho. Obrigado mais uma vez.*

### DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 3

#### Cenas históricas

00min42s – 00min54s – Reportagem Áureo Moraes (sobe som)

01min09s – 01min13s Reportagem Áureo Moraes (sobe som)

01min24s – 01min32s - imagens do plenário da Alesc quadros abertos e fechados – sem uso tripé

01min36s – 01min44s – imagens de bastidores switter antigo, mesa de som, Kombi

01min54s – 02min02s - imagem de José Reinoldo Rosembrock

02min13s – 02min19s - imagem de Roger Bittencourt

### **Geral do episódio 3**

00min00s – 00min32s – apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min33s – 00min41s – Depoimento Áureo Moraes – quadro aberto

00min42s – 00min54s – Reportagem Áureo Moraes (sobe som)

00min54s – 01min08s – Depoimento Áureo Moraes – quadro aberto

01min09s – 01min13s Reportagem Áureo Moraes (sobe som)

01min14s 01min24s - Depoimento Áureo Moraes – quadro aberto

01min24s – 01min32s - imagens do plenário da Alesc quadros abertos e fechados – sem uso tripé

01min32s – 01min36s - Depoimento Áureo Moraes – quadro aberto

01min36s – 01min44s – imagens de bastidores switter antigo, mesa de som, Kombi

01min44s – 01min54s Depoimento Áureo Moraes – quadro fechado

01min54s – 02min02s - imagem de José Reinoldo Rosembrock

02min03s - 02min13s - Depoimento Áureo Moraes – quadro fechado

02min13s – 02min19s - imagem de Roger Bittencourt

02min19s - 02min26s - Depoimento Áureo Moraes – quadro fechado

02min26s – 02min46s - Depoimento Áureo Moraes – quadro aberto

02min47s – 02min50 – Vinheta 35 anos

A exemplo dos anteriores, o depoimento de Áureo Moraes segue técnicas e recursos da edição jornalística com a seguintes estrutura: cabeça, entrevista, sobe som, entrevista, sobe som, entrevista, inserts, entrevista, inserts, entrevista, insert, entrevista, insert, entrevista, vinheta. Analisando as cenas se observa que os frames 3, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17 e 19 foram utilizados como inserts para cobrir o depoimento do ex-apresentador. Os frames 3 e 5 estão com sobe som de áudio original da época. Os frames enumerados como inserts são o foco principal desta análise por apresentarem fragmentos de imagens, reportagem e bastidores da primeira década do BDSC, e somam 38seg.

## **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Com relação a cenário não é possível fazer análise neste episódio pela ausência de imagens em relação a este elemento. Sobre a rotina produtiva se observa no frame 12 a sala do Schitwer de onde o jornal é colocado no ar. Na imagem aparece o operador de áudio (vermelho) e o diretor de imagem (camisa amarela) responsável pelo corte de câmera. No frame 13 o cinegrafista faz um passeio para mostrar detalhes da operação da mesa de áudio. Os frames 14 e 15 reproduzem o veículo (Kombi) usado para transportar na madrugada a equipe do Bom Dia Santa Catarina responsável pela operacionalização e execução do telejornal. O frame 17 resgata uma entrevista de José Reinoldo Rosembrock mencionado por Áureo durante o depoimento. O frame 19 segue o mesmo propósito trazendo a imagem de Roger Bittencourt.

## **Coberturas especiais relatadas pelos apresentadores**

Pela ausência de elementos no depoimento e também nos inserts não é possível fazer uma análise mais minuciosa das coberturas. Somente no frame 4 é possível observar um fragmento de reportagem conduzida pelo Áureo Moraes. A pauta é cultural e o repórter grava a passagem no interior do Teatro Álvaro de Carvalho. Para esta situação, Áureo está vestido com uma camisa social branca e um pulôver cinza, sem gravata, trazendo um aspecto mais informal. No frame 5, Áureo na função de repórter está vestindo um terno escuro, camisa branca e uma gravata para reportar uma notícia mais densa envolvendo um caso policial.

## **FICHA DE ANÁLISE 4**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 4**

**Evento:** Bom Dia SC 35 Anos – Delmar Goularte - 14/07/2017 (HD)

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6006910/>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 14 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 3min07s

**Tempo material histórico:** 38s

**Evento correspondente ao período:** 1990-1993

**Apresentadores no período:** Delmar Goularte / Milton Spada / Márcia Carvalho

### Contexto do programa

O vídeo deste episódio analisado de forma geral do programa BDSC foi exibido pela RBS TV SC no dia 14 de julho de 2017 quando o telejornal entrava no ar entre 6h e 7h30min com apresentação de Mariana Paniz e Raphael Faraco como forma de comemorar os 35 anos do telejornal. O depoimento é de Delmar Goulart que esteve na apresentação do BDSC entre 1990 e 1993 dividindo a bancada com Milton Spada e também com Márcia Carvalho. A entrevista do ex-apresentador foi gravada no Schwitter da emissora e no final ele se reencontra com o primeiro parceiro de bancada Milton Spada para uma troca de ideias rápida sobre o BDSC. O material veiculado tem 21 frames com duração total de 3min07s entre cabeça, entrevista gravada, inserts de imagens, e vinheta especial da edição comemorativa de 35 anos conforme a decupagem das imagens apresentada a seguir.



Figura16: Frames depoimento Delmar Goularte – 35 anos BDSC  
Abaixo frames apresentação Milton Spada e Márcia Carvalho  
Fonte: RBS TV (1990, 2017)

Para resgatar o percurso histórico do BDSC do início da década de 1990 se faz necessário a decupagem textual do episódio. Mais uma vez, reforçamos que a decupagem apresentada a seguir se refere a apresentação de entrevistas realizadas em 2017 em alusão aos 35 anos do BDSC, portanto, apenas alguns elementos contidos no vídeo farão parte da análise, conforme justificado anteriormente.

Cabeça:

Apresentadora 1 (Mariana Paniz):

**(frame 1)** *35 anos de Bom Dia Santa Catarina. Hoje quem também participa das comemorações do nosso aniversário é o Delmar Goularte.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco):

*Pois é, ele chegou a dividir a bancada com Milton Spada que falou a pouco no Bom Dia Santa Catarina e com a Márcia Carvalho a nossa colega também que falou em outros dias, e os dois já passaram por aqui nessas comemorações, já falaram, já conversaram com você, falaram um pouquinho do seu trabalho e agora o Delmar Goularte nos visitou essa semana pra lembrar o período em que fez aqui cedinho o Bom Dia Santa Catarina. Vamos Ver.*

Depoimento:

Delmar Goularte:

**(frame 2)** *Olha muito bom dia. Durante três anos talvez, em meados dos anos 90, eu tive o privilégio de dar esse bom dia carinhosamente a toda a Santa Catarina durante várias e várias manhãs. Primeiro na companhia de uma fera do telejornalismo na época, Milton Spada **(frame 3)**, depois na companhia da Márcia Carvalho, e num terceiro momento em carreira **(frame 4)** solo. **(frame 5 sobe som apresentação Delmar)** *A RBS lança mais um desafio aos catarinenses profissionalizar o turismo no estado.**

**(frame 6)** *Pra minha sorte, na época, eu contava com uma equipe bastante competente. Aí vale ressaltar que você precisa realmente ter uma equipe que seja **(frame 7)** tanto na parte técnica como na parte de **(frame 8)** produção, uma equipe **(frame 9)** bastante introsada e comprometida com esse trabalho **(frame 10)** de se levar a informação **(frame 11)** para as pessoas logo nas primeiras horas do dia **(frame 12)** e procurando na época a linha editorial seria isso dá uma panorâmica do que realmente era notícia em Santa Catarina.*



Figura17: Frames apresentação Delmar Goularte/Milton Spada e arquivos  
 Fonte: RBS TV (1990, 1993, 2017)

**(frame 13 sobe som)** *Agora a manchete do Diário Catarinense desta quarta-feira dois de fevereiro. (frame14) Congresso dá início à revisão.*



Figura18: Frames enchente Florianópolis 1995  
Fonte: RBS TV (1995, 2017)

**(frame 15)** *Um fato que foi muito marcante pra mim (frames 16, 17 e 18) foi a enchente no natal de 95 aqui no estado e que atingiu principalmente Florianópolis e a região metropolitana.*



Figura19: Frame depoimento Delmar e Milton – 35 anos BDSC  
Fonte: RBS TV (2017)

**(frame 19)** *A produção do programa não nos avisou, mas (frame 20) é uma grande e grata satisfação rever, to revendo depois de tanto tempo, desde aquela época.*

Milton Spada:

*Nem fala quanto tempo.*

Delmar Goularte:

*Querido. É senão só com carbono 14 para calcular a idade aqui. Tô revendo aqui o meu primeiro parceiro de bancada do Bom Dia Santa Catarina. Uma satisfação.*

Milton Spada:

*Igualmente.*

Delmar Goularte:

*Que loucura que era aquilo.*

Milton Spada:

*Era uma correria e era um programa que exigia muito da gente. (efeito corte) Então se tinha que as vezes realmente cutucar um entrevistado, provocá-lo para você ter e*

*conseguir extrair a informação que você queria. Em geral é assim. Mas, no Bom Dia é um momento as vezes em que o entrevistado quer aproveitar demais o espaço então você tem que saber cortá-lo às vezes e não era muito fácil fazer isso não.*

Delmar Goularte:

*Isso é uma coisa que eu aprendi com ele. Não deixar o entrevistado usar o espaço pra proveito próprio.*

Milton Spada:

*Isso aí, mas uma satisfação revê-lo com todos os demais colegas da emissora.*

Delmar Goularte:

*Satisfação. Vida longa ao Bom Dia.*

Milton Spada:

*Isso aí.*

O depoimento de Delmar Goularte com a participação de Milton Spada tem a seguinte estrutura jornalística: de Áureo Moraes segue técnicas e recursos da edição jornalística com a seguintes estrutura: cabeça, entrevista, inserts, sobe som, entrevista, inserts, entrevista, sobe som, entrevista, inserts, entrevista, vinheta.

#### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 4**

##### **Cenas históricas**

00min55s – 00min57s – imagem Delmar apresentando

00min57s – 00min58s – imagem Márcia Carvalho apresentando

00min59s – 01min06s - imagem/sobe som Delmar apresentando

01min17s – 01min20s - imagem ilha de edição linear

01min21s – 01min30s - imagem redação/produção

01min40s – 01min46s - imagem/sobe som apresentação Delmar

01min49s – 01min59s - imagem da enchente de 1995

##### **Geral do episódio 4**

00min00s – 00min31s - apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min32s – 00min55s - depoimento Delmar Goularte gravado no Schwiter da RBS TV SC

00min55s – 00min57s – imagem Delmar apresentando

00min57s – 00min58s – imagem Márcia Carvalho apresentando

00min59s – 01min06s - imagem/sobe som Delmar Goularte apresentando  
 01min07s – 01min16s - depoimento Delmar Goularte gravado no Schwiter da RBS TV SC  
 01min17s – 01min20s - imagem ilha de edição linear  
 01min21s – 01min30s - imagem produção  
 01min30s – 01min39s - depoimento Delmar Goularte gravado no Schwiter da RBS TV SC  
 01min40s – 01min46s - imagem/sobe som apresentação Delmar  
 01min47s – 01min48s - depoimento Delmar Goularte gravado no Schwiter da RBS TV SC  
 01min49s – 01min59s - imagem da enchente de 1995  
 02min00s – 03min03s - depoimento Delmar Goularte gravado no Schwiter da RBS TV SC abrindo cena e aparecendo junto Milton Spada  
 03min04s – 03min07s – vinheta 35 anos BDSC

Analisando as cenas se observa que os frames 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 18 e 19 foram utilizados como inserts para cobrir o depoimento do ex-apresentador. Os frames 5, 13, 14 e 15 estão com sobe som de áudio original da época. Os frames enumerados como inserts são o foco principal desta análise por apresentarem fragmentos de imagens, reportagem e bastidores da primeira década do BDSC, e somam 38seg.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Uma parte do cenário é visível no frame 3. Existe uma bancada onde está o ex-apresentador Delmar Goularte. A tapadeira no fundo tem a tonalidade azul com seis televisores em quadrado. Nesses elementos estão imagens de cartões postais de cidade. No quadrado no canto esquerdo superior está o Moinho de Vento monumento instalado na entrada de Joinville. No monitor superior centralizado a marca RBS TV. Já no canto superior direito a imagem do mercado público em Florianópolis. Nos três monitores inferiores só é possível observar os que estão nas extremidades pois o outro está coberto pelo apresentador. Nesses monitores inferiores é exibida a imagem do mapa de Santa Catarina em azul com fundo branco. O apresentador veste um terno marrom, camisa branca e uma gravata bordô. Ele segura o jornal Diário Catarinense lendo as notícias do

jornal impresso do grupo RBS TV SC. O cabelo penteado e levemente dividido. Goularte está com um microfone lapela para captação do áudio. Nos frames 13 e 14 o apresentador está na bancada, no mesmo cenário, pega o Jornal Diário Catarinense começa a ler a manchete e no frame 15 o enquadramento em close na capa do jornal impresso.

No frame 4 é o mesmo insert utilizado no episódio 2 (frame 3) onde a apresentadora Márcia Carvalho está na bancada ocupada nesse episódio 4 por Delmar Goularte porém nos monitores de TV aparecem outras imagens. No canto superior esquerdo o monumento de um relógio na cidade de Blumenau e no canto superior direito o monumento O Desbravador do município de Chapecó. Os elementos inferiores contém o mapa de Santa Catarina na cor azul com um fundo branco. Nesta época a produção e transmissão televisiva era no formato analógico. A apresentadora veste um terno na cor amarelo-laranja, usa cabelo acima do ombro, brincos discretos e maquiagem suave. Para captação do áudio ela esta com um microfone lapela.

No frame 5 Delmar Goularte está sentado na bancada, vestindo um terno claro, camisa branca e gravata marrom escura. O cabelo penteado e levemente dividido. O cenário ao fundo tem uma tapadeira com faixas nas cores amarela e cinza. O frame 7 evidencia um editor realizando a edição linear de uma reportagem. Os frames 8, 9 e 11 mostram uma parte dos bastidores com a equipe de produção e computadores usados naquela época. O frame 10 mostra a repórter fazendo uma entrevista na redação com alguma integrante da equipe do BDSC.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não é possível analisar a coberta nesse período. Delmar Goularte menciona a cobertura da enchente de 1995, porém essa cobertura não faz parte do período aqui analisado. Apenas para fins de registro, os frames 17, 18 e 19 mostram cenas captadas nas ruas de Florianópolis durante a enchente de 25 de dezembro de 1995.

## **FICHA DE ANÁLISE 5**

### **Descrição geral**

## Episódio 5

**Evento:** Milton Spada relembre momentos marcantes na bancada do Bom Dia SC (14/07/2017)

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6006627/>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 14 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 1min16s

**Tempo material histórico:** 25s

**Evento correspondente ao período:** 1990 - 1993

**Apresentadores no período:** Delmar Goularte / Milton Spada / Márcia Carvalho

## Contexto do episódio

Em 14 de julho de 2017 o programa BDSC exibido pela RBS TV SC, apresentado por Mariana Paniz e Raphael Faraco entre 6h e 7h30min, veiculou o depoimento do ex-apresentador do telejornal Milton Spada. O material foi produzido em comemoração aos 35 anos do BDSC. Entre 1990 e 1993, Milton Spada dividiu a apresentação do BDSC com Márcia Carvalho e Delmar Goularte. O ex-apresentador autuou também como repórter na sucursal montada pela emissora em São José na Grande Florianópolis. A estrutura abrigava além do escritório local um estúdio com vista panorâmica para a cidade. A entrevista com Milton Spada, gravada no Schwitter da emissora tem 12 frames com duração total de 1min16s, incluindo o depoimento, inserts de imagens e a vinheta especial de encerramento alusiva aos 35 anos do telejornal. A seguir apresentamos a sequência dos frames.



Figura 20: Frames depoimento Milton Spada – 35 anos BDSC  
Fonte: RBS TV (2017)

Para melhor analisar o contexto da entrevista e resgatar os fatos históricos relatados pelo ex-apresentador do BDSC recorreremos a decupagem textual do episódio que se trata de entrevistas realizadas em 2017 em comemoração aos 35 anos do BDSC, portando, somente alguns elementos serão analisados, conforme justificativas apresentadas ao longo do trabalho.

Cabeça:

Apresentador 1 (Raphael Faraco):

**(frame 1)** *Hoje nós vamos relembrar mais um capítulo dos nossos 35 anos de história com a ajuda do Milton Spada que também já deu bom dia muitas vezes aqui aos catarinenses.*

Depoimento:

Milton Spada:

**(frame 2)** *Olá amigos eu sou o Milton Spada. O Bom Dia Santa Catarina comemorando 35 anos é uma prova de que a areia do tempo cai cada vez mais rápido, não é mesmo?*



Figura 21: Frames link de ao Vivo Milton Spada década 1990  
Fonte: RBS TV (1990, 2017)

**(continuação do frame 2)** *Ao ponto de que eu posso dizer que fui apresentador do programa (frame 3) no século passado entre o início da década de 90 até meados*

daquela década (**frame 4**). O que realmente me empolgava no programa era o fato de estar na rotina do dia a dia na bancada (**frame 5**) ao lado de algum entrevistado ou personagem envolvido em algum tipo de polêmica (**frame 6**). E já naquele período fazíamos um programa bastante eclético e itinerante saímos pra rua sempre que fosse necessário.

(**frame 7 – sobe som repórter Milton Spada**) *A gente sabe aí do potencial econômico de toda essa região*).

(**frame 8**) *Como no caso do impeachment do ex-presidente Fernando Collor*.



Figura 22: Frames cobertura visita do Papa João Paulo II à Florianópolis  
Fonte: RBS TV (1991, 2017)

(**continuação do frame 8**) *Ou na (frame 9) memorável visita do Papa João Paulo II à Florianópolis em 91*.

(**frame 10 sobe som narração Milton Spada**) *Papa João Paulo II vai pisar agora em solo catarinense*.

(**frame 11**) *Eu desejo longa vida ao Bom Dia Santa Catarina*.

A entrevista de Milton Spada tem a seguinte estrutura jornalística: cabeça, entrevista, insert, entrevista, insert, entrevista, insert e sobe som, entrevista, inserts e sobe som, entrevista, vinheta. Analisando as cenas se observa que os frames 3, 5, 7, 9 e 10 foram utilizados como inserts para cobrir o depoimento do ex-apresentador. Os frames 7 e 10 estão com sobe som de áudio original da época. Os frames enumerados como inserts são o foco principal desta análise por apresentarem fragmentos de imagens, reportagem e bastidores da primeira década do BDSC, e somam 25seg.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

O arquivo do depoimento de Milton Spada não contém imagens do cenário da época em que o jornalista ancorava o BDSC. No frame 3 é possível observar o estúdio panorâmico da RBS TV SC em São José que na época ocupava duas salas comerciais na Rua Adolfo Donato da Silva, nº 126 no bairro Praia Comprida. Deste espaço, Milton Spada fazia entradas Ao Vivo com notícias relacionadas a cidade de São José. Pela imagem é possível perceber, apesar de não aparecer nenhuma bancada, que o jornalista estava sentado. Ele vestia um terno escuro, com uma gravata quadriculada também em tons escuros e uma camisa branca. O cabelo estava penteado para a esquerda. A captação do áudio era feita por meio de um microfone lapela. No canto inferior direito é inserida a logo da emissora com a inscrição VIVO para indicar que aquele momento estava sendo transmitido AO VIVO. No caractere uma tarja em tonalidades claras azul e amarela com a frase “ESTÚDIO SÃO JOSÉ” para marcar a localização do jornalista naquela entrada Ao Vivo. Ao fundo é possível observar parte da região do bairro Praia Comprida em São José, o mar e um pedaço da Ilha de Santa Catarina. Na lateral esquerda da imagem também é possível perceber um pequeno traçado do sol. No Frame 5, o cenário é o mesmo, contudo a logo da emissora com a indicação VIVO é retirada para creditar o nome do jornalista e a cidade (MILTON SPADA – São José). No Frame 7, Milton Spada faz uma entrada AO VIVO como repórter também na cidade de São José. Essa constatação é possível porque no canto inferior direito está a logo da emissora com a inscrição VIVO. A tarja usada nesta entrada do repórter é a mesma em tonalidades claras de azul e amarelo. Em caractere somente nome da cidade (SÃO JOSÉ). Ao fundo se observa o prédio do Centro Executivo Mirante, antiga sede da sucursal da RBS TV em São José. No frame 9 contém uma imagem em plano fechado do Papa João Paulo II na porta do avião durante uma visita à Florianópolis em 1991. O frame 10 é uma imagem em plano aberto com a logo da emissora no canto superior direito e com a inscrição VIVO indicando uma transmissão em tempo real do momento em que o pontífice desce do avião e pisa pela primeira vez em solo catarinense. Milton Spada narra a cena. Naquela década de 1990 não havia captação e transmissão em sinal digital, nem em HD (High Definition). O padrão das imagens eram SD (Standard Definition) com qualidade variando entre 703x470 pixels com proporção 16:9 e 640x470 pixels na proporção 4:3.

## **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Milton Spada destaca no depoimento duas coberturas marcantes realizadas pelo BDSC enquanto ele ocupava a bancada. Uma foi o impeachment de Fernando Collor de Mello em 1992. Para este fato não é possível analisar detalhes da cobertura pela ausência de imagens. A outra foi a visita de João Paulo II à Florianópolis em 1991 registrada no episódio analisado pelos frames 9 e 10. O ex-apresentador, aparentemente com a voz embargada pela emoção, narra ao vivo o desembarque do líder da Igreja Católica em terras catarinenses.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 5**

#### **Cenas históricas**

00min25s – 00min30s – imagem Milton Spada estúdio sucursal São José

00min37s – 00min42s - imagem Milton Spada estúdio sucursal São José

00min47s – 00min53s - imagem e sobe som Milton Spada como repórter em entrada Ao Vivo

00min57s – 01min02s - imagem visita Paulo João Paulo II à Florianópolis

01min03s – 01min07s - sobe som visita João Paulo II à Florianópolis narração Milton Spada

#### **Geral do episódio 5**

00min00s – 00min1s - apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min11s – 00min25s - depoimento Milton Spada gravado no Schwiter da RBS TV SC

00min25s – 00min30s – imagem Milton Spada estúdio sucursal São José

00min31s – 00min36s – depoimento Milton Spada gravado no Schwiter da RBS TV SC

00min37s – 01min42s - imagem Milton Spada estúdio sucursal São José

00min43s – 00min47s - depoimento Milton Spada gravado no Schwiter da RBS TV SC

00min47s – 00min53s - imagem e sobe som Milton Spada como repórter em entrada Ao Vivo

00min54s – 00min57s - depoimento Milton Spada gravado no Schwiter da RBS TV SC

00min57s – 01min02s - imagem visita Paulo João Paulo II à Florianópolis

01min03s – 01min07s - sobe som visita João Paulo II à Florianópolis narração Milton Spada

01min08s – 01min11s - depoimento Milton Spada gravado no Schwitter da RBS TV SC  
 01min12s – 01min16s – vinheta 35 anos BDSC

## FICHA DE ANÁLISE 6

### Descrição geral

#### Episódio 6

**Evento:** Bom Dia SC completa 35 Anos | Depoimento de Mário Motta | RBSTV Santa Catarina | (17/07/2017)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=p0DP5UA4-9c>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 17 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 1min42s

**Tempo material histórico:** 20s

**Evento correspondente ao período:** 1989

**Apresentador no período:** Mário Motta

### Contexto do episódio

Em 17 de julho de 2017 o programa BDSC exibido pela RBS TV SC, apresentado por Mariana Paniz e Raphael Faraco entre 6h e 7h30min, veiculou o depoimento do ex-apresentador do telejornal Mário Motta. O cenário para a gravação em comemoração aos 35 anos foi a redação da emissora. Em 1989, Mário Motta apresentava o Jornal do Almoço e, paralelamente, assumiu o BDSC durante sete meses substituindo primeiramente Áureo Moraes e posteriormente Milton Spada. O material com a entrevista do ex-apresentador tem 12 frames entre sonora, inserts de imagens e a vinheta especial alusiva aos 35 anos do BDSC. Segue a sequência de frames:



Figura 23: Frames depoimento Mario Motta – 35 anos BDSC  
A esquerda Mariana Paniz e Raphael Faraco. À direita Mario Motta  
Fonte: RBS TV (2017)

Na tentativa de resgatar os fatos históricos por meio do registro oral do ex-apresentador do BDSC foi realizada a decupagem textual da entrevista realizada em 2017 em razão dos 35 anos do programa, mas apenas alguns elementos, justificados anteriormente, fazem parte do escopo desta pesquisa.

Cabeça:

Apresentador 1 (Raphael Faraco):

**(frame 1 – plano aberto)** *A gente segue com informações aqui no Bom Dia Santa Catarina. Vamos falar agora do que? Dos nossos 35 anos?*

Apresentador 2 (Mariana Paniz):

**(frame 1 – plano aberto)** *Dos nossos 35 anos. Talvez você não saiba, mas tem um colega que você ta acostumado a ver todos os dias aqui na telinha e antes dele dizer vamos fazer uma boa tarde ele disse*

Apresentador 1 (Raphael Faraco):

**(frame 1 – plano aberto)** *muito bom dia pra todos os catarinenses durante algum período. Tá chegando aí o Mário Motta, nosso colega há muitos anos já no Jornal do Almoço, mas que também passou aqui pelo Bom Dia Santa Catarina para deixar um recado sobre a sua passagem pelo jornal nesses 35 anos de história.*

Depoimento:

Mário Motta:

**(frame 2)** *Bom dia Santa Catarina. Talvez seja uma surpresa pra vocês, mas eu também tenho uma pequeninha participação nesses 35 anos do Bom Dia Santa Catarina.*



Figura 24: Frames repórteres Mario Motta, Áureo Moraes e Milton Spada 1989  
Fonte: RBS TV (19892017)

**(frame 3 – sobe som Mário Motta repórter)** *São sítios arqueológicos deixados por civilizações em vários pontos especialmente da região litorânea de Santa Catarina.*

**(frame 4)** *Lá no finalzinho dos anos 80 eu fiz uma substituição inicial muito rápida que acabou se estendendo por sete meses. (frame 5) Entre o Áureo Moraes e (frame 6) o Milton Spada.*



Figura 25: Frames apresentador Mario Motta 1989  
Fonte: RBS TV (19892017)



Figura 26: Frames depoimento Mario Motta – 35 anos BDSC  
Fonte: RBS TV (19892017)

**(frame 7)** *Eu iniciei a apresentação mantendo a apresentação do Jornal do Almoço, e*

**(frame 8)** *eu confesso a vocês me lembro com muito carinho e com muita saudades,*

*mesmo acordando de madrugada (frame 9) e permanecendo na TV até o começo da tarde. O Bom Dia me (frame 10) permitia falar para o estado todo, unir o estado todo com informações importantes, quentíssimas (frame 11) e continua sendo o meu telejornal de todas as manhãs. E eu espero que o seu também. Parabéns pelos 35 anos.*

A entrevista com o Mário Motta tem a seguinte estrutura jornalística: cabeça, entrevista, insert com sobe som, entrevista, inserts, entrevista, insert, entrevista, insert, entrevista, vinheta. Os frames 3, 5, 6, 8 e 10 foram utilizados como inserts no depoimento. Os frames 5 e 6 são de Áureo Moraes e de Milton Spada, respectivamente, observados em episódios anteriores. Neste episódio são ilustrativos do momento em que Mário Motta cita os dois nomes se referindo aos jornalistas que ele substituiu na bancada do BDSC. O frame 3 contém sobe som de uma participação do Mário Motta como repórter. O frame 8 é um insert do Mário Motta apresentando o BDSC na rua durante do carnaval de 1989. O frame 10 ilustra outra participação dele no BDSC como repórter. Excluindo-se os frames 5 e 6 analisados em episódios anteriores, os fragmentos dos inserts contemplados para estudo no episódio 6 resgatando imagens históricas da época de 1989 somam 20seg.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio o cenário do BDSC não aparece em nenhum dos frames impossibilitando a análise. No frame 3, Mário Motta participa do BDSC com uma reportagem sobre sítios arqueológicos. A constatação do tema é observada por meio do sobe som original da época. Mário Motta veste uma camisa pólo listada e uma calça jeans. Esse está sentado a beira de um lago segurando em uma das mãos o microfone com a canopla da RBS TV e na outra um bloco de anotações.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Mário Motta não menciona nenhuma cobertura marcante, porém no frame 8 é possível observar o ex-apresentador ancorar o BDSC Ao Vivo em uma coberta de carnaval em 1989. Na imagem é visível a utilização de pelo menos duas câmeras. Uma delas está focada no ex-apresentador que, no meio dos foliões, segura em uma das mãos um microfone com a canopla da RBS TV e um equipamento com uma antena esticada

que é o retorno usado pelo âncora como um guia durante a apresentação. Na outra mão, Mário Motta está com um abacaxi. O ex-apresentador veste uma camisa florida com predomínio da tonalidade amarela. Mais ao fundo aparece um cinegrafista com outra câmera. O profissional também veste uma camisa na cor amarela.

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 6**

### **Cenas históricas**

00min45s – 00min53s - imagem e sobe som Mário Motta repórter

01min11s – 01min17s - apresentação Mário Motta carnaval

01min22s – 01min28s – repórter Mário Motta

### **Geral do episódio 6**

00min00s – 00min33s - apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min34s – 00min45s - depoimento Mário Motta

00min45s – 00min53s - imagem e sobe som Mário Motta repórter

00min54s – 01min02s - depoimento Mário Motta

01min02 – 01min03s – imagem Áureo Moraes

01min04s – 01min05s – imagem Milton Spada

01min05s – 01min11s - depoimento Mário Motta

01min11s – 01min17s - apresentação Mário Motta carnaval

01min17s – 01min21s – depoimento Mário Motta

01min22s – 01min28s – repórter Mário Motta

01min28s – 01min37s – depoimento Mário Motta

01min38s – 01min42s – vinheta especial 35 anos BDSC

## **FICHA DE ANÁLISE 7**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 7**

**Evento:** Bom Dia Santa Catarina – Exportações – anos 90

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=mErzJ4h7NoE>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** anos 90

**Tempo total do fragmento:** 2min06s

**Tempo material histórico:** 2min06s

**Evento correspondente ao período:** 1990

**Apresentadoras no período:** Márcia Carvalho e Márcia Dutra

### Contexto do episódio

Na década de 1990 o BDSC era apresentado pelas jornalistas Márcia Carvalho e Márcia Dutra, porém não foi possível identificar a data precisa de veiculação deste episódio. É uma entrevista fragmentada realizada em estúdio com Henry Quaresma, na época, chefe do departamento de tecnologia e comércio exterior da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC). A gravação não é original e, aparentemente, por conta da instabilidade da imagem, se sugere que a captação foi feita por meio de um celular a partir de um monitor de vídeo. Porém, não é possível afirmar em que local se deu a captação deste registro. O material tem 10 frames detalhados na decupagem apresentada a seguir:



Figura 27: Frames apresentação Márcia Carvalho e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990  
Fonte: RBS TV (1990/ 2017)

A decupagem textual do conteúdo deste episódio permanecerá somente para fins de registro porque se entende que não há elementos que se enquadrem no contexto histórico do telejornal, e sim, de um tema específico pautado na época.

Cabeça (não disponível no fragmento do material):

Apresentadora 1 (Márcia Carvalho):

**(frame 1 – plano aberto)** ... *com as exportações?*

Entrevistado (Henry Quaresma)

**(frame 1 – plano aberto)** Bem, as exportações tem sido uma, tem **(frame 2)** sido uma forma de estratégia utilizadas pelas empresas para compensar a dificuldade das vendas dentro do próprio país.



Figura 28: Frames apresentação Márcia Dutra e Márcia Dutra e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990  
Fonte: RBS TV (1990/ 2017)

Apresentadora 2 (Márcia Dutra):

**(frame 3 – plano aberto)** Agora há uma estimativa de queda nas exportações de até 40% neste semestre como é que o senhor vê esse índice?

Entrevistado (Henry Quaresma)

**(frame 4)** Bem na verdade não se espera uma queda tão elevada porém o incremento não deverá ser o ocorrido nos anos anteriores porque a defasagem cambial realmente chega a atingir até a marca dos 17, 16 por cento.

Apresentadora 1 (Márcia Carvalho):

**(frame 5)** Mas, daí o que que o empresário, o exportador deve fazer nesse momento? Qual é a estratégia nesse momento?

Entrevistado (Henry Quaresma)

**(frame 6)** Bem, a grande forma de compensar essas questões sem dúvida nenhuma é o ajuste com relação aos impostos que se pagam na exportação. Porém, as empresas tão optando como não conseguem aumento é diminuir esses impostos agora é aumentar a competitividade interna de produção tentando reduzir custos, aumentar a qualidade e conseqüentemente ter uma margem um pouco superior de venda na exportação.



Figura 29: Frames apresentação Márcia Dutra e Márcia Dutra e entrevistado Henry Quaresma na bancada 1990  
Fonte: RBS TV (1990/ 2017)

Apresentadora 1 (Márcia Dutra):

**(frame 7)** *Então essa diferença pode ser absorvida pelo mercado interno?*

Entrevistado (Henry Quaresma)

**(frame 8)** *Bem, o mercado interno também está irregulado. Com o plano real ocorreu uma estabilização nos fluxos de compra e venda. Porém isso tudo não é suficiente para absorver a produção das empresas que estão no mercado. E a exportação, Santa Catarina é um estado que possui um modelo de exportação então qualquer alteração com relação a política de exportação, com o câmbio sem dúvida nenhuma repercute nos setores principalmente das pequenas e médias empresas exportadoras.*

Apresentadora 1 (Márcia Carvalho):

**(frame 9)** *Quanto a conquista de novos mercados lá fora já há possibilidade disso? Já há países acenando com possibilidades de negócios com o Brasil, especificamente com Santa Catarina?*

Entrevistado (Henry Quaresma)

**(frame 10)** *Bem, essa é a estratégia utilizada pelas empresas, mas os mercados estão se abrindo, está se incentivando muito os mercados da América Latina, China, Bolívia...*

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio o cenário do BDSC é composto por uma bancada construída levemente em formato “L” na cor cinza. Na borda superior existem elementos de luzes que imprimem na bancada detalhes na cor azul. A tapadeira no fundo reproduz faixas nas cores azul amarelo, alaranjado e vermelho, além do logotipo do telejornal em uma

coluna cinza desenhada no mesmo elemento cenográfico. No frame 3 é possível observar uma imagem aberta do cenário. Do ângulo de visão do telespectador, as apresentadoras estão a esquerda e o entrevistado que ocupa a mesma bancada esta a direita do vídeo.

A apresentadora Márcia Dutra (à direita) com cabelos um pouco abaixo do limite do ombro, veste uma roupa que aparenta ser um terninho na cor amarela. A apresentadora Márcia Carvalho esta com o corte de cabelo um pouco acima da linha do ombro, veste terninho preto e camisa branca. O entrevistado Henry Quaresma esta com o cabelo penteado para o lado, veste terno marrom, camisa branca e uma gravata com detalhes em elementos geométricos.

A captação do áudio das apresentadoras e do entrevistado é feita por meio de microfones do estilo lapela posicionados individualmente em cada uma das três pessoas que ocupam a bancada. Na bancada com as apresentadoras estão folhas de papel. Márcia Dutra tem três folhas uma ao lado da outra, e Márcia Carvalho outras duas. O entrevistado Henry Quaresma também está com folhas sobre a bancada. Márcia Carvalho é a única que mexe e consulta os papéis. As apresentadoras também seguram na mão direita uma caneta.

Cinco enquadramentos são utilizados durante a entrevista. Nos frames 1 e 9 observamos o plano semi aberto focado na apresentadora Márcia Carvalho que está mais ao lado do entrevistado Henry Quaresma. Entre os dois está a coluna com a logo do Bom Dia Santa Catarina impressa na tapadeira do fundo do cenário. Nos frames 2, 4, 6, 8 e 10 o enquadramento é fechado somente no entrevistado. No frame 3 o enquadramento é em plano aberto contextualizando toda a bancada, o estúdio, as apresentadoras e o entrevistado. No frame 5 a apresentadora Márcia Carvalho aparece em plano fechado, e o mesmo ocorre no frame 7 com a apresentadora Márcia Dutra.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica neste episódio.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 7**

#### **Geral**

00min00s – 00min05s – Enquadramento semi-aberto apresentadora Márcia Carvalho e entrevistado Henry Quaresma

00min05s – 00min12s - Enquadramento fechado entrevistado Henry Quaresma  
00min12s – 00min21s - Enquadramento aberto apresentadoras Márcia Carvalho, Márcia Dutra e entrevistado Henry Quaresma  
00min21s – 00min35s - Enquadramento fechado entrevistado Henry Quaresma  
00min35s – 00min40s – Enquadramento fechado apresentadora Márcia Carvalho  
00min40s – 01min11s - Enquadramento fechado entrevistado Henry Quaresma  
01min11s – 01min14s – Enquadramento fechado apresentadora Márcia Dutra  
01min14s – 01min46s - Enquadramento fechado entrevistado Henry Quaresma  
01min46s – 01min57s - Enquadramento semi-aberto apresentadora Márcia Carvalho e entrevistado Henry Quaresma  
01min57s – 02min06s - Enquadramento fechado entrevistado Henry Quaresma

## **FICHA DE ANÁLISE 8**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 8**

**Evento:** Bom Dia SC 35 Anos - Alexandre Oliveira - 12/07/2017 (HD)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=0ZA4lnhQFjY>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 12 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 3min05s

**Tempo material histórico:** 48s

**Evento correspondente ao período:** 2001

**Apresentadores no período:** Alexandre Oliveira e Laine Valgas

### **Contexto do episódio**

Este episódio foi veiculado pela RBS TV SC em 12 de julho de 2017 quando o telejornal entrava no ar entre 6h e 7h30min com apresentação de Mariana Paniz e

Raphael Faraco. O material analisado é de uma entrevista com Alexandre Oliveira, ex-apresentador do BDSC, exibido na semana de comemoração dos 35 anos do programa. Alexandre Oliveira atuou durante seis anos no BDSC como repórter e apresentador, e paralelamente, integrava a equipe de voleibol de Florianópolis. O jornalista e atleta, atualmente correspondente internacional em Lisboa (Portugal) para a TV Globo e Sport TV, dividiu a bancada do BDSC com a jornalista Laine Valgas. O episódio em questão tem uma sequência de 30 frames.



Figura 30: Frames depoimento Alexandre Oliveira – 35 anos BDSC  
A esquerda Mariana Paniz e Raphael Faraco. À direita Alexandre Oliveira  
Fonte: RBS TV (2017)

Para reconstruir a linha temporal do BDSC se faz necessário resgatar a história oral, neste caso, relatada por Alexandre Oliveira no depoimento concedido à emissora em 2017 quando da comemoração dos 35 anos do telejornal. Por isso, apenas parte dos elementos contidos neste material serão incorporados de fato na análise, conforme justificativas apresentadas anteriormente.

Cabeça:

Apresentador 1 (Mariana Paniz)

**(frame 1 – plano aberto)** *E olha, hoje uma dupla de ex-apresentadores participa das comemorações dos 35 anos do nosso Bom Dia Santa Catarina.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 1 – plano aberto)** *Primeiro nós vamos ouvir o depoimento de um ex-jogador que virou jornalista. Ele mandou um vídeo pra gente direto de Portugal.*

Apresentador 1 (Mariana Paniz)

**(frame 1 – plano aberto)** *Será que você lembra dele?*

Depoimento:

Alexandre Oliveira:

**(frame 2)** *Olá, muito bom dia Santa Catarina, muita saudade de falar com vocês. Muito legal poder ter essa oportunidade novamente. Pra quem não se lembra, meu nome é*

*Alexandre Oliveira, trabalhei em Santa Catarina por seis anos, trabalhei no (frame 3) Bom Dia diretamente ao lado da minha parceira Laine Valgas.*



Figura 31: Frames apresentação Alexandre Oliveira, Laine Valgas 2001  
Fonte: RBS TV (2001/2017)

**(frame 3 – sobe som original – Alexandre Oliviera)** *Eu saí do Bom Dia, mas o Bom Dia não sai de mim.*

**(frame 4)** *E hoje eu trabalho como correspondente internacional em Portugal, em Lisboa pra TV Globo e também pro Sport TV. E a minha relação com o Bom Dia é de eterna gratidão. Foi aí que eu aprendi muito sobre notícia (frame 5) o que é ser um jornalista, como lidar com algumas notícias importantes*

**(frame 5 - sobe som - original Alexandre Oliveira)** *O problema foi provocado por atos de vandalismo.*

**(frame 6)** *Notícias difíceis claro.*



Figura 32: Frames Furacão Catarina 2004  
Fonte: RBS TV (2004/2017)

*Eu (frame 7) lembro é do Furacão (frame 8) Catarina que passou e (frame 9) devastou o (frame 10) sul do estado.*



Figura 33: Frames repórter Alexandre Oliveira década de 2000  
Fonte: RBS TV (2000/2017)

*Eu (frame 11) tava apresentando o jornal e (frame 12) outras notícias que me trazem muita alegria (frame 13) como por exemplo eu fui atleta de voleibol, eu (frame 14) joguei vôlei por Florianópolis e a (frame 15) gente foi campeão brasileiro, campeão da superliga, aliás o primeiro título de Santa Catarina (frame 15) no nível nacional (frame 16 – sobe som – original da época – Sport TV) Campeã (frame 17 – sobe som – original da época – Sport TV) da superliga nacional de (frame 18 – sobe som – original da época – Sport TV) 2004.*

*(frame 19) E eu trabalhava no Bom Dia, então muitas vezes eu tinha que dar notícia do meu time que eu mesmo jogava, entrevista colegas da equipe, entrevistei o técnico o Weber, o argentino.*

*(frame 20 – sobe som original- reportagem Alexandre Oliveira) Carlos Javier Weber, (frame 21 – sobe som original- reportagem Alexandre Oliveira) boa parte do nome que ele tem (frame 22 – sobe som original- reportagem Alexandre Oliveira) hoje no vôlei mundial, foi feita (frame 23 – sobe som original- reportagem Alexandre Oliveira) no Brasil.*

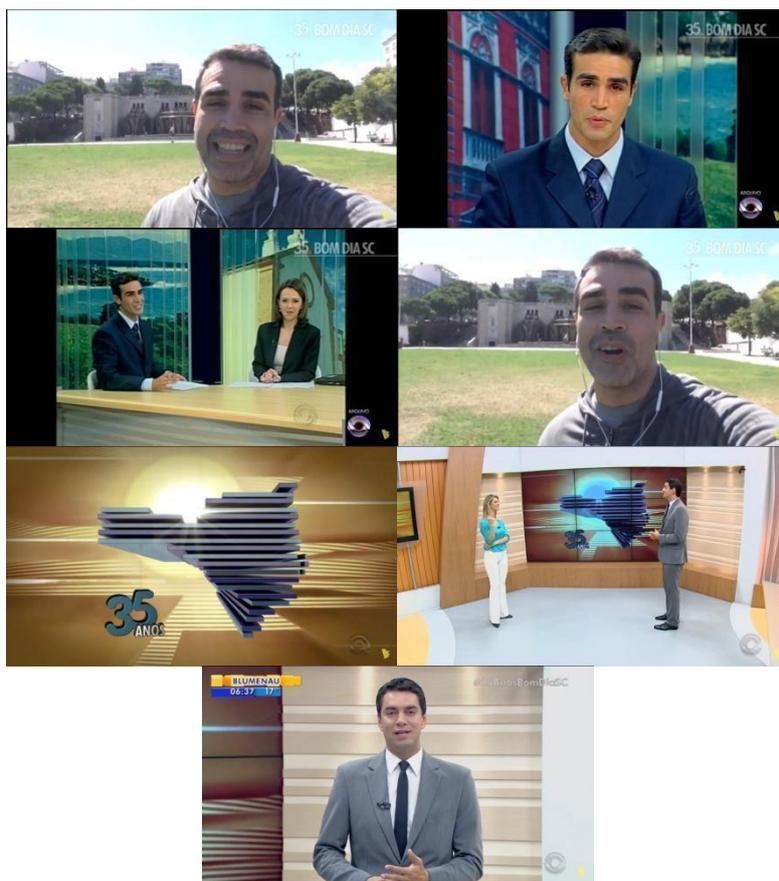


Figura 34: Frames apresentação Laine Valgas e Alexandre Oliveira 2001  
Fonte: RBS TV (2001/2017)

**(frame 24)** *Eu tenho certeza que você que é de Santa Catarina é um dos telespectadores que acorda muito bem informado (frame 25) e de alto astral porque aí no Bom Dia é uma grande família que todo mundo acorda (frame 26) bem disposto a fazer o melhor por você (frame 27), e acorda cedo viu. Quando eu morava ai eu acordava quatro horas da manhã que tinha que levantar, não sei que horas o pessoal ta acordando agora. Pra você Bom Dia Santa Catarina feliz aniversário. Parabéns e tenha muitos, muitos anos de notícias pra gente receber.*

**(frame 28)** *Vinheta.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 29)** *Que legal.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 29)** *Alexandre Oliveira não mudou muita coisa pelo menos não no horário eu digo.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 29)** *É a gente acorda um pouquinho mais cedo. Também não mudou muita coisa, o Alexandre não sabe, mas também temos um atleta aqui no Bom Dia Santa Catarina. Atleta do chucrute oficial.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 29 - risada)** *Mais ou menos isso, o meu é mais pro lado da brincadeira mesmo. Mas, é bom, dá pra bater uma bolinha também, mas o Alexandre não, o Alexandre era atleta.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 29)** *Muito legal ver um pedacinho dessa história e saber assim os bastidores né. Eu por exemplo que não acompanhei toda essa época do Bom Dia Santa Catarina é saber quem passou por aqui, como é que era, acho muito legal.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 29)** *Não, e as imagens, e aí sim no caso da estética, da própria tecnologia, da maneira um pouco assim até de informar, isso a gente vai mudando ao longo do tempo, se muda de mês a mês, imagina de ano a ano.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 29)** *É verdade.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 29)** *Vamos em frente. Vamos lá. Seis horas e trinta (frame 30) e sete minutos, seis e trinta e sete da manhã. Tem notícia boa agora pra agroindústria do estado.*

A entrevista com o Alexandre Oliveira tem a seguinte estrutura jornalística: cabeça, entrevista, insert com sobe som, entrevista, insert com sobe som, entrevista, inserts, entrevista, inserts com sobe som, entrevista, inserts com sobe som, entrevista, insert, entrevista, vinheta, encerramento/comentário.

Entre os 30 frames seqüenciais deste episódio, 19 serão objeto desta análise por apresentarem fragmentos que resgatam visualmente a imagem do BDSC. Nos frames 3, 5, 25 e 26 podemos observar o cenário da época e elementos como figurino dos apresentadores. Os frames 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22 e 23 são inserts de imagens de coberturas e reportagens relatadas pelo entrevistado no episódio. Os 19 frames em questão totalizando 48seg de conteúdo para esta pesquisa.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Alexandre Oliveira dividiu a bancada do BDSC com a jornalista Laine Valgas. No Frame 3 observamos parte do cenário. Os apresentadores estão em uma bancada triangular. A base é na cor bege clara e a parede sustentação em tom acinzentado. O fundo do cenário tem figuras de cartões postais de cidades de Santa Catarina com elementos que remetem a uma persiana horizontal dando a impressão de ser uma janela. Alexandre Oliveira veste um terno azul marinho escuro, uma camisa branca e uma gravada bordô. Laine Valgas tem o corte de cabelo alinhado aos ombros, está com terno preto e uma blusa branca. Os dois apresentadores estão com microfones do tipo lapela para captação do áudio e seguram uma caneta nas mãos. Em cima da banca estão as laudas com o roteiro do telejornal. É possível observar ainda um notebook aberto do lado direito da apresentadora.

No Frame 5 o enquadramento está fechado no apresentador Alexandre Oliveira que neste dia veste um terno cinza claro, camisa branca e uma gravata azul listrada. O jornalista segura uma caneta e os braços estão apoiados na bancada onde estão as laudas com o roteiro do jornal, denominado tecnicamente como espelho. O elemento do fundo do cenário remete a uma janela pelas estruturas semelhantes a uma persiana fixada na horizontal. A imagem é de uma praia de Santa Catarina não sendo possível somente com essa informação identificar a localização da paisagem. Em outro enquadramento, observado no frame 25, o ex-apresentador vestindo terno azul marinho, camisa branca e gravata azul listrada está em um plano mais fechado a partir de uma linha um pouco

abaixo do ombro. No fundo do cenário, se percebe no canto esquerdo um prédio histórico e a direita a mesma praia evidenciada no frame 5. Laine Valgas e Alexandre Oliveira aparecem novamente na bancada no frame 26. Alexandre do lado esquerdo e Laine do lado direito.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

No episódio, o ex-apresentador do BDSC narra dois momentos marcantes para o jornalista durante a permanência no programa. Em março de 2004 o Furacão Catarina devastou o sul de Santa Catarina. Alexandre Moreira apresentava as notícias e a repercussão da tragédia que deixou 27,5 mil desalojadas e 11 mortos. O frame 7 mostra a força do vento e os frames 8, 9 e 10 registram as imagens aéreas da tragédia, gravadas por meio de um helicóptero, visto que na época não existiam drones em televisão, No mesmo ano, Alexandre Moreira foi campeão da superliga de vôlei com o time de Florianópolis. Nos frames 12, 13 e 14, Alexandre Moreira aparece em quadra, enquanto os frames 15, 16 e 17 são imagens do Sport TV da final da superliga de vôlei. Alexandre também foi repórter do BDSC e cobria frequentemente pautas de esporte como registrado no frame 18 onde o jornalista aparece em uma passagem que é o momento em que o repórter aparece na reportagem. Nos frames 20, 21 e 22, o jornalista conduz uma reportagem com o técnico argentino de vôlei Carlos Javier Weber. O cenário da reportagem é a Avenida Beira Mar Norte e o trapiche na mesma região em Florianópolis. Alexandre veste uma camisa jeans e uma calça. Nos inserts disponíveis no episódio se observam três enquadramentos: plano fechado (**frame 20**) com o repórter e o entrevistado em quadro, plano mais aberto (**frame 21**) com o repórter e o entrevistado caminhando, e um plano mais fechado (**frame 22**) com o repórter em primeiro plano, porém com destaque maior na imagem para o entrevistado.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 8**

#### **Cenas históricas**

00min34s – 00min40s - bancada Alexandre Oliveira e Laine Valgas (sobe som)

00min53s – 01min00s - bancada Alexandre Oliveira (sobe som)

01min03s – 01min10s - inserts Furacão Catarina

01min12s – 01min27s - inserts Alexandre atleta voleibol, sobe som Sport TV, Alexandre repórter

01min35s – 01min41s - Alexandre reportagem (sobe som)

01min49s – 01min56s – bancada Alexandre Oliveira e Laine Valgas

### **Geral do episódio 8**

00min00s – 00min17s - apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min18s – 00min34s - depoimento Alexandre Oliveira

00min34s – 00min40s - bancada Alexandre Oliveira e Laine Valgas (sobe som)

00min40s – 00min52s - depoimento Alexandre Oliveira

00min53s – 01min00s - bancada Alexandre Oliveira (sobe som)

01min00s – 01min03s - depoimento Alexandre Oliveira

01min03s – 01min10s - inserts Furacão Catarina

01min10s – 01min12s - depoimento Alexandre Oliveira

01min12s – 01min27s - inserts Alexandre atleta voleibol, sobe som Sport TV,  
Alexandre repórter

01min27s – 01min34s – depoimento Alexandre Oliveira

01min35s – 01min41s - Alexandre reportagem (sobe som)

01min41s – 01min49s – depoimento Alexandre Oliveira

01min49s – 01min56s – bancada Alexandre Oliveira e Laine Valgas

01min56s – 02min11s – depoimento Alexandre Oliveira

02min11s – 02min15s – vinheta especial 35 anos BDSC

02min15s – 03min05s – encerramento/comentário Mariana Paniz e Raphael Faraco

### **FICHA DE ANÁLISE 9**

#### **Descrição geral**

#### **Episódio 9**

**Evento:** Bom Dia SC 35 Anos - Márcia Dutra - 11/07/2017 (HD)

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/5998877/>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 11 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 2min26s

**Tempo material histórico:** 01min07s

**Evento correspondente ao período:** 1999 - 2001

**Apresentadores no período:** Márcia Dutra

### Contexto do episódio

O episódio foi veiculado pela RBS TV durante a semana de comemoração dos 35 anos do BDSC. O depoimento exibido no BDSC do dia 11 de julho de 2017 é da ex-apresentadora Márcia Dutra. A jornalista executou as funções de apresentadora e editora chefe do telejornal atuando na emissora entre 1999 e 2001. O material tem 26 frames conforme sequência apresentada abaixo.



Figura 35: Frames depoimento Márcia Dutra – 35 anos BDSC  
A esquerda Mariana Paniz. À direita Márcia Dutra  
Fonte: RBS TV (2017)

Como forma de recontar a história da época, optamos pela decupagem do registro oral do depoimento da Márcia Dutra para reestabelecer a linha do tempo do BDSC. Contudo, somente os elementos históricos (imagens) contidos na entrevista gravada em 2017 serão considerados para fins de análise conforme justificado ao longo desta pesquisa.

Cabeça:

Apresentador 1 (Raphael Faraco)

**(frame 1 – plano aberto)** *Mariana, o Bom Dia Santa Catarina com os seus 35 anos. Nesse mês de comemoração você acompanha um pouco da nossa história, relembra fatos importantes do estado.*

Apresentadora 2 (Mariana Paniz)

**(frame 1 – plano aberto – barulho celular vibrando na bancada)** *Sabe que a nossa produção foi atrás dos ex-apresentadores do jornal e alguns deles participam com a*

*gente desse momento histórico. A jornalista Márcia Dutra mandou um vídeo e um bom dia direto de Paris onde ela mora atualmente.*

**(frame 2)** *Oi, bom dia Faraco, Mariana, bom dia Santa Catarina. Eu estou muito feliz em participar dessa comemoração pelos 35 anos desse jornal tão importante no dia a dia, na vida do catarinense. Bom eu sou a Márcia Dutra, sou jornalista, tive a honra de ser apresentadora e editora chefe do Bom Dia no final dos anos 90 até 2001.*



Figura 36: Frames bastidores apresentação Márcia Dutra 1999  
Fonte: RBS TV (1999/2017)

**(frame 3 – sobe som – áudio original Márcia)** *Oi, bom dia. Nos 365 dias de 1999 nós levamos para você as informações de todo o estado.*

**(frame 4)** *Momento muito importante da minha vida porque coincidiu com o nascimento da minha única filha a Beatriz. Então vocês imaginam (frame 5) cuidar de um bebezinho, e (frame 6) colocar esse avião que é o Bom Dia Santa Catarina no ar todos (frame 7) os dias tão cedinho. Mas, valeu*

**(frame 8 – sobe som original – Márcia Dutra)** *Está só começando.*

**(frame 9 vinheta e sobe som)** *vinheta de 1999*

**(frame 10)** *E hoje eu to aqui pra dividir com vocês o momento que mais marcou esse período que eu fiquei a frente do Bom Dia Santa Catarina.*



Figura 37: Frames cobertura acidente aéreo com ex-secretário de segurança de SC Luiz Carlos Schimidt de Carvalho em 1999  
Fonte: RBS TV (1999/2017)

**(frame 11)** *Foi a morte do secretário de* **(frame 12)** *segurança Luiz Carlos Schimidt de Carvalho no ano de 1999* **(frame 13)** *ele tinha 46 anos e morreu na queda de um helicóptero* **(frame 14)** *por volta das onze e meia, meia noite em* **(frame 15)** *Tijucas perto de Florianópolis. Menos de duas horas depois toda a equipe* **(frame 16)** *do Bom Dia Santa Catarina* **(frame 17)** *já estava na redação, trocando os pontos de link, trocando os convidados* **(frame 18)** *mudando todo o jornal pra poder levar pra você nosso telespectador as primeiras informações* **(frame 19)** *daquele dia triste na história de Santa Catarina.*

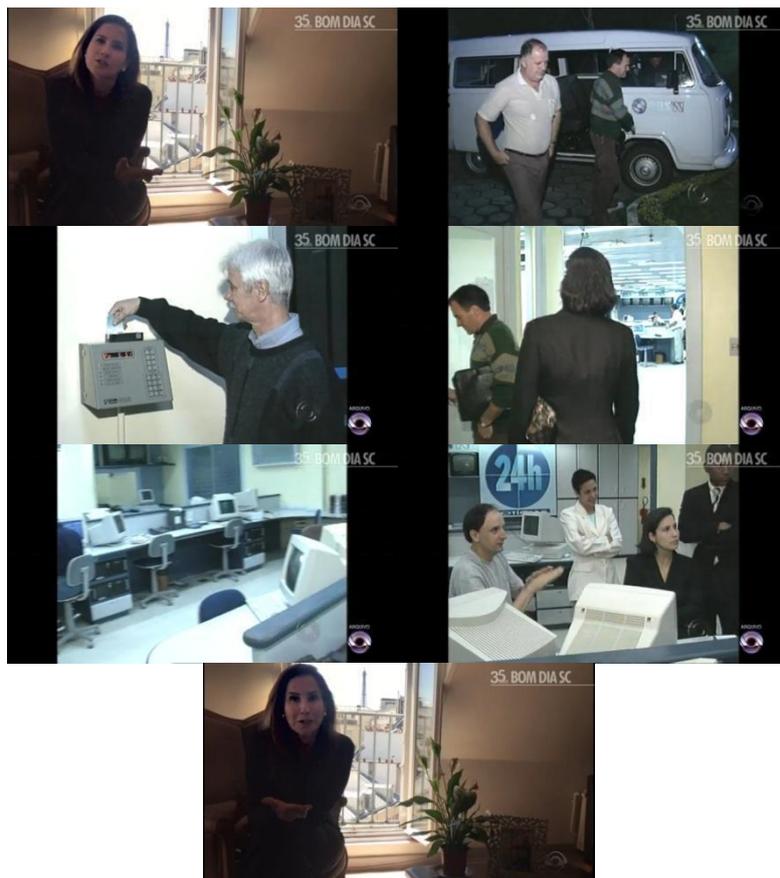


Figura 38: Frames bastidores da RBS TV 1999  
Fonte: RBS TV (1999/2017)

**(frame 20)** *E essa é a característica da equipe do Bom Dia Santa Catarina* **(frame 21)** *a união, a* **(frame 22)** *estar presente* **(frame 23)** *estar ligado em tudo que está acontecendo porque é* **(frame 24)** *o primeiro jornal do dia e você nosso telespectador merece sair de casa bem informado.* **(frame 25)** *Mais uma vez digo que tô feliz de participar dessa homenagem, é um momento de festa sim, parabéns Santa Catarina, parabéns Bom Dia Santa Catarina, parabéns equipe que faz esse jornal todos os dias. Muitos e muitos mais anos de vida para o Bom Dia Santa Catarina. Um beijo gente.*

O depoimento da Márcia Dutra neste episódio segue a seguinte estrutura: cabeça, entrevista, insert com sobe som, entrevista, inserts, vinheta BDSC em 1999, entrevista, inserts, entrevista, inserts, entrevista, vinheta especial 35 anos BDSC. Dos 26 frames do episódio, 19 fazem parte desta análise por conter elementos históricos relativos ao foco da pesquisa. Os frames 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23 e 24 têm inserts de imagens históricas e totalizando 1min07seg de material para compor a base de estudo neste episódio.

## **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio relativo ao ano de 1999 é possível observar a partir do frame 3 o cenário tem uma bancada construída suavemente em “L”. A base tem a cor cinza e a sustentação cores claras mesclando entre o amarelo de luz colocados na borda superior com tons acinzentados e rosados. O fundo tem tonalidades mistas entre rosa, alaranjado e amarelo em faixas horizontais. A apresentação neste episódio é feita somente pela jornalista Márcia Dutra que veste um terninho branco e uma blusa cinza. O cabelo da apresentadora está cortado na altura da linha do ombro. Um microfone lapela capta o áudio da jornalista. O enquadramento começa aberto e o operador da câmera fecha suavemente na apresentadora com o zoom do equipamento. Na tela aparece o horário no formato HH:MM:SS em cor amarela no canto inferior esquerdo do vídeo. No canto inferior direito a marca d'água com a logo da RBSTV. A apresentadora está com as mãos sobre a bancada onde estão as laudas com o espelho do telejornal daquele dia.

Os frames 5 e 6 são imagens de bastidores onde se percebe a cadeira utilizada pela apresentadora, um suporte onde está um copo descartável e uma outra pessoa não identificada em pé. Nos mesmos frames dá para notar o monitor de retorno para a apresentadora. No canto direito do frame 6 é possível observar uma parte do Teleprompter (TP), equipamento onde são projetados os textos que serão lidos pela apresentadora. No frame 7 a apresentadora vestida com um terninho preto aparece retocando a maquiagem na bancada. A cena de bastidor do frame 8 começa no monitor de retorno da apresentadora e segue até a bancada mostrando a posição da Márcia Dutra diante da câmera. O frame 9 é a vinheta usada em 1999 com a trilha sonora original. A pesquisa terá mais adiante um espaço dedicado a análise das vinhetas do BDSC.

Ainda sobre os bastidores, no frame 20 é possível ver uma Kombi da RBS TV deixando a equipe do BDSC no Morro da Cruz. A mesma cena foi utilizada para cobrir outros depoimentos de ex-apresentadores do BDSC em comemoração aos 35 anos do programa. No frame 21 aparece um integrante da equipe do telejornal registrando o cartão ponto. No frame 22, a imagem da apresentadora Márcia Dutra chegando na redação. Na época a redação já era informatizada como se percebe no frame 23. Os monitores dos computadores ainda eram do tipo “tubo” de televisão. A equipe chegava na emissora durante a madrugada e se reunia na redação para afinar os detalhes do fechamento da edição do dia conforme observado no frame 24.

Os frames 11 e 12 são inserts com duas fotos do ex-secretário de segurança pública de Santa Catarina, Luiz Carlos Schmidt de Carvalho, morto em um acidente com um helicóptero do governo de Santa Catarina em 1999. Os frames 13, 14, 15, 16, 17 e 18 são inserts de imagens da cobertura deste acidente.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

No depoimento gravado em 2017 para comemorar os 35 anos do BDSC, Márcia Dutra relata um dos momentos mais marcantes para a jornalista durante o período a frente do primeiro telejornal local matutino de Santa Catarina. A ex-apresentadora recorda da logística para cobrir a morte do ex-secretário de segurança pública de Santa Catarina, Luiz Carlos Schmidt de Carvalho. Por volta das onze e meia da noite do dia 10 de julho de 1999, o helicóptero onde estava o ex-secretário colidiu em um morro na região de Morretes, em Tijucas, na grande Florianópolis, próximo a BR 101. Márcia relata que duas horas depois do acidente a equipe do BDSC estava na redação reorganizando todo o programa para a cobertura da tragédia nas primeiras horas da manhã. Nos frames 11 e 12 do episódio com o depoimento da apresentadora para o especial de 35 anos do BDSC aparecem duas fotos do ex-secretário em entrevistas de arquivo concedidas à RBS TV. No frame 13 uma imagem aberta feita de um helicóptero do local do acidente. No frame 14, uma imagem feita em solo firme pela equipe do BDSC mostra equipes de resgate no local onde a aeronave caiu. O frame 15 é uma imagem fechada dos destroços do helicóptero. Outra imagem mais aberta e distante também registra o local do acidente como se percebe no frame 16. No frame 17 uma imagem de um sobrevôo na região do acidente. Nesta cena é possível ver um ocupante do helicóptero que leva a equipe do BDSC e registra do alto uma imagem área mais próxima da equipe de resgate e dos destroços do helicóptero. É possível observar a palavra polícia plotada no helicóptero acidentado.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 9**

#### **Cenas históricas**

00min42s – 00min51s - bancada Márcia Dutra – sobe som (trilha sonora VIDA) – imagem começa aberta e vai fechando

00min58s – 01min07s - imagens bastidores - sobe som

01min07s – 01min19s - vinheta BDSC 1999 sobe som

01min26s – 01min49s – imagens cobertura morte secretário de segurança  
 01min52s – 02min06s - bastidores

### **Geral do episódio 9**

00min00s – 00min22s - apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco  
 00min23s – 00min41s - depoimento Márcia Dutra  
 00min42s – 00min51s - bancada Márcia Dutra – sobe som (trilha sonora VIDA) –  
 imagem começa aberta e vai fechando  
 00min51s – 00min57s – depoimento Márcia Dutra  
 00min58s – 01min07s - imagens bastidores - sobe som  
 01min07s – 01min19s - vinheta BDSC 1999 sobe som  
 01min19s – 01min26s - depoimento Márcia Dutra  
 01min26s – 01min49s – imagens cobertura morte secretário de segurança  
 01min49s – 01min52s - depoimento Márcia Dutra  
 01min52s – 02min06s - bastidores  
 02min06s – 02min21s – depoimento Márcia Dutra  
 02min21s – 02min26s - vinheta especial 35 anos do BDSC

### **FICHA DE ANÁLISE 10**

#### **Descrição geral**

#### **Episódio 10**

**Evento:** Laine Valgas relembra momentos marcantes na bancada do Bom Dia SC

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6001865/>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 12 de julho de 2017

**Apresentação em 2017:** Mariana Paniz, Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2017:** 6h – 7h30min

**Tempo total do fragmento:** 2min48s

**Tempo material histórico:** 49s

**Evento correspondente ao período:** 1999 - 2001

**Apresentadores no período:** Laine Valgas

## Contexto do episódio

O episódio analisado foi exibido em 11 de julho de 2017 em comemoração aos 35 anos do programa. Laine Valgas, ex-apresentadora do BDSC, relembrou fatos que marcaram a época em que esteve no comando do telejornal. A jornalista exerceu as funções de apresentadora e editora chefe entre 2001 e 2007. O vídeo tem um total de 28 frames conforme decupagem a seguir.



Figura 39: Frames depoimento Laine Valgas – 35 anos BDSC  
Fonte: RBS TV (2017)

O resgate da história pela oralidade é fundamental no processo de restabelecimento da linha do tempo do BDSC. Para tanto se faz necessário a decupagem textual do episódio, ressaltando mais uma vez, que deste depoimento gravado em 2017 para o especial dos 35 do programa somente serão analisados os inserts com cenas históricas conforme justificado ao longo do trabalho.

Cabeça:

Apresentadora 1 (Mariana Faraco)

**(frame 1 – plano aberto)** *Agora é hora da gente lembrar um pouquinho a nossa história. Cê tá acostumado a encontrar com ela todos os dias no Jornal do Almoço ao meio dia.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 1 – plano aberto)** *Pois é, mas a nossa colega e amiga, claro, amiga também, Laine Valgas, passou aqui pelo Bom Dia Santa Catarina e hoje tá de volta pra participar do aniversário do jornal. Bom dia querida Laine Valgas.*

Depoimento:

Laine Valgas:

**(frame 2)** *Olá queridos e queridas do Bom Dia. Muito obrigada por terem lembrado de mim dentro desta história super fantástica desse programa que completa 35 anos. Eu tenho muito orgulho* **(frame 3)** *de ter feito parte dessa história e mais do que isso* **(frame 4)** *vocês vem me lembrar o quanto o Bom Dia faz parte da história da Laine como pessoa, como profissional, foi* **(frame 5)** *uma época em que eu amadureci* **(frame 6)** *muito e que eu aprendi muito e fiquei a frente do programa* **(frame 7)** *de 2001 a 2007 como editora chefe e também como apresentadora.*



Figura 40: Frames apresentação Laine Valgas 2000  
Fonte: RBS TV (2000, 2017)

**(frame 8 – sobe som original – apresentadora Laine)** *Em mais uma ação o projeto Rumo ao Pan da RBS TV trouxe a Florianópolis o melhor jogador de futsal do mundo.*

**(frame 9)** *Quando eu comecei no Bom Dia a primeira coisa que eu pensei é quem é que vai acordar as seis da manhã para assistir o que eu faço ou que a equipe que eu faço parte faz. E me surpreendi porque o acolhimento do nosso telespectador é tão especial,*

*mas tão especial que eu passei a acordar dizendo três da manhã é tranqüilo. Eu tô subindo o Morro da Cruz porque vale a pena.*

**(frame 10 – sobe som original – apresentadora Laine)** *O resultado você vê agora.*

**(frame 11)** *me perguntarem assim qual é o fato mais importante que você lembra do Bom Dia eu poderia citar vários né.*

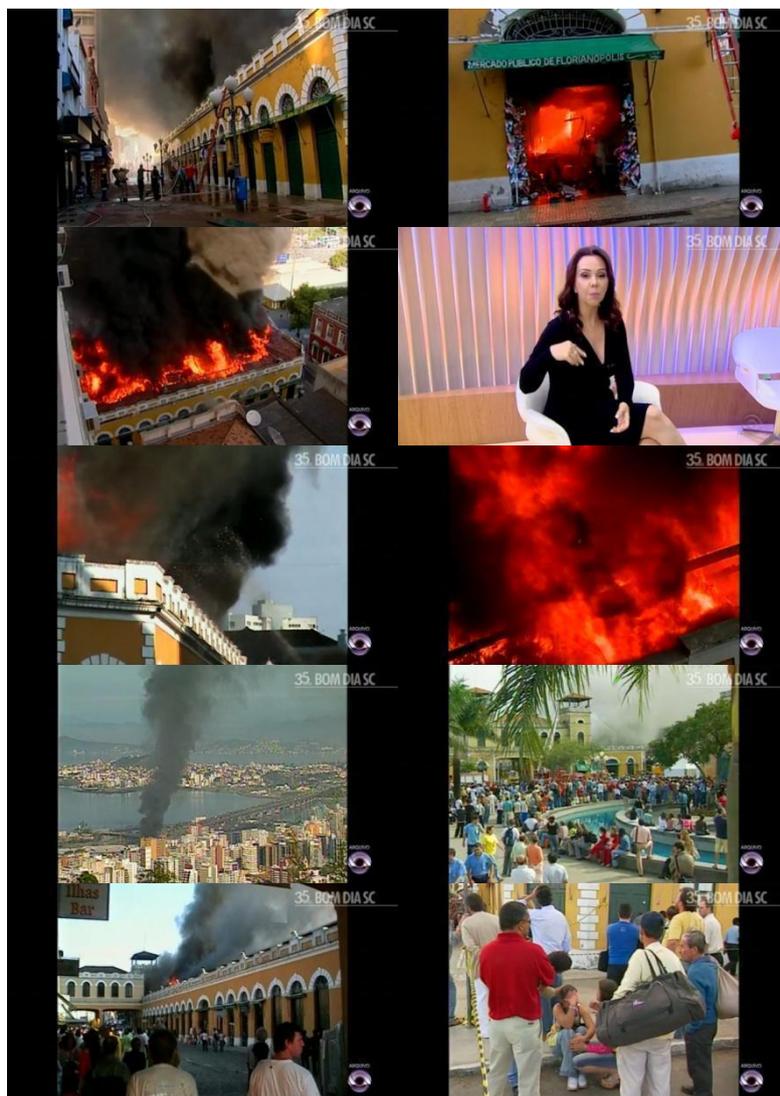


Figura 41: Frames cobertura incêndio Mercado Público Florianópolis 2005  
Fonte: RBS TV (2005, 2017)

**(frame 12)** *Entre eles o fogo no mercado público* **(frame 13)** *de Florianópolis que mobilizou muito a nossa equipe.* **(frame 14).** *Um marco da cidade pegando fogo e a gente* **(frame 15)** *correndo pra dar a informação.*

(frame 15 – sobe som) *O fogo tomou contou de (frame 16 – sobe som) metade do mercado público. (frame 17 – sobe som) A fumaça podia ser vista do alto do Morro da Cruz. (frame 18 – sobe som) Nas calçadas centenas de pessoas acompanhavam (frame 19 – sobe som) tudo atônicos (frame 20 – sobe som).*

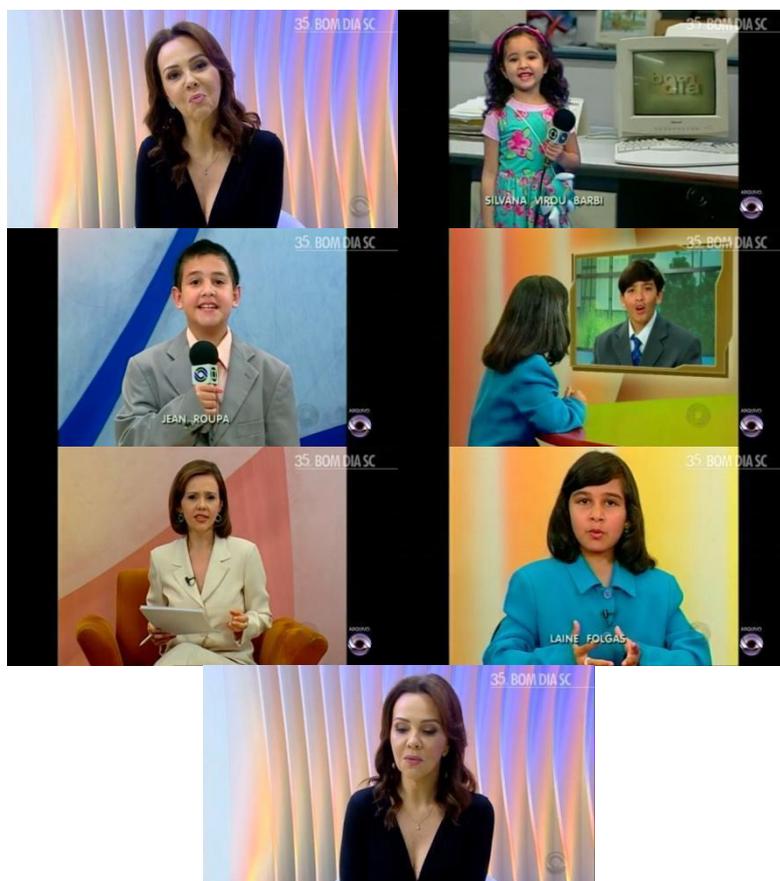


Figura 42: Frames especial dia das crianças década 2000  
Fonte: RBS TV (2000, 2017)

(frame 21) *Nós fizemos um convite pro nosso telespectador infantil jurando que tinha gente que acordava pequenininha às seis da manhã pra gente e tinha muito pra que eles (frame 22) fizessem um programa especial pro dia (frame 23) das crianças imitando os nossos apresentadores (frame 24).*

(frame 25 – sobe som original – apresentadora Laine) *O que será que essas crianças acham de tudo que vai ao ar na televisão.*

(frame 26 – sobe som) *Muito bom dia. Nós crianças, achamos que todos os dias deviam começar com boas notícias.*

(frame 27) *Então fica aqui a minha gratidão imensa por tudo o que o Bom Dia me trouxe. Por tudo o que ele me ensinou e continua me ensinando e por todo o respeito*

*que o Bom Dia me ensinou a ter por você aí de casa que é o nosso telespectador querido. Que venham mais 35 e 35 e que lá com cento e poucos anos eu possa estar aqui velinha contando um pouquinho dessa história. Um beijo grande. Parabéns Bom dia.*

**(frame 28)** *Vinheta especial 35 anos BDSC.*

Neste episódio o depoimento de Laine Valgas gravado para o especial de 35 anos do BDSC está estruturado da seguinte forma: cabeça, entrevista, insert, entrevista, inserts, entrevista, insert com sobe som, entrevista, insert, entrevista, inserts, entrevista, inserts, entrevista, inserts, entrevista, vinheta. Para fins de análise serão considerados 19 dos 28 frames do episódio. Conforme critérios elencados anteriormente que levam em conta os inserts com elementos históricos que possibilitem a reconstrução cronológica do BDSC estão incorporados para serem analisados os frames 3, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25 e 26 totalizando 49 segundos.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

No episódio analisado o cenário é colorido e a bancada aparenta ter uma tonalidade rosa conforme observado no frame 3. O fundo é formado por faixas coloridas que variam entre rosadas e amarelas. A apresentadora Laine Valgas está com cabelo na altura do ombro, veste um terninho rosa, e usa brincos em formato de fio quase encostando no ombro. Na roupa está preso um microfone lapela para a captação do áudio. Na bancada estão duas pilhas de folhas de papel contendo o roteiro do programa. Nos frames 5 e 6 podemos observar outra parte do cenário. O fundo tem duas tonalidades de rosa, uma mais escura e outra mais clara. A apresentadora não está na bancada, mas sim em uma poltrona alaranjada. O cabelo da apresentadora segura na altura da linha dos ombros. Ela veste uma peça formal em tom cinza e uma calça clara. Na roupa está preso o microfone lapela utilizada para captação do áudio. Laine Valgas segura com uma das mãos o roteiro do programa e uma caneta. O outro braço fica posicionado entre o corpo e a poltrona. Em outro frame visualizamos uma outra bancada. Nos frames 10 e 25 percebemos o mesmo cenário, porém a apresentadora veste um terninho claro, usa brincos redondos, porém discretos. O microfone lapela continua sendo o equipamento para a captação do áudio. A caneta e as laudas continuam como elementos na apresentação do telejornal. A imagem do frame 8 está mais fechada e está apenas visível a base da bancada em cor de madeira clara. Há também um

notebook aberto sobre a bancada e o roteiro do telejornal. A apresentadora veste uma blusa preta e um terninho preto risca de giz, além de brincos em formato redondo. O cabelo tem corte até a altura do ombro. Laine Valgas também está com uma caneta na mão.

Os frames 11, 12, 13, 15, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24 e 25 serão analisados na sequência com o relato das coberturas lembradas pela apresentadora.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Neste episódio a ex-apresentadora relatada duas coberturas marcantes durante a passagem da jornalista pela bancada do BDSC. Uma delas uma ação feita pelo programa para o dia das crianças. A produção convidou meninos e meninas para imitarem os apresentadores e repórteres dos telejornais. O frame 22 mostra uma criança na redação do BDSC com o microfone da RBS TV imitando a repórter Silvana Barbi que recebeu o nome de “Silvana Virou Barbi.” O repórter Jean Raupp foi homenageado por um garoto que apelidaram de “Jean Roupa”. Ele está em um cenário não identificado com um microfone da RBS e veste um terno de adulto. Outras duas crianças simulam a apresentadora chamar um repórter ao vivo na bancada do BDSC como é visualizado no frame 24. Laine Valgas vira a apresentadora mirim “Laine Folgas” com terninho azul ocupando a bancada do programa. Apesar de fazer parte da análise da terceira década do BDSC, Laine Valgas relatou a cobertura do incêndio do mercado público de Florianópolis em 2005. Para otimizar e aproveitar o material abarcamos a análise junto com esse episódio. No frame 11 é possível observar uma imagem em plano aberto do mercado público captada do chão enquanto bombeiros trabalham no combate as chamas. No frame 12 uma imagem mais fechado mostra as labaredas dentro do mercado por meio de uma porta de entrada ao espaço histórico. O frame 14 registra uma imagem feita alto de um prédio mostrando o telhado do mercado quase totalmente destruído pelo fogo. O frame 15 apresenta um detalhe da água jogada pelos bombeiros, do vermelho das chamas e da fumaça negra saindo do mercado. Outro detalhe gravado do alto de um prédio mostra em plano fechado o fogo e o telhado destruído do prédio do mercado. O frame 17 é uma imagem da cidade em plano aberto gravada do Morro da Cruz onde a fumaça é vista em meio aos prédios. O frame 18 mostra em plano aberto as pessoas no Largo da Alfândega acompanhando o trabalho dos bombeiros. No frame 19 é possível ver a imagem captada próximo ao vão central do

fogo destruindo a ala norte do mercado. Na cena aparecem pessoas observando a situação. Em uma imagem fechada no frame 20 se observa o desespero das pessoas. Uma mulher esta na calçada chorando com uma das mãos no rosto sendo consolada por outras duas mulheres. Outro homem de camisa clara está em pé de costas para ela com a mão na cabeça indicando não acreditar no que estava testemunhando.

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 10**

### **Cenas históricas**

00min33s – 00min36s – imagem bancada Laine

00min42s – 00min49s - imagem bancada/poltrona Laine

00min53s – 01min01s - imagem bancada Laine sobe som

01min20s – 01min23s - imagem bancada Laine sobe som

01min30s – 01min39s - imagens incêndio mercado público

01min40s – 01min52s - imagens incêndio mercado público sobe som

02min03s – 02min08s - imagens apresentadores mirins

02min08s – 02min12s - imagem bancada/poltrona Laine sobe som

02min12s – 02min17s - imagem apresentadora mirim sobe som

### **Geral do episódio 10**

00min00s – 00min19s – apresentação Mariana Paniz e Raphael Faraco

00min20s – 00min33s - depoimento Laine Valgas

00min33s – 00min36s – imagem bancada Laine

00min36s – 00min42s - depoimento Laine Valgas

00min42s – 00min49s - imagem bancada/poltrona Laine

00min49s – 00min53s – depoimento Laine Valgas

00min53s – 01min01s - imagem bancada Laine sobe som

01min01s – 01min20s - depoimento Laine Valgas

01min20s – 01min23s - imagem bancada Laine sobe som

01min23s – 01min30s - depoimento Laine Valgas

01min30s – 01min39s - imagens incêndio mercado público

01min39s – 01min40s – depoimento Laine Valgas

01min40s – 01min52s - imagens incêndio mercado público sobe som

01min52s – 02min03s - depoimento Laine Valgas

02min03s – 02min08s - imagens apresentadores mirins

02min08s – 02min12s - imagem bancada/poltrona Laine sobe som

02min12s – 02min17s - imagem apresentadora mirim sobe som

02min17s – 02min43s - depoimento Laine Valgas

02min43s – 02min48s – vinheta especial 35 anos BDSC

## **FICHA DE ANÁLISE 11**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 11**

**Evento:** Raridade - encerramento Bom Dia Santa Catarina - (12-01-2004)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=4SUephflPzg>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 12 de janeiro de 2004

**Data de publicação:** 06 de julho de 2021

**Tempo total do fragmento:** 1min

**Tempo material histórico:** 1min

**Evento correspondente ao período:** 2004

**Apresentadora no período:** Laine Valgas

### **Contexto do episódio**

O episódio analisado está publicado no canal Furlan Jornalismo do *Youtube*. O material é um recorte do BDSC exibido pela RBS TV SC em 12 de janeiro de 2004. No vídeo é possível observar elementos de composição cenográfica e estrutura de encerramento do telejornal naquela época. O trecho contém um pequeno resquício de uma entrevista conduzida em estúdio pela apresentadora Laine Valgas, além do encerramento com a ficha técnica do programa. Nesta época, Laine Valgas ocupava também o cargo de editora-chefe do BDSC. A sequência de imagens possui 9 frames sendo um deles usado para exibir a ficha técnica contendo os créditos dos integrantes da equipe responsável por esta edição do BDSC.



Figura 43: Frames apresentação Laine Valgas 2004  
Fonte: RBS TV (2004, 2017)

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 1 – plano aberto)** *Tá aí, a nossa feira (frame 2) mística no Beira Mar Shopping das dez da manhã às dez da noite até março tem tempo pra você vir aqui. Obrigada Júlio por vir ao nosso programa.*

Entrevistado

**(frame 3)** *Eu que agradeço.*

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 4)** *E um bom dia pra você.*

Entrevistado

**(frame 4)** *Bom dia.*



Figura 44: Frames encerramento BDSC 2004  
Fonte: RBS TV (2004, 2017)

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 4)** *E só uma retificação. (frame 5) O Guga estréia amanhã no ATP de Auckland na Nova Zelândia e não hoje como eu havia dito agora a pouco. E você fica (trilha) agora com as notícias do Brasil e do mundo. Vem aí o (frame 6) Bom Dia Brasil. A gente se vê amanhã, seis e meia da manhã. Um ótimo começo de semana. Pra encerrar imagem (frame 7) do parque de Coqueiros na Grande Florianópolis onde neste momento venta bastante. (ficha técnica)*

Este episódio está estruturado com o final de uma entrevista em estúdio, nota pé, cabeça, encerramento e ficha técnica do telejornal. Por não apresentar contexto que possibilite a partir da oralidade o resgate da história do programa a decupagem textual apresentada a seguir ficará apenas para fins de registro.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

No episódio analisado é possível observar no frame 1 parte do cenário composto por duas poltronas de tecido marrom e um tapete na tonalidade rosa. Uma tapadeira com desenhos nas cores rosa, amarelo e laranja forma o fundo da composição cenográfica. Os elementos pintados remetem vagamente a formas geométricas. Nos frames 2 e 3 onde o enquadramento é fechado respectivamente na apresentadora e no entrevistado, podemos perceber melhor o nuance das cores. Nos frames 1 e 4 o entrevistado e a apresentadora aparecem de corpo inteiro possibilitando visualizar o figurino. A apresentadora Laine Valgas veste um terninho branco, uma calça e um sapato marrom. O calçado é mais aberto e o salto baixo. A jornalista tem o corte de cabelo um pouco acima do ombro. Alguns detalhes da vestimenta do entrevistado podem ser descritos a partir do frame 3. Ele está com uma camisa laranja com a gola aberta sobrepondo o terno, usa óculos, um brinco na orelha direita e um cordão preto no pescoço. Ele tem cabeça comprido que está preso. Os dois usam individualmente microfones do tipo lapela para a captação de áudio. Na visão do telespectador, o entrevistado está sentado à esquerda do vídeo e a apresentadora à direita. Laine Valgas segura uma caneta na mão direita e folhas de papel na esquerda com o roteiro do telejornal.

Neste episódio temos três diferentes enquadramentos. No frame 1 um plano aberto onde aparece parte do cenário, apresentador e entrevistado sentados nas poltronas. No frame 2, a câmera é fechada na apresentadora e no frame 3 fechada no entrevistado. Entre os frames 5 e 6 o operador de câmera utiliza o recurso de zoom da câmera para fechar ainda mais a imagem na apresentadora. Neste momento é colocado na tela em o email [bomdiasc@rbstv.com.br](mailto:bomdiasc@rbstv.com.br) em uma tarja em tom azul e amarelo. No canto direito do vídeo permanece durante todo o episódio o símbolo da RBS TV em formato de marca d'água.

Este episódio encerra com uma imagem ao vivo do Parque de Coqueiros em Florianópolis como podemos ver no frame 7. Na cena aparece parte do parque, um coqueiro com as folhas balançando, as pontes de ligação entre a ilha e o continente, um pedaço da parte insular da capital. Uma nevoa parece encobrir a cidade naquele momento. No corte para esta cena de encerramento, a marca d'água é substituída pela logo colorida da RBS TV e a palavra “ao vivo” para indicar a transmissão em tempo real daquela imagem. O mesmo frame é usado para exibição da ficha técnica com os créditos de todos os integrantes responsáveis pelo BDSC SC. Quando os créditos começam a rodar de baixo para cima, a logomarca volta para o padrão de marca d'água e a inscrição “ao vivo” é retirada. Neste episódio é a exibida a seguinte ficha técnica:

editora-chefe

LAINÉ VALGAS

produtora executiva

THATIANA MADUELL

produção

STELLA MÁRIS

editores

ALEXANDRE OLIVEIRA

JANINE SOMMARIVA

editores regionais

GILMAR FOCHESATO-Chapecó

GISLENE BASTOS-Joinville

GUILHERME PORTANOVA-Criciúma

JEFFERSON DOUGLAS-Blumenau

chefe de reportagem

GRAÇA VASQUES

editores de imagens

ELAINE SIMIANO

GUSTAVO SOARES

ROGÊNIO SILVA

RAFAEL BECKHAUSER

diretor de imagens

FABIANO SABINO

operações

CHARLES LIMAS

CELSO FERREIRA

CLAUDIA CAPELA

CRISTIANE DOS SANTOS

FÁBIO DE SOUZA

FLÁVIO DE SOUZA

JOSÉ MENDES PAZ

MÁRIO CAMPOS

RICARDO CORDEIRO

SILVIO WEBER

supervisão técnica

EDSON IAHN

gerente técnico

ROMEIRO ROSA

chefe de redação

EURICO MEIRA

realização

(LOGO RBS TV)

Durante a exibição da ficha técnica com imagem ao vivo do Parque de Coqueiros um homem passa correndo sem camisa na frente da câmera. No fim da ficha técnica acontece um corte seco para a vinheta de oferecimento. No frame 8 observamos a logo do programa e o frame 9 é a marca do patrocinador daquela época.

**Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 11**

### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

### **Geral do episódio 11**

00min00s – 00min01s – plano aberto no entrevistado e na apresentadora

00min01s – 00min07s – plano fechado na apresentadora

00min07s – 00min08s – plano fechado no entrevistado

00min08s – 00min09s – plano aberto no entrevistado e na apresentadora

00min09s – 00min19s – plano fechado na apresentadora

00min19s – 00min20s – zoom fechando ainda mais o plano na apresentadora

00min20s – 00min31s – imagem ao vivo Parque de Coqueiros

00min32s – 00min45s - imagem ao vivo Parque de Coqueiros – roda ficha técnica

00min45s – 00min46s - imagem ao vivo Parque de Coqueiros – roda ficha técnica – homem passa correndo sem camisa na frente da câmera

00min46s – 00min50s - imagem ao vivo Parque de Coqueiros – roda ficha

00min50s – 00min53s - vinheta BDSC oferecimento

00min53s – 01min00s - marca do patrocinador

## **FICHA DE ANÁLISE 12**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 12**

**Evento:** Interprogramas - Globo Rural-Bom dia Santa Catarina - (27-01-2005)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=DeoNn6QNw9g>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 27 de janeiro de 2005

**Horário do episódio:** 6h30

**Data de publicação:** 11 de julho de 2021

**Tempo total do fragmento:** 2min37s

**Tempo material histórico:** 2min37s

**Evento correspondente ao período:** 2005

**Apresentadores no período:** Alexandre Oliveira e Laine Valgas

### Contexto do episódio

O episódio analisado está publicado no canal Furlan Jornalismo do *Youtube* e é a escalada do BDSC em 27 de janeiro de 2005. A escalada é a apresentação das manchetes das principais notícias que serão exibidas no programa. O material é um recorte da transição entre o encerramento do programa Globo Rural da TV Globo e o início do BDSC da RBS TV SC em 27 de janeiro de 2005. O tempo de duração total do vídeo é de 2min37s, mas somente a partir de 00min33s é que a programação nacional encerra e inicia a transmissão local da RBS TV SC. Por este motivo, a análise será feita somente em 02min04s correspondente ao tempo total de material do BDSC disponível neste episódio formado por uma sequência de 24 frames.



Figura 45: Frames vinheta oferecimento BDSC 2005  
Fonte: RBS TV (2005)

#### (frame 1)

Vinheta de transição para a programação local

Narração (voz masculina - trilha)

*RBS TV. Sua vida na TV. Assista agora Bom Dia Santa Catarina.*

**(frame 2)**

Vinheta de oferecimento

Narração (voz masculina – trilha)

*Bom dia Santa Catarina. Oferecimento.*

**(frame 3)**

Vinheta de oferecimento - marca patrocinador

Narração (voz masculina – trilha)

*Alta Papéis. Trabalhando com responsabilidade. Alta Papéis fazendo o seu papel.*



Figura 46: Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005  
Fonte: RBS TV (2005)

Entende-se neste episódio que o conteúdo textual da escalada não será objeto de análise porque se tratam de temas específicos da época que não trazem contexto histórico do BDSC. Por este motivo a decupagem textual ficará deste episódio ficará a somente para fins de registro nesta pesquisa.

Escalada

**(trilha)**

Apresentadores (Alexandre Oliveira e Laine Valgas)

**(frame 4 – plano aberto)**

Apresentador (Alexandre Oliveira)

**(frame 4 – plano aberto – zoom in)** *15 gols em cinco jogos. Este é o saldo da rodada de ontem a noite no catarinense de futebol.*

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 5)**

*A média chegou a três gols por partida. E o destaque mais uma vez foi o **(frame 6)** Figueirense que aplicou a segunda goleada no campeonato **(sobe som)**.*

Apresentador (Alexandre Oliveira)

**(frame 6 – plano fechado)** *Ana Amélia Lemos traz o que é notícia em Brasília.*

Comentarista (Ana Amélia Lemos)

Teaser Ao Vivo

**(frame 7)** *Lula não teme as vaias no fórum social mundial em Porto Alegre, mas o seu partido o PT continua batendo firme no aliado Luiz Henrique (erro de corte) **(frame 8)** em Santa Catarina.*

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 8 – plano fechado)** *Santa Catarina na rota do turismo sexual que explora crianças e adolescentes.*

Repórter

Teaser Ao Vivo

**(frame 9 – plano fechado)** *E as ocorrências devem aumentar com a chegada do carnaval. Por isso será realizado em Santa Catarina uma campanha contra o crime.*



Figura 47: Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005  
Fonte: RBS TV (2005)

Apresentador (Alexandre Oliveira)

**(frame 10 – plano fechado)** *Final trágico no sul do estado para um romance iniciado pela internet. Uma história que (frame 11) resultou na morte da comerciante Sandra Regina (frame 12) Pirola. (frame 13) O corpo dela foi encontrado ontem a tarde (frame 14). Os detalhes vão estar aqui no Bom Dia (frame 15).*



Figura 48: Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005  
Fonte: RBS TV (2005)

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 16 – plano fechado)** *Você sabia que é proibido expor símbolos religiosos em repartições públicas?*

Repórter

Teaser Ao vivo

**(frame 17 – plano fechado)** *Conheça o estudo inédito que comprova a tese o que pode acontecer com quem contrariar essa lei.*

Apresentador (Alexandre Oliveira)

**(frame 18 – plano fechado)** *Dentro de um mês o motorista catarinense pagará mais caro pela emissão da carteira de habilitação além de outros serviços.*

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 19 – plano fechado)**

*E o Bom Dia também traz o alerta. Cuidado com certas lentes de contato **(frame 20)** utilizadas para **(frame 21)** fins estéticos.*



Figura 49: Frames Abertura/Manchete Ao Vivo BDSC 2005  
Fonte: RBS TV (2005)

Apresentadores (Alexandre Oliveira e Laine Valgas)

**(frame 22 – plano aberto)**

Apresentador (Alexandre Oliveira)

**(frame 22 – plano aberto)**

*Muito bom dia Santa Catarina. São seis horas e 31 minutos.*

Apresentadora (Laine Valgas)

**(frame 22 – plano aberto)** *Hoje é quinta-feira 27 de janeiro de 2005.*

**(frame 23)**

Vinheta BDSC

**(frame 24)**

Início sem som cabeça Laine Valgas

Este episódio apresenta a seguinte estrutura de formatação jornalística: vinheta de transição para a programação local, vinheta de oferecimento do BDSC, escalada, insert, escalada, teaser ao vivo, escalada, teaser ao vivo, escalada, inserts, escalada, teaser ao vivo, escalada, inserts, escalada, vinheta BDSC, cabeça. O teaser é um modelo de manchete de uma notícia geralmente conduzido por um repórter no local do acontecimento podendo ser gravado ou ao vivo, e ainda ser feito por outros atores envolvidos no telejornal a exemplo de um comentarista.

**Cenário, visualidade e rotina produtiva**

O episódio inicia com a vinheta de transição da programação nacional para a local. No frame 1 observamos a vinheta em movimento formando a logo da RBS TV com o slogan “Sua vida na TV” usado na época pela emissora. No fim o locutor avisa qual será o próximo programa exibido na grade local. Neste caso “assista agora Bom Dia Santa Catarina”. Em seguida é veiculada a vinheta de oferecimento com a marca do BDSC e a do patrocinador.

No frame 4 o enquadramento começa aberto nos dois apresentadores e o operador da câmera aproxima lentamente a imagem por meio do zoom. Neste frame percebemos a composição cenográfica do BDSC. Os apresentadores Alexandre Oliveira e Laine Valgas ocupam uma bancada com a base na cor laranja e os cantos arredondados. A sustentação da estrutura é em tom cinza. A tapadeira que forma o fundo do cenário é amarela. As cores da bancada e do fundo remetem ao sol e, conseqüentemente ao amanhecer, relativizando para o turno de exibição do telejornal. Na visão do telespectador, Alexandre Oliveira está posicionado à direita e Laine Valgas à esquerda. Na bancada ao lado da apresentadora está aberto um notebook e cada apresentador está com as laudas contendo o roteiro da edição deste episódio.

Durante a leitura da escalada são inseridos inserts em algumas das manchetes. No frame 5 é uma imagem de um jogo do campeonato catarinense e no fim um sobe som ambiental da torcida durante a partida. No frame 6 o enquanto é fechado no

apresentador Alexandre Oliveira que veste um terno escuro, camisa branca e uma gravata listrada. O cabelo está penteado para o lado e a maquiagem suaviza o brilho gerado pela iluminação no estúdio perceptível de maneira discreta no nariz do apresentador que está com um microfone lapela para a captação do áudio.

O primeiro teaser Ao Vivo tem 10 segundos de duração e é da comentarista política Ana Amélia Lemos. Pelos detalhes do frame 7 percebemos no canto inferior direito a logomarca colorida da RBS TV e a sinalização com a palavra “ao vivo” indicam a condição de transmissão em tempo real. A jornalista aparece em Brasília conforme mancheteado pelo apresentador Alexandre Oliveira no estúdio em Florianópolis. A redação da emissora na capital federal é usada como fundo para este teaser. Ana Amélia Lemos usa um terninho verde claro e uma camisa branca com a gola sobrepondo o terno. O corte de cabelo está acima do ombro. Ela usa brincos e maquiagem discreta. O áudio é captado por meio de um microfone lapela posicionado na roupa da jornalista.

Na volta do teaser de Brasília o enquadramento está fechado na apresentadora Laine Valgas que veste um terninho rosa claro. O cabelo quase encosta nos ombros. Laine Valgas está de brincos e maquiagem discreta, além de um microfone lapela para a captação do áudio. O segundo teaser ao vivo é de uma repórter em Florianópolis com duração total de seis segundos. Pelo frame 9 notamos que ainda está escuro e uma iluminação artificial é usada para destacar a repórter. A ponte Hercílio Luz é o cenário de fundo para este teaser. No canto inferior direito a marca da emissora com a palavra “ao vivo” indicam a condição de transmissão em tempo real. A repórter tem o corte de cabelo na altura do ombro, veste uma camisa jeans, maquiagem discreta e brincos. Entre os equipamentos usados no teaser estão os fones de ouvido onde a repórter tem o retorno do estúdio e um microfone de mão com a canopla contendo as logos da RBS TV e TV Globo.

Alexandre Oliveira segue a escalada em enquadramento fechado e a manchete é coberta com cinco inserts relacionados ao assassinato de uma comerciante conforme observamos entre os frames 11 e 15. No frame 16 o enquadramento novamente está fechado na apresentadora Laine Valgas para a leitura da próxima manchete que seguirá com o teaser ao vivo de outro repórter. No frame 17 o repórter aparece em um estúdio panorâmico não sendo possível identificar a cidade. Deduzimos que a estrutura seja da sucursal de São José, na grande Florianópolis. Apesar da bancada não aparecer em primeiro plano no enquadramento, percebemos pelo reflexo no vidro do estúdio que o

repórter está em uma bancada com a base na cor madeira. O repórter veste um terno cinza claro, uma camisa branca e uma gravata lisa escura. Ele usa o cabelo penteado para o lado e cavanhaque. O áudio é captado por um microfone lapela. No canto inferior direito a condição de transmissão ao vivo é constatada pela logomarca colorida da emissão e a expressão “ao vivo”.

No frame 18 o apresentador Alexandre Oliveira continua a escalada em enquadramento fechado e na sequência com o frame 19 o enquadramento também fechado na apresentadora Laine Valgas cuja manchete é ilustrada com dois inserts de imagens. No frame 22 o enquadramento é aberto nos dois apresentadores e na tela é exibido o horário no formato hh:mm:ss. A escala encerra com o frame 23 da vinheta em movimento do BDSC. O frame 24 é apenas uma imagem estática da apresentadora Laine Valgas na abertura do BDSC após a vinheta. A câmera está posicionada mais lateralmente e enquadra a apresentadora e o notebook. Nesse frame observamos ainda uma parte da cadeira onde a apresentadora está sentada. É uma cadeira com tecido bege claro e uma borda preta. Ela está com uma caneta na mão e em cima da bancada está o roteiro do telejornal.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 12**

#### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

#### **Geral do episódio 12**

Decupagem começa em 00min33s porque é o momento em que começa a programação local da emissora neste episódio

00min33s – 00min43s – vinheta de transição para a programação local

00min43s – 00min46s - vinheta de oferecimento BDSC

00min46s – 00min53s - vinheta de oferecimento Patrocinador

00min54s – 01min06s - escalada – enquadramento plano aberto – zoom in

01min06s – 01min10s - insert imagem jogo campeonato catarinense – sobe som torcida

01min10s – 01min13s - escalada enquadramento fechado Alexandre Oliveira

01min13s – 01min23s - teaser Ao vivo Ana Amélia Lemos – Brasília  
 01min23s – 01min24s- teaser Ao Vivo Ana Amélia Lemos – erro de corte para Laine Valgas  
 01min24s – 01min29s - escalada enquadramento fechado Laine Valgas  
 01min30s – 01min36s - teaser Ao Vivo repórter – Florianópolis  
 01min36s – 01min42s - escalada enquadramento fechado Alexandre Oliveira  
 01min42s – 01min51s - inserts imagens assassinato comerciante  
 01min51s – 01min57s - escalada enquadramento fechado Laine Valgas  
 01min57s – 02min03s - teaser Ao Vivo repórter estúdio panorâmico – local não preciso  
 02min03s – 02min11s - escalada enquadramento fechado Alexandre Oliveira  
 02min11s – 02min15s - escalada enquadramento fechado Laine Valgas  
 02min15s – 02min18s - inserts imagens lentes de contato  
 02min18s – 02min26s – enquadramento plano aberto  
 02min26s – 02min36s - vinheta BDSC  
 02min36s – 02min37s – imagem estática Laine Valgas abertura bloco

## **FICHA DE ANÁLISE 13**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 13**

**Evento:** BOM DIA SC (Santa Catarina) - TV Globo

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=HUPro4vUmrw>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** imprecisa

**Tempo total do fragmento:** 07min22s

**Tempo material histórico:** 07min22s

**Evento correspondente ao período:** 2010

**Apresentadores no período:** Fabiana Nascimento e Pedro Paulo Moreira

## Contexto do episódio

O episódio analisado é uma participação Ao Vivo do repórter Rafael Belincanta em Florianópolis e está publicado no canal Lonadasartestv no *Youtube*. No estúdio os apresentadores Fabiana Nascimento e Pedro Paulo Moreira contextualizam o assunto e chamam o repórter que está em um shopping da capital catarinense para mostrar o trabalho de um programa de inclusão econômica e cultural. O projeto de Campinas/SP trouxe para Florianópolis oficinas de circo como atividades de férias para quem passar pelo shopping. Neste episódio precisamos primeiramente lembrar o que é um frame. Tecnicamente o frame é uma imagem fixa em um produto audiovisual conhecido também como quadro de vídeo. Cada cena estática é um frame. No caso do Ao Vivo analisado neste episódio, o cinegrafista usa a câmera solta sem estar fixada em um tripé e faz constantes movimentos para registrar as ações que acontecem naquela oportunidade. As únicas cenas que pela definição técnica podem ser classificadas como estática são as exibidas pelo estúdio e no começo do Ao Vivo. A partir destas justificativas optamos por selecionar algumas cenas para compor a sequência de cenas ilustrativas para a análise deste episódio. Entre as 15 imagens separadas, quatro estão classificadas tecnicamente como frames (1, 2, 3, 15).



Figura 50: Frames cabeça Pedro Paulo Moreira e Fabiano Nascimento 2010  
Fonte: RBS TV (2010)

A decupagem textual, apresentada a seguir, ficará somente para fins de registro neste trabalho por entender-se que não existem elementos históricos que podem ser resgatados pela oralidade dos atores envolvidos neste episódio.

**(frame 1)**

00min00s – 00min03s – vinheta

Apresentador 1 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 2)** *O circo hipnotiza crianças e adultos. Além de divertir pode contribuir para o desenvolvimento físico e mental de pessoas de todas as idades.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 3)** *Os exercícios proporcionam uma atividade lúdica que trabalham ao mesmo tempo coordenação motora, flexibilidade, concentração. Um projeto que atende 400 crianças em situação de risco na cidade de Campinas em São Paulo esta em Florianópolis e a nossa equipe mostra como é esse trabalho. Bom dia Rafael.*





Figura 51: Frames link de ao vivo repórter Rafael Bellicanta 2010  
Fonte: RBS TV (2010)

#### Vivo – Repórter Rafael Bellicanta

*Bom Dia Fabiana bem vinda ao circo. O circo está aqui já em Florianópolis e essas pessoas que aprenderam a arte circense lá nas comunidades em São Paulo descobriram os palcos e agora descobriram também a magia de ensinar isso para as pessoas não é isso Taline? Como é que veio essa idade, da onde que veio isso aqui, bom dia.*

#### Entrevistada Taline Martins

*Bom dia. A gente começou em Campinas interior de São Paulo foi ideia de um pessoal que já fazia circo e a gente viu a necessidade das crianças da comunidade então a gente começou com essas oficinas com o circo social. Só que a gente viu que além disso a gente precisava de pessoas que capacitassem e pudesse ter uma renda com isso então a gente fez a inclusão econômica. Que como ela acontece? A gente faz eventos tanto como espetáculo como oficina de circo que é o que ta acontecendo agora no Iguatemi de Florianópolis e essas oficinas as crianças entram, pagam um valor, tem a oportunidade de estar fazendo um pouco da vivência do circo como malabares que tem um pouquinho ai das meninas mostrando, a cama elástica.*

#### Repórter Rafael Bellicanta

*Agora todas essas técnicas Taline vocês aprendem como? É muito difícil aprender isso? Quem vier vai conseguir por exemplo fazer isso que a Milena ta fazendo ali no trapézio?*

#### Entrevistada Taline Martins

*Com certeza não é tão difícil assim.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Será?*

Entrevistada Taline Martins

*Não imagina. As crianças vão ter aqui uma vivência que é muito simples, fácil de se fazer entendeu? É pra criançada aproveitar as férias ter uma coisa diferente no shopping, entendeu? Então eles vão se divertir aqui muito pra valer. Essas crianças e esses jovens que estão aqui são provas vivas de que não é difícil. Eles fazem treinam um pouco mais claro. Mas, as crianças elas vão ter a oportunidade de estar treinando aqui.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Agora é só criança ou criança grande também pode vir aprender?*

Entrevistada Taline Martins

*Pode, pode, toda idade.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Então assim. Vamos fazer os seguinte então agora. Vamos pedir licença aqui para a menina do trapézio. Há quanto tempo você pratica isso?*

Entrevistada não identificada

*Há mais ou menos um ano.*

Repórter Rafael Bellicanta

*E é difícil?*

Entrevistada não identificada

*Não.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Você acha que eu consigo fazer alguma coisa aqui?*

Entrevistada não identificada

*Consegue sim.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Vamos tentar então. Me ajuda então Taline.*

Entrevistada Taline Martins

*Consegue, consegue. É uma técnica muito simples que pra criançada ver aí em casa é fácil fazer.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Então ta você vai me ensinar. Você vai me ensinando.*

Entrevistada Taline Martins

*Vamos lá.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Isso aqui qualquer um pode fazer?*

Entrevistada Taline Martins

*Com certeza. Subiu,*

Repórter Rafael Bellicanta

*Prendeu.*

Entrevistada Taline Martins

*Prendeu passou a mão lá embaixo e agora vamos segurar lá na corda. Muito bem.*

Repórter Rafael Bellicanta

*(incompreensível)*

Entrevistada Taline Martins

*É um pouquinho por causa que você tá de calça jeans. Lembrando a criançada que é bom sempre vir com uma roupa fresquinha. Aproveita que vocês estão em Florianópolis cidade praiana.*

Repórter Rafael Bellicanta

*É verdade não é difícil fazer isso aqui agora tem que contar com a ajuda de todo mundo aqui na hora principalmente para as crianças. Agora me diz uma coisa Milena passando por esse trapézio o que mais você levou para sua vida, aprendizado, como é que foi começar lá na comunidade de repente tá aqui hoje se apresentando, segura o microfone enquanto eu desço. Pode falar.*

Entrevistada Milena

*Ah, foi muito bom, uma experiência ótima conhecendo novas pessoas, novos lugares, foi muito bom pra mim.*

Repórter Rafael Bellicanta

*E agora tu vai ensinar as pessoas a fazerem isso que tu tá fazendo. Tu acha que vai ser difícil ensinar?*

Entrevistada Milena

*Não. Se a pessoa tiver força de vontade ela consegue.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Legal. Parabéns então pelo seu trabalho. Vamos lá então Taline, vamos mostrar tem mais uma arte circense que são as cordas. Essas cordas aí.*

Entrevistada Milena

*Esse aí se chama tecido acrobático. Essa é uma das garotas que está também há bastante tempo no projeto junto com a gente. Ela também dá oficina no nosso projeto.*

*Ela chama Marciane. Ela vai mostrar um pouquinho do que as crianças podem estar aprendendo aqui.*

Repórter Rafael Bellicanta

*As crianças vão nesse também, nesse aparelho também?*

Entrevistada Milena

*Com certeza elas vão estar podendo ter um pouco da vivência do que é o tecido acrobático que é uma arte que hoje muita gente conhece tem muitos lugares e que não é difícil de fazer, facinho.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Você consegue falar e praticar ao mesmo tempo?*

Entrevistada Marciane

*É um pouquinho.*

Repórter Rafael Bellicanta

*É difícil?*

Entrevistada Marciane

*Não.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Será que o pessoal que vier aqui vai conseguir aprender a ficar assim como tu tá?*

Entrevistada Marciane

*Vai.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Legal, parabéns pelo seu trabalho. Tem mais um aparelho aqui Pindoca se puderes mostrar aqui. É a nossa cama elástica. Não é difícil esse não né Taline.*

Entrevistada Taline

*Não. Esse é simples. A criançada já chega aqui e até já sabe o que tem que fazer.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Pular.*

Entrevistada Taline

*Porque elas já chegam querendo, não vamos na cama elástica e é uma coisa muito simples. A gente passa técnicas de salto de como acontece de como ela é. Saltos como grupado, afastado que eles aprendem e é muito simples.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Chegando aqui também tem as meninas dos malabares, do equilíbrio e também ter a perna de pau que eu to vendo ali que pode entrar em quadro também. Isso tudo as pessoas precisam pagar quanto pra aprender aqui na oficina.*

Entrevistada Taline

*Então nós temos três faixas etárias pra todo tipo de bolso. A gente ajuda muito com isso por causa que a pessoa tem a oportunidade. A criança ela com, ela com, antes dos cinco anos, ela entra com o pai ou responsável depois dos cinco entra e faz oficina a vontade. A oficina que é a mais cara é 20 reais. Ela tem 40 minutos passa por todos os equipamentos. Ela tem uma vivência maior entendeu com tudo e também a gente tem a oportunidade de ta tirando foto. A criança teve toda essa vivência, aprendeu conheceu um pouquinho e também pode ta levando pra casa uma lembrança.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Que legal. Taline vou mostrar um pouquinho daqui a perna de pau. Como é que é o seu nome?*

Entrevistada Tainara

*Tainara.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Tainara é difícil andar na perna de pau?*

Entrevistada Tainara

*Não você tem que se concentrar e manter o equilíbrio.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Equilíbrio é a chave?*

Entrevistada Tainara

*É a chave.*

Repórter Rafael Bellicanta

*E é difícil aprender. Tu acha que em quanto tempo dá pra andar de perna de pau?*

Entrevistada Tainara

*Ah, eu consegui hoje.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Ah, parabéns então Taline. Essa foto aqui que a Taline falou pra gente depois que todo mundo pratica nos aparelhos ele vem aqui ó e tira uma foto como se fosse um malabarista profissional uma coisa do gênero assim. Isso Taline?*

Entrevistada Taline

*Isso. Eles fazem essa é uma recordação que eles levam. Também é isso se paga a parte, mas que a gente tem que é um fotógrafo que a gente tem, a gente conseguiu pela nossa ONG em São Paulo que tá vindo junto com a gente aqui no shopping que também tá fazendo isso que a criançada vai se divertir muito.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Tá certo Taline, obrigado pela participação aqui no Bom Dia Santa Catarina. Lembrando que tem um site lona*

Entrevistada Taline

*Lona das artes ponto org.*

Repórter Rafael Bellicanta

*Então é só acessar lá. Pedro, Fabiana é com vocês aí*

Apresentador 1 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 15)** *Tá certo Rafael. A criançada e os adultos vão se divertir também.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 15)** *E o Rafa inclusive se divertiu. Obrigada.*

Este episódio apresenta a seguinte estrutura de formatação jornalística: vinheta, cabeça, link ao vivo, encerramento no estúdio.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

O cenário no episódio analisado é formado por uma bancada e um vídeo wall. No frame 2 observamos um enquadramento de plano fechado no apresentador Pedro Paulo Moreira e no fundo percebemos a imagem de prédios e elementos fixados na vertical simulando uma persiana aberta para a cidade. Neste frame não temos visual da bancada. O jornalista veste um terno risca de giz escuro, camisa branca, gravata listrada e usa óculos. Na gravata está preso o microfone lapela para captação do áudio. No frame 3 visualizamos a bancada com base em um tom de madeira claro. A estrutura frontal e de sustentação tem cores cinzas e levemente rosada. O piso onde a bancada está instalada é claro. Há outro piso na cor azul compondo o cenário.

Ao fundo atrás da apresentadora Fabiana nascimento se encontra um mesmo elemento de persiana simulando uma janela com a imagem do mar e de pedras como ilustrado no frame 3. Ao lado outra imagem de uma janela com uma luminária e no meio da quina da janela está um objeto parecido com algum artigo religioso. O

elemento de persiana não é perceptível nesta composição. Existe um videowall com a logomarca do BDSC. A apresentadora Fabiana Nascimento está sentada em uma cadeira branca. Ela veste uma blusa branca e um terninho rosa claro onde está fixado o microfone lapela para captação do áudio. O corte de cabelo é um pouco abaixo dos ombros.

No frame 4 observamos a logomarca colorida da RBS TV e a inscrição “ao vivo”. O repórter Rafael Belincanta aparece rapidamente como o microfone e a canopla com a logo da TV Globo virada para frente da câmera. Rapidamente o cinegrafista faz um movimento para o outro lado mostrando o circo montado em um shopping da capital e na tela aparece o crédito do repórter. Na cena 5 percebemos que o nome do repórter aparece em caixa alta e embaixo a identificação da cidade em caixa baixa. A arte gráfica da tarja tem na esquerda o mapa de Santa Catarina com o azul como cor predominante. A faixa de cima onde está o nome do repórter é amarela e embaixo a cor é azul para o caractere da cidade.

A arte gráfica da tarja para identificação dos entrevistados segue o mesmo padrão com algumas adaptações. Como vemos na cena 6 o mapa de SC desaparece e o nome da entrevista e da instituição da qual ela faz parte estão centralizados. A primeira entrevistada Taline Martins está com um microfone lapela preso a roupa para captação do áudio. Na imagem 7 o cinegrafista mostra a execução trapézio um aparelho circense. Na cena 8 o repórter entrevista a artista que está sentada no trapézio.

O repórter resolve experimentar um dos equipamentos e sobe no trapézio como registrado na imagem 9. Em cima do aparelho ele continua o Ao Vivo segurando o microfone e a outra mão segura a corda do trapézio. Na cena 11 a entrevistada segura o microfone enquanto o repórter desce do trapézio. Na sequência ele continua entrevistando as meninas que participam do projeto. Na imagem 14 ele experimenta o cenário montado para as pessoas tirarem fotos como se estivessem fazendo malabares.

No frame 15 é possível observar melhor a bancada. Ela tem o formato de um triângulo. Os dois apresentados ocupam o mesmo lado enquanto no videowall o repórter encerra a participação Ao Vivo.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 13**

### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

### **Geral do episódio 13**

00min00s – 00min02s – vinheta BDSC

00min03s – 00min12s – cabeça apresentador Pedro Paulo Moreira

00min12s – 00min29s – cabeça apresentadora Fabiana Nascimento

00min29s – 00min48s - Repórter Rafael Belicanta Ao Vivo – câmera fica passeando pela estrutura montada no shopping

00min48s – 02min35s - entrevista Taline Martins – câmera fica passeando pela estrutura montada no shopping

02min35s – 02min43s - entrevista trapezista não identificada pelo repórter

02min43s – 03min23s - Taline segue explicando enquanto repórter vai para o trapézio tentar executar o movimento

03min23s – 03min54s - repórter segue o vivo em cima do trapézio, faz uma pergunta para uma menina identificada como Milena e pede para ela segurar o microfone enquanto ele desce do trapézio

03min54s – 04min05s - repórter pega novamente o microfone, segue a entrevista com a Milena

04min05s – 04min42s - repórter segue o vivo e entrevista com a Taline mostrando outras artes circenses

04m42 – 04min52s - repórter entrevista menina que está de cabeça para baixo no tecido acrobático, só identifica a entrevistada (Marciane) pelo primeiro nome no final

04min52s – 06min20s - repórter segue o vivo e a entrevista com a Taline mostrando mais aparelhos circenses

06min20s – 06min36s - entrevista menina na perna de pau – pergunta antes o nome dela (Tainara)

06min36s – 07min18s - mostra local para tirar foto de recordação, segue entrevista com a Taline e devolve para os apresentadores no estúdio

07min18s – 07min22s – apresentadores fazem comentário rápido e encerram o vivo

### **FICHA DE ANÁLISE**

## Descrição geral

### Episódio 14

**Evento:** Vanusa Cardoso no Bom dia Santa Catarina 21 02 2011

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=ZoG-6EnuIWs>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 21 de fevereiro de 2011

**Tempo total do fragmento:** 04min14s

**Tempo material histórico:** 04min14s

**Evento correspondente ao período:** 2011

**Apresentadores no período:** Adriana Krauss e Pedro Paulo Moreira

### Contexto do episódio

O episódio analisado é uma entrevista Ao Vivo realizada em estúdio no dia 21 de fevereiro de 2011. Os apresentadores Adriana Krauss e Pedro Paulo Moreira conduzem uma entrevista com a psicóloga e consultora de RH Vanusa Cardoso sobre a frustração em aceitar uma proposta de emprego que não atendeu as expectativas do trabalhador. O material em vídeo está hospedado no canal vanusacardosoconsult do *Youtube*. Este episódio é formato por uma sequência de 27 frames.





Figura 52: Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010  
Fonte: RBS TV (2010)

O conteúdo da entrevista apresentado abaixo na decupagem textual, não é objeto de estudo nesta pesquisa por não contemplar elementos históricos possíveis de serem resgatados por meio da história oral, portanto ficará somente para fins de registro documental desta pesquisa.

### Cabeça

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 1)** *Imagine a situação. Você está há algum tempo a procura de emprego, faz cursos, distribui currículos até que consegue um serviço. Chega cheio de expectativas, começa a trabalhar e depois de um mês descobre que não era bem aquilo que queria.*

Apresentador 2 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 2)** *E isso tem sido cada vez mais comum. E por vários motivos. Ou não era aquele emprego o foco, o objetivo de vida a pessoa ou não se informou direito sobre a empresa que foi trabalhar. (frame 3) Mas, afinal o que deve ser levado em conta na hora de aceitar uma proposta de emprego? É isso que vamos saber agora com a psicóloga e consultora de RH, Vanusa Cardoso. Vanusa (frame 4) muito bem vinda ao nosso programa. Tem gente (frame 5) que ta desempregada há tempo e na primeira oportunidade que pinta a de se agarra. Quais as consequências disso?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 5)** *A consequência é bastante grave porque (frame 6) sabe o chavão de que a pressa é inimiga da perfeição? A gente aplica exatamente na prática nas empresas porque as vezes você inicia num trabalho por conta do desemprego, na pressão de tempo, de puxa tenho que pagar as minhas contas, logo percebe que não é a empresa que eu gostaria de trabalhar. Ocorre uma (frame 7) miopia. Na verdade você fica míope no momento de escolher e aí ocorre todo uma (frame 8) desgaste, enfim.*



Figura 53: Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010  
Fonte: RBS TV (2010)

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 9)** *Mas, as vezes a necessidade fala mais alta que a vocação?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 9)** *Fala mais alto, mas é* **(frame 10)** *a longo prazo você percebe que cometeu um engano e aí o sofrimento do profissional se torna muito mais elevado. É lógico que tem que ter uma coerência entre puxa preciso trabalhar, mas também não tentar ter pressa pra você não se frustrar no futuro como ocorre de praxe.*

Apresentador 2 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 11)** *E o que observar por exemplo. A saúde financeira de uma empresa é legal investigar?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 11)** *É bacana. Embora seja um dado um pouco difícil de você ter acesso **(frame 12)** quando é uma empresa de capital aberto você consegue, consegue verificar esse dado. E quanto é uma empresa fechada você não tem acesso. Mas, você pode observar alguns sinais como por exemplo conversar com atuais funcionários ou ex-funcionários que já trabalharam nessa empresa, fornecedores, prestadores de serviços, são sinais que você pode **(frame 13)** vê né, observar no mercado pra conseguir ter mais dados antes de tomar a decisão.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 13)** *E se nesse levantamento você descobre **(frame 14)** que a empresa está passando por um processo de reestruturação? Como tomar essa decisão de aceitar ou não a proposta de **(frame 15)** trabalho?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 15)** *Cabe mais cautela ainda. Nesse caso é o momento de opa deixa eu **(frame 16)** pisar no freio, observar bem porque reestruturação normalmente ela vem aliada com mudança onde tem mudança tem stress, tem uma série de cuidados que você precisa tomar antes de pensar em pra ir pra essa empresa.*

Apresentador 2 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 17)** *Compreender o estilo de liderança do gestor ajuda?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 18)** *Totalmente, totalmente. Afinal de contas é a sua chefia imediata você vai trabalhar dia a dia com essa pessoa. Então compreender se é uma pessoa um pouco **(frame 19)** mais difícil ou se é uma pessoa mais aberta, mais flexível, vai ser fundamental pro seus valores estarem alinhados com o dessa pessoa porque o que ocorre muito é essa decisão pela pressão. Puxa, tenho que trabalhar! E aí o que que acontece. Chega em uma empresa onde o meu estilo, os meus valores vão totalmente contra ao estilo da empresa e aí ocorre essa frustração e uma série de problemas, problemas de qualidade de vida, desgaste e tantas doenças que correm no trabalho.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 20)** *Na sua avaliação então o que é uma boa proposta **(frame 21)** de emprego?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 21)** *Uma boa proposta é aquela que está em sintonia com o meu momento de carreira e com o momento em que a empresa, o cargo **(frame 22)** que a empresa está oferecendo. Quando eu tenho essa sintonia aí sim eu vejo perspectivas de crescimento,*

*consigo ter essa coerência entre o meu momento com o momento da empresa. Ai é o momento de ir.*



Figura 54: Frames entrevista ao vivo em estúdio 2010  
Fonte: RBS TV (2010)

Apresentador 2 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 23)** *Tem especialista que diz que o salário é a última coisa que deve ser falado apesar da gente já pensar nisso já de imediato. O que que você acha disso?*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 23)** *É preciso ter bastante cuidado. As vezes eu recebo uma proposta muito atrativa e **(frame 24)** puxa vida foi ter um aumento de 30% no meu salário. Imagina vou de olho fechado. Precisa ter cuidado mesmo. Como eu falei anteriormente você recebe mais, mas logo no primeiro segundo mês você **(frame 25)** percebe meu Deus onde estou. Então o salário eu diria que sim. Se não tiver compatível com os meus valores **(frame 26)** o salário é uma questão de tempo pra vir novamente essa frustração, esse sofrimento. Então o salário é importante, mas atrelado aos meus valores.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 27)** *Muito obrigada pela entrevista.*

Entrevistada (Vanusa Cardoso)

**(frame 27)** *A disposição.*

Apresentador 2 (Pedro Paulo Moreira)

**(frame 27)** *Obrigado, um bom dia.*

A seguinte estrutura jornalística é observada neste episódio: cabeça, entrevista, encerramento.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

No episódio analisado podemos observar por meio dos frames dos enquadramentos abertos uma parte do cenário usada para entrevistas no BDSC. O frame 7 possibilitar termos uma noção do formato usado para condução desse tipo de gênero jornalístico no programa. Ao fundo uma foto de alguma cidade com prédios e montanhas. A posição da imagem lembra os atuais telões usados em diversos telejornais, mas não é o caso no episódio estudado. O fundo do cenário é de maneira em cores claras. No canto superior esquerdo da foto podemos perceber um detalhe da iluminação. Existem três poltronas brancas onde estão posicionados à esquerda os apresentadores Adriana Krauss e Pedro Paulo Moreira. À direita a entrevistada Vanusa Cardoso.

O apresentador Pedro Paulo Moreira veste um terno escuro, uma camisa branca, gravata clara, meias e calçado escuros. O jornalista está sentado e com o terno abotoado. Ele usa óculos e o cabelo penteado para o lado. Nas mãos segura folhas

contendo o roteiro do telejornal. Na gravata está preso o microfone lapela para a captação do áudio. A apresentadora Adriana Krauss veste uma camisa de gola clara e manga longa, uma saia preta aparentemente um pouco acima do joelho, calçado claro com salto e de bico fino. O cabelo da jornalista é comprido abaixo dos ombros. Ela está com um batom claro e maquiagem discreta. Adriana Krauss também segura as laudas com o roteiro do programa e o microfone lapela para captação do áudio esta preso na camisa. A entrevistada Vanusa Cardoso veste um terno chamativo de cor rosa escuro e uma blusa preta. O calçado dela é preto de bico pinto e com salto. Vanusa usa um óculos quadrado que também chama a atenção. Outro acessório é um relógio discreto. O cabelo um pouco acima dos ombros com mexas é outro detalhe chamativo no visual da entrevistada. O microfone lapela para a captação do áudio está posicionado no blazer que compõe o look da convidada.

O enquadramento durante a entrevista tem 11 variações de posicionamento de câmera. Nos frames 1, 14 e 20 é usado o plano fechado na apresentadora Adriana Krauss. O mesmo formato de enquadramento é feito para o apresentador Pedro Paulo Moreira como observado nos frames 2 e 17. O frame 3 também é um posicionamento de câmera em Pedro Paulo Moreira porém o enquadramento é mais fechado um pouco acima da linha do cotovelo. A entrevistada Vanusa Cardoso aparece sozinha em enquadramentos fechados com observados nos frames 4, 6, 8, 10, 12, 16, 19, 22, 24 e 26. No frame 6 em plano fechado é exibido na tela em GC o crédito da entrevista. Na linha superior o nome em Vanusa Cardoso em caixa alta e na linha inferior a profissão “psicóloga e consultora de RH” em caixa baixa. A linha superior da tarja é na cor amarela e a inferior é azul. Os caracteres estão centralizados. Os dois apresentadores e a entrevistada aparecem juntos em plano aberto nos frames 7, 9, 13, 15, 21, 23 e 27. Nos frames 9, 15 e 23 a câmera está posicionada mais na diagonal e o ângulo é mais de baixo para cima. Os outros o plano aberto é frontal e na altura dos entrevistados fazendo a composição com o cenário. O apresentador Pedro Paulo Moreira aparece com a entrevista em plano aberto somente nos dois como percebemos nos frames 5, 11, 18 e 25.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

## **DECUPAGEM – Episódio 14**

### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

### **Geral do episódio 14**

00min00s – 00min15s – cabeça Adriana Krauss

00min15s - 00min42s - cabeça Pedro Paulo Moreira e primeira pergunta para a entrevistada

00min42s – 01min10s - primeira resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

01min10s – 01min13s - pergunta feita pela Adriana Krauss

01min13s – 01min31s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

01min31s – 01min36s - pergunta feita pelo Pedro Paulo Moreira

01min36s – 02min06s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

02min06s – 02min15s - pergunta feita pela Adriana Krauss

02min15s – 02min32s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

02min32s – 02min36s - pergunta feita pelo Pedro Paulo Moreira

02min36s – 03min12s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

03min12s – 03min15s - pergunta feita pela Adriana Krauss

03min16s – 03min32s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

03min32s – 03min40s - pergunta feita pelo Pedro Paulo Moreira

03min40s – 04min10s - resposta da entrevistada Vanusa Cardoso

04min10s – 04min14s - encerramento

## **FICHA DE ANÁLISE 15**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 15**

**Evento:** Série Boa Ideia: Tecnologia em Florianópolis - Bom Dia SC - RBSTV

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=7ZzYLkimR9E>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 06 de setembro de 2011

**Tempo total do fragmento:** 04min24s

**Tempo material histórico:** 04min24s

**Evento correspondente ao período:** 2011

**Apresentadores no período:** Fabiana Nascimento e Raphael Faraco

### **Contexto do episódio**

**2004 - 2014**

Este episódio analisado se trata de uma reportagem produzida para a série especial intitulada de “Boa Ideia” exibida em setembro de 2011 no Bom Dia Santa Catarina. O vídeo está publicado no canal Dialetto no Youtube. A pauta envolve ações executadas nos setores de tecnologia e inovação com contribuições para o crescimento socioeconômico do estado de Santa Catarina e para a agilidade das rotinas produtivas em diferentes segmentos. Vale destacar que a reportagem é um dos gêneros mais usuais do telejornalismo com possibilidades do repórter inovar na construção do formato com a abertura de espaço para criar especialmente na condução narrativa do fato levado ao telespectador. O episódio está estruturado em uma linha de edição composta por 51 frames. Observe.



Figura 55: Frames cabeça série de reportagens Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

Neste episódio a decupagem textual ficará registrada como elemento de observação da condução narrativa proposta pela reportagem assinada pelo repórter Francis Silvy, assistente Régis Marques, editor de imagens Anderson Fraga e finalização de Rafael Beckhauser, contudo, não será objeto de resgate oral da história do BDSC.

Cabeça

Apresentador 1 (Raphael Faraco)

**(frame 1)** *Uma revolução silenciosa. Florianópolis já não é mais conhecida somente pelo potencial turístico. A capital catarinense vem se destacando também como principal pólo de tecnologia do Brasil.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 1)** *E a razão para essa conquista? Invenções tecnológicas que nascem aqui e facilitam a vida de muitos brasileiros.*

Apresentador 1 (Raphael Faraco)

**(frame 1)** *A partir dessa semana o Bom Dia começa a exibir algumas dessas invenções.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 1)** *É a série Boa Ideia.*

**(vinheta)**



Figura 56: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

**(frame 2)**

OFF

**(frame 3)** Na lavoura até máquina **(frame 4)** agrícola já anda com GPS. Assim **(frame 5)** tratorista não era o traçado. **(frame 6)** O sistema foi desenvolvido por uma empresa de tecnologia em Florianópolis. **(frame 7)** Tem inclusive piloto automático que manobra o volante e aumenta a precisão na agricultura.

SONORA

Bernardo de Castro - engenheiro

**(frame 8)** Ele trabalha com uma precisão aí em torno de cinco centímetros e evita com que o operador **(frame 9 – efeito transição)** é aplique produtos em excesso ou mesmo deixe áreas sem aplicação.



Figura 57: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

**(frame 10)** EFEITO TRANSIÇÃO

OFF

**(frame 11)** As radiografias estáticas agora **(frame 12)** ganham movimento no computador. **(frame 13)** As imagens captadas pela ressonância magnética são **(frame**

**14)** *processadas através da tecnologia catarinense. (frame 15 – efeito transição) O programa tornou mais fácil (frame 16) o diagnóstico médico.*

SONORA

Rafael Martins Ferreira – médico radiologista

**(frame 17)** *As vezes são lesões pequenas de três milímetros então isso facilita bastante a gente poder ampliar e tirar essa dúvida.*

**(frame 18)** EFEITO TRANSIÇÃO



Figura 58: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

OFF

**(frame 19)** *As pilhas de processos judiciais em papel também estão com os dias contados. Tudo já pode ser feito em meio digital. Em Santa Catarina dos (arte gráfica) (frame 20) dois milhões de processos (frame 21) 150 já são eletrônicos. Um sistema que promete dar mais agilidade a justiça.*

SONORA

João Alexandre Dobrowolski – juiz de direito

**(frame 22)** *O processo eletrônico é uma maneira eficaz de combater os malefícios da burocracia. Ele permite uma aceleração no andamento do processo na ordem de 70% , ele permite facilidade de manuseio.*

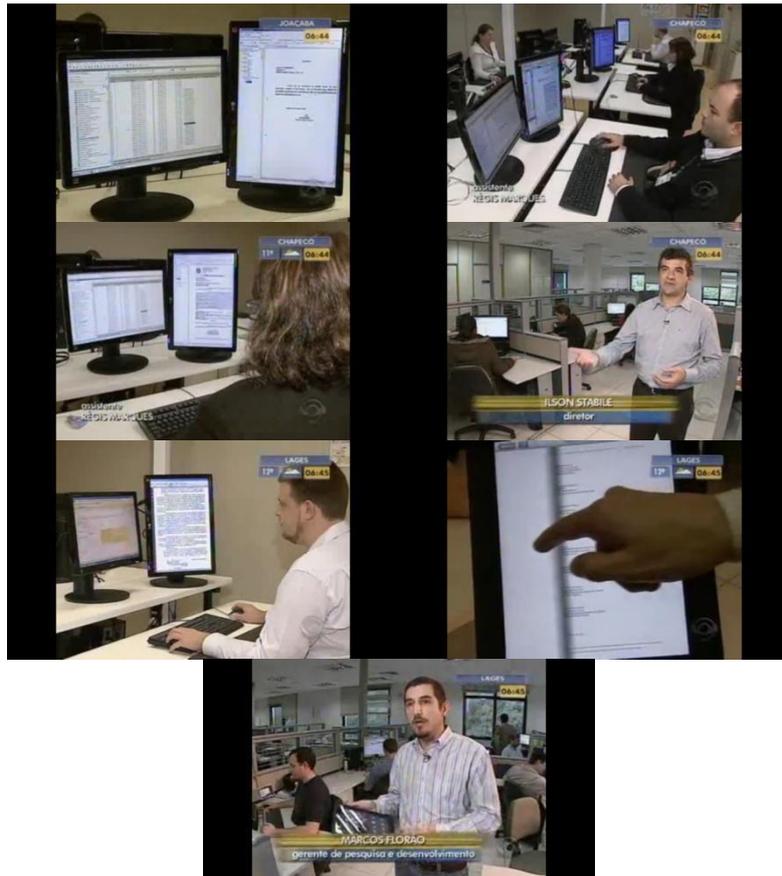


Figura 59: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

OFF

**(frame 23)** *O programa começou a ser desenvolvido* **(frame 24)** *por esta empresa há quase duas décadas* **(frame 25)** *e hoje é usado em nove estados.*

SONORA

Ilson Stabile - diretor

**(frame 26)** *Com o advento da internet permitiu que os advogados e as partes já começassem a acompanhar os seus processos diretamente das suas residências e escritórios.*

OFF

**(frame 27)** *O próximo passo é lançar o mesmo aplicativo* **(frame 28)** *para os tablets.*

SONORA

Marcos Florão – gerente de pesquisa e desenvolvimento

**(frame 29)** *Posso carregar comigo dentro de um dispositivo como esse um cem número de processos e que fisicamente seria impossível né porque eu teria um volume muito grande até por próprio peso de carregar isso seria muito difícil.*



Figura 60: Frames passagem repórter Francis Silvy série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

### (frame 30) EFEITO TRANSIÇÃO

#### PASSAGEM

Francis Silvy – Florianópolis

(frame 31) *Florianópolis é famosa pelas belezas naturais, mas também já se destaca como um dos principais pólos de tecnologias inovadoras do país. (arte gráfica) São 550 empresas que a gente praticamente nem percebe na cidade, mas juntas faturam mais de um bilhão de reais por ano. Isso é o dobro do dinheiro que é gerado pelos dois setores mais tradicionais da capital: o turismo e a construção civil. O que para a economia do município já é considerada uma revolução silenciosa.*





Figura 61: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

SONORA

Rui Luiz Gonçalves – presidente Associação de Empresas de Tecnologia

**(frame 32)** *A nossa tecnologia ela não vai de caminhão, não vai de navio, não vai de trem. Nossa tecnologia vai pela internet, pelo correio e vai de avião. Nós podemos, nós não temos barreiras de logística que atrapalhem o crescimento dessas empresas.*

OFF

**(frame 33)** *Só em Florianópolis o setor emprega mais de cinco mil pessoas. (frame 34) As vagas aumentam todos os anos (frame 34) e a cada nova ideia. (frame 35) Este engenheiro criou um programa que aproveita melhor o tecido.*

SONORA

Cláudio Grando - engenheiro

**(frame 36)** *A economia em tecido que é a principal matéria prima de roupa que é de três a dez por cento. Depois disso existe uma economia muito grande de tempo, tempo de desenvolvimento de uma coleção, tempo para lançar o produto lá na loja diminui drasticamente, eu diria cinco vezes mais rápido.*

**(frame 37)** SOBE SOM

OFF

**(frame 37)** *A última invenção da empresa é (frame 38) um robô de corte (frame 39) o único fabricado na América Latina (frame 40). Daqui saem dez por mês.*

SONORA (sem GC – repete Claudio Grando)

**(frame 41)** *cada vez mais a moda exige (frame 42 – efeito transição) uma velocidade maior. As empresas tem que criar mais modelos em uma velocidade num tempo menor.*

**(frame 43 – efeito transição)** SOBE SOM

OFF

**(frame 44)** *No mundo da tecnologia o que esta sempre na (frame 45) moda é a criatividade.*



Figura 62: Frames de reportagem da série Boa Ideia 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

## SONORA

Fernando Peixoto – diretor de tecnologia

**(frame 46)** *O grande potencial tá no capital intelectual então basta pessoas computador para poder botar aquilo* **(frame 47 – efeito transição)** *transcrever para dentro de alguma* **(frame 48)** *coisa que ele é um software na realidade e a partir daí o resto é deixar a imaginação correr solta* **(frame 49)** *analisar mercado e buscar as necessidades* **(frame 50)** *e atender os clientes.*

**(frame 51)** TRILHA

Com base na análise do episódio observamos um padrão comum a reportagem em telejornalismo. A estrutura é formada por cabeça, vinheta da série, off, sonoras, passagem, sonoras. Para a edição foram usadas imagens em diferentes enquadramentos, trilha, artes gráficas, efeitos de finalização e pós produção.

## Cenário, visualidade e rotina produtiva

Neste episódio observamos parte do cenário formado por uma bancada e ao fundo uma imagem do Palácio Cruz e Souza em Florianópolis. Na foto do palacete historio que é um dos cartões postais da capital catarinense existe elementos vazados na forma de linhas fixados na horizontal. A primeira linha superior começa com retângulo fechado e na continuação não há preenchimento sendo possível a visualização de parte da fotografia no fundo. As linhas do meio, dois e três, são totalmente vazadas sendo visível a imagem de composição do fundo. Na quarta e última linha o retângulo que preenche parte do vazio tem o maior quase três vezes maior que o da primeira linha. Na continuação não há qualquer elemento que preencha a linha.

A base da bancada tem a cor de madeira clara. A sustentação perceptível na parte frontal é de acrílico fosco, sendo possível visualizar de forma desfocada as pernas do apresentador Raphael Faraco. Na parte frontal do acrílico estão fixados dois elementos na horizontal em formato de linha na cor amarelo.

O apresentador Raphael Faraco inicia a leitura da cabeça. Ele veste um terno cinza escuro, camisa branca e uma gravata amarela listrada. Na visão do telespectador, o braço esquerdo está apoiado na bancada e na mão o jornalista segura uma caneta. A outra mão está apoiada na bancada em cima das laudas com o roteiro do telejornal. No começo da leitura de Raphael Faraco a apresentadora Fabiana Nascimento esta com os

braços cruzados sobre a bancada. Dois segundos depois ela descruza os braços e apóia as mãos na bancada. Na frente dela também estão as laudas com o roteiro do programa. Na visão do telespectador, a jornalista segura uma caneta com a mão esquerda. Fabiana Nascimento veste um terninho azul marinho escuro e o corte do cabelo está rente a altura dos ombros. Enquanto um lê o texto no teleprompter o outro olha para o colega e vice-versa. Eles fazem gestos suaves durante a leitura da cabeça demonstrando leveza e segurança.

O enquadramento começa aberto nos dois apresentadores dando uma visão mais ampla da parte relatada do cenário e o operador de câmera fecha a imagem usando o recurso de zoom da câmera. O quadro fica fixo na terceira linha dos elementos vazados no fundo do cenário e um pouco abaixo da base da bancada.

A reportagem inicia com uma vinheta de abertura produzida especialmente para a série especial “Boa Ideia”. Esta vinheta tem seis segundos de duração e traz imagens de máquinas industriais em movimento da esquerda para a direita até chegar em um notebook aberto. Na tela com fundo branco é inserida em movimento e em caixa baixa o nome da série “boa ideia!”. A trilha da vinheta é composta por sons eletrônicos e de bateria, sem elementos de voz. Para cobrir os oito offs foram utilizados 39 frames de imagens. A maioria delas em movimento ótico para transmitir a sensação de agilidade relativa ao tema tratado na série. Em duas sonorais o editor aplicou inserts de imagens para cobrir parte da entrevista. A equipe gravou com oito diferentes pessoas evidenciando a diversificação das fontes consultadas pela reportagem. Na passagem, único momento em que o repórter apareceu na reportagem, o jornalista veste um terno e camisa escura, sem gravata. A passagem foi gravada no mirante do Morro da Cruz em Florianópolis com a cidade de fundo. A edição aplicou recursos de grafismo para reforçar e destacar os números referentes a movimentação econômica gerada pelas empresas de tecnologia na capital catarinense. Foram valorizados pequenos “sobe som” captados das máquinas em funcionamento, utilizado trilha e efeitos visuais para marcar a transição das histórias dentro da reportagem.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 15**

## **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

### **Geral do episódio 15**

00min00s – 00min24s – cabeça  
 00min24s – 00min31s - vinheta série Boa Ideia  
 00min31s – 00min47s - trilha/OFF  
 00min48s – 00min53s - sonora Bernardo de Castro – engenheiro  
 00min53s - 01min00s - inserts de imagens na sonora Bernardo de Castro – engenheiro  
 01min00s – 01min01s - efeito de transição  
 01min01s – 01min14s - trilha/OFF  
 01min14s – 01min18s - sonora Rafael Martins Ferreira – médico radiologista  
 01min18s – 01min19s – efeito de transição  
 01min19s – 01min35s - trilha/OFF/arte gráfica  
 01min35s – 01min47s - sonora João Alexandre Dobrowolski – juiz de direito  
 01min47s – 01min54s - trilha/OFF/ GC assistente RÉGIS MARQUES  
 01min54s – 02min01s- sonora Ilson Stabile – diretor  
 02min02s – 02min05s - trilha/OFF  
 02min05s – 02min16s - sonora Marcos Florão – gerente de pesquisa e desenvolvimento  
 02min16s – 02min17s – efeito de transição  
 02min17s – 02min45s - passagem Francis Silvy – Florianópolis / arte gráfica  
 02min45s – 03min03s - sonora Rui Luiz Gonçalves – presidente Associação de Empresas de Tecnologia  
 03min03s – 03min15s - trilha/OFF  
 03min15s – 03min35s - sonora Cláudio Grando – engenheiro  
 03min35s – 03min47s - SOBE SOM/trilha/OFF  
 03min47s – 03min50s - sonora sem GC repete Cláudio Grando  
 03min50s – 03min56s - inserts/sobe trilha na sonora Cláudio Grando  
 03min56s – 04min01s - trilha/OFF  
 04min01s – 04min08s - sonora Fernando Peixoto – diretor de tecnologia  
 04min08s – 04min21s - inserts/sobe trilha sonora Fernando Peixoto / GC edição ANDERSON FRAGA / GC finalização RAFAEL BECKHAUSER  
 04min21s – 04min24s - trilha

## FICHA DE ANÁLISE 16

### Descrição geral

#### Episódio 16

**Evento:** Bom Dia Santa Catarina Previsão Do Tempo - 04/10/2011

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=E7YGPUgDBOg>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 04 de outubro de 2011

**Tempo total do fragmento:** 2min30s

**Tempo material histórico:** 2min30s

**Evento correspondente ao período:** 2011

**Apresentadores no período:** Laine Valgas e Fabiana Nascimento

### Contexto do episódio

O episódio analisado está publicado no canal Leonardo Silva no Youtube e inicia com um assunto factual noticiado pela apresentadora Laine Valgas por meio de uma nota pelada que é um gênero jornalístico no qual o apresentador narra o acontecimento ao vivo sem a exibição de imagens. Porém, o contexto principal deste episódio é a apresentação do tempo realizada pelo meteorologista Leandro Puchalski. O material tem no total nove frames distribuídos na sequência observada abaixo.



Figura 63: Frames cabeça e previsão do tempo 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

Como o foco da pesquisa não é analisar o conteúdo da informação, exceto quando este traga contextos da trajetória histórica do BDSC, a decupagem textual deste episódio ficará somente para fins de registro.

Cabeça

Apresentadora 1 (Laine Valgas)

**(frame 1) (ilegível)** *nesta madrugada em São Pedro de Alcântara na Grande Florianópolis. De acordo com informações da polícia que esta no local a energia elétrica da cidade foi cortada durante a ação. Ainda não se sabe o valor levado e nem quem são os assaltantes.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 2)** *Hora de previsão do tempo com Leandro Puchalski. Bom dia Leandro.*

Apresentador 3 (Leandro Puchalski)

**(frame 2)** *Bom dia Fabiana, bom dia Laine.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 2)** *Esse friozinho aqui do amanhecer né, tá mais frio a gente tá vendo pelas temperaturas no giro pelas câmeras no estado um pouco mais frio que ontem ou é impressão?*

Apresentador 3 (Leandro Puchalski)

**(frame 2)** *Não é mais frio mesmo.*

Apresentadora 2 (Fabiana Nascimento)

**(frame 2)** *E tem alguma cidade que registrou temperaturas mais baixas?*

Apresentador 3 (Leandro Puchalski)

**(frame 2)** *Um grau em Urubici agora no período da madrugada né. É uma massa de ar mais seco chegou ao estado né, ajuda a baixar um pouco a temperatura.*

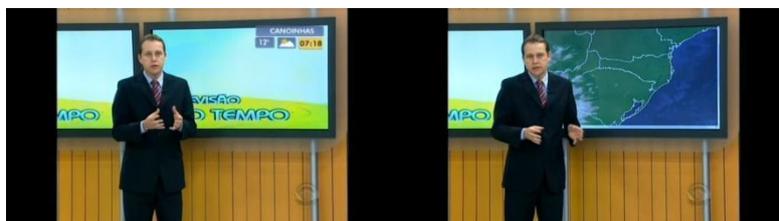


Figura 64: Frames previsão do tempo 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

*O ar frio (frame 3) mesmo ele se encontra muito na parte do oceano, mas o suficiente para trazer neste amanhecer uma temperatura (frame 4) menor também sobre o estado de Santa Catarina isso em todas as áreas. Em algumas regiões um pouco mais outras pouco menos, mas de qualquer forma uma ideia geral do estado todo com essa*

*característica então da região de Urubici onde fez um grau durante o período da madrugada. A imagem de satélite mostra pouca nebulosidade sobre o estado, mas na verdade algumas cidades principalmente do norte e do vale do Itajaí amanhece com o céu mais encoberto são nuvens baixas que não aparecem muito nessas imagens, mas que estão influenciando o tempo neste momento.*



Figura 65: Frames previsão do tempo 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

*Por isso a previsão então é de **(frame 5 – trilha)** uma terça-feira com tempo seco em Santa Catarina, o sol vai aparecer **(frame 6 – trilha)** ao longo do dia um pouco mais de nebulosidade e agora no início da manhã algum chuvisco isolado pode acontecer nessa parte mais nordeste do estado. Mas, a chance é pequena e até mesmo nessa região de Santa Catarina a maior parte da terça-feira vai ser também de tempo seco. As temperaturas também sobem um pouco mais no oeste em torno dos 25 graus porque lá o sol predomina mais e nas outras regiões fica em torno de 20, 22 graus a temperatura da tarde. **(frame 7 – trilha)** Para a quarta-feira a previsão é que a temperatura **(frame 8 – sai trilha)** acabe subindo um pouco mais. Mais uma vez nas primeiras horas do dia baixa um pouco, mas durante a tarde a temperatura sobe deve variar na casa dos 24, 26 graus na maioria das cidades, mas com calor mais acentuado para a parte do sul, do oeste e do vale do Itajaí onde amanhã a tarde pode se aproximar dos 26, 28 graus e até em algumas cidades passar um pouco desses 28 graus. A previsão é de uma quarta-feira de tempo seco o sol vai voltar a aparecer no estado, mas sempre acompanhado em alguns momentos de uma maior nebulosidade, Laine.*



Figura 66: Frames encerramento previsão do tempo 2011  
Fonte: RBS TV (2011)

Apresentadora 1 (Laine Valgas)

**(frame 9)** *Obrigada, Leandro, até logo mais.*

Apresentador 3 (Leandro Puchalski)

**(frame 9)** *Té mais.*

A estrutura deste episódio está formatada em nota pelada, cabeça, previsão do tempo, encerramento.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Este episódio inicia com uma nota pelada lida pela apresentadora Laine Valgas em plano fechado. O áudio começa cortado e por este motivo não se pode precisar qual o fato narrado pela jornalista, apenas que se trata de um assunto relacionado a área policial. O enquadramento é do cotovelo para cima com a jornalista sentada em uma poltrona branca. No fundo do cenário uma foto de prédios contextualizando uma cidade. Laine Valgas veste um terninho azul petróleo, brincos dourados, batom rosa, maquiagem discreta e está com o cabelo abaixo dos ombros. Na roupa está fixado o microfone lapela para captação do áudio.

No frame 2 o enquadramento é aberto sendo possível observar as duas apresentadoras sentadas em poltronas brancas. Elas estão posicionadas uma ao lado da outra no mesmo cenário com a fotografia de prédios de uma cidade. Neste plano aberto podemos perceber que além do terninho azul petróleo, a apresentadora Laine Valgas veste uma calça escura e um sapato de salto com bico fino. Já a apresentadora Fabiana Nascimento veste uma blusa de cor vermelha escura, calça cinza clara e um sapato de salto. O corte de cabelo é na altura dos ombros.

A esquerda delas na visão do telespectador está em pé o meteorologista Leandro Puchalski vestido com um terno preto escuro e sapato preto. No frame 2 não é possível detalhar mais a vestimenta do Puchalski. Nos dois monitores atrás do meteorologista esta projetada a logo do quadro da previsão do tempo em tons amarelo e azul lembrando o nascer do dia. No canto superior direito da tela é exibido o horário em tempo real, um rodízio com o nome de cidades, temperatura e símbolo do tempo. No canto inferior direito a marca d'água da RBS TV.

No plano fechado em Leandro Puchalski observado no frame 3 é possível ver melhor a gravata bordo listrada e a camisa azul clara que completam o dress code do apresentador do quadro da previsão do tempo. A logo da previsão é substituída pelo mapa de satélite no monitor localizado a direita do meteorologista na visão do telespectador. No frame 5 ocorre a troca da imagem de satélite por uma ilustração gráfica com as temperaturas por região do estado, complementadas pelas cores indicando tempo bom ou ruim, além dos símbolos em movimento de nuvem, sol ou chuva. O fundo da ilustração é em tons de azul contextualizando o céu. Esse mapa tem uma trilha sonora que roda durante toda a exibição. A mesma ilustração gráfica é exibida em tela cheia como constatado no frame 6. Nos frames 7 e 8 a ilustração é retirada da tela cheia e no monitor retorna a logo da previsão do tempo. Para o encerramento desta participação do apresentador da previsão do tempo o enquadramento volta para plano aberto. O quadro da previsão neste episódio tem duração de 2min15s.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 16**

#### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

#### **Geral do episódio 16**

00min00s – 00min15s - nota pelada lida por Laine Valgas – plano fechado

00min15s – 00min32s - cabeça previsão do tempo – Fabiana Nascimento – plano aberto

00min32s – 00min47s - previsão do tempo Leandro Puchalski + logo previsão (monitor)  
– plano fechado

00min47s – 01min21s – sai logo da previsão e exibe imagem de satélite (monitor)

01min21s – 01min26s - exibe mapa estado com símbolos da previsão (monitor) + trilha

01min26s – 01min52s - exibe mapa estado com símbolos da previsão (tela cheia) +  
trilha

01min52s – 01min56s - sai mapa tela cheia e sai trilha

01min56s – 02min27s - volta logo previsão (monitor)

02min28s – 02min30s – plano aberto + encerramento Laine Valgas

## **FICHA DE ANÁLISE 17**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 17**

**Evento:** HD | Encerramento Bom Dia Santa Catarina 05/12/2014

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=R8ktsc-Ftfc>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 05 de dezembro de 2014

**Tempo total do fragmento:** 01min43s

**Tempo material histórico:** 01min43s

**Evento correspondente ao período:** 2014

**Apresentadores no período:** Adriana Krauss e Raphael Faraco

### **Contexto do episódio**

Este episódio analisado se trata do vídeo publicado no canal Barriga Verde HD no Youtube contendo o encerramento do Bom Dia Santa Catarina no dia 05 de dezembro de 2014. Os episódios analisados anteriormente haviam sido transmitidos pela emissora no padrão SD (standard definition) cuja qualidade variava entre 704x480 pixels com proporção de 16:9 ou 640x480 pixels com proporção de 4:3. A principal mudança no período está no uso da tecnologia HD (high definition) com 1366x720 pixels em tela de 16:9 no formato widescreen (tela larga) que é o modelo de filmagem e

exibição em cinema. A qualidade de imagem no HD é superior do formato SD. A sequência para análise possui 15 frames. Observe.



Figura 67: Frames encerramento BDSC 2014  
À esquerda Giovane Martinello, Raphael Faraco e Adriana Kraus. À direita Raphael e Adriana.  
Fonte: RBS TV (2014)

Neste episódio, a decupagem textual ficará, nesta pesquisa, somente para fins de registro, por não contemplar aspectos que possam contribuir para a construção da linha histórica do BDSC.

#### Cabeça

Apresentador 1 (Giovane Martinello)

Encerramento quadro de esportes

**(frame 1) (ilegível)** *então o clube precisa se readaptar a situação e é o que o Criciúma ta fazendo e está fazendo muito bem.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 1)** *Giovane, bom fim de semana, segunda-feira a gente faz um balanço do ano também na série A do Campeonato Brasileiro.*

Apresentador 1 (Giovane Martinello)

**(frame 1)** *Cobertura completa com gols com os melhores momentos com tudo aqui.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 1)** *Brigado* **(frame 2)** *Giovane. A edição de hoje do Bom Dia Santa Catarina está chegando ao fim, o último da semana, hoje é sexta-feira dia cinco de dezembro. Mas, antes vamos mostrar uma imagem do Pico do Papagaio em Itajaí.*



Figura 68: Frames imagens encerramento BDSC 2014  
Bico do Papagaio – Itajaí (SC)

Fonte: RBS TV (2014)

**(frame 3)** *Olha só que curioso. Neste ano a pedra que é um ponto turístico da cidade também está* **(frame 4)** *clima natalino, clima de natal.* **(frame 5)** *O Pico do Papagaio ganhou um* **(frame 6)** *gorro, um gorro vermelho igual ao do papai Noel.*





Figura 69: Frames encerramento BDSC 2014  
Fonte: RBS TV (2014)

**(frame 7)** *Bacana né? Obrigado pela sua* **(frame 8)** *companhia, tenha uma ótima sexta-feira, um ótimo fim de* **(frame 9)** *semana e segunda-feira encontro marcado novamente aqui no Bom Dia.*

Apresentadora 3 (Adriana Krauss)

**(frame 9)** *Muito bom pra você. Agora a gente vai agradecer aos nossos entrevistados pela participação de hoje,* **(frame 10)** *Telma, Saciloto e Ana obrigada pela participação de vocês. Reveja os vídeos do nosso jornal lá no* [gl.com.br/SC](http://gl.com.br/SC)

Apresentador 1 (Raphael Faraco)

**(frame 10)** *Obrigado mais uma vez pela sua companhia, aproveite o seu fim de semana. E até segunda-feira com Giovane Martinello e as informações do esporte. Até lá.*

**(frames 11, 12, 13)** Encerramento ficha de crédito

**(frame 14)** Vinheta oferecimento

**(frame 15)** Marca patrocinador

A estrutura jornalística deste episódio é composta pelo encerramento do quadro de esporte, cabeça do encerramento do programa, ficha com créditos da equipe, vinheta de oferecimento e marca do patrocinador.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

A primeira observação neste episódio analisado é a qualidade da imagem. O programa está no formato de alta definição possibilitando um contraste mais nítido das

cores e detalhes do cenário. No frame 1 o enquadramento aberto permite a visualização parcial do cenário, que diferentemente dos episódios anteriores conta com um videowall (telão) formado pela junção de nove monitores substituindo a figura estática antes existente no espaço. Os dois monitores menores à esquerda da visão do telespectador permanecem na composição cenográfica porém com uma corda de acrílico fosco. Atrás destes monitores estão elementos semelhantes a uma persiana na cor amarelo alaranjado. Tanto no videowall quando nos monitores menores são exibidas a logo do Bom Dia Santa Catarina. A logo traz o mapa de Santa Catarina em Azul, um sol nascendo na extremidade superior e detalhes em amarelo e laranja no fundo. Nos monitores menores as cores da logo estão mais vivas em relação a imagem verificada no telão. O fundo do cenário tem cores claras na borda superior e também na borda inferior esquerda na visão do telespectador. Outro elemento tem tonalidade de madeira. O piso é da mesma cor das bordas entre um branco e um cinza claro. No frame 1 aparece ainda uma poltrona azul vivo de tecido semelhante a couro.

Os três apresentadores estão em pé e seguram nas mãos as laudas com o roteiro do programa. Adriana Krauss, à direita da visão do telespectador, calça um sapato claro de salto alto. A jornalista veste uma blusa rosa e uma saia preta na altura do joelho. O cabelo está um pouco abaixo do ombro não sendo possível detalhar a maquiagem. O apresentador Raphael Faraco está posicionado no meio dos outros dois apresentadores. Faraco calça um sapato marrom escuro e veste um terno marrom. A roupa não está alinhada ao corpo do jornalista dando a impressão de que o número do terno é maior daquele que ele realmente veste. Giovane Martinello, apresentador do quadro de esporte está posicionado a esquerda na visão do telespectador. O jornalista usa uma sapatênis azul, uma calça de sarja bege e uma camisa azul escuro. As mangas da camisa estão dobradas um pouco abaixo do cotovelo. Martinello está de barba aparada e alinhada.

No frame 2 cujo enquadramento é fechado nos apresentadores Raphael Faraco e Adriana Krauss notamos no canto superior esquerdo do cenário uma luz na cor amarela como detalhe luminotécnico. Os frames 3, 4, 5, 6, 7 e 8 são inserts de imagens gravadas do Pico do Papagaio um dos cartões postais da cidade de Itajaí que recebeu um gorro vermelho em alusão ao clima natalino. No frame 8 começa a trilha de encerramento do BDSC retornando ao estúdio com um plano mais aberto nos apresentadores Raphael Faraco e Adriana Krauss como verificado no frame 9. Na sequência, observando do ângulo do telespectador e percebido no frame 10, a câmera faz um passeio da direita para a esquerda sendo possível visualizar outra parte do cenário onde são realizadas as

entrevistadas. Nesta parte estão posicionadas à direita da visão do telespectador duas poltronas na cor azul com tecido semelhante a couro, e na esquerda outras três na cor branca, mas de modelo diferente daquelas azuis. Nas brancas estão três entrevistados. Na esquerda uma mulher com a perna cruzada de vestido florido, no meio um homem de terno cinza claro, calça e sapatos pretos, gravata escura, camisa branca e na direita uma mulher de saia rosa com detalhes floridos e uma blusa branca. Nesta parte ainda observamos um tapete redondo na cor marrom claro e uma mesa de vidro transparente onde estão dois jornais impressos. No fundo dos entrevistados existe ainda uma tapadeira com uma foto de paisagem com o sol refletindo na água e elementos vazados representando uma janela.

No frame 11 surge em movimento a logo do BDSC e inicia a ficha técnica com o cargo em caixa baixa e o nome em caixa alta conforme descrito a seguir:

editora-chefe

ADRIANA KRAUSS

editora-executiva

ELAINE SIMIANO

produção e edição

CAROLINA DE ASSIS

LALO HOMRICH

JULIANO ZANOTELLI

MARCELE MEURER

MAELLEN MUNIZ

editores regionais

LISANDRA NIENKOETTER – Joinville

LETÍCIA DA SILVA – Blumenau

GILMAR FOCHESATO – Chapecó

RICARDO GOMES DIAS – Criciúma

TÚLIO BORGES – Lages

coordenação de internet

MÁRCIA CALLEGARO

chefes de reportagem

ANTÔNIO NETO

LÍGIA GASTALDI

editores de imagens

ANALU VIEIRA

JARDEL MAURINO DA SILVA

JONATAS GONÇALVES

THALITA FRANZONI

coordenação de programação

ALDO PEREIRA

ARLAN PEREIRA JUNIOR

EMANUEL PRA

diretor de imagens

VALÉRIO ROSA

trilha sonora

JEAN PRESSER

arte

ALEXANDRE DIAS

CARLOS PORTO

DUDA SILVA

operações

CELSO FERREIRA

FÁBIO DE SOUZA

FILIPPE KUHNEN

GENILSON OLIVEIRA

JOSÉ VITOR BERNARDINO

KARINA DAY

NELSON FÉLIX

PAULO GOMES

RAFAEL MODROW

RAFAEL SIMÕES

imagens

DANIEL BARCELOS

DANIEL TEIXEIRA

FABIO CARDOSO

JAISON OLIVEIRA

SAVIO MILANI

externas

PAULO DA SILVA

JOSÉ CARLOS SILVA

coordenação de operações

ACARY MORAES

EDSON IAHN

FÁBIO KRUMMENAUER

RICARDO BARRETO

ROGÊNIO SILVA

gerente de operações

EDUARDO TABOADA

gerente de tecnologia

WASHINGTON GASPAROTTO

chefe de redação

JEFFERSON DOUGLAS

gerente de programação

ANSELMO PRADA

JORNALISMO RBS TV

diretor responsável

EURICO MEIRA DA COSTA

Logo RBS TV

G1.com.br/SC

© 2014 RBS TV

GrupoRBS

O frame 14 é a vinheta de oferecimento e o 15 a marca do patrocinador.

### **Coberturas marcantes relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica ao episódio.

### **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 17**

#### **Cenas históricas**

Não se aplica ao episódio

### **Geral do episódio 17**

00min00s – 00min14s - plano aberto encerramento quadro esporte

00min14s- 00min24s - plano fechado apresentadores Raphael e Adriana

00min24s – 00min41s - inserts de imagens gravadas Pico do Papagaio em Itajaí

00min41s – 00min46s - trilha – plano aberto apresentadores

00min46s – 01min08s - trilha – plano aberto direita para esquerda entrevistados e apresentadores

01min09s – 01min32s - trilha encerra com ficha técnica, responsável, logo emissora

01min32s – 01min43s – vinheta oferecimento + marca patrocinador

### **FICHAS DE ANÁLISE 18**

#### **Descrição geral**

#### **Episódio 18**

**Evento:** HD | Escalada e Encerramento Bom Dia SC 30/01/2015

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=44wRIVA0c7Q>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** RBS TV/NSC TV

**Data do episódio:** 30/01/2015

**Apresentação em 2015:** Adriana Krauss e Raphael Faraco

**Horário de exibição em 2015:** 6h-7h30

**Tempo total do fragmento:** 04min55s

**Tempo material histórico:** 04min55s

**Evento correspondente ao período:** 2015-2018

#### **Contexto do episódio**

O episódio analisado foi veiculado em 30 de janeiro de 2015 quando o BDSC entrava no ar entre 6h e 7h30 com apresentação dos âncoras Adriana Krauss e Raphael Faraco, participação do comentarista de política Renato Igor e do setorista de esporte Alisson Francisco. Este é um fragmento do programa com a abertura e o encerramento

contextualizados em 32 frames com tempo total de 04min55s conforme sequência apresentada a seguir. Observe.



Figura 70: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

**(frame 1)** Vinheta de oferecimento

Locutor

**(trilha programa)**

*Bom Dia Santa Catarina. Oferecimento Unisociesc. Novo Campos Zona Norte.*

Abertura

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 2)** *Olá bom dia. Hoje é sexta-feira 30 de janeiro o primeiro mês de 2015 já termina amanhã.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 2)** *Já acerte o seu relógio com a gente. Agora seis horas e dois minutos. Estamos chegando com o Bom Dia Santa Catarina com muitas informações importantes para todas as regiões do estado.*





Figura 71: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 3)** A prefeitura de Itajaí decretou situação de emergência por causa da dengue. E aumenta a preocupação das autoridades de saúde com a proliferação do mosquito *Aedes Aegypti* em Santa Catarina. **(frame 4)** quase setenta **(frame 5)** por cento da cidade está infestada **(frame 6)** com focos do mosquito. É hora da população de **(frame 7)** Itajaí e de todo o **(frame 7)** estado aumentar **(frame 8)** rigorosamente **(frame 9)** os cuidados **(frame 10)** com a água parada. **(frame 11)** Somente em Itajaí **(frame 12)** vinte e três pessoas já tiveram a doença confirmada. Apresentador 2 (Raphael Faraco) **(frame 13)** Com o decreto de emergência agentes de saúde podem entrar em terrenos particulares mesmo quando não houver ninguém em casa.



Figura 72: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 14)** *O governador Raimundo Colombo anunciou corte de gastos né, e a expectativa Renato é de que as despesas de 2015 reduzam aí até vinte por cento.*

Comentarista (Renato Igor)

**(frame 14)** *Bom dia Adriana, bom dia Faraco, bom dia pessoal de casa. (frame 15) É um grande desafio é possível cortar 300 milhões de reais sem afetar os serviços prestados ao cidadão? O governo afirma que sim. À conferir!*



Figura 73: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 16)** *Depois da fuga em massa num dos maiores e piores presídios do estado sai a licença ambiental que vinha sendo aguardada para a construção da nova penitenciária de Blumenau. Ao vivo a gente traz todas as informações e entrevista o secretário de desenvolvimento regional.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 17)** *A gente também fala de trânsito com imagens ao vivo, informações úteis claro pra você. O tráfego sobre a ponte que liga Santa Catarina a Rio Grande do Sul na cidade de palmitos já está liberada.*



Figura 74: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Por não trazer contextos históricos por meio da oralidade, a decupagem textual deste episódio ficará somente para fins de registro nesta pesquisa.

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 18)** *Vai começar o campeonato catarinense. Está chegando a hora Alisson, hein!*

Setorista Esporte (Alisson Francisco)

**(frame 18)** *É verdade Adriana. E no domingo já tem a transmissão de um grande jogo um clássico da Série A, Joinville e Avaí na arena* **(frame 19)** *Daqui a pouco todos os detalhes dessa partida.*



Figura 75: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 20)** *E hoje o dia vai ser dedicado a saúde aqui em Florianópolis com a primeira edição de 2015 do Bem Estar Global.*

Repórteres Teaser Ao vivo

Mariana Paniz

**(frame 21)** *A população vai ter acesso. A população na grande Florianópolis vai ter acesso a diversos serviços no dia de hoje de graça.*

João Salgado

**(frame 21)** *As tendas já estão montadas aqui na Avenida Beira Mar Norte com atendimento de dermatologistas, oftalmologistas e também cardiologistas, realização de exames e muito mais.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 22)** *E também tem mexa-se. Você pediu e a gente montou uma aula de Muay Thai.*

Repórter Teaser Ao vivo

Larissa Vier

**(frame 23)** *Hoje os nossos profissionais estão aqui no parque de Coqueiros e nós vamos explicar os benefícios dessa modalidade e também vai ter demonstração ao vivo. O público tá convidado a participar.*



Figura 76: Frames abertura/manchete BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 24)** *Quer saber o que é notícia no estado então fique com o Bom Dia e fique bem informado.*

Vinheta e trilha

**(frame 25)**

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 26)** *A dengue preocupa cada vez mais em Santa Catarina hein Adriana. A prefeitura de Itajaí decretou ontem situação de emergência justamente por causa da doença.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 27)** *A gente já fez o alerta ontem nos últimos dias aqui no Bom Dia né Faraco. Até agora já são 23 casos confirmados de transmissão do vírus na cidade. O combate a dengue também vai receber reforço financeiro.*

Reportagem

**(frame 28)** **(reportagem cortada)**



Figura 77: Frames encerramento BDSC 2015  
Fonte: RBS TV (2015)

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

**(frame 29)** *O Bom Dia Santa Catarina o último da semana está chegando ao fim e como de praxe a gente dá uma olhadinha pra ver como está a capa do G1 Santa Catarina. A dengue é tão preocupante que estampa aí a capa do nosso portal né. Em Itajaí foi decretada situação de emergência.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

**(frame 29)** *Tem os detalhes da previsão do tempo. Leandro já trouxe aqui ao longo do Bom Dia embaixo um box sobre o verão 2015. E ainda a questão envolvendo o policial militar que foi indiciado pela polícia, o inquérito vai para o Ministério Público,*

*indiciado por homicídio doloso. Bom Dia Santa Catarina de hoje vai chegando ao (frame 30) fim. A qualquer momento na nossa programação tem o Redação SC e a partir das dez da manhã tem o Bem Estar Global direto de Florianópolis pra todo o país e ao meio dia o Jornal do Almoço.*

Apresentadora 1 (Adriana Krauss)

*(frame 30) Um excelente fim de semana para você e um sexta bem produtiva e até segunda.*

Apresentador 2 (Raphael Faraco)

*(frame 30) Até lá.*

**(frame 31)** imagem de Lages e Ficha Técnica

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 18**

### **Cenas históricas do episódio 18**

Não se aplica ao episódio.

Neste episódio optamos somente pela descrição geral porque não há elementos como, por exemplo, depoimentos de atores sociais envolvidos no programa ou imagens resgatadas de arquivos para contextualizar a cronologia do telejornal.

### **Geral do episódio 18**

00min00s – 00min10s – vinheta oferecimento

00min11s – 00min28s – abertura manchete – enquadramento aberto nos apresentadores com movimento de grau, GC de cidade, horário e temperatura no canto superior esquerdo

00min28s – 00min57s – abertura manchete – quadro fechado na apresentadora Adriana Krauss com inserts de imagens relativas ao assunto Dengue

00min57s – 01min04s - abertura manchete – quadro fechado no apresentador Raphael Faraco

01min04s – 01min18s - abertura manchete – quadro aberto nos apresentadores Raphael Faraco e Adriana Krauss com caminhada até a bancada e movimento de câmera colocando em quadro o comentarista Renato Igor

01min18s – 01min28s - abertura manchete – quadro fechado comentarista Renato Igor na Bancada

01min28s – 01min45s - abertura manchete – quadro fechado na apresentadora Adriana Krauss

01min45s – 01min57s - abertura manchete – quadro fechado no apresentador Raphael Faraco

01min57s - 02min07s - abertura manchete – quadro aberto nos apresentadores caminhando até o outro lado do cenário com movimento de câmera até o apresentador do quadro de esporte Alisson Francisco

02min07s – 02min10s - abertura manchete – quadro fechado no apresentador do esporte Alisson Francisco

02min10s – 02min17s - abertura manchete – quadro fechado apresentador Raphael Faraco

02min17s – 02min35s - teaser ao vivo repórteres Mariana Paniz e João Salgado em frente ao palco montado para o Bem Estar Global na Avenida Beira Mar Norte

02min35s – 02min41s - abertura manchete quadro fechado na apresentadora Adriana Krauss

02min41s – 02min56s - teaser ao vivo repórter Larissa Vier no parque de Coqueiros com imagem de lutadores de muay thay simulando o esporte

02min56s – 03min02s - abertura manchete – quadro aberto nos apresentadores Adriana Krauss e Raphael Faraco com movimento de zoom

03min02s – 03min11s - vinheta do BDSC

03min11s – 03min33s - cabeça – quadro aberto apresentadores Adriana Krauss e Raphael Faraco em pé sem movimento de zoom ou câmera

03min33s – 03min38s - entra frame de reportagem – vídeo analisado editado sem o conteúdo da reportagem

03min38s – 03min50s - encerramento – quadro aberto nos apresentadores Adriana Krauss e Raphael Faraco com movimento de grua

03min50s – 04min09s - capa do G1 SC reproduzida em tela cheia

04min09s – 04min24s - encerramento quadro aberto com movimento de câmera

04min24s – 04min45s - encerramento com imagem de Lages em SD e ficha técnica

04min45s – 04min55s - vinheta de oferecimento

A estrutura do segue padrões da edição jornalística e características observadas ao longo dos anos no programa. Neste episódio observamos a estrutura de manchete com cabeça, inserts, cabeça, teaser, cabeça, teaser, cabeça e no encerramento cabeça, insert, ficha técnica. A trilha sonora do programa é percebida durante toda a abertura e o encerramento.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio analisado observamos a trilha sonora nas vinhetas, manchete, teaseres, e encerramento do programa. A trilha sonora conhecida tecnicamente como *Background* ou simplesmente *BG* é o som ambiente em segundo plano, colocado em volume mais baixo que o áudio de primeiro plano tendo objetivo melhorar a experiência do telespectador, e criando uma identidade sonora do telejornal. No frame 1 temos uma visão geral do cenário a partir de um enquadramento aberto captado pela câmera instalada em uma grua. Na parte superior da imagem percebemos a extremidade do cenário com o vazamento de parte pequena da estrutura do estúdio onde o cenário está montado. Na visão do telespectador temos duas poltronas na cor azul em cima de um tapete redondo na cor bege. Do lado direito uma parte da bancada. No frame 14 podemos detalhar melhor a bancada. A estrutura tem base na cor madeira, um acrílico fosco na frente e a base na cor cinza com dois elementos horizontais na cor amarela. Existe uma única cadeira ocupada nesta imagem pelo comentarista Renato Igor. Ainda no frame 1 notamos o piso na cor branco gelo, mesma tonalidade presente em parte das colunas do cenário. Do lado esquerdo temos dois monitores com os detalhes das bordas em acrílico fosco. Nos televisores esta a logomarca do BDSC. Mais ao meio existe o vídeowall formado por nove monitores onde também é exibida a logo do BDSC, porém com qualidade da nitidez de cores inferior em relação aos monitores menores. A parede do cenário tem tons de rosa, amarelo, laranja e azul, além de três lâmpadas próximas ao telão que compõe a iluminação cenográfica.

Na abertura os apresentadores estão em pé em quadro aberto e o movimento de câmera é feito por uma grua que se aproxima dos ancoras fechando mais o enquadramento em um movimento levemente circular retirando de quadro as poltronas azuis e a parte da bancada. No frame 12 o quadro é fechado na apresentadora Adriana Krauss e no 13 fechado em Raphael Faraco. No frame 14 o enquadramento é aberto nos âncoras que caminham e são acompanhados pela câmera até chegarem na bancada onde

está o comentarista de política Renato Igor. O quadro é fechado no comentarista quando ele começa a ler a manchete do assunto principal que comentará nesta edição. Quando volta para a âncora Adriana Krauss o enquadramento está fechado nela com manchete lida sem inserts de imagem. No frame 17 o quadro é fechado no apresentador Raphael Faraco que lê uma manchete também sem inserts de imagens. Na sequência o enquadramento aberto com os apresentadores caminhando para o outro lado do estúdio no encontro do setorista de esporte Alisson Francisco. A câmera acompanha o movimento dos âncoras enquadrando as duas poltronas azuis, uma mesa redonda de vidro ao lado das poltronas e uma outra onde está um jornal impresso. O quadro é fechado em Alisson Francisco como evidenciado no frame 19. O quadro é fechado no apresentador Raphael Faraco que chama o teaser de dois repórteres juntos ao vivo na Avenida Beira Mar Norte. O enquadramento dos repórteres Mariana Paniz e João Salgado é aberto e mostra parte da estrutura montada para o evento ao ar livre. Mariana Paniz está com um microfone de mão e os dois repórteres dividem o mesmo equipamento. Na volta para o estúdio o quadro é fechado em Adriana Krauss que chama o teaser de outra repórter. Larissa Vier está no parque de Coqueiros e ao fundo lutadores de Muay Thay demonstram o esporte ao vivo. A repórter sai de quadro, narra da demonstração da modalidade esportiva e convida o público a participar do quadro chamado Mexa-se. Os apresentadores terminam a manchete em pé no quadro aberto com a câmera fazendo um movimento de zoom aproximando a imagem dos apresentadores.

O frame 28 é do encerramento do programa com enquadramento aberto nos apresentadores Adriana Krauss e Raphael Faraco que estão em pé entre os dois monitores menores e o videowall segurando as laudas do roteiro do programa. A imagem é captada por uma câmera instalada na grua inicia de cima para baixo. O operador realiza o movimento de aproximação usando o recurso da grua para finalizar o enquadramento diminuindo a amplitude do quadro. No frame 30 é o encerramento final com a câmera fazendo um movimento suave em formato de curva para a direita na perspectiva do telespectador, mantendo o plano aberto, mas estabilizando a cena com os apresentadores posicionados mais da frente dos monitores menores.

Um dos equipamentos tecnológicos usados na rotina produtiva pelos apresentadores é um fone no ouvido chamado de ponto. O aparelho serve para o editor chefe do telejornal se comunicar com os âncoras no estúdio durante a apresentação e os intervalos. No frame 13 é possível ver o ponto no ouvido direito do apresentador Rafael

Faraco. O equipamento tem um fio conectado com o receptor escondido atrás da orelha. Apresentadores, comentarista e setorista do esporte estão com microfones do tipo lapela presos na roupa para captação do áudio. Os repórteres utilizam microfones de mão sem fio para a participação ao vivo na manchete deste episódio.

No frame 1 podemos identificar a visualidade dos âncoras. A apresentadora Adriana Kraus está com um vestido até a altura do joelho na cor prata, porém discreto. No braço esquerdo a jornalista usa acessórios discretos semelhantes a pulseira. Ela usa um sapato de salto alto na mesma cor do vestido. O corte do cabelo é abaixo do ombro. Ela segura as laudas com o roteiro do jornal. O apresentador Raphael Faraco veste terno e sapatos na cor preta, camisa branca e uma gravata azul claro com detalhes discretos em formato de listra. O cabelo é mais curto dos lados e maior na parte de cima da cabeça, porém o penteado está alinhado. Ele também segura as laudas com o roteiro do telejornal. O comentarista político Renato Igor veste um terno cinza escuro, camisa branca e gravata listrada. Ele é um pouco calvo, o corte de cabelo é curto, usa óculos e um relógio como notamos nos detalhes do frame 15. Alisson Francisco, setorista de esporte, aparece vestido com uma camisa social verde por fora da calça jeans, calça um sapatenis escuro e como acessório tem um relógio no braço esquerdo. O cabelo está alinhado para o lado. No frame 21 observamos os repórteres Mariana Paniz e João Salgado em um teaser (manchete) na rua. Mariana está com uma roupa azul, aparentemente um vestido, com um cinto fino e um colar comprido. Ela tem o cabelo abaixo dos ombros. João está com uma camisa pólo clara, usa baba e cabelo curto, tem um relógio no braço direito. No teaser da repórter Larissa Vier percebemos analisando o frame 23 que ela veste uma blusa bordo de cola aberta mostrando parte dos ombros, usa brincos e uma corrente discreta, além de um relógio no braço esquerdo. Larissa tem o corte de cabelo curto com uma franja maior jogada para o lado esquerdo na perspectiva do telespectador.

Os frames 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 são imagens usadas como inserts na primeira manchete lida pela apresentadora Adriana Krauss sobre a problemática da dengue em Itajaí. São nove diferentes cenas para ilustrar a temática levantada como um dos principais assuntos desta edição. O frame 29 também é um insert com a imagem de capa do G1 Santa Catarina onde os âncoras descrevem os principais destaques do portal de notícias. Este insert é gerado no formato SD, menor que o HD da transmissão. Para não deixar as bordas pretas é usado o recurso de preenchimento com a logo do Bom Dia Santa Catarina. A mesma estratégia é feita com a imagem da cidade de Lages captada

também em formato SD como observamos no frame 31. Esta cena é usada para rodar a ficha com os créditos do programa com os cargos em caixa baixa e os nomes dos responsáveis pela função em caixa alta conforme segue:

editora-chefe

ADRIANA KRAUSS

editora-executiva

ELAINE SIMIANO

produção e edição

ALESSANDRA LIMA

LALO HOMRICH

JULIANO ZANOTELLI

MARCELLE MEURER

MAELLEN MUNIZ

editores regionais

LISANDRA NIENKOETTER – Joinville

LETÍCIA DA SILVA – Blumenau

GILMAR FOCHESATO – Chapecó

RICARDO GOMES DIAS – Criciúma

TÚLIO BORGES – Lages

coordenação de internet

MÁRCIA CALLEGARO

chefes de reportagem

ANTÔNIO NETO

LÍGIA GASTALDI

editores de imagens

ANALU VIEIRA

GUILHERME PORCHER

JARDEL MAURINO DA SILVA

JONATAS GONÇALVES

THALITA FRANZONI

arquivo de imagens

ALINE GOULART

CLAUDIA CAPELA

JANICE VALENTIM

coordenação de programação

ARLAN PEREIRA JUNIOR

EMANUEL PRA

MOISÉS GUIMARÃES MEIRELLES

diretor de imagens

VALÉRIO ROSA

trilha sonora

JEAN PRESSER

arte

ALEXANDRE DIAS

CARLOS PORTO

DUDA SILVA

operações

CELSO FERREIRA

FÁBIO DE SOUZA

FILIPE KUHNEN

GENILSON OLIVEIRA

JOSÉ VITOR BERNARDINO

KARYNA DAY

NELSON FÉLIX

PAULO GOMES

RAFAEL MODROW

RAFAEL SIMÕES

imagens

DANIEL BARCELOS

DANIEL TEIXEIRA

FABIO CARDOSO

JAISON OLIVEIRA

externas

PAULO DA SILVA

JOSÉ CARLOS SILVA

coordenação de operações

ACARY MORAES

EDSON IAHN

FÁBIO KRUMMENAUER

RICARDO BARRETO

ROGÊNIO SILVA

gerente de operações

EDUARDO TABOADA

gerente de tecnologia

WASHINGTON GASPAROTTO

chefe de redação

JEFFERSON DOUGLAS

gerente de programação

ANSELMO PRADA

JORNALISMO RBS TV

diretor responsável

EURICO MEIRA DA COSTA

Logo RBS TV

G1.com.br/SC

© 2015 RBS TV

Grupo RBS

O frame 32 é a vinheta de oferecimento seguida da marca do patrocinador.

### **Coberturas especiais relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica

### **FICHA DE ANÁLISE 19**

#### **Descrição geral**

#### **Episódio 19**

**Evento:** Início do primeiro 'Bom Dia SC' na NSC TV – 16/08/2017 (HD)

**Material disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=TtqH42GtqDk>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** NSC TV

**Data do episódio:** 16 de agosto de 2017

**Horário de exibição:** 6h – 7h30

**Tempo total do fragmento:** 03min59s

**Tempo material histórico:** 03min44s

**Evento correspondente ao período:** 2017

**Apresentadores no período:** Mariana Paniz e Raphael Faraco

### Contexto do episódio

O episódio analisado é um fragmento do primeiro BDSC exibido com a nova bandeira da afiliada da TV Globo em Santa Catarina. A NSC TV incorporou as operações da RBS TV SC vendidas ao Grupo NC Comunicação. O material publicado no canal Criciúma Play no *Youtube* contém o início do programa com a apresentação da nova marca da emissora. Os primeiros quinze segundos são do encerramento do Hora 1 e da vinheta de oferecimento do mesmo telejornal, por este motivo foram descartados na análise. Nesta edição a apresentação é realizada somente pelo jornalista Raphael Faraco com restritas mudanças no cenário e grafismo. A sequência do vídeo tem 20 frames. Observe.



Figura 78: Frames vinheta abertura BDSC 2017  
Fonte: NSC TV (2017)

A decupagem textual deste episódio se faz necessária para registrar uma parte da história do BDSC e da transição da RBS TV para NSC TV em Santa Catarina. Acompanhe a seguir.

**(frame 1)** Vinheta de oferecimento (região sul do estado)

Locutor

*Bom Dia Santa Catarina. Oferecimento hospital Socimed para todos os corações chegou Socimed cardiologia em Tubarão.*

**(frame 2)** Vinheta de abertura



Figura 79: Frames abertura BDSC 2017  
Fonte: NSC TV (2017)

Cabeça

Apresentador (Raphael Faraco)

**(frame 3)** Abertura (sem trilha)

*Olá, muito bom dia. 16 de agosto de 2017. Já somos NSC TV. (frame 4) O grande momento da virada foi ontem 15 de agosto. Uma data que entra pra história da comunicação catarinense marcando início das operações da NSC Comunicação. (frame 5) Esta é a primeira edição do Bom Dia na sua nova TV, TV que você ajudou a escolher o nome e que agora está oficialmente no ar. Aqui nos telões já está a nossa nova marca, olha só, NSC TV que representa Nossa Santa Catarina. A cerimônia que marcou a virada da RBS TV para NSC TV foi ontem aqui na capital. (frame 6)*

Representantes da TV Globo, da NSC Comunicação do Grupo RBS (**frame 6**) empresários, políticos, representantes de entidades, jornalistas e atores participaram do evento. (**frame 7**) Nós acompanhamos lá de pertinho a mudança que você aí de casa (**frame 8**) viu ao vivo na nossa programação (**frame 9**) ontem a noite.



Figura 80: Frames abertura BDSC 2017  
Fonte: NSC TV (2017)

(**frame 10**) Cobertura completa dessa mudança que é uma mudança histórica e as novidades que vem ainda por aí você fica sabendo nesta edição do Bom Dia Santa Catarina. (**frame 11**) De olho no nosso telão aqui sai NSC TV, nossa nova marca pra entrada dos jornais as capas que (**frame 12**) circulam hoje pelo estado. O nosso compromisso com Santa Catarina é o destaque de hoje do jornal A Notícia justamente sobre o evento de ontem a noite aqui em Florianópolis. (**frame 13**) A próxima capa vamos em frente o nosso próximo destaque. As capas dos nossos jornais. Nós começamos com o jornal A Notícia vamos tentar recuperar (**frame 14**) as próximas capas. (**frame 15**) Ta aí jornal de Santa Catarina agora aparecendo no seu vídeo da mesma forma o nosso compromisso com Santa Catarina ta aí estampando também a capa do Santa de hoje. Próximo destaque, próxima (**frame 16**) capa do jornal Hora de

*Santa Catarina. Ali em cima o destaque do futebol a derrotada do Figueirense mais uma por dois a zero para o Náutico dessa vez. Lá embaixo destaque mais uma vez preocupante os homicídios em Santa Catarina. Mortes violentas que aumentaram 14,6% no primeiro semestre de 2017 em relação a 2016. E pra gente fechar o destaque do (frame 17) do jornal Diário Catarinense também trazendo os detalhes do evento de ontem. Daqui a pouquinho tem todas as informações tem mais imagens, reportagem completa nesta edição do Bom Dia Santa Catarina é o nosso compromisso com você, o nosso compromisso com o estado como destaque no Diário Catarinense também na sua edição de hoje, edição histórica, dia 16 de agosto de 2017.*



Figura 81: Frames nota BDSC 2017  
Fonte: NSC TV (2017)

**(frame 18)** *A gente segue com muita informação aqui no Bom Dia Santa Catarina. A maioria dos portos do estado voltou a operar ontem depois da forte ressaca que atingiu o nosso litoral lá na semana passada. Vamos acompanhar de perto essa e outras informações. É o nosso giro de notícias.*

**(frame 19) grafismo**

**(frame 20)**

Narração

*Com os canais de...*

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 19**

### **Cenas históricas do episódio 19**

Não se aplica ao episódio.

Neste episódio optamos somente pela descrição geral porque não há elementos como, por exemplo, depoimentos de atores sociais envolvidos no programa ou imagens resgatadas de arquivos para contextualizar a cronologia do telejornal.

### **Geral do episódio 19**

00min00s – 00min15s - encerramento Hora 1 TV Globo – vinheta de oferecimento Hora 1

00min15s – 00min25s - vinheta de oferecimento BDSC

00min25s – 00min31s – Black da clipagem

00min31s – 00min35s – vinheta de oferecimento BDSC (CORTADA)

00min35s – 00min42s – Black da clipagem

00min43s – 00min51s - vinheta BDSC

00min52s – 01min01s - Abertura BDSC sem trilha sonora – enquadramento aberto – movimento de câmera com a rua

01min01s – 01min12s - plano aberto no apresentador e telão modelo videowall com a logo da NSC TV

01min12s – 01min34s - plano fechado no apresentador e monitor menor com a logo da NSC TV

01min34s – 01min55s - inserts de imagens da cerimônia de lançamento da NSC TV

01min55s – 02min06s - plano fechado no apresentador e monitor menor com a logo da NSC TV

02min06s – 02min14s - plano aberto no apresentador e videowall com movimento de grua

02min14s – 02min22s - capa Jornal A Notícia em tela cheia

02min22s – 02min33s - logo do BDSC em tela cheia – erro de exibição das capas dos jornais

02min33s – 03min39s - capas em tela cheia dos jornais Santa Catarina, Hora de Santa Catarina, Diário Catarinense

03min39s – 03min55s - plano fechado no apresentador na parede do cenário sem enquadrar outros elementos como os monitores ou telão

03min55s – 03min59s - grafismo do Giro de Notícias com o surgimento do mapa de Santa Catarina a partir de elementos em linhas horizontais, minimizando para o canto inferior esquerdo onde se junta a uma linha amarela para inserção de GC's

A estrutura do segue padrões da edição jornalística e características observadas ao longo dos anos no programa. Neste episódio observamos a estrutura de manchete com cabeça, inserts, cabeça, inserts, cabeça, nota coberta. O programa inicia sem a trilha sonora inserida somente a partir da leitura das capas dos jornais.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio analisado o cenário tem os mesmos elementos presentes nos anos de 2015, 2016 e 2017. A única diferença está no piso próximo aos dois monitores menores do lado esquerdo na perspectiva do telespectador. O tapete usado com as poltronas e a mesa de vidro nas entrevistas em estúdio deixou de fazer parte da composição cenográfica. As poltronas e a mesa agora ficam posicionadas diretamente no chão sobre um espaço pintado de forma oval na cor amarela clara com uma faixa branca. O desenho geométrico nos remete a um sol. A bancada continua com os mesmos detalhes na base em tonalidade maneira com a parte frontal em acrílico e somente uma poltrona branca. Em cima da bancada estão as laudas com o roteiro do telejornal e um celular.

No frame 1 temos uma visão aberta do cenário onde é possível constatar que as características não sofreram alterações expressivas ao longo de três anos. As cores do fundo de onde estão os dois monitores menores permanecem em tons amarelo, alaranjado e azul. No lado direito do telespectador percebemos as cores bege, rosada, branca e madeira nas paredes. O programa abre com a nova marcada da emissora exibida no videowall e nos monitores menores. A logomarca da NSC TV tem o fundo branco e a cor laranja. Pela primeira aparece no cenário uma câmera do tipo gopro fixada no canto superior direito do videowall. Neste episódio não é possível analisar a finalidade e como o equipamento é usado no programa.

Nesta edição, o jornalista Raphael Faraco é o único âncora na apresentação. Ele veste um terno e sapato preto, camisa branca e gravata bordo. A abertura, sem trilha sonora, inicia com enquadramento aberto no apresentador que está de pé. O âncora está

com dois microfones do tipo lapela presos no terno para captação de áudio. Não é possível visualizar o uso de ponto eletrônico pelo apresentador.

Na abertura a grua com a câmera faz um movimento de panorâmica suave de aproximação no apresentador possibilitando uma visão mais ampla do estúdio. Em seguida – frame 4 – o quadro é mais fechado no apresentador com o videowall exibindo a nova marca da emissora. No frame 6 o enquadramento é alterado para um plano mais fechado no apresentador e em um monitor menor que fica do lado esquerdo do apresentador na perspectiva do telespectador. Neste mesmo quadro entra em GC o nome do apresentador em caixa alta, na cor branca, no canto inferior direito onde está posicionado o apresentador pela visão do telespectador.

No frame 12 a grua volta a ser usada em quadro aberto para o apresentador interagir com o videowall onde a marca da NSC TV é substituída pela logomarca do BDSC e em seguida exibida as capas dos jornais do grupo. Uma trilha sonora é executada, porém não é a habitual do telejornal. A primeira capa é a do jornal A Notícia que começa no videowall e depois é colocada em tela cheia. O fundo é o mesmo da logomarca do BDSC. Um erro provavelmente de edição ou de exibição insere a logomarca do BDSC no lugar da sequência das capas dos jornais sendo esta exibida durante 11 segundos até a capa do Jornal de Santa Catarina ser exibida em tela cheia. As capas dos jornais Hora de Santa Catarina e Diário Catarinense também são exibidas em tela cheia no mesmo formato com o fundo da logomarca do BDSC. No frame 18 o quadro é fechado no apresentador tendo como fundo a parede do cenário sem nenhum outro elemento.

Os frames 6, 7, 8, 9 e 10 são inserts de imagem com som ambiente da cerimônia de lançamento oficial da nova marca da afiliada TV Globo em Santa Catarina. O frame 19 é o giro de notícias que começa com um grafismo do mapa de Santa Catarina sendo formato a partir de linhas horizontais na cor azul. O elemento formado é minizado no canto inferior esquerdo e recebe uma linha na cor amarela onde é inserido o GC em caixa alta com uma palavra ou frase relacionada ao assunto noticiado. Neste episódio o GMC é SITUAÇÃO DOS PORTOS. A ilustração em imagem é casada com o tema em questão.

### **Coberturas especiais relatadas pelos apresentadores**

Não se aplica

## FICHA DE ANÁLISE 20

### Descrição geral

#### Episódio 20

**Evento:** Sinal analógico da TV é desligado em 7 cidades da Grande Florianópolis

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/6541398/?s=0s>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** NSC TV

**Data do episódio:** 01 de março de 2018

**Horário de exibição:** 6h – 7h30

**Tempo total:** 02min30s

**Tempo material histórico:** 02min30s

**Evento correspondente ao período:** 2018

**Apresentadores no período:** Mariana Paniz e Raphael Faraco

#### Contexto do episódio

O programa BDSC do dia 1 de março de 2018, é a primeira edição do telejornal exibida em sinal digital para sete cidades - da Grande Florianópolis que tiveram o sinal analógico desligado a meia noite desta data. Antônio Carlos, Biguaçú, Florianópolis, São José, Palhoça, Paulo Lopes e São Pedro de Alcântara foram as primeiras cidades de Santa Catarina a migrarem para o sistema digital conforme determinação do governo federal. O primeiro telejornal com sinal digital para os municípios citados anteriormente iniciou às 6h e terminou às 7h30 com apresentação de Raphael Faraco e Mariana Paniz. A edição teve a participação em estúdio do comentarista Renato Igor; do apresentador do tempo Douglas Márcio; na apresentação do quadro de esportes Alisson Francisco; e o quadro *Pergunte ao Doutor* recebeu o ginecologista e obstetra Paulo de Queiroz Santos. O programa teve tempo total de produção de 01'19'54'' dividido em cinco blocos com a seguinte média de tempo: 1º Bloco 14 minutos; 2º Bloco 15 minutos; 3º Bloco 11 minutos; 4º Bloco 24 minutos; 5º Bloco 15 minutos.

A paginação arquivada no software Inews usado para a gestão dos telejornais da NSC TV apresenta as seguintes categorias:

Número de entrevistas em estúdio: 3

Número de entrevistas ao vivo pelos repórteres: 1

Número de entradas Ao Vivo de repórteres: 8

Número de reportagens pré gravadas: 4

Número de entradas Ao Vivo de comentarista em estúdio: 2

Número de entradas do quadro da previsão do tempo: 3

Número de notas cobertas ao vivo: 1

Número de notas peladas: 1

Número de boletins gravados: 1

Número de entradas do quadro de esportes: 1

Número de entradas do quadro Pergunte ao Doutor: 3

[INSC] ARQUIVO FLOPS.JORNAIS BDSC 2018 MAR 01  
exato

PAG	ANC 1	ANC 2	RETRANÇA	Fita	ICA	IVT	ITOT	IES	REP	EDIT	GC	MODI	APV	TEMPO	FADE	EXIBIDO
				IP								OK	carolin	00:00:00	00:00:00	
1	-rafa	-mariana	Manchete		1:34	0:00	2:00					OK	rundow carolin	00:00:00		01/03/2018 00:
			--FQ DECLARAÇA	PO	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:02:00		
			--FQ DESLIGA SIN		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:02:00		
			vinhetaABERTURA	00	0:00	0:10	0:10					OK	rundow carolin	00:02:00		01/03/2018 00:
2	-rafa	-mariana	VIVO ITAJAJI 01	VV	0:27	2:00	2:27		Ita	Patí		OK	rundow carolin	00:02:10		01/03/2018 00:
			--FQ VELORIO	PO	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:04:37		
			--FQ MENINA	PO	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:04:37		
			--FQ TIO AGRESSO	PO	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:04:37		
3	-mariana	-douglas	ESTUDIO DOUGLA		0:42	0:00	2:00					OK	carolin carolin	00:04:37		01/03/2018 00:
			--TEMPO HOJE	GC	0:00	0:00	0:00					OK	douglas carolin	00:06:37		
			--MAXIMAS HOJE	GC	0:00	0:00	0:00					OK	douglas carolin	00:06:37		
4	-rafa	-mariana	GIRO CÂMERAS	VV	0:22	0:00	1:00			notinha		OK	rundow carolin	00:06:37		01/03/2018 00:
			--FQ Urubici	VV	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:07:37		
			--FQ Floripa	VV	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:07:37		
5	-rafa		VIVO JOINVILLE 01	T2	0:15	1:00	1:15			Klieber		OK	carolin carolin	00:07:37		01/03/2018 00:
			--VT GENERO	PO	0:00	2:38	2:38		New	Cynthia		OK	rundow carolin	00:08:52		01/03/2018 00:
			--VOLTA JOINVILL	VV	0:00	0:30	0:30			Klieber		OK	carolin carolin	00:11:30		01/03/2018 00:
6	-mariana		QP PERGUNTE DO	PO	0:37	0:00	1:30					OK	carolin carolin	00:12:00		01/03/2018 00:
7	-rafa	-mariana	1 SEQUE		0:32	0:00	0:40					OK	rundow carolin	00:13:30		01/03/2018 00:
			--FQ LINHA ONIBU	PO	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:14:10		
			--FQ DESLIGA SIN		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:14:10		
			.....LAPA.....		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:14:10		
8	-rafa		FQ MAXIMAS D1		0:00	0:00	0:20					OK	rundow carolin	00:14:40		01/03/2018 00:
			COMERCIAL 1		0:00	2:35	2:06					OK	rundow carolin	00:14:30		01/03/2018 00:
			.....LAPA.....		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:16:36		
			VH PERGUNTE AO	PO	0:00	0:08	0:08					OK	rundow carolin	00:16:36		01/03/2018 00:
10	-mariana	-rafa	ESTUDIO PERGUN		0:34	4:00	4:34					OK	carolin carolin	00:16:44		01/03/2018 00:
9	-mariana	-rafa	CAPA JORNAIS	GC	0:00	0:00	2:00					OK	rundow carolin	00:21:18		01/03/2018 00:
			--FQ AN		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:23:18		
			--FQ JORNAL SAN		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:23:18		
			--FQ HORA SC		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:23:18		
			--FQ DC		0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:23:18		
11	-rafa	-mariana	GIRO CÂMERAS	VV	0:44	0:00	1:00			Notinha		OK	rundow carolin	00:23:18		01/03/2018 00:
			--FQ Itajai	VV	0:00	0:00	0:00					OK	carolin carolin	00:24:18		

Figura 82: Espelho BDSC 01/03/2018 – Página 1  
Reprodução INEWS/NSC TV

A plataforma usada para coleta de material em vídeo para esta pesquisa é o *Globoplay* que hospeda os vídeos dos programas da TV Globo e Afiliadas. A íntegra do BDSC de 1 de março de 2018 não está disponível no *Globoplay* nem no arquivo da NSC TV. Na ferramenta de *streaming* existem fragmentos do programa distribuídos em 16 vídeos. Para aprofundar a análise definimos como critério a seleção de um vídeo com enquadramentos abertos para visualização do estúdio e do formato mais recorrente no BDSC que é a entrada ao vivo de repórteres. Com base nessas condições selecionamos para este episódio uma participação ao vivo da repórter Patrícia Silveira. O vídeo tem uma sequência de 13 frames apresentados abaixo.



Figura 83: Frames Link de ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

Como o objetivo desta pesquisa não é analisar o conteúdo das reportagens, entrevistas e links ao vivo, exceto quando esse apresentar elementos de contextualização histórica do BDSC, a decupagem textual apresentada a seguir ficará somente para fins de registro neste estudo.

### Cabeça

Apresentador 1 (Raphael Faraco)

**(frame 1)** *Será enterrado hoje em Navegantes o corpo da menina Laura Cecília Bitencourt de um aninho de idade, um ano e sete meses. Ela morreu em consequência de uma agressão, nós mostramos aqui ontem no Bom Dia Santa Catarina. Cecília foi atingida na cabeça por um pedaço de madeira, um pedaço de pau durante uma briga entre o tio e o avó dela e o responsável, ele o responsável pela agressão a briga com a avó dela. Os dois irmãos portanto.*

Apresentadora 2 (Mariana Paniz)

**(frame 2)** *Uma brutalidade né, Patrícia? A gente mostrou aqui ontem no Bom Dia Santa Catarina começamos inclusive o jornal mostrando a história e no meio do jornal a gente teve a notícia né, a triste notícia da morte da menina Laura. Cê tá acompanhando tudo de perto né, Bom dia!*





Figura 84: Frames Link de ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

## Link

Repórter Patrícia Silveira

**(continuação frame 2)** Bom dia Mari, Faraco. Bom dia a todos. Notícia ruim pra gente dá né. A morte de uma criança é sempre ruim. É o seguinte. A Laura Cecília **(frame 3)** Bitencourt ela tá sendo velada no parque Jardim dos Florais que é em Navegantes cidade onde ela morava. O velório começou ontem a tarde e o enterro deve acontecer hoje por volta das duas horas **(frame 4)** da tarde. Ela morreu ontem de madrugada no hospital infantil Pequeno **(frame 5)** Anjo aqui em Itajaí depois que os médicos não conseguiram reverter o inchaço no cérebro **(frame 6)** dela. Por consequência disso ela teve uma parada cardíaca. **(frame 7)** A Laura como a gente falou tinha um ano e sete meses **(frame 8)** e ela foi atingida por um pedaço de madeira na cabeça durante uma discussão entre a avó dela **(frame 9)** que tem a guarda da criança, tinha, e também o irmão da avó que no caso é o tio avô dessa **(frame 10)** menina.



Figura 85: Frames Link de ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

Link

Repórter Patrícia Silveira

*Agora o que também a gente tá aqui na expectativa de saber é em (frame 11) relação a como vai ficar essa investigação. Porque é o seguinte. O Fernando Cristiano Graf de 43 anos (frame 12) que é o suspeito segundo as testemunhas foi quem deu essa paulada na cabeça da menina ele argumentou para a polícia em depoimento que ele tem dificuldade de visão e que não teria visto que estava agredindo a menina. A avó da criança então argumenta que ele tem mesmo essa dificuldade (frame 13) de visão, mas que ele sabia que estava agredindo a menina tanto que durante a discussão disse que iria matar as duas segundo relato da avó. Mesmo assim o Fernando Cristiano está detido no presídio da Canhanduba aqui em Itajaí. Ele agora deve responder por homicídio qualificado por motivo fútil. Isso pode dar uma pena pra ele de até 30 anos de prisão. Só que se o advogado de defesa conseguir provar que ele não estava vendo o que exatamente estava acontecendo pode diminuir a pena porque daí o crime passa a ser lesão corporal seguida de morte. A polícia vai continuar o inquérito nos próximos dias deve concluir. Em 10 dias é o prazo. E a gente vai acompanhar aqui pra saber o desenrolar desse caso. Mariana e Faraco.*

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 20**

### **Cenas históricas do episódio 20**

Não se aplica ao episódio.

Neste episódio optamos somente pela descrição geral porque não há elementos como, por exemplo, depoimentos de atores sociais envolvidos no programa ou imagens resgatadas de arquivos para contextualizar a cronologia do telejornal.

### **Geral do episódio 20**

00min00s – 00min26s - cabeça 1 – Faraco - plano fechado no apresentador Raphael Faraco com dois monitores de fundo onde estão exibidas a logo do BDSC

00min26s – 00min49s - cabeça 2 – Mariana - plano aberto nos apresentadores Raphael Faraco, Mariana Paniz e na repórter Patrícia Silveira que está no telão. A câmera da grua faz um movimento de aproximação e diminuição do plano aberto para um mais fechado sempre mantendo os três no enquadramento

00min49s – 01min01s - Link repórter Patrícia Silveira – em pé no estúdio panorâmico de Itajaí. Mostra parte da estrutura do estúdio e da visão de fora com o canal da barra

01min01s – 01min30s - inserts de imagens do velório em planos aberto, fechado. Insert de imagem de duas fotos da menina. Insert de imagem em panorâmica da fachada do hospital Pequeno Anjo

01min30s – 01min36s - volta repórter Patrícia Silveira – em pé no estúdio panorâmico de Itajaí. Mostra parte da estrutura do estúdio e da visão de fora com o canal da barra

01min36s – 01min52s - insert imagem do suspeito do crime

01min52s – 02min33s - volta repórter Patrícia Silveira – em pé no estúdio panorâmico de Itajaí. Mostra parte da estrutura do estúdio e da visão de fora com o canal da barra

A estrutura do segue padrões da edição jornalística e características observadas ao longo dos anos no programa. Neste episódio observamos a estrutura de um link ao vivo da seguinte forma: cabeça 1, cabeça 2, link repórter ao vivo, inserts de imagem, repórter, insert de imagem, repórter.

### **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

A partir do frame 2 podemos descrever neste episódio que o cenário tem tonalidades mistas de azul, avermelhado, alaranjado, amadeirado e no canto inferior cinza claro. O cenário é formado por um vídeowall central de nove monitores de alta resolução e duas telas a esquerda do telão principal quando observado do ângulo do telespectador. A partir deste mesmo ângulo observa-se o piso a esquerda em cor amarela com um desenho que lembra um sol e a direita dois tons de cinza – um mais claro e outro mais escuro. Em cima do piso de cor amarela tem duas poltronas azuis posicionadas de forma paralelas.

A direita do telão central – na visão do telespectador – existe uma bancada com tampo em tom de madeira e acrílico como base lateral e frontal. O logotipo do BDSC exibido nos dois monitores menores visíveis no frame 2 atrás dos apresentadores tem

fundo amarelo vívido com o mapa de Santa Catarina em primeiro plano na cor azul reproduzindo o que foi observado desde as edições de 2015.

No frame 2 podemos observar ainda o cenário do estúdio panorâmico de Itajaí de onde a repórter Patrícia Silveira faz a participação em link ao vivo. A estrutura na direita do telespectador tem uma coluna em tom de madeira e um vidro/janela possibilitando a visão do canal da Barra em Itajaí.

A primeira parte da cabeça é em enquadramento fechado no apresentador Raphael Faraco que está na frente de dois monitores onde é exibida a logomarca do BDSC. Na sequência a imagem é cortada para a câmera da grua em plano aberto nos apresentadores Raphael Faraco e Mariana Paniz, e na repórter Patrícia Silveira já no videowall com os braços cruzados. A grua faz um movimento de aproximação fechando suavemente o enquadramento tirando a bancada e os dois monitores do enquadramento, centralizando mais a cena. Mariana Paniz termina a cabeça e também cruza os braços.

Ainda no mesmo enquadramento aberto feito com a grua, no telão, a repórter Patrícia Silveira inicia o link. No frame 3 a tela é preenchida com a imagem da repórter no estúdio em Itajaí. No canto inferior direito a marca d'água da emissora fica colorida e aparece a inscrição Ao vivo para indicar a condição de transmissão em tempo real. O crédito da repórter aparece em caixa alta (PATRÍCIA SILVEIRA) e o nome da cidade em caixa baixa (Itajaí) sobrepondo a tarja do GC em amarelo e detalhes azuis.

Uma novidade no BDSC é o uso de tarja com uma frase para identificação do fato que esta sendo noticiado naquele momento. Elemento não visualidade até então. Neste episódio quando é inserido o primeiro insert (frame 4) surge a tarja centralizada com uma frase em duas linhas. Neste caso “MENINA MORTA PELO TIO VAI SER ENTERRADA HOJE”. A frase permanece no vídeo até o fim do link. Como observado em outros episódios o BDSC tem como padrão o grafismo na tela com o nome das cidades, temperatura local e horário, variando o formato e posição conforme os anos. Neste episódio no canto superior esquerdo a cada cinco segundos aparece uma cidade e a temperatura local, o horário. Em alguns momentos essas informações são substituídas pelas condições dos aeroportos no estado.

Raphael Faraco veste um terno cinza, uma camisa branca e uma gravata bordo. Uma peça de vestuário tradicional em telejornalismo. Mariana Paniz veste um vestido com listas mais largas até a altura do joelho. Calça um sapato preto com salto alto dando a impressão de elegância. A repórter Patrícia Silveira veste uma blusa rosa com gola mais aberta e manga curta. Pelo enquadramento único no estúdio de Itajaí não é possível

visualizar se ela está de calça ou saia. Os âncoras Mariana Paniz e Raphael Faraco estão cada um com dois microfones lapelas sem fio presos a roupa para a captação do áudio. A repórter Patrícia Silveira tem um único microfone lapela preso a roupa, porém não é possível identificar se o equipamento é com ou sem fio.

## **FICHA DE ANÁLISE 21**

### **Descrição geral**

#### **Episódio 21**

**Evento:** Confira a situação do trânsito ao vivo em Florianópolis e no Vale do Itajaí

**Material disponível em:** <https://globoplay.globo.com/v/7038907/?s=0s>

**Programa:** Bom Dia Santa Catarina

**Emissora:** NSC TV

**Data do episódio:** 24 de setembro de 2018

**Horário de exibição:** 6h – 7h30

**Tempo total do fragmento:** 02min53s

**Tempo material histórico:** 02min53s

**Evento correspondente ao período:** 2018

**Apresentadores no período:** Mariana Paniz e Raphael Faraco

### **Contexto do episódio**

No dia 24 de setembro de 2018 a NSC TV colocou no ar a nova identidade visual dos telejornais diários da emissora. Além da mudança no pacote gráfico, o BDSC estreou o novo cenário, a nova vinheta e novos quadros com foco em serviço à população como por exemplo informações de trânsito, tempo e infraestrutura. A ideia divulgada na época no site da própria emissora era trazer uma linguagem mais dinâmica e alinhada com o cotidiano das pessoas. A previsão do tempo que exibia vídeos enviados por telespectadores no quadro chamado “Você na previsão” ganhou mais espaço para participação do público. Com o “Entrando no clima” a audiência pode pedir por meio de um vídeo uma previsão personalizada. Além disso, o “Que nuvem é essa?” entrou na previsão como forma de levar conhecimentos da meteorologia para o público leigo a partir de uma linguagem simples. Outra novidade é o quadro “Trânsito ao vivo”

com informações da situação de mobilidade em tempo real. O programa também estreou o quadro “Rôle do Busão” onde o repórter entra no ônibus e vive na pele a rotina de quem depende do transporte público nas cidades catarinenses. O novo quadro “Por onde andei” destaca as reclamações e reivindicações da população por melhorias na infraestrutura nos municípios. O público pode ainda participar com vídeos encaminhados por aplicativo de mensagem para o quadro “#Oremos” que tem como propósito acompanhar as obras e promessas feitas pelos gestores públicos.

Na plataforma de streaming *Globoplay* encontramos 26 fragmentos desta edição que contempla a primeira mudança visual significativa no BDSC desde o início das operações da NSC TV em agosto de 2017. Para fins de análise, usamos como critério a inovação mais perceptível em termos de desenvolvimento do produto. Com base nesse elemento optamos por selecionar como episódio desta etapa o quadro “Trânsito ao Vivo” onde podemos observar as principais características da nova estrutura visual do BDSC. A sequência tem 13 frames como demonstrado a seguir.



Figura 86: Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

A decupagem textual deste episódio permanecerá apenas para fins de registro nesta pesquisa por não trazer elementos que permitam pela oralidade o resgate que auxilie a construir a cronologia do BDSC.

Cabeça

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 1)** *A gente tem novidade você já viu (frame 2) que a gente tá de cara nova e também tem novidade com esse moço aqui. Você tá acostumado a ouvir falar de tempo e a partir de hoje ele também tem uma nova tarefa por aqui. Vai achar os melhores caminhos pra você que se desloca todos os dias e não quer pegar fila logo no começo do dia. Então o que que dá pra falar nesse comecinho de segunda-feira Douglas?*

Apresentador 2 (Douglas Márcio)

**(frame 2)** *Pois é, Eveline e os passageiros daquele ônibus, eles que saíram lá de Canasvieiras vão ter aí um trânsito tranquilo nesse momento. Bastante cedo então o movimento é bastante tranquilo. Eu chamo então você pra que tá assistindo agora pra saber como é que tá o trânsito (frame 4) nesse momento. A Eveline saiu lá de Canasvieiras está ali perto da escola Jacó Anderle e também do Ilha Shopping. Então eles estão nesse momento passando pela SC 401 e eles vão chegar até onde. Eles vem até a região central de Florianópolis até o terminal Cidade de Florianópolis aqui na região central da capital na Ilha de Santa Catarina.*



Figura 87: Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

**(frame 5)** *Então nesse momento como a gente não tem nenhum ícone você sabe o Waze é abastecido com informações dos telespectadores, nesse momento o movimento é bastante tranquilo. Então a Eveline e o pessoal que tá naquele ônibus dupla (frame 6) tem aqui um movimento bastante tranquilo pela frente. Demora porque é um trajeto longo, mas nesse momento nada de fila.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 7)** *45 minutos.*

Apresentador 3 (Raphael Faraco)

**(frame 7)** *É aproximadamente uns 25 quilômetros de Canasvieiras até o centro da cidade. Tem o trajeto pela frente né. Agora tá tranqüilo porque os minutos vão passando e o tranqüilo vai se intensificando.*

Apresentador 2 (Douglas Márcio)

**(frame 7)** *Quanto mais perto do amanhecer lá pelas sete, sete e meia, se a gente voltar aqui com o nosso aplicativo muito provavelmente a gente vai ter os ícones ali dos motoristas abastecendo o aplicativo e claro trânsito complicado.*

Apresentadora 1 (Mariana Paniz)

**(frame 7)** *E aí vai ficando laranjinha, do laranjinha vai passando pro vermelho, e do vermelho vai ficando cheio de pontinhos.*

Apresentador 2 (Douglas Márcio)

**(frame 7)** *Principalmente né dupla na SC 401 que é uma das mais movimentadas do estado, uma das rodovias estaduais mais movimentadas. Então muito provavelmente ao longo **(frame 8)** do Bom Dia de hoje, daqui pra frente, a gente vai falar muito sobre essa rodovia. Tá bom?*

Apresentador 3 (Raphael Faraco)

**(frame 8)** *Tá saindo de casa é bom ir de ônibus mesmo, essa é a dica!*



Figura 88: Frames quadro trânsito ao vivo BDSC 2018  
Fonte: NSC TV (2018)

Apresentador 3 (Raphael Faraco)

**(frame 9)** *Já que estamos falando de Vale do Itajaí vamos dar uma espiada nesse trânsito aí pelo Vale.*

Apresentador 2 (Douglas Márcio)

**(frame 9)** *Vamos bora Faraco. Eu convido você então que ta acordando agora a acompanhar aqui comigo no Waze (frame 10) o aplicativo abastecido pelos motoristas que tão (frame 11) em trânsito nesse momento um trecho da BR 470 que corta como o Faraco disse boa parte do Vale do Itajaí. Pra vocês terem uma ideia gente, onde ta vermelho é sinal de lentidão, um pouquinho (frame 12) menos vermelho, laranjado, o trânsito ta lento, mas nem tanto. Então percebam vocês que já temos aí na BR 470 no trecho que passa por Blumenau e que chega até Gaspar alguns pontos de lentidão. Não é nada demais, mas é importante (frame 13) o motorista que ta saindo de casa agora prestar muita atenção. Vai com calma Faraco porque o importante é chegar inteiro é o que eu sempre digo.*

Apresentador 3 (Raphael Faraco)

**(frame 13)** *É a rodovia que se transforma em alguns trechos em vias urbanas, grandes avenidas.*

Apresentador 2 (Douglas Márcio)

**(frame 13)** *Passa por cidades do Alto Vale, Médio Vale, passa por Ilhota por Gaspar até desembocar ali na BR 101 em Itajaí.*

## **DESCRIÇÃO DA EXPRESSÃO – Episódio 21**

### **Cenas históricas do episódio 21**

Não se aplica ao episódio.

Neste episódio optamos somente pela descrição geral porque não há elementos como, por exemplo, depoimentos de atores sociais envolvidos no programa ou imagens resgatadas de arquivos para contextualizar a cronologia do telejornal.

### **Geral do episódio 21**

00min00s – 00min01s – cabeça Mariana Paniz – enquadramento semi aberto nos apresentadores Mariana Paniz, Raphael Faraco e na repórter Eveline Poncio que está no link ao vivo no monitor.

00min01s – 00min20s - continua cabeça Mariana Paniz – enquadramento aberto nos apresentadores Mariana Paniz, Raphael Faraco e Douglas Márcio. O quadro é captado pela câmera na Grua com movimento acompanhando a caminhada dos apresentadores e aproximando neles deixando o ângulo mais fechado em relação ao plano inicial. No telão e monitores a nova logo do BDSC.

00min20s – 00min32s - enquadramento aberto com a grua nos três apresentadores. Começa a primeira participação do Douglas Márcio falando do trânsito

00min32s – 00min58s - sai do telão da logo do BDSC e entra a tela ao aplicativo Waze. Quadro fecha no telão com o Douglas

00min58s – 01min10s - entra em tela cheia o aplicativo Waze

01min10s – 01min51s - enquadramento aberto nos três apresentadores. Dois monitores a esquerda na perspectiva do telespectador com a logo o BDSC e no telão videowall o mapa do Waze

01min51s – 01min57s - quadro fechado no telão com o mapa do Waze e o Douglas

01min57s – 01min59s - enquadramento aberto nos três apresentadores. Dois monitores a esquerda na perspectiva do telespectador com a logo o BDSC e no telão videowall o mapa do Waze

01min59s – 02min06s - quadro aberto nos apresentadores Raphael Faraco e Douglas Márcio. Cada um em um lado do videowall que está com a logo do BDSC. Douglas inicia a segunda participação falando do trânsito

02min06s – 02min10s - quadro fecha no telão já com o mapa do Waze e no Douglas

02min10s – 02min23s - tela cheia com o mapa do Waze

02min23s – 02min36s - quadro fechado videowall com o mapa Waze o no Douglas

02min36s – 02min53s - quadro aberto nos apresentadores Douglas e Faraco. Enquadramento com visão mais ampla do cenário (monitores laterais, videowall, parte da bancada). No videowall o mapa do Waze, nos monitores menores a logo do BDSC.

A estrutura do segue padrões da edição jornalística e características observadas ao longo dos anos no programa. Neste episódio observamos cabeça 1, quadro trânsito, interação apresentadores, quadro trânsito, interação apresentadores, cabeça 2, quadro trânsito, interação apresentadores.

## **Cenário, visualidade e rotina produtiva**

Neste episódio analisado observamos a nova configuração do cenário do BDSC menos colorido em relação às características cenográficas mantidas ao longo dos 36 anos anteriores. Basicamente a única alteração é justamente nas cores. No frame 2 podemos observar que as tonalidades mais vivas deram lugar ao tom cinza predominante nas paredes e no piso. Esse detalhe pode ser melhor percebido no frame 1. Pela perspectiva do telespectador, no lado esquerdo continuam os dois monitores com uma moldura em acrílico fosco, e a cor cinza na parede com tom amarelo mais no canto inferior. O videowall de alta definição é o mesmo do cenário anterior. Em cada canto do videowall permaneceram as lâmpadas na parte superior que complementam os elementos luminotécnicos do cenário. As poltronas usuais em entrevistas feitas no estúdio não aparecem neste episódio visto que o espaço destinado para os entrevistados está vazio.

Os enquadramentos sofreram poucas alterações se comparados com os quadros utilizados nos episódios anteriores. No frame 1 o enquadramento mais fechado nos apresentadores e no monitor onde está a repórter Eveline Poncio. No frame 2 observamos o quadro mais aberto e no frame 3 o operador da câmera aproxima o equipamento para deixar o plano mais homogêneo com os três apresentadores. No frame 4 um ângulo novo ainda não anotado durante as análises do programa. A câmera fica na diagonal mantendo no quadro o apresentador Douglas Márcio e o videowall onde está replicado o mapa do aplicativo Waze controlado pelo apresentador por meio de um tablet. A câmera sempre está em movimento, não deixando o plano estático. Nos frames 5 e 11 percebemos o uso do recurso de tela cheia para o telespectador visualizar melhor o mapa que está sendo exibido no videowall. No frame 7 o enquadramento aberto evidencia o cenário descrito anteriormente, e mostra a bancada que é a mesma deste período de análise, porém totalmente na cor cinza, com exceção das duas linhas horizontais em amarelo que são detalhes na parte frontal da bancada. Outro enquadramento ainda não observado é o do frame 8 com o plano fechado no videowall com o apresentador Douglas Marcio.

No frame 9 sob o ângulo do telespectador observamos o âncora Raphael Faraco a esquerda e o apresentador Douglas Márcio à direita com o videowall no centro. No videowall está a nova logo do BDSC com o mapa de Florianópolis em marca d' água,

fundo azul, um sol e as letras SC em azul. O GC dos apresentadores agora aparece centralizado em caixa alta e letras brancas, em cima de uma linha amarela que liga uma ponta a outra da tela como observado no frame 3. Em todos os frames observamos no canto inferior esquerdo o novo posicionamento gráfico do relógio e da temperatura. A logo do BDSC em movimento reveza com os símbolos do clima, temperatura e cidade. Neste elemento gráfico o horário é a única informação fixa permanente na tela.

Uma das mudanças visuais perceptíveis em relação aos apresentadores está no dress code. A gravata não integra mais o traje masculino como observado no frame 2 nas vestimentas dos apresentadores Raphael Faraco e Douglas Marcio. Faraco veste um terno e sapato preto, camisa social azul, mas sem gravata. Douglas está com um terno cinza claro, uma camisa branca e um sapato marrom. Mariana Paniz veste uma camisa com linhas horizontais nas cores branca, cinza e azul, calça branca e um sapato de salto alto e bico fino. O corte do cabelo é abaixo do ombro e a maquiagem discreta.

Nas imagens não é perceptível o uso de ponto eletrônico por parte dos âncoras, mas o equipamento faz parte da rotina produtiva do programa. Os três apresentadores estão com microfones do tipo lapela para a captação do áudio. Douglas Márcio usa um tablet onde está a ferramenta do aplicativo Waze. Pelo tablet o apresentador consegue alterar os mapas que aparecem no videowall.

### 3.4 Transformações no Bom Dia Santa Catarina

Esta etapa corteja o aprofundamento dos resultados deste trabalho, perfazendo a cronologia histórica a partir da evolução do telejornal nos 36 anos pesquisados. Neste percurso, identifica-se a presença ou não de elementos inovadores que potencializaram a produção e a melhor compreensão da notícia. Para facilitar o entendimento, priorizou-se a construção de uma linha do tempo que percorre os elementos mapeados no decorrer da análise: cenário, bancada, entrevistados, tecnologia, apresentadores, visualidade, bastidores, imagens locais, formato das imagens, enquadramentos, planos e movimentos de câmera, coberturas regionais.

### 3.4.1 Linha do tempo: inovações e funções

É preciso contextualizar o período histórico da primeira década do BDSC. Em 1982, quando surge o telejornal, o governo federal tem na figura do presidente João Figueiredo o comandante do país e uma grande efervescência política em prol das eleições diretas para presidente e a retomada democrática do poder tendo em vista que o general Figueiredo era fruto das eleições diretas praticadas pela ditadura militar implantada no Brasil em 1964. Essa mesma movimentação política das ruas e de uma parcela significativa da sociedade, via na televisão um aliado desses governos e criticava o telejornalismo pela falta de exibição dos reais problemas do povo brasileiro. Há também uma forte censura, não só de órgãos do governo, como também de diferentes organismos sociais sobre os conteúdos exibidos pela televisão. Neste contexto o telejornal local passou a pautar a cidade de Florianópolis e a chamada grande Florianópolis formada por bairros e municípios ao redor da capital, além de representar um espaço de possível visibilidade daquilo que acontecia nesta comunidade.

Reconstruindo aqui, a linha do tempo das inovações, o primeiro resultado apresentado é em relação ao **cenário**. Nesses 36 anos analisados, o cenário do BDSC passou por diversas transformações tendo substituída a cor cinza, predominante nos primeiros anos do telejornal, por cores mais vivas como o azul, o amarelo e o laranja – presentes até os dias atuais, remetendo o telespectador ao amanhecer e o sol, as características das tonalidades do início de um dia e de quando o telejornal entra no ar.

Entre 1982 e 2003 percebe-se poucos recursos tecnológicos no estúdio, porém a partir de 2004 são instalados monitores para projeção da logomarca do programa e para a exibição dos repórteres nas entradas externas, ao vivo. Em 2014, o estúdio recebe uma tela bem grande, formada por nove monitores de alta definição, incorporando mais tecnologia não só no uso quanto no visível para o telespectador.



Figura 89: Evolução do cenário do BDSC  
 Fonte: RBS TV (1982, 1990, 1999, 2005, 2014)

O BDSC nunca exibiu imagens em preto e branco, pois desde a estréia em 1982, tanto a apresentação quanto as reportagens, os links de ao vivo, já contavam com a tecnologia das imagens a cores. No começo da década de 1990 o BDSC passou a contar com um estúdio panorâmico na sucursal da emissora em São José. O mesmo recurso foi usado também em Itajaí. Até a finalização desta pesquisa somente o estúdio da sucursal de Itajaí continuava ativo.



Figura 90: Estúdio Panorâmico em São José e Evolução do Cenário do BDSC  
 Fonte: RBS TV/NSC TV (1993, 2010, 2015, 2018)

O cenário tem duas grandes funções. A primeira é localizar o espectador e essa localização, permite a identificação e o reconhecimento com aquele que é quase uma sensação de estabilidade. Quando o telespectador liga a TV, ele sabe que é aquele

programa por causa do cenário e isso gera certa estabilidade e tranqüilidade. Esta é a função de localizar, acolher, para que o telespectador saiba onde está e do que se trata (Emerim, 2012). A segunda grande função é a conexão deste cenário com a transformação da vida cotidiana, portanto os cenários não são estáticos e vão se transformando ao longo do período para não cansarem, mas não são mudanças radicais, paulatinas. São do âmbito de dar mais fluidez, leveza, trabalhando as cores, desenhos, para que cada vez mais ele corresponda a um anseio daquela sociedade e projete também a identidade do programa. Portanto, o cenário é o lugar de maior inovação onde acontecem as maiores transformações e renovações dentro dos telejornais.

Na análise desde 1982 até 2018 existem muitas transformações no cenário do BDSC, e essas transformações como bem mostram as análises realizadas se aproximam daquilo que o programa pretende ser para o seu público mais amplo. O aspecto histórico está relacionado a mudança das casas que passam a ter mais eletrodomésticos e serem um pouco mais tecnológicas do que antes, trazendo traços metálicos, futuristas, iluminações e elementos cênicos que retiram as bancadas e colocam sofás/poltronas ou telões para uma interação mais direta entre os que estão no estúdio e os que estão fora dele, simulando aí as falas das famílias com os seus parentes e amigos através das comunicações remotas propiciadas pelas redes sociais e novas tecnologias. Portanto, o cenário assume em todas as 21 Fichas analisadas o lugar de referência para a inovação tecnológica, mas também uma inovação que se pauta no que não é tecnológico, ou seja, nas mudanças das relações sociais.

Os telões altamente tecnológicos, gigantes, e que fazem uma presença permanente nos estúdios atuais, assumem outro papel: o de simular uma interação direta, como se apresentador e repórter em tela ocupassem o mesmo espaço físico, reiterando a proximidade estabelecida por uma conversação visual direta, sem a mediação entre as telas/máquinas/câmeras. Tal contexto potencializa a identificação e o reconhecimento do telespectador a este espaço do cenário como de pertença virtual, um ambiente que o acolhe assim como aquele que está no ambiente externo e projetado na tela.

A **bancada** é um componente cenográfico perceptível em toda a história do BDSC. A bancada é um elemento de inovação também a partir das perspectivas de iluminação e enquadramento. Na primeira década (1982-1992) do BDSC, ela não modificava o modo de apresentar, a abordagem, estrutura narrativa do texto. Na segunda fase (1993-2003) do telejornal, ainda com a manutenção da bancada, os

tapumes dos cenários são substituídos pelos telões. Nesse período as bancadas ficam menores, os apresentadores caminham um pouco entre um telão e outro, mas sem muita mobilidade. A bancada ainda é central no cenário. Há pouca interação, porém com os **telões** tendo a funcionalidade de um espaço de transmissão de reportagens, de exibição e também não há grandes modificações na abordagem nem na relação entre os apresentadores, e apresentadores e repórteres, nem mesmo na narrativa interna da notícia.

A terceira década (2004-2014) é caracterizada por bancadas menores e telões bem maiores que chamamos mini bancadas e maxi telões. Nesta época, observa-se uma inovação que aparece no texto e no estabelecimento de uma relação diferente na conversa e na interlocução entre apresentadores e repórteres, e estes com suas fontes e entrevistados. O telão passa a ocupar a centralidade do cenário e por ser uma tela de visão, toda a iluminação e a base como o piso e as paredes laterais são projetados para não refletir ou ofuscar as imagens e nem projetem sombras sobre a super tela.

A bancada perdeu a funcionalidade, principalmente a partir de 2011, quando o padrão de apresentação com os âncoras sentados deu lugar aos jornalistas caminhando pelo estúdio e interagindo com outros mecanismos projetados no cenário como por exemplo os telões. Ainda sobre a bancada, é importante destacar que na primeira década do BDSC, como bem mostra a análise, ela era ocupada não apenas pelos apresentadores, mas também pelos entrevistados. Nos primórdios, o programa trazia muitas entrevistas ao vivo, não só pela tecnologia vigente, como também estratégia de demonstrar o diferencial para os programas com pautas mais nacionais. Neste aspecto a bancada remetia a uma certa hierarquia, uma espécie de valorização de quem está no centro do cenário com quem está no centro das atenções tomando decisões e escolhendo sobre o que e a quem entrevistar.

Nos fragmentos analisados se percebe o abandono da prática de colocar os entrevistados na bancada junto com os apresentadores a partir dos anos 2000 em diante quando os âncoras passaram a entrevistar os convidados ainda no estúdio, mas em espaços criados especificamente para este contexto como mostram as Fichas de Análise 02 e 11, e a figura abaixo.



Figura 91: Evolução da bancada do BDSC  
 Fonte: RBS TV (1982, 1990, 1999, 2005, 2014)

É preciso dizer que as bancadas eram a praxe dos cenários da época, que precisavam ter lugares definidos em razão de pontos de iluminação, pontos de inserção de fios e microfones, assim como a necessidade do enquadramento do cenário e dos seus componentes evitando que outros elementos vazassem no vídeo e prejudicasse a atenção central pretendida pelo programa. Trata-se de questões relacionadas às condições de produção comuns à época estudada, com os ajustes de materiais como aqueles próprios que davam vida aos cenários e a iluminação adequada para estes, assim como o tipo de câmera utilizada cujos recursos eram restritos e os tamanhos nada portáteis.

As situações apresentadas, referentes à bancada, podem ser consideradas inovações não tecnológicas no formato do telejornal, conforme classificação de Tourinho (2009), contudo na análise interna comparativa percebeu-se que a alteração do modelo não modificou a estrutura interna no formato de realização das entrevistas, nem dos textos das notícias produzidas. Estando os apresentadores sentados ou em pé, entrevistados na bancada ou fora dela, a abordagem inicia com uma cabeça, perguntas em formato quase pingue-pongue, sendo que raramente o tom sai da estrutura formal da entrevista jornalística. Aqui, entendo tom formal como uma abordagem mais clássica e sem uma conversa mais natural.

Outro ponto que merece destaque é que no início da história do BDSC sempre houve uma dupla de **apresentadores**, representada por uma figura masculina e outra feminina. No começo dos anos 1990, este paradigma foi quebrado e surge uma inovação que remete a luta feminina pela representatividade: pela primeira vez no telejornalismo

local do estado, duas jornalistas assumem como âncoras do BDSC, como a análise mostra na Ficha de Análise 02 e no depoimento dado em reportagem por uma das apresentadoras da época, Márcia Carvalho. Esta quebra da hegemonia do casal na bancada de um telejornal fortalece o aspecto histórico do social como reverberação nas mídias, algo que nem sempre reflete nas empresas. Foi algo inovador para o telejornalismo local ter duas jornalistas mulheres como âncoras do primeiro telejornal do dia, exibido para todo o estado de Santa Catarina, uma afiliada da principal emissora do país, a TV Globo. As jornalistas Márcia Carvalho e Márcia Dutra constituíram com esta quebra de paradigma uma inovação não tecnológica, como define Tourinho, e abriram um espaço para outras duplas de mulheres jornalistas que ocuparam a mesma posição em anos seguintes, como ocorreu em 2011 (Ficha de análise 16). Com base na classificação de Tourinho (2009), esta é uma inovação não tecnológica. Embora a pesquisa não estivesse preocupada e focada na questão de gênero, foi necessário fazer este registro até trabalhar este aspecto com mais profundidade em outro momento. O fato é que pela primeira vez duas mulheres estavam na bancada de um telejornal de rede.



Figura 92: Evolução na apresentação do BDSC e quebra de paradigma com duas jornalistas na bancada  
Fonte: RBS TV/NSC TV (1982, 1990, 1999, 2005, 2011, 2018)

A questão da **estética e da plasticidade visual** em programas de telejornalismo faz parte de uma cultura de eficácia e eficiência, afinal, imagem também é informação. Nesta direção, a formalidade visual é também uma característica marcante no BDSC evidenciada também na forma de se vestir dos apresentadores. No caso dos homens a vestimenta tradicional é o traje social completo composto por terno, gravata e sapato.

Para as mulheres, sapatos de salto, acessórios discretos e roupas sociais. Até mesmo a previsão do tempo era apresentada pelo meteorologista de gravata.

A análise mostra, seguindo a Ficha de Análise 17, que em 2014 a gravata começou a ser retirada de forma gradual. E, na Ficha de Análise 21, ela é abandonada a partir de 2018, quando os figurinos passaram a ser trajes sociais de passeio, mais leves, sem perder, contudo, um certo formalismo. O cotejamento desses dados da análise permite afirmar que a **visualidade** é uma estratégia empregada pela empresa e pelo próprio programa para se aproximar do grande público, deixando os apresentadores, comentaristas e repórteres mais próximos a visualidade diária dos telespectadores mais comuns.



Figura 93: Visualidade: Roupas clássicas, sem muitos detalhes e cores neutras; Cenários em tons matutinos e solares  
Fonte: RBS TV/NSC TV (1982, 1990, 1999, 2011, 2015, 2017, 2018)

A mudança no visual dos apresentadores, que assumem o papel de “a cara da empresa”, pode ser considerada um traço de transformação na representação social do indivíduo jornalista frente a um público mais eclético, mais jovem e historicamente menos conservador. Como aspecto histórico da inovação, o modo de vestir reflete o comportamento da sociedade deste período dos anos 2000 em diante, conectada às vias digitais e remotas, na busca por mais transparência e naturalidade (tanto na vida quanto nas mídias). No BDSC, essa condição inovadora, que se constitui numa renovação do que propriamente uma nova postura, trouxe a oportunidade para alguns profissionais cujo perfil de eficácia se efetiva através da naturalidade com que atuam no programa e, assim, conseguem modificar a forma e a estrutura interna das notícias por eles relatadas. Mas, em termos mais gerais, como as Fichas de Análise 18 e 19 podem comprovar, o programa pouco se modificou porque apenas a retirada da gravata e da bancada não

consegue imprimir mais fluxo de conversação e modificações substanciais nas formas de produção das notícias.

Em relação ao **som e aos equipamentos de áudio**, é inegável evidenciar o avanço tecnológico com a amplificação da potência e a miniaturização das estruturas o que sem dúvida trouxe um ganho extremamente relevante para a qualidade do áudio capturado e disseminado pelas produções tanto externas quanto de estúdio. Mas, diante do material coletado sobre o BDSC, exatamente por constituir-se muitos deles de fragmentos, não é possível fazer uma análise mais aprofundada sobre este aspecto. O que se pode depreender neste aspecto é que a captação de áudio não foi tão expressiva a ponto de dar condições de uma análise conclusiva. Do ponto de vista visual, considerando o que aparece nas imagens coletadas do programa é que os equipamentos usados desde a estréia são parecidos até a atualidade, visualmente somente com mudanças no tamanho e nos formatos de microfones de mão e de lapelas.

Nos anos 1980 era muito comum as empresas de televisão usarem helicópteros para a captação de imagem e deslocamento dos próprios executivos das emissoras. Naquela época havia um investimento maior e as empresas mantinham uma aeronave para cobrir os eventos, a exemplo de enchentes, como evidenciado na Ficha de Análise 01. Em Florianópolis, o helicóptero era quase uma obrigatoriedade para a cobertura do verão, da pesca, do clima, que envolvia a perspectiva da cultura da ilha, as próprias estradas engarrafadas com o fluxo do turismo. Todo esse processo trazia a necessidade da funcionalidade do helicóptero. As imagens de helicóptero não necessariamente tinham qualidade, os resultados eram muito mais na perspectiva de imagens mais amplas e coberturas mais rápidas dos fatos. Respondia ao critério do imediatismo, da abrangência, da grande cobertura e de locais de difícil acesso, e que também era uma estratégia da empresa para estar em diferentes lugares para esta cobertura local.

A captação das imagens no helicóptero era feita com o mesmo equipamento usado nas externas pelas equipes convencionais, não sendo como atualmente que existem câmeras especiais específicas para acoplar nas aeronaves, inclusive com dispositivo de estabilização e aproximação das imagens frente ao fluxo e impacto do próprio helicóptero. Já a captação de imagens aéreas realizadas por drones, segundo entrevistas e material documental encontrado em revistas e jornais da época, mostram que o BDSC passou a utilizar-se destas imagens a partir do ano de 2015. As imagens também eram e são captadas de outros ângulos, como no alto de edifícios e, desta forma, ajudam a potencializar a força das imagens locais. Esta é uma inovação que permanece, que

renova, potencializa e transforma as narrativas das imagens e notícias, e fortalece as imagens locais.



Figura 94: A força das imagens locais. Cobertura da enchente no Vale do Itajaí em 1983, acidente com o secretário de segurança de SC em 1999, furacão Catarina 2004 e incêndio do Mercado Público de Florianópolis 2005.  
Fonte: RBS TV (1983, 1999, 2004, 2005)

Nos fragmentos analisados se percebe o avanço na qualidade das imagens a partir do desenvolvimento da tecnologia e dos equipamentos para a captação e exibição de audiovisual em formatos digitais. Até 2014, o formato dos cartões de memória utilizados era o SD (Standard Definition), mas a partir deste ano o modelo adotado pela emissora passou a ser o HD (High Definition) com qualidade de captura e armazenagem superior a tecnologia anterior como pode ser observado na Ficha de Análise 17. A inovação do sistema de captação de imagem permitiu utilizar na televisão o formato de tela 16:9 conhecido como widescreen ou tela larga, na tradução para o português. Outro marco de inovação tecnológica em relação a imagem se deu em primeiro de março de 2018 quando, pela primeira vez, o BDSC foi transmitido em sinal 100% digital para sete cidades da grande Florianópolis como consta na Ficha de Análise 20. A transição da produção/captação e transmissão do sistema analógico para o digital marca uma nova era no telejornal local catarinense, abrindo a possibilidade para canais interativos, ainda não disponibilizados para utilização. Os sistemas e equipamentos foram modernizados para possibilitar a captação e a transmissão digital das imagens e som em alta definição. O telespectador passou a ter acesso a um sinal sem interferências, porém sem reflexos funcionais para a produção de notícias mais eficientes, relevantes e éticas.



Figura 95: Evolução do formato das imagens – SD, HD, Digital  
Fonte: RBS TV/NSC TV (1990, 2014, 2018)

Aliás, sobre as imagens há outros desdobramentos, como os que se referem diretamente à gramática de produção (Emerim, 2012). Em termos de **enquadramento** de estúdio e em reportagens também não se percebe grandes inovações, como se pode verificar na análise das 21 Fichas desenvolvidas. Planos abertos, fechados, movimentos com o uso de zoom e das próprias articulações dos tripés usados na sustentação das câmeras são os mesmos em todas as três décadas analisadas.



Figura 96: Enquadramento frontal é predominante no BDSC  
Fonte: RBS TV (1982, 1990, 1991, 1993, 2005, 2010)

Porém, a partir de 2015 nota-se como constatado na Ficha de Análise 18, a utilização de uma **grua telescópica** no estúdio. O equipamento é formado por uma espécie de guindaste onde a câmera é instalada em uma extremidade e na outra são inseridos pesos para equilibrar a câmera no sistema de gangorra. A captação de imagem por meio da grua permitiu a abertura de cena para todo o estúdio tendo o telespectador a sensação de um ambiente maior daquele que realmente está instalado no espaço físico. A grua dentro de um estúdio de televisão também demonstra o investimento da emissora no programa, demonstrando ao público a importância e a postura tecnológica, moderna e de poder, porque não dizer, do BDSC.



Figura 97: Planos, movimento de câmera e grua telescópica  
 Fonte: RBS TV/NSC TV (2010, 2014, 2015, 2020)

Do ponto de vista do aspecto histórico desta época, a própria grua se torna menor, mais ágil e permite o uso de ângulos antes não utilizados, no interior dos estúdios dos telejornais, demonstrando também a modernidade, a perspectiva de inovação e o acompanhamento através da transformação das práticas com o tempo presente e em curso, em plena mudança tecno-social.

É preciso comentar que mesmo com todos os investimentos em modernidade e estrutura tecnológica, os telejornais não podem empreender mudanças radicais, pois há muito em jogo no processo de construção e credibilidade junto ao público espectador (Tourinho, 2009). Mesmo toda a tecnologia posta em jogo, há ainda a questão da estabilidade, do reconhecimento como parte integrante do processo e do lugar de escuta/fala do social frente ao programa, questões que são muito caras aos telejornais, principalmente os locais, muito mais sujeitos às pressões sociais do que qualquer outro.

Na esteira da gramática expressiva, estão o uso de grafismos no BDSC que foram responsáveis pelas repaginações do programa ao longo dos anos. Em todos os períodos analisados, como bem mostram as análises, percebe-se a marca da água da emissora no canto inferior direito do vídeo. Nos fragmentos analisados, por exemplo, a mudança do relógio que passou a ser exibido durante todo o telejornal, a partir de 1992.

Em meados de 2004, a informação de horário começou a ser acompanhada pela temperatura das cidades e condições dos aeroportos. Em 2018 com a estréia da nova identidade visual do BDSC, as reportagens e entradas ao vivo dos repórteres passaram a ter uma frase inserida a partir do gerador de caracteres com a principal informação da

notícia. Essa frase só é retirada enquanto se credita os nomes dos entrevistados ou é exibida alguma arte gráfica onde o elemento prejudica a visualização. Esse recurso pode ser considerado uma inovação com funcionalidade na rotina produtiva e compreensão da notícia por parte do telespectador.



Figura 98: Evolução do grafismo e da arte visual do BDSC  
 Fonte: RBS TV/NSC TV (1993, 2011, 2014, 2015, 2018)

Aliás, cabe ressaltar que ao longo dos tempos, os setores de arte cresceram nas emissoras e algumas passaram até a ter setores específicos para atender aos telejornais. Tais setores foram responsáveis por muitas modificações na linguagem dos noticiários, pois desenvolveram vários aspectos expressivos que ajudam os telejornalistas a contar melhor as suas histórias. Dentro da linguagem televisual e telejornalística também os setores de arte foram os que mais trouxeram possibilidades e inovação, principalmente na infografias e reconstituições em maquetes e desenhos, vinhetas animadas e identidade visual para séries de reportagens.

A **rotina produtiva/bastidores** só aparecia como exceção, em produções especiais. A partir de 2000, passou a ser uma estratégia de transparência e de comunicação. Os tapumes dos estúdios foram derrubados e as redações começaram a aparecer como cenários dos telejornais, mostrando como eles eram produzidos e como as pessoas trabalhavam. Isso deu mais transparência para as redações dos telejornais. Ao mesmo tempo os próprios jornais, repórteres começaram a citar os colegas nos textos (cinegrafistas, produtores etc...) o que não era feito antes de 1999. Tal constatação é uma inovação, não tecnológica, visível a partir dos anos 2000 em diversos telejornais, inclusive no BDSC.



Figura 99: A rotina produtiva só aparecia como exceção, em especiais; a partir de 2000, passou a ser uma estratégia de transparência e de comunicação  
 Fonte: RBS TV (1987, 1990, 1993, 1999)

O BDSC tem como uma característica peculiar a de se dedicar as coberturas regionais e especiais, colocando a serviço do trabalho jornalístico, todo o aparato tecnológico disponível naquele momento. Desde 1982 até 2018 todas as ferramentas e equipes possíveis sempre foram colocadas em funcionamento nestas ocasiões. Em cada uma dessas situações há uma inovação diferente com o objetivo de melhorar a cobertura a partir da possibilidade técnica de melhor mostrar/capturar a imagem ou som. É uma inovação imagética que não traz impacto na narrativa da notícia, mas na exibição da imagem da notícia. Ao entendermos a notícia de TV como casamento de texto e imagem, a imagem se transforma em inovação, contudo o texto nem sempre tem este acompanhamento.



Figura 100: Impacto das coberturas especiais e regionais - Eleições, desastres naturais, acidentes, visitas de celebridades, tragédias.  
Fonte: RBS TV (1987, 1990, 1993, 1999)

Na próxima secção são apresentadas as considerações finais a partir dos achados e das evidências de inovações tecnológicas e não tecnológicas apresentadas até este momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade tem acompanhado um fenômeno que até então mais parecia uma narrativa cinematográfica e fictícia. Nesse último século, a revolução tecnológica possibilitou o desenvolvimento de soluções inovadoras em uma velocidade quase impossível de acompanhar, e que chega a tornar obsoletos, em um curto espaço de tempo, produtos recém lançados no mercado.

O celular tem sido um exemplo clássico de como o moderno assume o rótulo de arcaico em um piscar de olhos. A comunicação não passaria ilesa a essas mutações do mundo contemporâneo delineadas essencialmente pelo binômio econômico-político. As transformações do cenário analógico para o digital - calçadas no capitalismo - deram à imprensa a possibilidade de ressignificar a relação e a interação entre o passado e o presente.

A reconfiguração e a inovação dos modelos telejornalísticos têm feito as emissoras buscarem recursos também em meios midiáticos como a internet e a inserção de novas ferramentas tecnológicas na produção e exibição do produto noticioso. Bourdieu (1997) afirma que algumas variáveis fortes como poder econômico, competição por fatia de mercado e índices de audiências são estruturas invisíveis influenciáveis no processo de criação da TV.

É preciso então ir além das aparências, além do que se vê nos estúdios e mesmo da concorrência que se exerce no interior do campo jornalístico para chegar à relação de força entre os diferentes órgãos, na medida em que essa relação comanda inclusive a forma que tomam as interações. Para compreender por que se tem hoje este ou aquele debate regular entre este ou aquele jornalista, é preciso fazer intervir a posição dos órgãos de imprensa, dos quais essas pessoas são representantes no espaço jornalístico, e sua posição nesses órgãos. (BOURDIEU, 1997, p. 69).

A compreensão do uso das novas mídias e tecnologias no jornalismo televisivo passa pelo entendimento da estrutura relacionada pela tríade do sistema de modularidade, variabilidade e transcodificação. A primeira permite a divisão de um telejornal em blocos, matérias e recombinar o espelhamento que é versátil. A segunda está ligada ao Broadcast onde todos os telespectadores recebem o mesmo conteúdo pela exibição tradicional podendo ter versões personalizadas por meio das novas mídias. A última é a ferramenta onde um determinado formato pode ser transformado em outro

pelo processo de digitalização. Nesse contexto, o conteúdo passou a ser um dado numérico em um computador (Manovich, 2001). Ante o exposto e diante dos aspectos aliados à necessidade de adaptar narrativas e linguagens, pressupõe-se que os produtos noticiosos denominados telejornais estão sujeitos a críticas, bem como estudos empíricos dos processos narrativos e de produção da notícia.

Nessa direção, os esforços relacionados à inovação no telejornalismo têm demonstrado o quanto é importante o estudo desta forma de se pensar e fazer jornalismo, porém é preciso avançar na temática. Brasil e Emerim (2011) no artigo “Por um modelo de análise para os telejornais universitários” apresentado no Seminário Internacional de Análise de Telejornalismo destacam a prematuridade de pesquisas voltadas ao telejornalismo brasileiro, a limitação de estudos atrelada às peculiaridades dos modelos adotados no país e a diferenciação do mercado de comunicação nacional em comparação ao de outros países.

Barbosa (2007) faz uma importante ponderação da década de 1960 onde a televisão precisou adotar estratégias populares na programação para criar público. Essa constatação pode ser aplicada a atualidade onde o telejornalismo local tenta fomentar a audiência por meio de experimentações e a proximidade com o telespectador, nem que para isso a receita tenha que ser diferente do padrão clássico do nacional, dito até então, referência imposta dos modelos desenvolvidos pelos grandes centros.

Coutinho (2006; 2012) afirma que o público é o norteador dos fazeres jornalísticos em TV, “[...] fato é que os telejornais buscam construir uma relação de identificação, um vínculo com o público, que representam na tela”. Tal situação pode ser atribuída ao poder que o telejornalismo tem de reconstruir um fato real por meio de imagem, som, texto e recursos da dramaturgia. O meio televisivo não tem espaço para uma narrativa que possa confundir o telespectador seja por um texto mal formulado ou pelo uso de palavras impróprias (Curado, 2002). As informações precisam ser compreendidas pelo receptor de forma imediata porque o telejornal não permite retroceder a exibição de maneira instantânea para rever algo incompreendido. Monzoncillo (2011) evidencia certa dificuldade em conceituar atualmente o meio TV por conta da alteração de valores tradicionais motivados pela presença tecnológica em especial na produção de conteúdo. Scolari (2009) afirma que há indícios de uma nova era na TV marcada pela morte do sistema televisivo do século passado, o que de certa forma pode estar relacionado à transformação pela qual passa o telejornalismo seja em âmbito nacional ou regional.

É preciso explicitar que a articulação de diferentes propostas e técnicas de pesquisa, permitiu articular uma proposta de metodologia híbrida permeando pelo método da semiótica, estudo de caso e as técnicas da história pública. Esta conjuntura permitiu analisar os materiais e comparar as características de inovação estabelecendo uma linha cronológica capaz de diferenciar, trazer as excentricidades ou similitudes no formato, linguagem e apresentação do programa nos últimos 39 anos. Esta dissertação, considera a metodologia híbrida eficaz, pois ela permitiu potencializar a verificação de tais elementos com mais eficiência, sendo possível interpretar os resultados com base na análise comparativa das evidências levantadas anteriormente.

Ao chegar na parte final deste estudo (sempre provisório como se espera de qualquer pesquisa datada) retoma-se os pressupostos mais amplos da dissertação. A começar pelo **problema de pesquisa** que foi o de compreender se os elementos, situações e contextos de produção do telejornalismo local de Santa Catarina que apresentam características inovadoras potencializam ou não a compreensão da notícia.

E para tanto, desenvolveu como **objetivo geral** o de investigar os elementos constitutivos em produções telejornalísticas do jornalismo local de Santa Catarina com vistas a verificar a existência de características inovadoras e sistematizar os aspectos constitutivos que possam configurar a estrutura da notícia. Em reforço a este objetivo central, cercaram-se também, os **objetivos específicos** que foram a) apresentar cronologicamente o percurso da inovação no telejornal local Bom Dia Santa Catarina; b) identificar as inovações tecnológicas (ou não) para sistematizar a aplicação efetiva destes elementos em prol de uma maior compreensão e distribuição da notícia; c) prospectar uma (ou mais) tendência (s) para o futuro da produção de conteúdo no telejornalismo catarinense.

Cabe aqui afirmar que a pesquisa demonstrou claramente que existem elementos, situações e contextos inovadores que permitiram potencializar a distribuição das notícias e todos os sistemas que atuaram na estrutura destes processos. Faz-se necessário ressaltar que as inovações podem ser renovadoras, inovadoras e/ou permanentes. Nem sempre elas agregam todas estas características, mas assumem traços de transformações ao evidenciarem o aparato tecnológico disponível no momento, e precisam de fato, serem dominadas tecnicamente para que o telejornalismo possa produzir/disseminar notícias mais eficazes e eficientes para o telespectador.

Neste aspecto, pode-se ressaltar que cada elemento constitutivo dito inovador tem uma função específica em um telejornal. Como a pesquisa evidenciou, no cenário e

na bancada estão as inovações mais visíveis do ângulo de um telespectador. Nos primeiros anos do BDSC, havia pouca tecnologia disponível, mas com a evolução dos equipamentos e o desenvolvimento de telas mais modernas, monitores de alta resolução passaram a fazer parte do ambiente cenográfico, porém com funcionalidades. Os televisores transportam das ruas os repórteres para dentro causando a impressão de encurtamento da distância entre os diferentes atores envolvidos em um telejornal.

Uma das funções do cenário é causar no telespectador a sensação de identificação e reconhecimento do telejornal, ou seja, ele olha e logo sabe que aquele telejornal se trata, por exemplo, do BDSC. Outra função, comprovada na pesquisa, é a conexão deste elemento com a vida cotidiana, se transformando com o passar do tempo, porém com alterações sutis para não causar estranheza junto ao receptor, nem descaracterização do produto telejornalístico.

Outro achado inovador está relacionado a bancada que nos primórdios do telejornal funcionava para demarcar uma posição de hierarquia, valorizando quem ocupava este espaço e colocando a figura no centro das decisões. Caracterizada como uma inovação não tecnológica (TOURINHO, 2009), o elemento cenográfico está inserido no cenário desde a estreia do BDSC em 1982, porém sendo remodelado com o passar das décadas, seguindo aos contextos mais contemporâneos. Por exemplo, a partir da disponibilização de dados digitais e de compartilhamento de conteúdos, a questão da visibilidade e da transparência ganharam mais ênfase do que bancadas e cenários fixos e mais fechados. Assim, tanto as bancadas quanto os cenários foram se simplificando, deixando as movimentações dos atores que atuam nos cenários mais a mostra, e os próprios cenários mais claros e iluminados, com móveis e mobílias que misturavam materiais mais rústicos com outros leves e claros. Nos últimos anos, os apresentadores passaram a caminhar pelo estúdio e a interagir com outros elementos inovadores como o videowall.

Outra inovação apresentada pelo BDSC nos anos 1990, foi a valorização da figura feminina à frente de um telejornal: o programa quebrou a hegemonia comum nos telejornais da época da dupla masculina na apresentação. O principal telejornal matutino diário da televisão catarinense, abriu espaço para duas jornalistas comandarem a bancada. Uma grande inovação, numa época dominada pelo conservadorismo, pelo machismo e pela quase ausência de representatividade feminina em importantes postos de trabalho. Uma inovação não tecnológica que escreveu um novo capítulo na história do telejornalismo local e foi também pioneiro para o nacional. A função desta inovação

apresentada pelo programa foi a de construir uma maior identificação com o público feminino, assim como de aproximar e identificar o telespectador com as notícias.

A mudança visual dos apresentadores é outro marco inovador porque trata justamente da representação social do jornalista. O modo formal de se vestir denota um ar de superioridade frente a quem está do outro lado da tela. Com a adaptação de figurino mais próximo ao dia a dia das pessoas, sem exageros para não colocar em risco a credibilidade jornalística, no últimos anos, os âncoras do BDSC abandonaram a gravata, passaram a usar trajes mais despojados quando assim o momento permite, resultando em uma maior identificação visual do público com os telejornalistas. A função da vestimenta no programa assume duas funções. A primeira, a de trazer importância e passar mais credibilidade quando as roupas mais sóbrias, pautadas em ternos masculinos e terninhos femininos, ajudou a reforçar a hierarquia e referendar a seriedade buscada pelos programas. Numa segunda fase, a de desconstruir esta seriedade na busca de estar mais próximo dos telespectadores e, por conseguinte, das notícias. Uma aproximação que ajudou o programa a produzir efeitos de sentido de proximidade, de pertença e de credibilidade, a partir de uma visualidade menos formal. Na mesma direção, as notícias repercutiam mais sobre as diversas questões sociais, pois havia maior interlocução entre jornalistas e seu público.

Equipamentos de captação e transmissão, antes analógicos, foram substituídos por digitais, dando um upgrade em qualidade de som e imagem como evidenciados neste estudo. Uma revolução e inovação tecnológica que permitiu ousar e criar novos formatos de reportagens, entradas ao vivo de qualquer lugar para ampliar a presença do BDSC nos lugares onde de fato as notícias acontecem, ou seja, na cidade, nos bairros, nas ruas.

Os exemplos descritos, são alguns dos evidenciados ao longo da pesquisa e detalhados no Capítulo 3, demonstrando e reforçando que as mínimas mudanças aplicadas em cada fase do BDSC resultaram em inovações de cunho tecnológico ou não tecnológico, mas cada qual com uma função específica alinhada aos objetivos do telejornal, do jornalismo e da própria sociedade. Nesta linha, se enfatiza que a inovação no telejornalismo cumpre, a priori, a função de potencializar os métodos de produção, com o uso de formatos mais próximos às linguagens visuais e as narrativas contemporâneas, visando que o conteúdo noticioso possa, de fato, ser melhor compreendido pelos diferentes telespectadores.

Nesta direção, também, a pesquisa comprovou e reconheceu os esforços feitos no BDSC ao longo dos 36 anos estudados, para inovar e até mesmo, testar inovações, mesmo que, às vezes, de forma subjetiva e sem a pretensão objetiva de um resultado imediato. Tourinho (2009) descreve em seus estudos que inovar é um risco e, portanto, para um telejornal, toda e qualquer mudança mínima, exige um planejamento e uma prospecção das possibilidades de aceitação, tendo em vista que há muito a perder, pois se trata de credibilidade. Não se ganha credibilidade apenas com níveis de audiência, ela é construída ao longo de um tempo, com estratégias claras de produção e de exibição. Portanto, é muito complexo realizar mudanças em programas de jornalismo na televisão, mais ainda quando se trata do formato telejornal, tais mudanças, se mal sucedidas, podem afetar e trazer prejuízos para a empresa e veículo de comunicação, que é, também, um negócio.

Em relação a escolha do **objeto empírico**, o telejornal local Bom Dia Santa Catarina, este se mostrou rico e pertinente ao estudo, propiciando o que se desejava como investigação e com os desafios enfrentados e vencidos com grande aprendizado e amadurecimento. O desenvolvimento e a evolução dos telejornais é algo permanente, assim como a que ocorre na sociedade, podendo acontecer em qualquer momento, com uma velocidade imprevisível. Os estudos em jornalismo comprovam que as transformações atingem também a rotina produtiva de notícias, com a mesma complexidade e velocidade, a tempos, não apenas nos últimos 20 anos.

O telejornalismo é impactado a partir da ascensão dos novos formatos, criados ou recriados, de acordo com os movimentos sociais e econômicos, principalmente pelos maiores conglomerados de mídia que se aproveitam, não raro, do surgimento de ferramentas tecnológicas ditas inovadoras. Portanto, é cada vez mais fundamental estudar o telejornalismo na base histórica para relacionar a forma com que os novos recursos são utilizados e se existe real aplicabilidade das inovações para uma melhor compreensão da notícia.

No caso do telejornal Bom Dia Santa Catarina, completando em 2022 quatro décadas de exibição ininterrupta na grade de programação local para os catarinenses, as inovações observadas ao longo do tempo tem uma relação funcional na produção noticiosa, e esta relação foi aproximando os telespectadores ao programa e, conseqüentemente, potencializando a identificação com as pautas desdobradas. Conseqüentemente, também com a compreensão das notícias. Mesmo as inovações mais voltadas à plasticidade visual do produto, tiveram uma função de atualizar o

programa e aproximar os telespectadores de uma identidade visual mais contemporânea. Nos 36 anos analisados nesta pesquisa, as principais mudanças e adaptações estão ligadas a construção cenográfica, aos grafismos visuais e a identidade estética do produto como demonstrado no decorrer das fichas de análise. É preciso enfatizar, de novo, mudar as cores, as luzes e o modo de se exibir um programa, como se pode ver pela análise dos elementos expressivos, modifica a sua essência e pode repercutir negativamente demonstrada pela perda de credibilidade e audiência. Neste aspecto, a pesquisa demonstrou que muitas mudanças e inovações apontadas fortaleceram o telejornal junto a um público, e que isto se deve, principalmente, pela identificação através das narrativas telejornalísticas apresentadas, os assuntos em pauta e as equipes em cena. As análises também permitiram concluir que as inovações, sejam elas de cunho tecnológico ou não, impactam e promovem mudanças, mesmo que isoladas, na rotina produtiva e na melhor compreensão da notícia, e também nas estratégias de marketing da empresa quanto ao aspecto condicionante de formulação de produto novo, genuíno.

Observa-se, também, e a pesquisa comprova a partir das análises realizadas, que os aspectos históricos sobre as inovações trazidas no primeiro período do BDSC referem-se ao conjunto tecnológico e as rotinas produtivas, que não traziam muita agilidade devido aos processos ainda lentos na captação e edição de materiais audiovisuais. Tais fatos definiam, inclusive, as escolhas das pautas e a ênfase nas entrevistas em detrimento de outras possibilidades narrativas, expressivas ou de caráter cultural.

O estilo radiofônico do BDSC é um traço constitutivo que assume a função de se aproximar do público através de um estilo “conversa ao pé do ouvido”, afinal, o programa é exibido ao amanhecer, e concorre com muitas outras atividades e rotinas nas casas dos telespectadores. Assim, este estilo narrativo é uma estratégia fundamental para manter o interesse e a audiência, e assume a função de potencializar a compreensão das notícias narradas, chamando a atenção para as imagens quando estas se tornam protagonistas da informação. Como se sabe, nem todas as notícias de televisão, rendem imagens, mas todas elas têm o dever de procurar as melhores imagens para contar as histórias do mundo. Os recursos ofertados pela tecnologia e pela inovação foram ao longo do tempo, com maior ou menor ênfase e evidência sendo agregados ao programa como forma de apresentar o melhor conteúdo.

Há que se comentar, e é verdade, que nem sempre as ferramentas disponíveis foram empregadas e/ou exploradas em suas muitas possibilidades, ficando limitadas perto do que poderiam ser utilizadas. Porém, até mesmo para experimentar e explorar novas possibilidades é preciso ter um ambiente profissional propício e investimentos não só em recursos técnicos como recursos humanos. O que a história nos mostra é que, cada vez mais, empresas impõem aos programas regras de um mercado sistemático de lucro, reduzindo as redações e precarizando os ambientes de trabalho, sobrecarregando poucos há muitas funções e atividades concomitantes.

Não há nada mais limitador do que o trabalho exaustivo, pois a inovação precisa de tempo e de observação, de participação e testes, além de um modelo de negócio que incentive a criatividade e a busca por melhores processos produtivos e de relações interpessoais. Este não tem sido o ambiente organizacional de muitas empresas de comunicação brasileiras, mesmo assim, há vários percursos de inovação que puderam ser mapeados por esta pesquisa.

Entre os resultados propositivos do trabalho pode-se apontar a contribuição para o restabelecimento da história recente do telejornalismo local catarinense e do próprio programa estudado, a compreensão de que as inovações tecnológicas contribuíram para potencializar as formas narrativas na produção de conteúdo noticioso, mesmo que muitas vezes de forma tímida, como se mostrou, e que algumas das funções assumidas pelos elementos de inovação trazidos para os programas responderam mais a estratégias de comunicação e de marketing das empresas. Porém, este trabalho conseguiu mostrar como os pequenos elementos inovadores foram cruciais para o crescimento do telejornalismo local e como contribuíram para fortalecer o programa, as pautas locais, a construção de algumas narrativas mais específicas, que modificaram, potencializaram e tornaram mais eficazes a produção local de notícias televisivas, trazendo mais eficiência e relevância.

Não se pode encerrar estas considerações sem enfatizar o caráter provisório dos resultados e discussões aqui trazidos, tendo em vista que todo e qualquer estudo ou análise sempre tem novas propostas de observação e possibilidades de outros desdobramentos. Assim, no que concerne ao objetivo central ele foi alcançado tendo em vista que se pode demonstrar muitos dos elementos constitutivos utilizados nas produções de conteúdo em telejornalismo local de Santa Catarina, a partir do exemplo ou do estudo de caso do telejornal Bom Dia Santa Catarina bem como a sistematização,

relacionando não só a sua aparição e existência no campo discursivo como também com os aspectos históricos e inovadores por eles engendrados.

Dos **objetivos específicos** pode-se também demonstrar, de forma cronológica, a evolução dos processos e dos sistemas de inovação, primeiro em cada década e depois, de forma mais aprofundada, nos 21 fragmentos e programas representativos da produção do telejornal BDSC. Também se evidenciou a partir do mapeamento dos modelos de inovação quais delas foi possível aplicar de forma efetiva na construção das notícias locais exibidas no programa.

Compreende-se, ainda, que as perspectivas de produção futura tem a seu favor os inúmeros avanços tecnológicos advindos da nanotecnologia, da digitalização de dados e dos compartilhamentos cada vez mais próximos das conversas dialógicas que apresentam um potencial de produção de qualidade e de abordagens temáticas que respondam aos anseios da sociedade.

Porém, é preciso deixar claro que o movimento deste processo de facilitação técnica não dispensa os seres humanos, não se faz sozinho mesmo que já se estejam falando em robôs e inteligência artificial para apresentar telejornais. Na análise destes 21 fragmentos e programas ficou claro que os períodos mais produtivos foram exatamente aqueles com inovações efetivas e pontuadas pela valorização do social e dos atores sociais em cena, principalmente quando muitos jornalistas atuavam em várias frentes na redação do BDSC, a saber, a primeira década do telejornal.

Portanto, pode-se dizer que, a partir dos resultados que a pesquisa nos proporciona e aqui comprovados pelas análises empreendidas, que telejornalismo local de qualidade se faz com equipes diversas nas redações, com jovens e experientes jornalistas dividindo o mesmo espaço, com a tecnologia potencializando e facilitando os fazeres. Mas a grande inovação do futuro, sem dúvida, será investir nos seres humanos, em jornalistas comprometidos com o social e cientes do papel preponderante que o telejornalismo tem nas sociedades democráticas contemporâneas, mais precisamente, no âmbito dos espaços locais, nos quais é muito mais fácil estar próximo do público e dos interesses sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Sara. **História Pública e consciência histórica.** (19-28) IN: ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta Gouveia. (orgs). *Introdução a História Pública.* São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta Gouveia. (orgs). **Introdução a História Pública.** São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia.** Ed. Rev. Ampl. Paidós: Barcelona, 2005
- AMORIM, Maristela. **Os primeiros tempos da televisão em Florianópolis: A TV Florianópolis.** Monografia – Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- \_\_\_\_\_, Marialva. **História da Comunicação no Brasil.** Campinas, SP: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs). *Comunicação e história: partilhas teóricas.* Florianópolis: Insular, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1988.
- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.
- BECKER, Beatriz. **Televisão e telejornalismo: transições.** 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014
- BISTANE, Luciana. BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** São Paulo: Contexto, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BOURDIN, Alain. **A questão local.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRASIL, Antônio. **Telejornalismo imaginário: Memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV.** Florianópolis: Insular, 2012.
- CABRAL, Eula Dantas Taveira; FILHO, Adilson Vaz Cabral (Parte 1,Capítulo 2). **Do massivo ao local: a perspectiva dos grupos de Mídia.** In: SOUSA, Cidoval Morais de (org). *Televisão Regional, globalização e cidadania.* Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
- CAMPONEZ, J. C. C. S. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional .** Coimbra: Minerva. 2002.
- CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil.** Porto Alegre: LP&M, 1982.
- CARDOSO, Letycia Moreira; CHINELATO, Sabrina Henriques; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **As mudanças na bancada do Jornal Nacional.** In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Ouro Preto, 2013.
- CARLÓN, Mario. **Do cinematográfico ao televisivo: metatelevisão, linguagem e temporalidade.** Tradução: Cecília Prada - São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.
- CARLON, Mario. **¿Autopsia a latelevisión? Dispositivo y lenguaje en el fin de una era.** (159-187) IN: CARLON, Mario & SCOLARI, Carlos (Orgs). *El fin de los medios masivos: el comienzo Del debate.* Buenos Aires: La Crujía, 2009.
- CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (orgs.). **O fim da televisão.** Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

- CAVENAGHI, Beatriz de Araujo. **Telejornalismo local: Estratégias discursivas e a configuração do telespectador.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Información audiovisual: concepto, técnica, expresión y aplicaciones.** Madrid: Síntesis, 1998.
- \_\_\_\_\_, Mariano. **Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación.** Madri: Síntesis, 2003.
- CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo. **Saberes da Pedagogia no Telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo ECA/USP. São Paulo – Novembro de 2017.
- CERQUEIRA, Laerte; VIZEU, Alfredo. (24-38) **O “lugar de referência” do telejornalismo local: O papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade.** IN: Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões. Iluska Coutinho, Cárlica Emerim (orgs.). Coleção Jornalismo Audiovisual. V. 8. Florianópolis: Insular. 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Le discours d’information médiatique.** Paris: Nathan, 1997.
- COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento.** (91-107) IN: Alfredo Vizeu. (Org.). A sociedade do telejornalismo. V.1. 1ªed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica. **Lugares, espaços, telas e reconhecimento: O local do telejornalismo na contemporaneidade.** (11-23) IN: Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões. Iluska Coutinho, Cárlica Emerim (orgs.). Coleção Jornalismo Audiovisual. V. 8. Florianópolis: Insular. 2019.
- CRUZ, DULCE MARCIA. **A RBS em Santa Catarina: estratégias políticas, econômicas e culturais na conquista no mercado televisivo regional.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004
- EMERIM, Cárlica. **As entrevistas na notícia de televisão.** Florianópolis: Insular. 2012.
- EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. **Os primeiros vinte anos das emissoras de TV em Santa Catarina.** (252-266) IN: Anais do 4º Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia. São Borja, Unipampa, 2012.
- EMERIM, Cárlica; HOMRICH, Lalo Lopes; MORAES, Áureo Mafra. **Apontamentos históricos sobre o telejornal Bom Dia Santa Catarina.** 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia. Florianópolis, 2014.
- FINGER, Cristiane. **Telejornalismo na TV e em outras telas: o apagamento das fronteiras entre fluxo e arquivo.** XIX Encontro Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém, 2019.
- \_\_\_\_\_, Cristiane. **Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital.** XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.
- FINGER, Cristiane. **O telejornalismo na hipertelevisão: os desafios dos produtores e dos receptores da notícia no mundo multitelas.** (213-231) IN: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (orgs.). Telejornalismo em questão. Florianópolis: Insular, 2014.
- GILLMOR, Dan. **Nós, os media.** Lisboa: Editorial Presença, 2004.

- GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS, A. J. et al. **Análise estrutural da narrativa**. São Paulo: Vozes, 1973.
- GOMES, Wilson. **Verdade e perspectiva: a questão da verdade e o fato jornalístico**. In: *Jornalismo, Fatos e Interesses: ensaios de teoria do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2009. P. 27 – 66.
- GUERRA, Josenildo. **A notícia como “reprodução da realidade.”** IN: *O Percurso Interpretativo da Produção da Notícia: Verdade e relevância como parâmetro de qualidade jornalística*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracajú: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.
- GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.
- HARTLEY, John. **Modo de destinarem**. In: O’SULLIVAN, Tim et al. *Conceptos clave em comunicasem y estúdios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009
- ISAACSON, Walter. **Os Inovadores: uma biografia da revolução digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2010. Tradução: Susana Alexandria.
- JOHNSON, Steven. **Como chegarmos até aqui: seis inovações que transformaram o mundo**. Tradução: Cláudio Carina. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2004.
- LAUNAY, Jean-Marie. **O cenário de uma televisão em transformação**. (71-118) IN: MENESES, Verônica Dantas. (org). *O Brasil e os brasis na televisão regional aberta*. Palmas: Universidade Federal do Tocantis. EDUFT, 2015.
- LIDDINGTON, Jill. **O que é História Pública? Os públicos e seus passados**. (31-52). IN: ALMEIDA, Juniele; ROVAI, Marta Gouveia. (orgs). *Introdução a História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- LINS, Daniel. **Comunicação e Cultura: a televisão como espaço de negociação de identidades**. (31-70) IN: MENESES, Verônica Dantas. (org). *O Brasil e os brasis na televisão regional aberta*. Palmas: Universidade Federal do Tocantis. EDUFT, 2015.
- LORDÊLO, Tenaflae; VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo e tecnologia: Uma análise das tendências no Jornal Nacional**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom. Recife, 2010.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.
- \_\_\_\_\_, Arlindo. **Os anos de chumbo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- MACHADO, E. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. (64-72) IN: *Actas II Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010.
- MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra, 1995.
- MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT, 2001.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAUAD, Ana Maria (org). **História oral e mídia: memórias em movimento**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

- MAUAD, Ana Maria. **Como nascem as imagens? Um estudo de história visual.** IN: História: questões & debates. Curitiba, nº 61, p. 105-132, Jul./Dez./2014. Editora: UFPR. Disponível em: <[www.revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/39008/23769](http://www.revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/39008/23769)> Acesso em: 23/05/2020.
- MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento.** IN: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos.* Florianópolis: Insular, 2010.
- MELLO, Edna. **Do jornalismo de serviço ao jornalismo social: os lugares do “local” no telejornalismo do BDSP.** (102-111) IN: *Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões.* Iluska Coutinho, Cárilda Emerim (orgs.). Coleção Jornalismo Audiovisual. V. 8. Florianópolis: Insular. 2019.
- MELLO E SOUZA, Cláudio. **15 anos de história do Jornal Nacional.** Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.
- MENESES, Verônica Dantas. **O Brasil e os brasis na televisão regional aberta.** Palmas: Universidade Federal do Tocantis, EDUFT, 2015.
- MÜNCH, Beat. **Les constructions référentielles dans les actualités télévisées.** Berna: Peter Lang, 1992.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina.** Florianópolis, Lunardelli, 1992.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA BRASILEIRA. **Código Brasileiro de Telecomunicações.** Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4117.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4117.htm)>. Acesso em: 01/12/2018.
- REUERS, Institute; OXFORD, University of. Reuters Institute for the Study of Journalism: **Digital News Report 2021.** London: Reuters, 2021. pgs. 116-117.
- RAMALHO e OLIVEIRA, Sandra. **Imagem também se lê.** São Paulo: Edições Rosari, 2009.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo: Summus, 2000.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje.** São Paulo: Contexto, 2010.
- ROCHA, Liana Vidigal; SILVA, Edna de Mello. **Do Imagens do Dia ao Hora Um: um panorama histórico do telejornalismo nacional.** IN: XIV Congresso Internacional Ibercom. São Paulo, 2015.
- SAAD, Elisabeth. **Inovação e empresas informativas: aliados, inimigos ou em permanente estado de “discussão da relação”?** Parágrafo: São Paulo, v. 4, n.2, 2016.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997.
- SANTOS, Ana Carolina Franco. **O percurso da imagem: das cavernas à televisão na sala de aula.** 9º Encontro nacional de história da mídia. 30 a 1º de junho de 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/o-percurso-da-imagem-das-cavernas-a-televisao-na-sala-de-aula> Acesso em: 26/06/2019.
- SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico** (1ed. 1934). Tradução de Maria Sílvia Possas. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- SOARES, Louise Christina de Andrade Silva; BECKER, Beatriz. **Participação da audiência e qualidade do telejornal: um estudo do quadro Parceiros do RJ.** SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 9º Encontro Nacional de

Pesquisadores em Jornalismo e 1º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro, ECO, novembro de 2011, 19p.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Desconstruindo o telejornal**: o método para ver além da melange informativa. IN: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.) Telejornalismo em questão. Insular, 2014.

TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no telejornalismo**: o que você vai ver a seguir. 1ª ed. Vitória: Espaço Livros, 2009.

\_\_\_\_\_, Carlos Alberto Moreira. **Telejornalismo**: Em busca de um novo paradigma. Estudos em Jornalismo e Mídia, Ano VII, nº 1, Janeiro e Junho de 2010, pgs. 19-29.

TUCHMAN, Gay. **Making News**: a study in the construction of reality. New York: the Free Press, 1978.

ZELIZER, Barbie. **Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa**. IN: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo 2000. Revista de comunicação e linguagens. Lisboa, Relógio D'Água, 2000.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.

\_\_\_\_\_, Eliseo. **Semiosis de lo ideológico y del poder**. La mediatización. Buenos Aires: CBC, Universidad de Buenos Aires, 1995.

VIZEU, Alfredo, CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. IN: VIZEU, Alfredo. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.